OS
PORTUGUEZES,
EM
AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA.

VOLUME VII.

LISBOA:
Typ. de Borges, Rua da Oliveira n.° 65.

1850.

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

CAPITULO I.

ANNO DE 1571 ATE' 1580.

Celebra-se a paz com o Hidalcão. A fortaleza de Challe cahe em poder das tropas do Çamorim. Tristão Vaz da Veiga alcança uma victoria naval contra uma frota do Rei do Achem. E' dimittido D. Antonio de Noronha do cargo de Vice-Rei, succedendo-lhe Antonio Moniz Barreto. El-Rei D. Sebastião faz a sua primeira jornada á Africa. Fundam os Portuguezes a Cidade de S. Paulo em Loanda. Manda a Rainha de Jupará sitiar Malaca, e esta defende-se, fazendo levantar o cêrco. Feitos de João da Costa, na Costa do Malabar.

Morre Francisco Moniz Barreto em Moçambique. Ruy Lourenço de Távora, que a Côrte havia nomeado para succeder a Antonio Moniz Barreto, morre em Moçambique. Fica D. Diogo de Menezes em seu lugar. D. Luiz de Attayde vai segunda vez governar a India. Cuida em castigar o Rei do Tanadar, por este haver feito uma traição aos nossos. Dá-se a funesta batalha de Alcacer-quivir, na qual morre El-Rei D. Sebastião. O Cardeal Infante D. Henrique é proclamado Rei, e morre depois de anno e meio de Reinado.

D. Antonio de Noronha tendo-se aproveitado dos esforços do seu heroico antecessor, celebrou paz com o Hidalcão, de uma maneira mui vantajosa para a Corôa Portugueza. Porém apenas ella foi regulada, e assignada, logo alguns dos nossos navios que andavam cruzando, a violaram, tomando duas embarcações do Hidalcão, que vinham de Méca, e que se recusaram a mostrar-lhes os seus passaportes. D. Henriques de Menezes, que os commandava, pagou mui caro este aprezamento, por isso que tendo sido arrojado por uma tempestade para um dos portos do mesmo Principe, este mandou-o encarcerar n'uma prizão, da qual só foi resgatado depois de longo captiveiro. Os outros vasos da referida frota tambem cahiram em poder dos Malabares, morrendo então Manuel de Mascarenhas, Fernando de Sousa Coutinho, e muitos outros Officiaes nossos. Tambem perdêmos n'esta occasião a fortaleza de Challe, que D. Jorge de Castro, velho octagenario, commandava, sendo ella entregue ás tropas do Çamorim, sem oppôr resistencia alguma. D. Diogo de Menezes, e Mathias de Albuquerque tinham sido encarregados de a soccorrerem com 1,500 homens; mas não chegando já a tempo, foram de-

pois atacar, e demolir um forte, que um Naique vassallo do Hidalcão havia levantado na embocadura do rio de Sanquiser: este ataque custou a vida ao benemerito Antonio Fernandes de Challe.

Ao tempo em que o Hidalcão estava assignando a paz, tratava o Rei do Adem de nos tornar a hostilisar, pondo no mar uma armada com 7,000 homens de desembarque. Lançou fogo á povoação de Ilher, a qual se teria queimado toda, se uma grande chuva o não impedíra. Fez igualmente diligencia para queimar os navios, que se achavam no arsenal; mas não o podendo conseguir, estabeleceu os seus quarteis, e entrou a bater Malaca furiosamente. Na Cidade faltava gente, viveres, e munições, por cuja razão reinava alli a maior consternação. N'estas tristes circumstancias chegou Tristão Vaz da Veiga com um unico navio, que voltava das Ilhas do Sunda. Tristão cheio de valor, e de fé, fez preparar nove, ou dez embarcações velhas, que estavam no arsenal, e tendo destribuido por ellas 300 homens, foi atacar a numerosa frota inimiga. Depois de um combate cruento pôl-a em fugida, aprezou quatro galéras, e sete fustas, metteu muitas outras no fundo, e matou 700 inimigos.

El-Rei D Sebastião querendo limitar o poder dos Governadores da India, tinha dividido a antiga jurisdicção d'estes em trez Governos. O primeiro desde o Cabo das Correntes na Africa oriental, até ao de Guardafui; o segundo desde este ultimo Cabo até ao de Çamorim; e o terceiro desde o Golfo de Bengala até á China. Fazendo esta divisão, enviou D. Antonio de Noronha á India com o titulo de Vice-Rei, e nomeou para os outros dous Governos Francisco Barreto para o primeiro, e Antonio Moniz Barreto para o segundo.

Antonio Moniz Barreto tendo chegado a Gôa, obrigou o Vice-Rei a expedil-o para o seu destino, fazendo proposições mui exorbitantes. O estado das Indias, não permittia certamente que se deferissem os seus requerimentos, principalmente por causa da guerra que acabavam de sustentar, e que se não achava ainda extincta. O Vice-Rei fez quanto poude para o persuàdir da razão, e moderar as suas exigencias. Barreto estimulou-se, recusando-se a partir com os soccorros, que lhe queriam conceder, e queixou-se occultamente á Côrte em cartas cheias de fél, e de amargura. A Côrte depôz o Vice-Rei, sem curar de mais informações, e nomeou para o substituir *ao proprio* Antonio Moniz Barreto. Estes despachos foram conduzidos a Gôa por Francisco de Souza, e logo executados pelo Arcebispo D. Gaspar, a quem eram dirigidos. Noronha ouviu lêr o decreto da sua deposição, com uma constancia heroica, mas a final veio a morrer de desgosto na sua viagem para Portugal, acontecendo o mesmo a sua esposa, e a D. Fernando Alvares de Noronha. O Ministro que havia enviado da Côrte a ordem precipitada, e inconsiderada, concebeu d'isto tanto pezar, que morreu igualmente.

Barreto achando-se de posse do Vice-Reinado da India, e tendo sido o author da desgraça do seu predecessor, não se lembrou d'isso quando D. Leonel Pereira, que lhe havia succedido no governo de Malaca, lhe pedia que o mandasse transportar ao seu destino. Recusou-se a annuir ás moderadas exigencias que D. Leonel lhe fez, zombou das terminantes ordens que a Côrte mandára, para que D. Leonel se estabelecesse quanto antes em Malaca, e não fez caso algum do grande perigo em qne esta Cidade se achava. A Côrte, porém, não obstante ser informada d'esta sua criminosa conducta, não só deixou de usar para com elle da severidade, que usára com o infeliz Noronha, mas nem sequer o reprehendeu.

O comportamento que a mesma Côrte teve nesta occasião para com D. Jorge de Castro, foi mui differente, pois que mandou processal-o por ter entregado a fortaleza de Challe, ao Çamorim, cortando-se a cabeça ao infeliz velho n'um cadafalso na praça de Gôa.

Ardia El-Rei D. Sebastião em desejos de passar á Africa, (*) onde o seu impetuoso valor, que degenerava em temeridade, lhe figurava gloriosas, e importantes conquistas; mas querendo esconder as suas intenções, por evitar a opposição, que antevia, da Rainha sua Avó, do Cardeal Infante D. Henrique, e dos mais sabios Conselheiros, nomeou o senhor D. Antonio, Prior do Crato, para Governador de Tanger, por Carta Regia de 14 de Julho de 1574, tendo já prompta uma esquadra de galeões, e galés com 1,200 homens da Infanteria, e alguma Cavallaria; com a qual sahiu de Lisboa o Prior do Crato no dia 19 d'aquelle mez, e com facil viagem aportou a Tanger.

El-Rei, achando-se retirado em Cintra com pretexto de passar alli os maiores calores, mandou a D. Fernando Alvares de Noronha, General das galés, que fosse a Cascaes com a galé Real, e alli esperasse ordens ulteriores. O General assim o cumpriu, e na noute de 17 de Agosto embarcou El-Rei acompanhado de poucas pessoas, e partiu para o Algarve, onde reuniu a esquadra de guarda-costa, commandada por Simão da Veiga, e composta de seis navios; e de Lagos participou a resolução em que estava de passar a Ceuta, nomeando o Cardeal Infante para governar o Reino, durante a sua ausencia, de que tomou posse a 3 de Setembro. Expedidas estas, e outras ordens, foi El-Rei visitar a Cidade de Tavíra, d'onde atravessou para Ceuta, de que era Governador o Marquez de Villa

(*) *Faria, Europa Portugueza.*

Real, e demorou-se n'esta Praça até ao fim de Setembro, occupando-se no exercio da caça, sem que os Mouros, assustados de similhante visita, ousassem apparecer em campo a perturbar a sua segurança.

Como El-Rei houvesse convidado o Duque de Bragança para esta empresa, sahiu este de Lisboa a 18 de Setembro em uma náu Veneziana, com muitos navios de transporte, nos quaes embarcou 600 cavallos, e 2,000 homens de pé, armados á sua custa, levando em sua companhia muitos grandes, e fidalgos. De Ceuta passou El-Rei a Tanger, que o Prior do Crato governava; n'esta Cidade sahiu a campo contra os Mouros em alguns rebates, vendo-se n'um d'estes exposto a perder a vida pela desigualdade de forças. Tendo feito respeitar as suas armas na Africa, embarcou em Tanger, no fim de Outubro, e aportando em Sagres no 1.º de Novembro, entrou em Lisboa no dia seguinte. —

Ainda que os Portuguezes introduziram o Christianismo no Reino de Congo desde o tempo de El-Rei D. João II., segundo já fica dito no 2.º capitulo do II. volume d'esta nossa Historia, e continuaram sempre a traficar em todos os rios e pórtos d'aquella Costa, não tinham n'ella Colonia alguma; até que o Rei de Angola, invejoso das vantagens que o de Congo tirava da communicação com os Portuguezes, mandou uma embaixada a El-Rei D. Sebastião, pedindo-lhe amizade, e correspondencia mercantil. A Rainha D. Catharina, então Regente, enviou a Angola Paulo Dias de Novaes, o qual partiu de Lisboa no mez de Setembro de 1559, com trez caravelas armadas, levando instrucções para estabelecer o commercio, e procurar attrahir aquelle Principe ao Christianismo. Em Maio do anno seguinte chegou Paulo Dias ao rio Quanza, e achou fallecido o Rei, com quem hia tratar; e como o seu sucessor

fizesse grandes protestos de querer concluir a negociação, foi Paulo Dias visital-o á sua Côrte, acompanhado de vinte Portuguezes. O Principe recebeu-o com agasalho, posto que o reteve muito tempo comsigo, a fim de se aproveitar do seu auxilio nas guerras, que sustentava com outros Régulos seus visinhos; e por ultimo mandou-o a Portugal pedir mais soccorros.

El-Rei D. Sebastião, querendo aproveitar-se da boa occasião, que se offerecia para a conversão d'aquelle Povo bárbaro, onde parecia haver já penetrado a Religião Catholica, porque Paulo Dias tinha alli encontrado alguns Missaes, pedras de Ara, e vestimentas Sacerdotaes mui antigas, o nomeou Governador, Conquistador, e Povoador d'aquelles Paizes. Com estes titulos sahiu de Lisboa Paulo Dias a 23 de Outubro de 1574, commandando sete navios, cuja guarnição chegava a setecentos homens. Aos trez mezes e meio de viagem descobriu a terra de Africa, passou avante do Quanza, e correndo a Costa, surgiu na Ilha de Loanda. Foi aqui recebido por quarenta Portuguezes, e muitos Negros de Congo, que a habitavam; mas não lhe parecendo o local apropriado para edificar, passou ao Continente visinho, e levantou uma Igreja no monte, em que está hoje o forte de S. Miguel. Esta foi a origem da Cidade de S. Paulo de Loanda, nome que o seu fundador lhe deu. No morro chamado de Benguella mandou elle construir outro forte, que os Negros depois destruíram, e se ficou chamando Benguella a Velha. Paulo Dias sustentou longas, e profiadas guerras com os Régulos do Paiz, e falleceu no anno de 1588. —

A' medida que Malaca sentia augmentar a sua fraqueza, pelo desamparo em que a deixavam os que estavam encarregados de proverem na sua salvação, via crescer o numero dos seus inimigos. A Rainha de Jupará enviou con-

tra ella 15,000 Jáos, com uma poderosa frota de oitenta juncos, e mais duzentos e vinte cadaluses. Tristão Vaz da Veiga que acabára alli de chegar, vindo das Ilhas do Sunda, tomou a rógos posse do governo, o qual se achava vago por morte de D. Francisco Hènriques. Os Jáos tinham formado um cêrco regular, e estabelecido suas estancias. João Pereira, que Vaz enviou contra elles, tomou-lhes uma com sete peças de artilheria, e foi depois lançar fogo ás suas embarcações, conseguindo ainda queimar-lhes trinta juncos. Os Jáos vendo-se accommettidos furiosamente pelos nossos, e ao mesmo tempo disimados por uma molestia, que lhes entrou a grassar nas fileiras, retiraram-se precipitadamente em menos de trez horas, tendo durado o cêrco trez mezes.

Tanto que o exercito fugitivo desappareceu, viu-se chegar o do Rei do Achem, com forças mais formidaveis, que as precedentes. Tristão Vaz redusido á necessidade por falta de viveres, havia ordenado a João Pereira que se fosse apoderar de uma passagem com trez embarcações, e que facilitasse os comboios de comestiveis. A frota inimiga cahiu sobre elles, do que resultou ficarem mortos os trez Capitães com setenta e dous dos seus, e serem prisioneiros quarenta, escapando-se apenas cinco, a nado! Esta perda redusiu a Cidade ao ultimo apuro: não restavam alli mais que cento e cincoenta Portuguezes, a maior parte em estado de não poderem pegar em armas. Além d'isto não havia pólvora, nem viveres. Todo o seu recurso estava em Deus, que mostrou querer ainda salvar aquella desgraçada Cidade. Porque o silencio que n'ella reinava por falta absoluta de todo o preciso, e a consternação em que todos os seus habitantes se achavam, tendo feito temer ao Rei do Achem alguma surpreza, ou algum engano de guerra, forçaram este Principe a levantar o cêrco com uma precipitação extraordinaria! —

Contámos no VI. volume d'esta nossa Obra, *que El-Rei D. Sebastião tendo formado o projecto de mandar descobrir as ricas Minas de Monomotapa, e de fazer alli um estabelecimento permanente, nomeára para esta espinhosa missão a Francisco Barreto, General das galés, com o titulo de Capitão General, e Conquistador dos Reinos situados entre os Cabos das Correntes, e Guardafu; démos noticia da partida d'este General para a dita empreza, e de como elle depois de diversos contratempos chegára a Moçambique, onde o deixámos*: vamos agora narrar o seguinte, para maior clareza da nossa Historia:

Francisco Barreto, passado tempo depois de haver aportado a Moçambique, resolveu-se, por conselho do Jesuita Monclaros, a seguir com a sua gente *um certo caminho* na direcção de Monomotapa. Consequentemente, partiu; e tendo de passar pela visinhança de alguns Mouros, que haviam projectado fazer morrer esta força, envenenando-lhe as aguas, Barreto nem por isso deixou de ganhar caminho. Enviou os seus embaixadores á Côrte do Imperador de Monomotapa, e alcançou d'elle o que lhe pedia, offerecendo-lhe a sua alliança contra o Rei de Mongar rebelde.

Costeou o rio Zambeca simplesmente com 23 cavallos e 500 para 900 homens armados de arcabuzes. Marchou em boa ordem com a sua artilheria, e a sua bagagem no centro, e com esta pequena tropa desfez muitas vezes milhares de homens pouco costumados ao estrondo da artilheria, de sorte que o Rei de Mongar foi obrigado a pedir a paz. Foi n'esta conjunctura que Barreto se viu obrigado a deixar os seus e a voltar para Moçambique, onde Antonio Pereira Brandão, que em castigo de seus crimes se achava degredado na Africa, tinha causado terriveis desordens. Este homem, ainda que de idade de 85 annos, não desmentia nunca da sua primitiva conducta. Barreto tinha-lhe con-

fiado a fortaleza, e o ingrato procurou fazer-se senhor d'ella, e atropelar Barreto, intrigando-o para com El-Rei, por meio de cartas recheadas de calumnias. Logo que Barreto chegou a Moçambique, Brandão deitou-se-lhe aos pés, e pediu-lhe perdão, o qual lhe foi concedido generosamente. Barreto tendo logo entregado o governo da praça a uma outra pessoa, tornou a partir para o seu pequeno exercito; mas apenas alli chegou, o padre Monclaros deixando-se tranportar de um zelo intempestivo, mandou-lhe que abandonasse a empreza, dizendo-lhe: «Sois a causa da perda « de toda a nossa gente, dareis disso conta a Deus, e a « El-Rei, a quem haveis enganado.» Barreto affligiu-se tanto com esta accusação, que morreu dous dias depois.

Vasco Fernandes, que succedeu a Barreto por ordem da Côrte em caso de morte, *obedeceu* ao padre Monclaros n'este ponto, e voltou para Moçambique com toda a gente; porém tendo abrido os olhos sobre os motivos de uma obediencia tão cega, deixou lá o dito padre, e tornou a partir para a sua expedição, a qual foi comtudo muito infeliz. Os naturaes do paiz o enganaram, e tanto fizeram com os seus enganos, que a maior dos Portuguezes morreu, e os que poderam sobreviver á miseria, voltaram sem encontrarem as Minas, donde os tinham sempre maliciosamente apartado. Esta expedição começada em 1569 durou até perto de 1576.

N'este mesmo anno de 1576, nomeou El-Rei para Vice-Rei da India a Lourenço Pires de Távora, o qual tendo sahido de Lisboa em 7 de Março do referido anno, falleceu na altura de Moçambique, e foi sepultado n'esta mesma Ilha. D. Diogo de Menezes, achando-se nomeado nas successões, tomou posse do governo, e o conservou por dous annos, sem que d'isto ficasse vestigio algum por falta de *memorias* d'aquella épocha. Faltou menos sem duvi-

da ás occasiões de obrar grandes acções, do que as occasiões lhe faltaram.

D. Luiz de Attayde voltou segunda vez á India, revestido da qualidade de Vice-Rei. El-Rei D. Sebastião havia nomeado este grande homem, generalissimo da armada, que o mesmo Soberano devia conduzir pessoalmente á Africa. Elle o tinha escolhido por causa da sua alta reputação, e principalmente por motivo da sua intrepidez, e valor que conservava sempre nos maiores perigos. Porém tanto este valor lhe agradou, quanto se estimulou, da sua prudencia, e dos conselhos que lhe déra mui contrarios ao seu natural belicoso, e impetuoso, como se a prudencia não devesse hir de accordo com o valor. Para se desfazer d'elle com honra, mudou-lhe o destino pretextando a precisão das Indias, e fêl-o partir repentinamente para ellas no dia 16 de Outubro de 1577. D. Luiz de Attayde foi embarcado em a náu Santo Antonio, levando mais duas caravélas, a Trindade commandada por Nuno Vaz Pereira, e a Andorinha por João Alvares Soares. Pobre esquadra para um Vice-Rei! Mas apezar da má estação, tomou Moçambique, onde invernou, e a 20 de Agosto do anno seguinte entrou em Gôa.

A sua chegada fez tremer todos quantos inimigos alli tinha a gloria da Nação Portugueza. A lembrança do passado fez cahir as armas da mão aos que poderiam pensar em manejal-as. Teve sómente que castigar a perfidia de Melique Tocar, Tanadar, ou administrador da alfandega de Dabul pelo Hidalcão, que no governo antecedente havia commettido uma grande traição contra alguns Officiaes Portuguezes das esquadras, que faziam a carreira para o Norte. Estes Officiaes foram D. Jeronimo Mascarenhas, D. Diogo, D. Antonio da Silveira, e Francisco Pessoa.

Tendo estes vindo ancorar a Dabul, para se refrescarem á sombra da paz, o Tanadar os recebeu com mostras de amizade, e tendo-os convidado para hirem a terra jantar a sua casa, os fez degolar á traição, não escapando senão só Mascarenhas, que mostrou ter presentido o perigo, e se recolheu em tempo a bórdo. D. Luiz de Attayde, logo que o informaram d'este attentado, encarregou D. Pedro de Menezes de castigar o traidor, e elle mesmo apertou tanto ao Hidalcão, que o obrigou a prometter-lhe que o Tanadar seria desterrado de Dabul, e do seu territorio. Porém, como o Vice-Rei viesse depois a saber, que o Tanadar ainda se achava exercendo o seu emprego, tomou isto como um insulto, e resolveu-se a proceder por meios mais efficazes. Ordenou que D. Paulo de Lima Pereira se dirigisse a Dabul, com dez navios, e que fizesse alli os possiveis estragos. Pereira cumpriu mui bem esta ordem, pois que não só queimou Dabul, e dous navios do Hidalcão, que alli se achavam, mas até destruiu muitas Povoações confinantes, e desbaratou dous corsarios Malabares, que o Tanadar chamára em seu soccorro. —

El-Rei D. Sebastião estando determinado a fazer segunda jornada á Africa, em despeito dos conselhos dos homens mais sabios, e mais zelosos do bem publico, e vendo reunidas em Lisboa as tropas estrangeiras, que tomára a seu soldo, e as que mandára organizar no Reino, resolveu partir quanto antes, ancioso de ver-se em campo contra Muley Maluco, Principe guerreiro, e politico.

Compunha-se a armada de 800 vélas, entre navios de guerra, e de transportes de todas as dimensões, por isso que devendo ser breve a viagem, por ser a estação favoravel, entraram na expedição até as lanchas dos Pescadores do alto mar, das quaes os de Lisboa fornecêram 80. Foi nomeado seu General em chefe D. Diogo de Sousa,

levando ás suas ordens, como immediatos em commando, a Francisco de Sousa, Martim Affonso de Mello, Manuel de Mello da Cunha, e Manuel de Mesquita. O General das galés era Diogo Lopes de Sequeira, tendo por seus Officiaes Generaes a Pedro Peixoto da Silva, Commandante da galé Real, em que El-Rei hia embarcado, a Antonio de Abreu, Joanne Mendes de Menezes, e Antonio de Mello.

A 14 de Junho de 1548 foi El-Rei á Sé, onde o Arcebispo de Lisboa D. Jorge benzeu o Estandarte Real, e d'alli passou a embarcar-se na galé Real, da qual não tornou a sahir. Tendo-se o Cardeal Infante D. Henrique escusado a acceitar a Regencia, nomeou El-Rei para Governadores do Reino o Arcebispo D. Jorge de Almeida, Francisco de Sá, D. João de Mascarenhas, e Pedro de Alcaçova Carneiro; e para Secretario Miguel de Moura.

No dia 25 sahiu a armada de Lisboa, e ancorou a 29 em Cadix, onde se lhe reuniram varias embarcações atrazadas, e outras que conduziam as tropas do Algarve. A 7 de Julho sahiu a armada de Cadix, e avistando Tanger nessa mesma tarde, adiantou-se El-Rei com as galés, e dous galeões, e na manhã seguinte fundeou n'aquella bahia. Achava-se em Tanger o Xarife expulso do Throno por Muley Maluco, com um filho, e poucos vassallos, que se lhe conservaram fieis. Desembarcou El-Rei, e demorando-se trez dias, partiu para Arzilla, levando comsigo o Xarife, e o Governador D. Duarte de Menezes. Reunida em Arzilla toda a armada, desembarcaram as tropas, e abarracaram fóra da Praça, e logo El-Rei declarou a D. Duarte de Menezes por Mestre de Campo General.

Constava o exercito de pouco mais de 20,000 infantes, e 1,600 cavallos. A Infanteria Portugueza, em numero de quasi 12,000 homens, dividia-se em quatro Ter-

ços, de que eram Coroneis D. Miguel de Noronha, Francisco de Távora, Vasco da Silveira, e Diogo Lopes de Sequeira. Além d'estes Terços havia outro chamado dos *Aventureiros*, composto de 1,000 homens escolhidos, e praticos nas campanhas do Oriente, commandado por Christovam de Távora. A Cavallaria, que era toda armada á ligeira, era commandada por El-Rei em pessoa. A Infanteria estrangeira formava trez Terços: um de 4,000 Alemães, de que era Coronel Mr. de Tamberg; outro de 3,000 Hespanhoes ás ordens do seu Coronel D. Affonso de Aguilar; e o terceiro de 600 Italianos commandado pelo Coronel Inglez Thomaz Stukeley. O Xarife capitaneava 400 Mouros de pé, e 250 de cavallo. A artilheria, composta de 30 peças de campanha, era commandada pelo Balio de Lessa Pedro de Mesquita, e Jeronimo da Cunha. Eram Quarteis-Mestres Filippe Estévio, Italiano, e Nicoláo de Frias, insignes Engenheiros.

El-Rei, tendo convocado um grande Conselho, determinou, contra o voto das pessoas mais intelligentes, que se marchasse por terra a Larache, em cujas immediações se achava Muley Maluco com um exercito de mais de 100,000 homens, a maior parte Cavallaria, e com muita artilheria, para se lhe oppôr á passagem.

Ordenou El-Rei aos Coroneis dos Terços Portuguezes, que escolhendo 2,000 homens em cada um d'elles, enviassem para bórdo dos navios os que restassem; diminuindo assim perto de 4,000 homens o numero do seu exercito!! D. Diogo de Sousa teve ordem para se apresentar com toda a armada defronte de Larache, mas não entrar no rio até novas ordens, que nunca se lhe expediram; perdendo-se d'esta maneira a occasião opportuna de conquistar aquella Praça, verdadeira baze de operações do exercito, e ponto unico para a sua retirada; porque, quando D.

Diogo de Souza alli chegou, ainda ella não tinha guarnição, e podia ser facilmente occupada.

Chegado o dia 29 de Julho poz-se o exercito em marcha pela estrada de Alcacer-quivir, quasi sem viveres, e com poucos meios de transporte. Achando-se no segundo dia a distancia de duas leguas de Arzilla, chegou ao campo, vindo de Madrid, o Capitão Francisco de Aldana, Sargento dos Terços Hespanhoes, o qual entregou a El-Rei uma carta do Duque d'Alva, com um Capacete, que fôra do Imperador Carlos V., para El-Rei o usar no dia da batalha.

No dia 2 de Agosto alojaram-se em um sitio alto, pouco distante da ribeira de Mocassim, a qual corre da parte de Arzilla a metter-se no rio Lucus. N'este mesmo dia apparecêram no campo os primeiros inimigos, que sendo vistos do nosso arrayal, mandou El-Rei ao Duque de Aveiro que fosse reconhecêl-os com 300 cavallos, e deu-lhe o seu mesmo guião por favor especial, e honra; e porque esta era a primeira operação de toda a jornada, os de cavallo queriam todos acompanhar o Duque. Feito este reconhecimento, soube-se, que era grande o podêr dos Mouros, e que estavam collocados no caminho para o váo de *Giuldemes*, mostrando que se opporiam, e disputariam o transito aos que intentassem passar o rio.

O nosso exercito desceu no dia seguinte ao dilatado campo de Alcacer-quivir, e alojou-se n'aquella noute entre a ribeira Mocassim, e o estreito que sahe do rio Lucus; e apesar dos nossos estarem proximos ao inimigo, passaram a noute em socego.

Amanheceu finalmente o dia 4, sempre infausto nos Fastos Lusitanos, e logo ao primeiro raiar da aurora tratou El-Rei de apressar a marcha; ponderou-lhe então o

Xarife: « que o exercito não devia mover-se d'aquella posi-
« ção, nem adiantar-se a combater os Mouros, porque a vanta-
« gem do alojamento em que estava era grande para a bata-
« lha, que se esperava, por não poder o inimigo offendel-o
« pelos flancos que guardavam o rio Mocassim, e o já men-
« cionado estreito; e quando fossem acommettidos, o não
« seriam senão pela frente, pela razão do estreito; porque
« peleijando dentro de tão bons reparos, seguravam mais
« a victoria: que além d'isto sabia estar o Maluco com pouca
« esperança de viver, e morrendo, facilmente derrotariam
« o seu exercito, que não podia conservar-se falto de ca-
« beça. » A falta de mantimentos dicidiu El-Rei a dar a
batalha n'aquelle dia. O Xarife ainda o aconselhou: « que
« visto dar-se a batalha n'aquelle dia, fosse pelas horas da
« tarde, por dous motivos; o primeiro pelo excessivo calor
« do meio dia, o qual supposto os de cavallo podessem
« soffrer, os de pé seríam abrazados do sol, e de tarde sem-
« pre corria algum ar mais moderado, com que a todos
« seria menos molesto o pezo das armas; o segundo moti-
« vo era, porque sendo a batalha com poucas horas do dia,
« em caso de algum revéz, teria El-Rei tempo, e lugar
« para salvar de noute a sua pessoa. »

Ouvido o Xarife, já todos se inclinavam a seguir o seu segundo parecer; porém o capitão Francisco de Aldana, mais com brados, do que com razões, fez que El-Rei desprezasse o conselho proposto, e dispozesse as tropas para darem logo a batalha, o que logo se executou. Marcharam pois os nossos ao encontro dos Mouros, os quaes enchiam cinco leguas d'aquella vasta planicie de Alcacer-quivir. O Maluco tinha na sua vanguarda a sua Infanteria, quasi toda ella de arcabuzeiros, e na rectaguarda dos infantes a Cavallaria, tudo em fórma de meia lua: tinha a artilheria emboscada n'uma seára de milho, para a mandar disparar a tempo conveniente, e conservou todas as suas

tropas sem se moverem. Os Mouros, logo que os nossos se lhes aproximaram, estenderam pelos dous lados do campo as pontas da sua meia lua, e unindo-as cercaram de todas as partes o nosso pequeno exercito.

Entre as 10, e as 11 horas do dia começou a batalha, e durou sem se declarar de todo a victoria, *que por duas vezes esteve pelas nossas armas*, até depois das 3 horas da tarde. El-Rei peleijou com tanto valor, que até chegou a tomar duas bandeiras inimigas. Havia já perdido dous cavallos, quando, querendo tentar a ultima fortuna, rompeu por entre os Mouros com tal ousadia, que todos á custa de muitas vidas lhe davam livre passagem; porém não tardou, que tanto esforço, não cedesse á multidão dos inimigos, retirando-se El-Rei ferido no rosto. A este tempo já reinava a desordem nas nossas fileiras, peleijando cada um na parte onde se achava. Os Mouros vendo a nossa gente tão cançada, e tão pouca, cercaram-na de todas as partes, e então se acabou de declarar a desventura dos Portuguezes! El-Rei, tendo obrado prodigios de valor, andava acompanhado de alguns fidalgos, que pertendiam livral-o a troco das suas vidas, quando cercado de uma multidão de inimigos, e peleijando fortemente com elles cahiu do cavallo, morto! O Xarife pertendeu salvar-se; e querendo passar a ribeira de Mocassim, morreu afogado! Muley Maluco tambem morreu logo no principio da batalha, vindo esta por consequencia a custar a vida a trez Reis!!

Desfeito o exercito Portuguez, e seguros já da victoria os inimigos, esfriou o furor das armas, e os Mouros começaram a roubar, e a captivar. Ficaram entre os captivos o Duque de Barcellos, o Prior do Crato o Senhor D. Antonio, e mais 170 fidalgos mui benemeritos! Morreram dos Mouros, por confissão d'elles proprios, 18 para 19,000, e dos Portuguezes faltaram metade incluindo n'esta o Du-

que de Aveiro, e mais 150 fidalgos, os Bispos do Porto, e de Coimbra, e o Confessor d'El-Rei!!!

D. Diogo de Sousa, sabendo da derrota, voltou com a armada para Lisboa.

Tendo chegado a Lisboa a infausta nova da morte de El-Rei D. Sebastião, foi acclamado a 28 de Agosto de 1578 seu Tio o Cardeal Infante D. Henrique. O Reinado d'este Soberano durou quasi anno e meio, e só foi assignalado por criminosas intrigas politicas sobre a successão do Throno, as quaes atemorisando o Monarcha já enfraquecido pela idade, e pelas molestias, obstaram a que elle declarasse por sua successora a Senhora D. Catharina Duqueza de Bragança, em quem todos os Portuguezes reconheciam indisputavel direito á Corôa.

El-Rei D. Henrique falleceu em Almeirim a 31 de Janeiro de 1580, deixando nomeados Governadores do Reino o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, D. João de Mascarenhas, Francisco de Sá, Diogo Lopes de Sousa, e D. João Tello de Menezes. Estes, tendo tomado posse do Governo, começaram logo a occupar-se com o espinhoso negocio de julgar a quem pertencia a Corôa, o qual era mui difficil de resolver tanto pela divergencia de opiniões entre os mesmos Governadores, e confusão em que se achava Portugal, como pelo armamento formidavel, que por mar, e terra fazia Filippe 2.º de Hespanha, um dos Principes que então se dizia com direito de succeder ao fallecido El-Rei D. Henrique.

CAPITULO II.

ANNO DE 1580 ATE' 1620.

E' invadido o Reino de Portugal por um exercito Hespanhol, e o Tejo por uma armada da mesma Nação. Trez dos Governadores do Reino declaram o Monarcha Hespanhol Rei de Portugal. Este tenta submetter as Ilhas dos Açôres, mas não o consegue. D. Francisco de Mascarenhas, é nomeado Vice-Rei da India. Vem o Prior do Crato aos Açôres com uma esquadra Franceza. Esta é derrotada por uma esquadra de Filippe 2.º Este Monarcha manda nova expedição ás Ilhas dos Açôres, e estas rendem-se-lhe. D. Duarte de Menezes, é nomeado Vice-Rei da India Filippe 2.º reune no Tejo uma formidavel armada, com a intenção de invadir a Inglaterra. Partida, e malógro d'esta expedição. A Rainha Izabel de Inglaterra fornece uma esquadra ao Prior

do Crato, e esta vem sobre Lisboa. Parte para a India o Vice-Rei Mathias de Albuquerque. E' queimada uma náu nossa pelos Inglezes nas aguas do Faial, depois de encarniçado combate. E' nomeado Vice-Rei d'este Estado o Conde Almirante D. Francisco da Gama. Vem uma esquadra Ingleza bloquear Lisboa. Aproximam-se trez esquadras Hollandezas a alguns portos nossos. Filippe 2.º é proclamado Rei de Portugal, por morte de Filippe 2.º Conquistam os Portuguezes o Reino de Pegú. E' nomeado Vice-Rei da India Aires de Saldanha. Combate uma náu nossa contra duas outras Hollandezas, nas aguas de Santa Helena, e fica victoriosa. Os Hollandezes mandam mais trez esquadras á India. Segundo combate nas aguas de Santa Helena entre um galeão nosso, e trez náus Hollandezas. E' nomeado Vice-Rei da India Martim Affonso de Castro. Forças navaes que a Republica Hollandeza expediu para a India desde o anno de 1598 *até* 1607. *O Conde da Feira D. João Pereira é nomeado Vice-Rei da India. Faz-se igual nomeação a Ruy Lourenço de Távora. Conquistam os Portuguezes o Maranhão, e o Pará. Uma náu nossa combate contra uma esquadra Hollandeza nas aguas de Moçambique. Parte de Lisboa uma esquadra para Ormuz, e uma das suas embarcações combate uma náu Hollandeza nas aguas do Cabo da Boa Esperança, e alcança victoria.*

1580 — Tendo o Duque de Alva invadido o Alemtejo com um exercito de 4,000 Cavallos, e 40,000 Infantes, e achando-se já ás portas de Lisboa, por isso que uma armada da sua Nação havia transportado as suas tropas pa-

ra Cascaes, trez dos Governadores do Reino publicaram uma sentença datada de 7 de Julho, pela qual declararam o Monarcha Hespanhol legitimo Rei de Portugal: estes Governadores fôram D. João de Mascarenhas, Francisco de Sá, e Diogo Lopes de Sousa. Maldicta seja a memoria d'estes *vendilhões* da sua Patria!

1581 — Como nas Ilhas dos Açôres tomaram a voz do Prior do Crato, expediu El-Rei a D. Pedro Valdez com quatro navios bem armados, e 600 soldados para reduzir á sua obediencia as de S. Miguel, e Terceira, com instrucções, de que não o querendo alli receber, se demorasse n'aquelles mares até chegar D. Lopo de Figueirôa, que se ficava aprestando com maiores forças. Valdez não foi admittido em S. Miguel, e tendo-lhe parecido facil a conquista da Terceira desembarcou entre a Cidade de Angra, e a Villa da Praia em 25 de Julho, mas dentro de poucos minutos foi derrotado com perda de 450 homens, salvando-se elle com o resto. Poucos dias depois chegou Figueirôa, mas tambem voltou para Lisboa sem nada conseguir. —

El-Rei Filippe 2.° nomeou para Vice-Rei da India a D. Francisco de Mascarenhas, dando-lhe o titulo de Conde de Ota; este partiu de Lisboa para aquelle Estado em 11 de Abril, e chegou a Gôa a 26 de Setembro, onde encontrou fallecido o grande D. Luiz de Attayde. —

1582 — Tendo o Prior do Crato vindo aos Açôres com uma esquadra Franceza de 64 embarcações, e 7,000 homens de tropas, e havendo occupado a Cidade de Ponta Delgada, El-Rei, que a esse tempo se achava em Lisboa, mandou partir o Marquez de Santa Cruz nos principios do mez de Julho com 33 grandes navios, e 5,000 soldados veteranos na guerra para as mesmas Ilhas. No

dia 26 encontraram-se as duas esquadras na distancia de sete a outo leguas de S. Miguel, e logo travaram uma batalha furiosa, cujo resultado foi contrario aos Francezes. Estes perderam 7 embarcações, e 2,000 homens incluindo o Marechal Filippe Strozi, que os commandava em chefe. O Prior do Crato retirou-se á Terceira, e de lá para França. O Marquez de Santa Cruz regressou a Lisboa. —

1583 — Conservando-se a Ilha Terceira pelo Prior do Crato, e achando-se reforçada com 1,200 Francezes commandados por Mr. Chartes, voltou alli o Marquez de Santa Cruz com 42 grandes navios de guerra, e 12 galés, conduzindo 10,000 homens de tropa. Não tendo podido resolver o Governador da dita Ilha, a entregar-lh'a, resolveu-se a emprehender o desembarque. Este effeituou-se, não obstante alguma resistencia feita pelos Francezes, e Mr. Chartes capitulou ao terceiro dia com as suas tropas, ás quaes se deram embarcações para as condusirem a França, deixando as armas, e as bandeiras. Os vencedores entraram depois na Capital, que saquearam! o Governador Manuel da Silva, e outros foram justiçados. Igual sorte tiveram depois as Ilhas do Pico, Faial, S. Jorge, e Graciosa, apezar de se terem rendido sem resistencia! —

1584 — Nomeou El-Rei para Vice-Rei da India a D. Duarte de Menezes, o qual sahiu de Lisboa a 10 de Abril, e chegou a Gôa em Novembro do mesmo anno. —

1588 — El-Rei D. Filippe 2.° tendo emprehendido invadir a Inglaterra, cujo Throno era então occupado pela Rainha Izabel, escolheu o porto de Lisboa para a reunião das forças da sua vasta Monarchia; e com muita anticipação mandou remetter para elle das outras Cidades maritimas tudo quanto era necessario. Por morte do Marquez de Santa Cruz, nomeado Capitão General da expedição, e

author d'ella, elegeu El-Rei para este cargo ao Duque de Medina Sidonia, que nunca havia servido no mar.

Compunha-se esta armada de 146 vélas, (não contando as faluas) em que haviam dezenove, desde trinta até cincoenta peças; e trinta e nove, desde vinte até trinta peças; o resto transportes, e embarcações de força de insignificantes. Os marinheiros chegavam a 8,000, não fallando nos das caravelas, cujo numero se ignora. Os forçados eram 2,400; a artilheria compunha-se de 2,570 canhões, dos quaes 1,500 eram de bronze, e as munições para elles hiam reguladas a 50 tiros por peça. O total do exercito de terra era de 16,335 combatentes, entrando n'este numero um corpo de 100 artilheiros, que era commandado em chefe pelo Mestre de Campo General D. Francisco Bobadilha. Os navios de guerra tinham de guarnição propria 32 companhias de soldados em força de 3,689 homens, os quaes quando desembarcassem, levariam o exercito a pouco mais de 20,000 homens.

A 27 de Maio sahiu de Lisboa toda a armada. Uma tormenta que soffreu logo depois da sua sahida, a metteu em confusão, e desordem, em consequencia do que todos os seus navios se espalharam: a final reuniram-se todos no porto da Corunha no meado de Junho.

A Nação Ingleza, tendo-lhe o perigo d'esta invasão despertado o enthusiasmo, coadjuvou em massa o seu Governo, por cuja razão este poude apromptar uma armada de 170 vasos; e posto que a maior parte pequenos, com tudo mui proprios para insidiar a armada Hespanhola em um canal estreito, cheio de baixos, sugeito a correntes variaveis, grandes marés, e subitas mudanças de ventos, de que os Hespanhoes não tinham experiencia. A Rainha Izabel entregou o commando em chefe da sua Marinha ao

Grão Almirante Lord Havard Effingham, tendo debaixo das suas ordens Drake, Hawkins, e Forbiher, mui habeis marinheiros. Para defender o Paiz, no caso de se realisar o desembarque inimigo, organisou trez exercitos: O primeiro de 20,000 homens para guarnecer os pontos da Costa mais expostos; o segundo de 22,000 Infantes, e mil cavallos, que se postou em Tilbury, cobrindo a Capital; e o terceiro de 34,000 Infantes, e 2,000 cavallos, prompto a marchar onde fosse preciso.

A 21 de Maio sahiu das Dunas Lord Effingham, e reunindo em Plymouth a sua esquadra com a do Vice-Almirante Drake, partiu com perto de 90 navios, para cruzar entre Ushant, e Scilly; mas a 10 de Junho voltou a Plymouth, e ancorou a 12.

Entretanto o Duque de Medina Sidonia largou da Corunha, e informado por um pescador Inglez, de que a armada Britanica se achava em Plymouth, resolveu-se a hir atacal-a n'aquelle porto, e mandou navegar na sua direcção. Porém um pirata Escossez, que cruzava no Canal, correu a Plymouth a avizar Lord Effingham, e este tendo trabalhado com a maior actividade, tirou a maior parte dos seus navios para fóra do porto. No dia 21 encontraram-se as duas esquadras Hespanhola, e Ingleza; houveram desde então diversos combates entre ambas até o dia 28, em resultado dos quaes o Duque de Medina Sidonia teve de fugir para Santander nos fins de Setembro: o resto das suas embarcações tomaram differentes Portos: a perda do Duque foi immensa, poisque salvou apenas 53 navios!!! —

1589 — A Rainha Izabel, que aproveitava todas as occasiões de causar embaraços á Monarchia Hespanhola, enviou este anno um grande armamento contra Lisboa, em favor do Prior do Crato. Constava o exercito Inglez de

14,000 homens, commandados por João Sir Norris; e a esquadra de 6 navios de guerra, commandada pelo Almirante Drake. A 18 de Abril sahiu Drake de Plymouth, e a 4 de Maio entrou na Corunha, com a intenção de tomar despojos, e viveres; mas ainda que commetteu grandes hostilidades, e queimou os arrabaldes, foi obrigado a levantar o cêrco da praça; seguiu depois para a Costa de Portugal, reunindo-se-lhe no caminho o Conde de Essex com uma pequena esquadra armada á sua custa. A 16 de Maio desembarcaram os Inglezes em Peniche, sem muita resistencia, e d'aqui marcharam sobre Lisboa em numero de 12,000 Infantes, e alguma Cavallaria, sem acharem opposição até se alojarem no arrabalde de Santa Catharina. Demoraram-se aqui alguns dias sem serem accommettidos. O General Norris, vendo que a presença do seu exercito, não causava no Povo a commoção que elle esperava, segundo as promessas do Prior do Crato, e não tendo artilheria de cêrco para bater as muralhas, falto já de munições, e ainda mais de mantimentos, que as tropas Portuguezas, batendo a campanha, lhe não deixaram buscar, determinou retirar-se em quanto era tempo. Drake havia ganhado Cascaes por consentimento do Governador, e alli se embarcaram os Inglezes, e se dirigíram a Vigo, que destruíram, e o Paiz circumvisinho: chegaram a Inglaterra no principio de Junho. —

1590 — A 8 de Maio partiu de Lisboa para a India o Vice-Rei Mathias de Albuquerque, e tendo soffrido na viagem diversos contra-tempos, só poude chegar a Gôa a 15 de Maio de 1591. —

1592 — A 10 de Janeiro partíram da India para Portugal as náus Bom Jesus, S. Bartholomeu, Madre de Deus, Santa Cruz, e S. Christovam; esta ultima chegou a salvamento a Lisboa. O Bom Jesus naufragou nos baixos de

Garajáos, perdendo toda a sua gente. O S. Bartholomeu desappareceu na viagem, sem se saber como, nem aonde. A Madre de Deus, e a Santa Cruz, chegando separadas aos Açôres, encontraram uma esquadra Ingleza, composta de 7 navios: o Commandante da Santa Cruz, querendo salvar a gente, e a carga, encalhou na Ilha das Flores, e depois de ter desembarcado tudo, pôz fogo á náu. A Madre de Deus, cercada de navios Inglezes, defendeu-se com valor sobre natural, mas teve a final que se render a forças tão superiores, no dia 19 de Agosto.

1593 E 1594 — Em Novembro sahiu de Moçambique a náu Chagas, sendo seu Commandante Francisco de Mello e trazendo a seu bórdo 130 Portuguezes, e 270 escravos, bem como muitos passageiros illustres de ambos os sexos. Chegada á vista da Ilha do Corvo, não a poude tomar, por ser o vento contrário, e hindo na volta do Faial, a 22 de Junho de 1594 avistáram-se trez náus Inglezas de tão grande força, que cada uma d'ellas poderia bem combater com a náu Chagas. Gritou-se então a bórdo d'esta, que antes deixal-a queimar, ou metter no fundo, do que arriar bandeira. Ao meio dia começou o fogo de artilheria, e mosquetaria, que durou por muitas horas, com grandes estragos de parte a parte, ficando a náu Chagas mui maltratada pela pôpa, em que não tinha peça alguma, e onde de noute cavalgou duas. Os Inglezes vendo a náu armada pela pôpa, resolveram-se a abordal-a, o que foi effeituado por todos os seus navios. Disparou-se n'este momento toda a artilheria, e mosquetaria de ambas as partes, e das gavias choviam panellas de polvora, e alcancías de fogo, dardos, e pedras, de sorte que as 4 embarcações pareciam incendiadas, e envoltas em turbilhões de fumo. Succedia isto á vista do Faial. Ao cabo de 4 horas de horrivel combate, pegou fogo n'uma das embarcações inimigas, e este communicou-se á náu Chagas. Os Por-

tuguezes vendo que esta ardia irremissivelmente trataram de salvar as vidas: uns lançavam-se ás ondas, outros que não sabiam nadar deitavam ao mar paus, e barrís a que se pegavam; mas os Inglezes acudiram logo com os seus escaleres, e matáram todos quantos poderam alcançar! De toda a guarnição apenas escaparam 13 pessoas, por causa de um *bizalho* de pedraria, que um grumete mostrou a um dos mesmos escaleres.

Os Inglezes tendo deitado 11 dos prisioneiros nas Costas do Faial, continuaram a cruzar por mais de um mez sobre aquellas paragens; e uma manhã descobríram a náu S. Filippe, Capitania da carreira da India, em que vinha D Luiz Coutinho, com a qual combatêram todo aquelle dia. Uma bala do S. Filippe cortou o mastro do traquete a um dos navios inimigos, e sobrevindo ao mesmo tempo uma trovoada pela pôpa, poude D. Luiz seguir a sua derrota, e escapar-se durante a noute aos inimigos. —

1596 — Tendo El-Rei nomeado para Vice-Rei da India ao Conde Almirante D. Francisco da Gama, partiu este de Lisboa a 10 de Abril; mas por causa de diversos contratempos que soffreu na viagem, só poude chegar a Gôa a 22 de Maio de 1597.

1598 — Achava-se prompta em Lisboa uma esquadra de 5 náus, para partir para a India, quando uma armada Ingleza de 20 grandes navios, veio bloquear este pôrto. Esta armada demorou-se todo o mez de Março na Costa de Portugal; e vendo abortar o projecto de aprezar á sahida os navios da carreira da India, foi destruir a Ilha de Lançarote, e tomar a de Porto Rico; mas a epidemia que assaltou os soldados, e os marinheiros, obrigou o seu Chefe a abandonar a Ilha, e a regressar á Inglaterra, com perda de immensa gente. —

A 13 de Setembro falleceu Filippe 2.º no Escurial, e succedeu-lhe seu filho Filippe 3.º a 14 de Abril.—

Neste anno sahiram da Hollanda trez esquadras armadas pela companhia. A primeira constava de 6 navios grandes, e 2 hiates, levando 560 homens de guarnição: partiu do Teixel no 1.º de Maio com destino de hir directamente á India, como fez, e voltou á Hollanda em Junho do anno seguinte. A segunda compunha-se de 4 navios, e 1 hiate, com 112 homens de guarnição; levava instrucções de passar o Estreito de Magalhães, a fim de conhecer se seria mais facil este caminho para a India, do que o do Cabo da Boa Esperança: partiu da Hollanda a 28 de Junho, e só poude embocar o Estreito a 6 de Abril de 1599: voltou á Hollanda depois de 25 mezes de penosissima viagem, sem ter feito descoberta alguma importante no mar Pacifico. A terceira esquadra, levando as mesmas instrucções da segunda, constava de 2 navios, e 2 hiates, com 248 homens de guarnição: sahiu de Roterdam a 13 de Setembro, e tendo estado em diversas paragens mui longiquas, e descoberto uma Ilha deserta — a da Trindade — regressou á Hollanda a 26 de Agosto de 1601.

1600 — Foi n'este anno que os Hollandezes, e Inglezes fizéram a primeira expedição ás Malucas, as quaes eram governadas pelo benemerito André Furtado de Mendonça, que rechaçou os inimigos com incrivel valor, fazendo-lhes pagar bem caro o seu arrojo.—

1600 ATE' 1603 — Antes de narrarmos os sublimes feitos da conquista de Pegú, praticada pelo grande Capitão Salvador Ribeiro de Sousa, vamos dar uma ideia do estado em que este benemerito achára as cousas d'aquelle Reino, quando alli aportára, para o que nos será necessario remontar ao anno de 1519.

Corria este ultimo anno quando Antonio Corrêa, por mandado de El-Rei D. Manuel, ajustou paz, e amizade com o Rei do Pegú. Este Principe, tendo depois conquistado parte dos Reinos Bramás, com o soccorro de alguns Portuguezes, rebellou-se-lhe, quando gozava esta gloria, o Governador do Reino de Tāngut Bramá de nação, o qual o despojou do Throno, e da vida. Consumada esta usurpação, ainda o usurpador ganhou por força das armas os Reinos de Prom, Meleytay, Chalão, Mirandu, e Avá todos na terra de Bramá, que correndo sempre as margens do grande rio, que sahe do lago Chiamay, se estendem contra o Norte mais de 150 leguas; n'uma palavra, tão propicia foi a fortuna ao referido usurpador, que este depois de sanguinolentas batalhas venceu, e fez seu vassallo o Rei de Sião, que tão poderoso era, que chegou a reunir um milhão de homens armados com incrivel numero de elefantes.

Passado tempo, El-Rei de Sião opprimido de profunda dor, e tristesa com a lembrança do jugo, e sugeição, que sobre si experimentava, resolveu-se a perder antes o Reino, e com elle a vida, do que viver sem honra infamado, e abatido: negou o tributo que costumava pagar, e prevendo o que lhe havia de succeder, ajuntou o maior exercito, que lhe foi possivel. O tyranno de Pegú reuniu tanta gente, elefantes, e artilheria, quanta era necessaria para humilhar tão poderoso inimigo. Entregou o commando do exercito a seu filho mais velho, de cujo valor concebêra grande opinião, e collocou a seu lado muitos Reis, e os melhores Capitães de seus Estados.

El-Rei de Sião sendo avisado do podêr, com que o Principe moço o buscava, sahiu a recebel-o nos confins de ambos os Reinos, com exercito tão poderoso, que os Capitães inimígos julgaram mui duvidosa a victoria. Avistaram-se os exercitos, e considerando El-Rei de Sião o pe-

rigo que corre, quem hade peleijar com homens favorecidos da fortuna, procurou que a batalha entre os exercitos se escusasse. Para o que mandou por um Embaixador dizer ao Principe : « que aquella guerra não se fazia por damnos, « que um Reino tivesse recebido do outro, nem por causa « publica, em que os vassallos estivessem interessados, mas « só pela honra que seu pai pertendia em ter tal vassallo, « da qual o mesmo Principe havia ser herdeiro : para o que « era conveniente que com valor proprio mostrasse ser dig- « no da gloria de seu pai, não consentindo que o innocen- « te Povo pagasse as particulares pertenções de seus Prin- « cipes, e quizesse averiguar aquelle conflicto com particu- « lar batalha da pessoa do proprio Principe moço, e brio- « so com a de um Rei velho, e fraco. Com condição, que « sahindo o Principe vencedor, fizesse El-Rei o que lhe man- « dasse, e sendo pelo contrario, não queria outra cousa mais « do que partir para os seus Reinos com amizade, e em « amor de El-Rei de Pegú seu pai. »

Acceitou o Principe o combate proposto, e logo escolhendo-se o local onde devia ter lugar, metteram-se os dous contendores em seus elefantes ajaezados com vistosos, e riquissimos paramentos. Eram nove os Reinos que aspiraram ao premio da victoria. Os dous Principes peleijaram com admiravel valor por um grande espaço, até que a final foi morto o de Pegú com um dardo, pondo fim aquelle golpe ás esperanças de tão poderosa Monarchia.

Apartaram-se os dous exercitos com demonstrações differentes; o de Sião fazendo festas, e alegrias; o de Pegú com lagrimas, penas, e tristeza, levando o cadaver do seu Principe. Retirou-se El-Rei de Sião triunfante com os despojos, mui resolvido a hostilisar o inimigo se os pactos lhe não fossem observados. El-Rei de Pegú ao saber da morte de seu filho, como estivesse pouco costumado a soffrer

revézes, faltou-lhe a prudencia para soffrer com animo socegado uma tão grande perda; e não tendo força para tomar vingança do inimigo, determinou vingar-se nos proprios vassallos, da maneira a mais barbara. Este tyranno, cuidando que os naturaes de Pegú pelo odio que lhe tinham, e por fugirem ao perigo proprio, haviam consentido na morte de seu prezado filho, reuniu na Capital do seu Reino um exercito, composto unicamente dos seus Bramás, e recolheu alli tantas provisões, que podessem bastecel-a para muitos annos, fortificando-a com excesso.

Isto feito, mandou sob pena de morte que se não semeassem os campos, que se cortassem todas as arvores fructiferas, e se matassem todos os gados, a cujas medidas barbaras se seguiu uma intoleravel fome. O que mais horrorisa, é, que fazendo depois queimar as nobres, e populosas Cidades, e todas as outras Povoações, ordenou aos Bramás que passassem á espada sem distincção de sexo, nem de idade aos que procurassem escapar do incendio. Alguns desgraçados que nos primeiros annos da fome podéram fugir, recolhêram-se nos Reinos visinhos Arracão, Bramá, e Sião. El-Rei de Sião sabendo a miseravel ruina de Pegú, correu a por cêrco á Capital d'este Reino, procurando fazer-se senhor d'aquelle que o fôra seu ao qual teve cercado muitos annos; no inverno, porém, como lhe não era possivel haver mantimentos no assolado Reino de Pegú, para fornecer o seu numeroso exercito, levantava o cêrco, e recolhia-se ás terras da sua Monarchia; entrado o verão, tornava a repetir o assedio com multiplicadas forças.

Em fim, o Tyranno de Pegú tendo aberto as portas da sua Cidade a El-Rei de Tângu, e havendo o Rei do Arracão tomado a armada ao de Sião, este viu-se constrangido a levantar o sitio, e a voltar para o seu territo-

rio, não com menos magoa no coração, do que mancha no credito.

N'estes termos estavam as cousas de Pegú, quando Salvador Ribeiro de Sousa, que havia servido a El-Rei 7 annos na India em muito honradas facções, tendo partido de Ceilão para a India com o intento de vir a Portugal requerer recompensa dos seus serviços, a adversidade do tempo o obrigou a arribar ao golfo do Ganges em Junho de 1600, e a tomar o porto de Sirião no principal rio de Pegú, havendo sómente 18 dias, que o Rei d'este Reino se entregára ao de Tãngut, como fica referido.

Estava n'aquella occasião em Sirião o Rei do Arracão com perto de 100 baixeis, em cujo serviço entre outros Portuguezes andava Filippe de Brito de Nicote, o qual havia por espaço de vinte annos negociado n'aquellas partes como mercador, com o amparo do mesmo Rei do Arracão. Salvador Ribeiro, tendo n'esta occasião travado amizade com Filippe, concordaram ambos sobre quanto conviria ao nosso Estado da India, que levantassemos uma fortaleza junto da barra d'aquelle rio de Sirião. Para se effeituar este designio pediu Filippe licença ao Rei de Arracão para alli fabricar uma casa, na qual elle, e os outros Portuguezes, e Christãos da terra, podessem recolher as suas fazendas. El-Rei do Arracão concedeu a licença, e logo Salvador Ribeiro começou a edificar um baluarte de madeira terrapleno, fingindo ser uma casa de algum mercador, e encobrindo cautelosamente que era Capitão de guerra.

O Rei do Arracão tendo exigido do de Tãngut a repartição do Thesouro, joias, e Estado do cruel Rei de Pegú, partiu para o seu Reino. Depois d'isto, começou Salvador Ribeiro com grande cuidado a fortificar-se, e não

podendo já encobrir com o nome de casa de mercador tão grande fabrica, foi avisado El-Rei do Arracão do intento, com que ella parecia progredir, e assim, escreveu ao Rei de Prom, e ao Banha Dalá, (que era o maior senhor do Pegú) e ao Banha Láo, genro de Dalá, para que com toda a brevidade arrasassem o forte dos Portuguezes, e os matassem, ou fizessem sahir do Reino de Pegú.

1601 — El-Rei de Prom juntou logo uma armada de 100 navios grandes, nos quaes embarcou cousa de 6,000 homens de tropa, e veio pelo rio abaixo em busca da nossa fortaleza. Foi Salvador Ribeiro avisado do grande poder, que vinha contra elle, e crescendo-lhe o valor com a honrosa occasião de dar principio ao que desejava, que era conquistar aquelle Reino para El-Rei de Portugal, mandou concertar trez náus velhas de mercadores, que alli tinham ficado, e com 30 soldados Portuguezes, que tinha, partiu pelo rio acima a encontrar-se com o inimigo. Tendo chegado a uma paragem, onde o rio era muito estreito, deu vista das primeiras embarcações inimigas, e logo voou a investil-as com tal bravura, e esforço, que por mais que os inimigos se procurassem defender, como foram atacados de repente, e as balas, e alcanzias começaram a chover sobre elles com a morte de muitos, tiveram que fugir vergonhosamente, deixando em poder dos nossos 30 galés, e outras muitas embarcações pequenas com 6 peças de artilheria. Alcançada esta victoria, voltou o Capitão para a fortaleza, e continuou com mais fervor as obras d'esta, por isso que tinha a certeza de que os inimigos o não deixariam descansar muito.

Effectivamente, passados vinte dias, marchou sobre a fortaleza o Banha Láo com 6,000 homens escolhidos, tendo primeiro solicitado o auxilio do Rei de Prom. Este, mandou por terra nova gente para se ajuntar com o Banha Láo,

que poucos dias antes acampára a pouca distancia da nossa fortaleza, com proposito de que, chegando os de Prom, todos juntos acommetteriam os nossos. Salvador Ribeiro tendo tractado de investigar os designios do inimigo, conseguiu n'uma noute aprezar-lhe uma fragata que o Rei de Prom mandava ao Banha Láo, participando-lhe a descida das suas tropas. Salvador mandou metter a dita embarcação a pique, e degollou aos que vinham n'ella. Depois, querendo evitar que os dous exercitos inimigos se reunissem, resolveu-se a praticar uma das mais insignes acções, de que ha memoria. O Banha Láo, trabalhava efficazmente para ser Rei de Pegú; o que sendo conhecido por Tângut, mandou este obrigar o mesmo Láo a prestar-lhe obediencia como a seu Rei, e isto por via de um grosso exercito, o qual Banha Láo desbaratou. Salvador Ribeiro cahindo então uma noute sobre o acampamento inimigo, poude penetrar na tenda do proprio Banha Láo, e matal-o. Isto feito, mandou tocar os atabales, que tomára na armada de El-Rei de Prom, o que fez traspassar de temor aos do arrayal, por pensarem que tinham sobre si o podêr de El-Rei de Tângut, que vinha tomar vingança de seu desbaratado exercito. Entretanto que entre os inimigos se declarava a maior confusão, e desordem, foram os nossos disimando-lhes muitas vidas, até o arrayal ser desamparado.

Recolhidos os nossos á fortaleza, cobertos de despojos, e de gloria, não tardou que um novo inimigo os viesse encommodar, sitiando-os com um exercito de 8,000 homens, e levantando-lhes em frente, e a pouca distancia, uma fortaleza. Este inimigo foi Banha Dalá sogro do morto Láo. Depois de outo mezes de sitio, durante os quaes os nossos foram assaltados repetidas vezes, aportou n'aquella barra uma náu de mercadores Portuguezes, e poucos dias depois outras sete com mais cinco galeotas. Salvador Ribeiro aju-

dado dos recem-chegados destruiu a fortaleza inimiga, e fez retirar os sitiantes. Chegado o tempo dos mercadores Portuguezes terem concluido o seu negocio de permutação com os outros mercadores de Tângut, Prom, e outros Povos circumvisinhos, retiraram-se, ficando na nossa fortaleza pouco mais de 200 dos seus marinheiros. Banha Dalá, veio segunda vez acommetter os nossos, mas a final foi desbaratado como da primeira,

Passado pouco tempo veio El-Rei de Massinga com uma grande armada tentar destruir os nossos, mas não foi mais feliz na empreza do que haviam sido Banha Láo, e Banha Dalá; porquanto, tendo Salvador Ribeiro sabido da sua chegada, escolheu quinze embarcações nas quaes embarcou 150 soldados providos de boas escopetas, e de todas as munições, e considerando o lugar, em que parava a armada do inimigo, advertiu que era detraz d'uma ponta, que o rio fazia, e que hindo junto á terra de vóga surda, poderiam os nossos cahirem sobre elle sem serem sentidos até virem ás mãos. Com esta consideração, e ordem partiu uma noute, e chegou á armada do inimigo a tempo, que a mais da sua gente se achava n'um templo occupada com superstições, e bailes. El-Rei de Massinga, como pela authoridade da sua pessoa havia sido o primeiro nas offertas, e sacrificios, estava na sua galé, e foi tão desgraçado, que entre os poucos que peleijaram, deixou a vida nas mãos do venturoso Capitão Salvador Ribeiro, e juntamente com o proprio Reino as pretenções do alheio. Acommetteram os nossos com grande estrondo de escopetas, e artilheria, mas foi pouco necessaria a bravura, de que em similhantes occasiões costumavam usar: porque os inimigos sobresaltados do inopinado rebate, deixando em poder dos vencedores aquella grande multidão de navios com sete peças de artilheria, pela maior parte desoccupados dos que estavam em terra, na qual não se julgando seguros, deixa-

dos os impios sacrificios, fugiram para os matos com o fim de salvarem as vidas.

Salvador Ribeiro recolhendo-se alegre, e victorioso á fortaleza, fez publicar que a todos os que viessem á sua obediencia, trataria com suavidade, e justiça, propondo-lhes a doçura, e amor da patria abundante, e deleitosa, aonde seriam tractados com brandura, e verdade, e não com as vexações, e injustiças, de que seus barbaros Reis costumavam usar com os vassallos. Publicou-se isto entre os naturaes, e foi bastante para os trazer de maneira, que em breves dias vieram á obediencia 15 Banhas, que são senhores Titulares, e quazi 200 Ximins, ou Capitães, e tanta multidão de gente, que na Cidade havia 16,000 visinhos, os quaes começaram a formar uma Povoação junto á nossa fortaleza.

O cruelissimo Rei de Pegú, que estava em poder do Rei de Tāngut seu cunhado, não desistia da superioridade, que na maior prosperidade tivéra, e com animo altivo, e soberbo queria que o cunhado, e todos os grandes lhe fizessem a cortezia, e reverencia, (chamada entre elles zumbaya) que em sua maior grandeza lhe costumavam fazer; o cunhado não podendo soffrer sujeitar-se, e prostrar-se por terra diante de um homem despojado, e por sua abominavel, e feroz crueldade indigno da luz do Sol commum a todos os viventes, mandou-o matar ás pauladas.

Sabida pelos Banhas, e Ximins do Pegú a morte de seu cruel Soberano, vista a de El-Rei Massinga que lhe deveria succeder, e consideradas as grandes victorias, que Salvador Ribeiro de Sousa tinha alcançado, pareceu-lhes que, se o tivessem por seu Rei, e Senhor, ficariam amparados, e seguros, principalmente attrahidos da justiça, e rectidão, que elle usava para com todos. Communicaram

esta consideração a El-Rei de Tãngut, um dos pretendentes ao Throno de Pegú em razão de sua mulher ser irmã do immediato Rei morto. El-Rei de Tãngut não só approvou o parecer dos Senhores, e Capitães, mas desistindo do seu direito, e dando-o ao nosso Capitão, mandou a este um Veador da fazenda, principal pessoa no seu Reino, com 500 cavallos, e a Ola de ouro, que é uma folha ao modo da lamina d'aquelle metal, que pendia do sydate na testa do summo Sacerdote Hebreu, com a qual costumam coroar os Reis; trazia escripto o nome de El-Rei Massinga, para que coroando com ella o nosso Capitão, lhe dessem o nome do Principe, que matára, como dizendo que justa, e devidamente devia possuir dignidade Real aquelle que em descoberta, e boa guerra vencêra, e matára Reis, e lhes destroçára os exercitos, e como ricos despojos para perpetua gloria fosse chamado, e reconhecido pelo nome, que com admiravel valor, e esforço soubera ganhar.

Chegado o Veador de Tãngut, e juntos todos os Banhas, e Ximins em acto publico, e solemne, com estrondo de atabales, e todos os instrumentos musicos, que na terra se usam, pondo-lhe a Ola na cabeça, foi o nosso Salvador Ribeiro de Sousa acclamado Rei Massinga de Pegú, prostrando-se todos os que estavam presentes por terra, e fazendo os grandes cada um de per si uma zumbaya devida ao Rei, e foi d'ahi tratado, e obedecido como Soberano, usando do chapeu branco com o cayrel de ouro, insignia propria de Reis, com grande satisfação não só dos Pegús, mas ainda dos Monarchas visinhos, e pertendentes d'aquelle Reino. Mandou-lhe El-Rei de Ová com os parabens do Reino trez peças de damasco côr de laranja, o de Jangomá seis formosas rozas de ouro, e o de Prom certa iguaria, a que chamam lapára, propria só de Reis. Respondeu Salvador Ribeiro a cada um como convinha, offerecendo-lhe bôa amizade, e amor.

Postas as cousas de Pegú na quietação, e socego, que acabamos de referir, vendo-se Salvador Ribeiro venerado, e obedecido dos naturaes, como elles eram barbaros, e a terra estranha, e o Estado novamente adquirido pelas armas, pareceu-lhe necessario fortificar-se de maneira tal, que se os Pegús solicitados, ou ajudados dos visinhos intentassem rebellar-se, os podesse sujeitar pela força. Para effeito d'este intento, signalou um monte como cavalleiro na larga, e extensa campina, que fazia a praia do rio, N'este lugar, pouco distante do qual havia um poço mui abundante de boa agua, abriu os alicerces de uma boa fortaleza, que edificou quasi em fórma quadrada, e a cada esquina um baluarte; ao do Nordeste chamou S. Filippe; ao do Noroeste N. Senhora da Victoria; ao do Sudoeste S. Thiago; ao do Sueste Santa Cruz. Andavam na fabrica cada dia 5,000 homens de serviço, fóra a gente de armas, que pelas manhãs, e tardes trabalhava alegremente ajudada do Capitão. Estavam abertos os alicerces, e em boa altura os baluartes, quando chegaram áquelle porto trez galeotas, em que o Vice-Rei Aires de Saldanhá mandava 100 soldados com seus Capitães, e pedreiros, que Salvador Ribeiro por carta sua lhe requisitára; o qual foi o primeiro, e ultimo cabedal, que El-Rei de Portugal dispendeu com aquelle Reino em tempo de Ribeiro quando elle o tinha socegado, e em paz.

Filippe de Brito Nicote, de que já fallámos, que estava em Bengala em serviço do Mouro Rei do Arracão bem longe dos trabalhos, e perigos, que Salvador Ribeiro tinha passado, chegou n'aquelle tempo a Sirião em um navio com farol, e bandeira de Capitão mór! Foi este um dos mais sobidos toques de lealdade, e grandeza de animo, que tem succedido em muitos seculos: porque se não é novo pagarem-se com ingratidão na Nação Portugueza, os mais relevantes serviços, foi novo, querer á vista de tan-

tos exercitos vencidos, cujos Capitães principaes Salvador Ribeiro matou por suas mãos, honrar com o sangue que elle derramára, a Filippe de Brito, que seguro, e regalado, estava d'alli mais de 200 leguas sem entrar no Pegú todo o tempo da guerra, e agora que estava em paz, vir gozar do proveito, e honra alheia; não foi esta ingratidão, porque não digamos affronta, bastante para em Filippe de Brito chegando, o não sahir a receber o Massinga Rei, e pondo as Patentes sobre a cabeça, entregar-lhe a fortaleza, e Reino, de que estava em pacifica posse sem ajuda alguma do Estado, dizendo: «que era «vassallo de El-Rei de Portugal, e em consequencia se «não tudo o que ganhára, que com animo socegado, e «obediente entregava a quem seu Vice-Rei lhe mandava, «ainda que contra razão, e justiça.» Os soldados Portuguezes, Banhas, e Ximins não tomaram com tanta modestia aquelle negocio, antes procuraram persuadir ao Massinga Rei que gozasse do titulo, e terra, que com tanta honra, e valor alcançára por meio de extraordinarios perigos, não lhe consentindo deixar o chapeu branco, insignia de Reis, acompanhando-o, e servindo-o como a tal. Para se applacarem os irados animos d'aquelles homens, foi necessario a Salvador Ribeiro não sahir de casa senão poucas vezes, e a negocios precisos, apartando pouco a pouco de si a multidão, e concurso de gente, rogando-lhes que servissem, e respeitassem ao Capitão d'El-Rei seu Senhor. Como os naturaes respeitam a seus Principes quasi como se fossem Divinos, e chamavam a Salvador Ribeiro — Quiay Massinga — que significa — Deus da terra — conformaram-se com aquellas palavras por oraculo. N'este tempo, que era aquelle da monção para a India, veio a noticia de que Banca, Capitão affamado, ajuntára um poder de gente, com a qual impedia que passassem mercadorias para a nossa Cidade, acastellando-se na dezerta Pegú d'antes principal Capital da grande Monarchia d'sete

nome; e porque Filippe de Brito ficára quieto, e pacifico, quiz Salvador Ribeiro castigar aquelle bandoleiro, para o que embarcando 200 Portuguezes, e alguns Ximins, o foi procurar. Como aquella gente era de pouca importancia, e seu Capitão bem como os demais trazia sempre na memoria o nome de Massinga Rei, foi tal o temor, que se apoderou d'elles, que com facilidade desampararam a Cidade, não sem antes terem perdido muitas vidas.

Salvador Ribeiro entrou ainda uma vez triumfante na fortaleza, onde se demorou até ser tempo proprio de fazer viagem para a India. Os Banhas, e Ximins sabendo da partida, quizeram impedil-a com rogos, e lagrimas mui enternecidas. Porém Salvador Ribeiro rompeu por todos os inconvenientes, e deixou aquelle Reino, em que Deus o levantára ao cume da humana felicidade, regado com seu sangue, possuido de outro, com animo mais generoso do que se póde encarecer, em Março de 1603. —

1600 — A 4 de Abril deste anno sahiu de Lisboa o Vice-Rei da India Aires de Saldanha, o qual chegou a Gôa em Outubro seguinte. —

Nos principios de Janeiro d'este anno sahiram da India para Portugal seis náus, de que veio por chefe D. Jeronimo Coutinho, em a náu S. Roque, e outros Commandantes eram Diogo de Sousa, no S. Simão; Sebastião da Costa, na Conceição; João Paes Freire, na Senhora da Paz; João Soares Henriques, no S. Martinho; e D. Vasco da Gama, no S. Matheus, trazendo poderes para commandar a esquadra, em quanto não encontrasse o Chefe. Navegaram os navios desunidos, e a 25 de Abril avistou Diogo de Sousa a Ilha de Santa Helena, levando em sua conserva um bom caravelão, que encontrára em 16° de latitude, com destino do Rio da Prata para Angola; e hindo bus-

car o ancoradouro, que é defronte da Ermida, viu surtas duas náus Hollandezas, que vinham do Sunda, e havia cinco, ou seis dias, que alli esperavam por outras duas da sua conserva. Tanto que as conheceu, aprestou-se para o combate, e foi dar fundo um pouco afastado d'ellas, por ter falta de agua.

No momento de ancorar, chegou uma lancha Hollandeza, e pouco arredada, disse em Hespanhol, que o Chefe d'aquellas náus mandava dizer ao Commandante Portuguez, que logo lhe fosse fallar, e lhe entregasse a náu, senão o viria buscar. Diogo de Sousa mandou apontar uma peça para a lancha, e gritar-lhe que se chegasse mais perto, porque não a ouviam; mas os da lancha fizeram cea-voga, e retiraram-se.

Os Hollandezes começaram então a bater a náu com muito ardor, mataram-lhe dous homens, cortaram-lhe o mastro do traquete, e causaram-lhe muitas outras avarias. A equipagem do S. Simão, vendo semelhante destroço em pouco tempo, desanimou-se; e muitos homens, desampararam os póstos, corrêram á borda da náu da parte d'onde estava o caravelão, para se passarem a elle, e fazer-se á véla, por ser embarcação mui ligeira. Porém Diogo de Souza fel-os mudar de proposito, ora affrontando-os de palavras, ora persuadindo-os a defenderem-se como verdadeiros Portuguezes, affirmando, que para vencer aquellas duas náus bastava a sua. Com effeito a sua artilheria, sendo bem servida, matou muita gente aos inimigos, e fez-lhe taes avarias, que os obrigou a largarem as amarras por mão, e a fugirem.

Depois d'esta victoria, os Portuguezes desembarcaram, aproveitaram para a sua aguada as pipas que os Hollandezes tinham deixado em terra, e concertaram a

sua náu; e a trinta e cinco dias depois da acção, surgiu na Ilha a náu Senhora da Paz; aos 3 de Maio a Conceição, e a 16 o S. Roque com o chefe da esquadra D. Jeronimo Coutinho. N'este mesmo dia apparecêram as outras duas náus Hollandezas, que as que fugiram esperavam, e hindo demandar o surgidouro, como viram a esquadra Portugueza, foram ancorar na ponta da Ilha: D. Jeronimo preparou-se para as hir atacar em o vento lhe dando lugar. O Commandante das náus Hollandezas, vendo que não havia agua na ponta da Ilha, onde estava, mandou uma carta a Coutinho, em que lhe pedia licença para fazer aguada nas suas lanchas. D. Jeronimo respondeu-lhe, que fossem ancorar junto d'elle, e alli fariam aguada á sua vontade.

Os Hollandezes, não quizeram mover-se, e ficaram alli mais cinco dias; mas a 21 de Maio chegou D. Vasco da Gama com a náu S. Matheus, e a tiros de peça fez desamarrar os Hollandezes, que de noute se fizeram á véla, e desapparecêram. D. Jeronimo apressou a aguada do S. Matheus, e sahiu com a sua esquadra a ver se podia alcançar os inimigos; mas não o podendo conseguir, navegou para Portugal, onde chegou a salvamento. —

1601 — N'este anno partiram da Hollanda trez esquadras para a India. Duas d'ellas, compostas de 11 navios, e dous hiates, sahiram a 22 de Abril, e a 20 de Agosto chegaram á altura do Cabo da Boa Esperança, havendo-se separado na viagem. A terceira esquadra, composta de 2 navios, e um hiate, partiu da Hollanda a 5 de Maio, e só a 28 de Novembro é que reconheceu o Cabo da Boa Esperança. —

A 25 de Dezembro d'este mesmo anno, sahiu de Gôa para Lisboa Antonio de Mello e Castro no galeão S. Tiago

com perto de 300 homens, entre marinheiros, soldados, e escravos; e além d'estes vinham 30 fidalgos, e pessoas pobres. Vendo Antonio de Mello, que o galeão governava mal, e que isso poderia ser motivado pela espantosa carga que trazia, ordenou, com o parecer dos Officiaes, que se lhe alijasse ao mar o que fosse indispensavel para ficar mais boiante; assim se fez, obrigando-se todos ás perdas do alijado, por ser pertencente a marinheiros, e a grumétes. Navegando na volta de Moçambique, na forma do seu regimento, não o poude tomar, por ser o vento contrario a isso, e bom para seguir viagem. A 25 de Fevereiro de 1602 passaram o Cabo da Boa Esperança.

A 14 de Março avistaram a Ilha de Santa Helena, e hindo buscal-a para o Norte, descobriram a ponta do Esparavel, e logo ancoradas no porto trez náus Hollandezas mui bem guarnecidas de gente, e de artilheria. Antonio de Mello, ainda que alguns lhe aconselhavam a retirada, considerando quanto o seu galeão era máu de véla, e o animo que semelhante manobra daria aos inimigos, resolveu-se a hir buscar o ancoradouro. O Commandante Hollandez quando viu vir o galeão demandar o Esparavel, cuidou que o queria encalhar, e queimar-se, como fizera na Ilha das Flores a náu Santa Cruz, acossada dos Inglezes. Em consequencia expediu logo uma lancha com um trombeta a fallar aos nossos, e foi-se entretanto fazendo de véla com a sua náu, e mais outra, deixando a terceira no ancoradouro. A lancha fallou, sem se perceber o que dizia, e retirou-se logo, porque isto era artificio para entreter o galeão, que foi fundear no Esparavel, onde ao mesmo tempo surgiram as duas náus Hollandezas, que forçando a véla, haviam ganhado o barlavento. Simão Peres, Mestre do galeão, bradou a Antonio de Mello, que não consentisse os inimigos n'aquelle lugar. Antonio de Mello mandou-lhes fazer um tiro, a que elles responderam com toda a sua ar-

tilheria, e assim se travou uma furiosa batalha a tiro de arcabuz, e de canhão, que durou até á noute, havendo grande perca de vidas de parte a parte.

Chegada a noute, os nossos deitaram os mortos ao mar, curaram os feridos, e reformaram o apparelho, que estava espedaçado. Parecendo a Antonio de Mello, que os Hollandezes tinham n'aquelle sitio muita vantagem, e que no mar largo, se estivesse agitado, seriam obrigados a fechar a primeira bateria, que era a mais importante, e elle poderia aproveitar-se da sua artilheria d'um, e outro lado, o que lhe era impossivel estando surto, determinou fazer-se á véla; e dando d'isto parte a algumas pessoas, julgaram a resolução acertada, sendo tambem esta a opinião do Mestre. Rendido o quarto da prima, desamarrou-se o galeão; e como os Hollandezes logo que anoiteceu, voltaram para o porto, com receio de que os nossos os abordassem de noute, vendo vir o galeão em direitura a elles, aláram para terra com tanta presteza, que ficaram por seu barlavento, e não poude Antonio de Mello abordal-os, como desejava, e lhe foi forçoso seguir viagem.

As náus Hollandezas, fazendo-se então de véla, em breves horas o alcançaram, e travou-se segundo combate, que tambem durou até ser noute. Durante esta deitaram-se os mortos ao mar, e preparou-se tudo o melhor que foi possivel. Antonio de Mello, percebendo que não podia ter vantagem, senão abordando os inimigos, mandou ao amanhecer içar uma bandeira encarnada, que n'aquelles tempos significava um desafio para abordagem. Os Hollandezes mostraram a principio acceitar o desafio, porém mudaram de projecto, e continuaram a bater o galeão com a sua artilheria, matando, e ferindo algumas pessoas, e recebendo tambem algum damno. A este tempo achava-se já o galeão sem governo, a mastreação arruinada, sem panno,

nem cabos, e as bombas entupidas, por se haver arrombado um paiol de pimenta, a qual correu para a arcada da bomba. Então a maior parte da gente se deu por perdida, e muitos foram representar ao Capitão, que o galeão hia a pique, e que era necessario render-se para salvarem as vidas. Mello ainda conseguiu serenar-lhes os animos, lembrando-lhes que eram Portuguezes, a quem a morte nunca fez esquecer a honra, e todos elles voltaram a seus póstos. Não tardou muito, porém, que novo sussurro se levantasse entre a gente, de que o galeão hia ao fundo; e com grande motim tornaram novamente ao Commandante, a requerer-lhe que se quizesse entregar. Chegou n'este momento o Mestre, que vinha do porão, e fallando ao ouvido de Antonio de Mello, pareceu aos que estavam presentes ouvir-lhe dizer, que o galeão hia a pique, e responder-lhe o Capitão: *Pois ajudal-o a hir*; ao que o Mestre lhe tornou: *Logo v. mercê quer morrer? Pois se isso quer, tambem eu morrerei com elle.*

A isto bradou quasi toda a gente: *Se vossas mercês querem morrer, nós queremos salvar as vidas; já que não aproveita peleijar, nem ha remedio de defensa.* E logo desobedecendo ás vozes, e diligencias do Commandante, corrêram a içar uma bandeira branca, a cuja vista cessaram os Hollandezes o fogo, e vieram a bordo nos seus escaleres. O Commandante Hollandez tendo entrado na camara, onde Antonio de Mello se achava com algumas pessoas, que nunca o desampararam, o cumprimentou, promettendo-lhe em nome da sua Republica toda a fazenda, que fosse sua; e que lhe entregasse os papeis, e pedraria que trazia; ao que o benemerito Capitão respondeu: «Esse par-«tido fazei vós com os que vos entregaram o galeão, e vos «chamaram, e deixaram entrar, que eu não hei-de mis-«ter mercês vossas, nem da vossa Republica, que tenho «Rei para m'as fazer: nem eu tenho para vos entregar

« nada, pois me não dou por vencido, senão quando vós « me abordardes, e renderes pelas armas. » O Hollandez voltou colerico para os seus navios, d'onde tornou a vir com gente armada. Neste meio tempo, lançou Antonio de Mello as vias, livro de carga, e pedrarias ao mar, respondendo aos que lhe observavam o perigo a que se expunha: « Que perecesse embora a sua vida, e não perecesse « um ponto da sua obrigação, nem permittisse Deus, que « os inimigos soubessem os segredos de El-Rei. »

O Commandante Hollandez resentiu-se muito d'isto, e mandou passar para bórdo da sua náu a Antonio de Mello, e a seu filho Francisco de Mello, com outras pessoas principaes. Os Portuguezes, e Hollandezes trabalharam toda aquella noute, e parte do dia seguinte, em reparar os estragos do galeão, mas não lhes foi possivel evitar, que elle fosse a pique, tendo antes d'isso sido recolhidos a bórdo das náus inimigas, aquelles dos nossos que ainda conservavam algum objecto de preço, para entregar aos vencedores. O Commandante Hollandez mandou depois navegar para a Ilha de Fernando de Noronha, e tendo alli chegado ao cabo de 22 dias de viagem, lançou em terra todos os nossos, sem lhes conceder cousa alguma que os abrigasse. Entrados os Portuguezes na Ilha, fez-se resenha da gente, e achou-se que nos combates, e successos que se lhes seguiram haviam morrido 40 homens. Todos os moradores da Ilha se reduziam n'aquelle tempo a um Feitor Portuguez, e 13 escravos. Padeceram aqui os nossos grandes fomes, e tanto isto como a falta de abrigo e má qualidade das aguas, e dos alimentos causaram-lhes doenças graves.

Os Hollandezes demoraram-se na Ilha alguns dias, e a final partiram para a Hollanda, levando comsigo toda a carga que poderam salvar do galeão. Antonio de Mello, e a gente que poude resistir ás privações soffridas na re-

ferida Ilha, ainda conseguiram vir para Portugal, no anno de 1603.

1604 — D. Martim Affonso de Castro, foi nomeado n'este Anno Vice-Rei da India. Sahiu de Lisboa a 28 de Abril, e tendo-se visto obrigado a invernar em Moçambique, chegou a Gôa no anno seguinte.

1607 — Já fizémos menção de algumas das esquadras, que a Republica Hollandeza mandou á Asia contra os Portuguezes, desde o anno de 1598 até 1601. Diremos agora que desde 1601 até 1607, sahiram da Hollanda para a India 4 esquadras compostas de 44 embarcações de alto bórdo.

1608 — Sendo nomeado para Vice-Rei da India o Conde da Feira D. João Pereira, sahiu de Lisboa a 29 de Março; mas tendo fallecido na viagem, no dia 15 de Maio veio logo o seu corpo para Portugal. El-Rei nomeou immediatamente para o mesmo cargo a Ruy Lourenço de Távora, e este partiu de Lisboa a 24 de Outubro, e chegou a Gôa em Setembro do anno seguinte.

1615 — Concluiu-se n'este anno a conquista do Maranhão; conquista da mais alta importancia para Portugal, e na qual os meios empregados para a obter, foram desproporcionados á empreza. Para se avaliar este extraordinario acontecimento é preciso tomar as cousas de longe.

Um celebre Rifault, que na qualidade de armador Francez frequentava muito as Costas do Norte do Brazil, tendo travado amizade com os Indios naturaes, pareceu-lhe facil fundar um estabelecimento n'aquelles Paizes; e havendo-se associado com outras pessoas, voltou de França em 14 de Maio de 1594 com trez navios bem armados; mas

sendo acossado por muito máu tempo, arribou á Ilha do Maranhão, onde foi bem recebido dos Indios seus habitantes. Resolvido a fixar alli a sua residencia, deixou em terra a Mr. Des-Vaux com alguma gente, e tornou a França para haver as cousas necessarias ao estabelecimento projectado.

Como a Côrte de Pariz deixasse de favorecer com meios efficazes este principio de conquista, decidiram-se os Portuguezes a penetrar no Maranhão no anno de 1603, sendo Governador do Brazil Diogo Botelho. O chefe d'esta expedição foi Pedro Coelho de Sousa, que levou á sua custa 80 Portuguezes, e 800 Indios armados, em duas caravelas, auxiliado pelo Sargento mór do Estado Diogo de Campos Moreno, Official do maior merecimento. Esta expedição não produziu resultado algum favoravel.

D. Diogo de Campos partiu para Hespanha em 1604, encarregado de expôr aos Ministros d'aquella Monarchia, o critico estado em que se achavam a Bahia, e Pernambuco, ameaçadas das esquadras Hollandezas; e a importancia da conquista do Maranhão; porém obteve só meia satisfação á sua mensagem, pois que nenhuma resolução se tomou ácerca do Maranhão.

D. Diogo de Menezes, que em 1608 succedeu no Governo do Brazil a Diogo Botelho, alcançou da Côrte de Madrid uma Carta Regia para tirar ulteriores informações do Maranhão, e do melhor modo de emprehender a sua conquista. Consequentemente, mandou em 1611 a Diogo de Campos ao Rio Grande do Norte, onde tinha intelligencias com os Indios, por via de seu sobrinho Martim Soares Moreno, que alli residia; e com sua informação, toda favoravel á conquista do Maranhão, resolveu-se D. Diogo de Menezes a participal-o assim á Côrte de Madrid e mesmo

a dar-lhe principio, nomeando logo ao proprio Martim Soares para Commandante do Seará, com ordem de construir um forte, e uma Igreja, a fim de domesticar os Indios, com os quaes tinha ganho grande reputação. Chegado ao Seará, proporcionou-se-lhe a occasião de atacar um navio Hollandez, e de o tomar á testa dos seus Indios; morreram na acção 42 Hollandezes, e acharam-se no navio muitas munições de boca, e de guerra, e artilheria. Martim Soares expulsou ainda outro navio da mesma Nação do porto de Mucuripe, matando-lhe alguns homens; e este navio naufragou depois na Costa, perdendo-se o resto da gente. Como porém faltassem os soccorros de Pernambuco, por haver passado D. Diogo de Menezes a assistir na Bahia, não poude esta Colonia nascente prosperar.

Gaspar de Sousa foi n'esta occasião nomeado Governador do Brazil, recebendo ordem d'El-Rei para proseguir o negocio do Maranhão, por cuja razão mandou logo um reforço a Martim Soares, e nomeou para General da referida conquista a Jeronimo de Albuquerque, residente em Pernambuco, por ser mui pratico nos costumes, e linguagem dos Indios. Albuquerque sahiu de Pernambuco em 1613; e chegando ao Seará levou comsigo Martim Soares, que se lhe offereceu para reconhecer a Costa até ao Maranhão, e voltar com a possivel brevidade. Apenas Martim Soares partiu para este reconhecimento, foi Jeronimo de Albuquerque ao Rio Camuri, e não achando por alli terreno conveniente para formar uma povoação, voltou oito leguas atraz á Bahia das Tartarugas, onde construiu um forte com o nome de N. Senhora do Rozario, no qual deixou um seu sobrinho com 40 soldados; depois marchou por terra para o Seará com o resto da sua gente, ordenando aos barcos de transporte que se dirigissem a Pernambuco ao longo da Costa, como elle depois fez, concluindo-se com isto a campanha d'este anno, o que não satisfez o Governador Gaspar de Sousa.

Como constasse a El-Rei que os Hollandezes se armavam para o Brazil, a 8 de Abril de 1614 partiu de Lisboa para Pernambuco Diogo de Campos embarcado em uma urca, levando duas peças de artilheria, algumas armas, e munições, e 50 soldados. Chegou ao Recife a 26 de Maio; achou uma sumaca prompta com alguma farinha de mandioca para o forte das Tartarugas, cuja guarnição estava ha trez mezes a comer hervas do campo, e soube que os Indios d'aquelle Paiz haviam assaltado o dito forte em numero de 300, em que foram derrotados, fazendo depois as pazes. Como a sumaca não sahia por falta de gente, embarcaram-se n'ella 14 soldados dos chegados de Portugal, e 16 Hespanhoes que alli haviam arribado; e assim partiu, levando simplesmente dous arrateis de polvora. A sumaca chegou a 9 de Junho ás Tartarugas, e a 12 appareceu n'aquella Bahia um navio Francez com 300 homens, que conduzia para o Maranhão; e querendo destruir aquelle nosso estabelecimento, desembarcaram 100 homens, de que os Portuguezes mataram um, feriram 7, e obrigaram os outros a retirar-se: morreu um Portuguez, e tivemos 4 feridos.

Gaspar de Sousa, tardando-lhe noticias de Martim Soares, que havia perto de um anno, que partira a fazer o reconhecimento do Maranhão, e querendo continuar os preliminares da conquista, nomeou novamente para General da expedição a Jeronimo de Albuquerque, e por ordem expressa d'El-Rei deu-lhe por collega *com voto igual em todas as cousas* a Diogo de Campos Moreno. Albuquerque sahiu a 22 de Junho para a Parahiba com algumas sumacas, levando as munições necessarias para organisar um corpo de Indios, do que elle tractou com grande actividade. Achava-se Diogo de Campos em Pernambuco apressando o resto da expedição, quando a 24 de Julho chegou aviso de Lisboa, de que o Capitão Martim Soares ha-

via reconhecido a Ilha do Maranhão, e achára os Francezes bem estabelecidos, e fortificados, e com infinitos Indios do seu partido; e que não podendo voltar a Pernambuco por causa de ventos contrarios, arribára ás Indias de Castella, d'onde passára a Sevilha; e mandava o piloto Simão Martins, e alguns soldados dos que o acompanharam, para darem as precisas informações. Gaspar de Sousa cuidou então em aprestar os navios, e gente que devia hir na expedição, formando quatro companhias de 60 homens cada uma, incluindo os soldados que haviam hido com Jeronimo de Albuquerque: formou tambem em separado uma companhia de aventureiros, que se offereceram para a mencionada empreza.

Isto feito, sahiu de Pernambuco Diogo de Campos a 23 de Agosto de 1614 com dous navios mercantes, uma caravela, e 5 sumacas, levando 100 Portuguezes, entre soldados, e marinheiros, que unidos aos que tinha Jeronimo de Albuquerque no Rio Grande, faziam 300 homens, além dos Indios. Os petrechos de guerra consistiam em trez canhões, 200 balas de artilheria, 20 quintaes de polvora, e os mosquetes, arcabuzes, chumbo, e morrão que havia em reserva. Os navios ancoraram no mesmo dia da sahida no porto dos Francezes. Sahiram d'aqui no dia 24, e correndo a Costa, deram fundo na Ponta Negra a 25.

A 26 veio por terra Jeronimo de Albuquerque a conferenciar com Diogo de Campos, e assentaram que na maré da tarde entrassem no Rio Grande a caravela, e as sumacas, o que assim se fez, hindo n'ellas Diogo de Campos para aprompiar espias, e reboques, com que na maré da tarde do dia seguinte metteram dentro os dous navios redondos, apezar de um Sueste rijo. Jeronimo de Albuquerque estava determinado a marchar por terra com os Indios, e alguns Portuguezes, mas cedeu ás razões de Dio-

go de Campos, e embarcados todos se fizeram á véla na manhã de 3 de Setembro. Porém tocando á sahida uma das embarcações, deram todas fundo. Tornaram a sahir felizmente na manhã de 5, e na de 7 foram fundear na Bahia de Iguape. Tendo levantado d'aqui no dia seguinte, foram ancorar trez leguas mais adiante na povoação do Seará, onde se demoraram por causa dos Indios, que Jeronimo de Albuquerque esperava se lhe reuniriam; e afinal obteve 20 frecheiros, deixando mais de 40 dos que trazia. Concordou-se em que a esquadra, com as tropas Portuguezas, fosse ao Paramirí, onde diziam que seria vantajoso esperar os Indios, hindo até lá por terra Jeronimo de Albuquerque com todos os seus. Em consequencia do que partiu Diogo de Campos no dia 17, e navegando a pouca véla, surgiu no Paramirí pelas duas horas da tarde. A tropa desembarcou logo, e alojou-se em forma. Jeronimo de Albuquerque chegou a 24, e no outro dia subiu Diogo de Campos em uma lancha armada pelo Rio Curú mais de 5 leguas, para o reconhecer. A 29, estando todos embarcados, sahiu a esquadra, e no dia seguinte foi ancorar no Bahia das Tartarugas. Gastou-se o dia em desembarcar a gente, e fazer alojamento, deixando-se alguns soldados a bórdo, por ser esta Bahia mui frequentada de corsarios.

A 5 de Outubro passou-se mostra geral: acharam-se 220 soldados promptos, e 20 doentes, 60 marinheiros, e 200 frecheiros Indios. A 12 do mesmo mez partio a esquadra com toda a gente na direcção do porto de Pereá, e fundeou alli pelas dez horas da noute, desembarcando logo toda a tropa.

Em quanto se passavam os acontecimentos, que deixâmos referidos, não cessavam os Francezes de promover os seus interesses. Mr. Des-Vaux passou a França em 1610, para expor á sua Côrte as favoraveis circumstancias em que

estavam as cousas do Maranhão, para se crear uma florecente Colonia. Em consequencia d'esta exposição, sahiram trez navios do porto de Cancale a 19 de Março de 1612, constando a sua guarnição de 500 homens, entre soldados e marinheiros: esta expedição surgiu na enseada das Tartarugas a 12 de Julho. A 24 continuaram a sua navegação, e tendo a 26 embocado a barra do Pereá, deram fundo defronte da Ilha, a que chamaram de Santa Anna distante 12 leguas da Ilha do Maranhão. Achavam-se no mesmo ancoradouro dous navios Francezes de Dieppe, e em outro porto mais trez da mesma Nação. Os Francezes contrahiram amizade com os indigenas, e com o seu favor estabelecèram-se pacificamente no Maranhão. Construiram um bom forte guarnecido de 20 peças, a que deram o nome de S. Luiz, e d'alli proseguiram a communicar-se com os Indios do Continente.

Estabelecidos os Portuguezes no Pereá, Jeronimo de Albuquerque, como estivesse descontente com o local, mandou uma lancha com o Alferes Estevam de Campos, a reconhecer a Ilha do Maranhão. Esta lancha voltou quatro dias depois, dando por noticias haver descoberto um sitio bem defronte d'aquella Ilha, abundante de agua, com excellentes terras para cultura; e que não se encontrára embarcação alguma Franceza. Resolveu-se Jeronimo de Albuquerque a hir occupar aquella posição, em despeito das razões em contrario, que lhe dava Diogo de Campos. A 22 sahiram todos os navios do Pereá; e chegando no dia 26 a um sitio chamado Guaxinduba, quasi trez leguas distantes do Rio Moní, e franteiro á Ilha do Maranhão, escolheu-se alli um local conveniente, onde se traçou um hexagno, a que se deu o nome de forte de Santa Maria, e começou logo a trabalhar na sua construcção, e na descarga dos navios. A 30 de madrugada saltearam os Indios inimigos a umas Indias do campo, que andavam pelas

praias, das quaes mataram 4, e mais um Indio, que acudiu aos seus gritos, captivaram outras, e algumas crianças; porém sobrevindo os Portuguezes, foi tomada a canôa, e presos os que a conduziam. Soube-se por confissão de um d'estes presioneiros, que na Ilha haviam muitos Francezes, os quaes tinham muitos fortes com artilheria, e muitos navios, e que em breve viriam atacar os Portuguezes, cujo signal seria apparecerem no dia seguinte duas embarcações ao longo da Ilha.

A 2 de Novembro viram-se com effeito duas lanchas Francezas, uma das quaes veio reconhecer os navios, e o forte. A 10 tomou-se uma canôa, que vinha reconhecer o campo, e um dos Indios confessou, que os Francezes deviam n'aquella noite assaltar os navios Portuguezes. Diogo de Campos quiz logo embarcar-se com alguns soldados, para os defender, porém Jeronimo de Albuquerque não lh'o consentiu. Antes das 4 horas da madrugada do dia seguinte vieram os Francezes ao favor da maré, e do escuro, sem serem sentidos dos nossos marinheiros, que estavam a bórdo, a pezar d'estes se acharem avizados; mas do forte os enxergaram, e lhes fizeram fogo. Os nossos marinheiros salvaram-se a nado quando se viram accommettidos dos Francezes, os quaes tomaram a caravela, um patacho, e um barco: os outros trez navios escaparam abrigados pela artilheria do forte.

Ao amanhecer do dia 19 appareceu o mar coalhado de embarcações, que á véla, e a remos vinham demandando a terra: era a esquadra de Mr. Ravardiere, que se compunha de 7 navios redondos com 400 soldados Francezes, e 50 canôas grandes com mais de 2,000 Indios frecheiros. Mr. Ravardiere ficou a bórdo dos navios com 200 Francezes, e mandou um outro Chefe com os outros 200, e todos os Indios. Desembarcaram os Francezes na preamar

ao pé de um outeiro, situado proximo ao mar, e a tiro de peça do forte, junto ao qual corria um regato, de que os Portuguezes bebiam; e dividindo-se em dous corpos, marchou o da vanguarda a ganhar o monte, começando-se logo a fortificar n'elle, e estendendo uma trincheira para a banda da praia, onde as canôas estavam postadas, a fim de conservar a sua communicação com a marinha, e cortar a agua aos nossos. Diogo de Campos, que sahira com alguns soldados a observar os movimentos dos inimigos, travou com elles uma escaramuça para os entreter, na qual morrêram dous Francezes, e um Portuguez; e tendo examinado as suas disposições, correu ao forte, e disse a D. Jeronimo, que lhe parecia acertado, que sem perda de tempo marchasse com metade dos Portuguezes, e alguns Indios a atacar o monte, antes que os inimigos o fortificassem; e que elle faria o mesmo pela praia com o resto da gente. D. Jeronimo tendo achado justa, e razoavel esta proposição de Diogo de Campos, partiu com este a accometter os inimigos, da maneira proposta, colhendo em resultado uma completa victoria, por isso que não só os desalojou do monte que occupavam, como até lhe cortou os meios de se poderem retirar, queimando-lhes as canôas que se achavam abicadas á praia. Sepultaram-se no campo da batalha 115 Francezes, em que entraram 30 Officiaes, e pessoas de distincção; e ficaram 8 prizioneiros, fugindo os restantes para os matos com os Indios escapos. Dos Indios foi grande a mortandade. Os despojos consistiram em muitas armas, munições, e alguns víveres.

A 21 mandou Ravardiere uma carta a Jeronimo d'Albuquerque, que produziu entre elles uma correspondencia, á qual se seguiu uma Convenção entre os dous Generaes, assignada no dia 27 de Novembro, cujos principaes artigos eram: « Que d'aquelle dia em diante até ao fim de De« zembro do anno seguinte de 1615 haveria suspensão de

« hostilidades entre ambas as Nações. Que cada um dos
« dous Generaes mandaria um Official a Pariz, outro a
« Madrid, para se resolver a quem pertenciam as terras
« do Maranhão: Que em quanto não chegasse a resposta
« definitiva, não poderiam os Portuguezes, nem os Fran-
« cezes passar para as terras uns dos outros, sem Passa-
« portes dos seus respectivos Generaes: Que logo que che-
« gasse a resolução das duas Côrtes, a Nação que houvesse
« de abandonar o Paiz, o faria dentro em trez mezes:
« Que os prisioneiros, tanto Europeos, como Indios, se-
« riam logo restituidos de parte a parte, sem resgate: Que
« a esquadra Franceza se retiraria immediatamente para
« a Ilha de S. Luiz, deixando o mar livre aos Portugue-
« zes; e no caso, que estes, ou os Francezes recebessem
« alguns soccorros, esta convenção ficaria sempre em plemno
« vigor, sem se poder alterar por motivo algum.» Assignaram a Convenção, pela parte dos Portuguezes Jeronimo de Albuquerque, e Diogo de Campos Moreno; e pela parte dos Francezes; o General Ravardiere.

Mr. de Ravardiere tendo visitado a Jeronimo de Albuquerque, por quem foi recebido com todas as honras militares, fez-se de véla para o Maranhão com a sua esquadra, salvando na passagem ao nosso forte, que lhe respondeu com igual cortezia. Jeronimo de Albuquerque não tendo á sua disposição uma embarcação capaz de mandar a Portugal, comprou aos Francezes, por 500 cruzados, a caravela, que elles nos haviam aprezado; e guarnecida com duas peças de artilheria, que elles deram, e alguns marinheiros Portuguezes, sahiu n'ella para Lisboa Diogo de Campos, com o Capitão Francez Malhart, no fim de Dezembro.

Assim ficaram suspensos os negocios do Maranhão até meado do anno seguinte de 1615, em que Jeronimo

de Albuquerque, tendo recebido reforços de Portugal, Bahia, e Pernambuco, significou ao General Ravardiere, que recebêra ordens do seu Soberano para occupar o Maranhão, por serem todos aquelles Paizes do patrimonio da Corôa Portugueza. Em virtude de uma nova Convenção occupou Jeronimo de Albuquerque o forte de Itaparí no dia 31 de Julho, obrigando-se o General Francez a evacoar a Colonia no espaço de 5 mezes, dando-lhe os Portuguezes as embarcações de transporte necessarias, e pagando-lhe o valor da artilheria, que deixasse nos fortes.

Diogo de Campos, chegando a Portugal no mez de Março d'este anno, persuadiu o Governo do Reino a enviar tropas para se concluir a conquista do Maranhão, e fazer a do Pará, e partiu em pessoa para Pernambuco com seu sobrinho Martim Soares, conduzindo um importante reforço. Chegado alli, foi nomeado General d'esta ultima expedição Alexandre de Moura, que sahiu do Recife a 15 de Outubro de 1615, com sete navios redondos, uma sumaca, e uma caravela, armados todos em guerra. Hia por Almirante Diogo de Campos Moreno. Embarcaram n'esta esquadra 900 soldados escolhidos. Alexandre de Moura chegou com feliz viagem á Bahia de S. José, onde Jeronimo de Albuquerque lhe entregou o governo do Campo; e por ordem do novo General cercou por terra o forte de S. Luiz, onde se achavam reunidos os Francezes; e a esquadra o bloqueou por mar. O General Ravardiere capitulou a 3 de Novembro, entregando a Colonia com toda a artilheria, e munições, sem indemnisação alguma, e dos seus proprios navios se lhe deram trez para o transportar á Europa, e aos seus soldados em numero de 400.

Logo que Alexandre de Moura concluiu este negocio, nomeou a Francisco Caldeira de Castello Branco para General do descobrimento, e conquista do Pará, dando-lhe

200 soldados, com um patacho, uma sumaca, e uma lancha grande. Partiu Francisco Caldeira em Novembro do mesmo anno, e entrando pela barra do Seperará, navegou pelo rio acima, desembarcou a 3 de Dezembro, e escolheu o sitio que melhor lhe pareceu para fundar uma Povoação, a que chamou Nossa Senhora de Belem, e deu á sua Conquista o nome de Grão Pará. Esta Povoação passou depois a ser Capital da Provincia. —

1616 — A 25 de Março d'este anno, sahiram trez náus de Lisboa para a India, commandadas em Chefe por D. Manuel de Menezes, embarcado na S. Julião. Menezes, seguindo só a sua viagem pelo Canal de Moçambique, por isso que uma das ditas náus arribára a Lisboa com agua aberta, e a outra se separára d'elle na Costa de Guiné, avistou na madrugada de 16 de Junho quatro grandes navios, que traziam a mesma derrota : era uma esquadra sahida da Hollanda em Fevereiro do anno antecedente. Ao meio dia chegou á falla um dos ditos navios Hollandezes, e perguntando d'onde vinha aquella náu, respondeu-lhe D. Manuel, que do mar. Seguiu-se depois uma contestação, que D. Manuel terminou, atirando-lhe 7 tiros, que lhe fizeram 6 rombos, e feriram muitos homens. O navio Hollandez respondeu ao fogo, e foi reunir-se ao seu Almirante, que pelas 3 horas da tarde veio a tiro de pistola da náu S. Julião. Travou-se depois um furioso combate, no principio do qual uma bala de artilheria partiu pelo meio ao Almirante Hollandez. Succedeu-lhe o seu immediato no commando do navio, que depois de meia hora de combate, se retirou do fogo , fazendo signal de chamar a conselho.

D. Manuel continuou a sua viagem, e como era já noute, accendeu farol aos Hollandezes, que o seguiram, e foi fundear na Ilha de Mohilia, ancorando os inimigos

perto d'elle. Tendo reparado do modo possivel as avarias da sua náu, fez-se de véla na tarde seguinte, e após d'elle os Hollandezes, em seu seguimento. Ao amanhecer travou-se segundo combate, e em breve espaço de tempo o novo Almirante recebeu uma ferida mortal. Durou esta desigual batalha até ás trez horas da tarde, que achando-se a náu S. Julião desmastreada, e só com um pedaço de cevadeira, se dirigiu para a Ilha do Comoro, que lhe ficava proxima. Os Hollandezes mandaram propor a D. Manuel, que se rendesse, e seria tratado com todo o respeito, que lhe era devido; o que elle não acceitou. Passado pouco tempo foi a náu lançada pelo vento entre dous penhascos, onde os Portuguezes desembarcaram em numero de quasi 600 pessoas, pondo fogo ao navio. Alguns dias depois vieram a Comoro dous pangaios, nos quaes vinha um nobre Mouro de Pate, por nome Chande, e por sua mediação, e presentes de pannos que fez ao Regulo d'aquella paragem, libertou a D. Manuel, e a todos os Portuguezes. —

1617 — N'este anno foi nomeado Vice-Rei da India o Conde do Redondo D. João Coutinho, o qual partiu de Lisboa a 21 de Abril, e chegou a Gôa em Novembro do referido anno, hindo succeder a D. Jeronimo de Azevedo, que estando n'aquelle Estado fôra provido no dito cargo em Dezembro de 1612. —

1618 — Resolvido El-Rei a mandar fazer um reconhecimento exacto do Estreito de *le Maire*, e tambem do de Magalhães, de que se não possuia uma descripção, que inspirasse confiança, nomeou para esta empreza ao Capitão Bartholomeu Garcia de Nodal, intrepido Gallego, que já contava 28 annos de bons serviços *na* Marinha Real. Propoz este para seu segundo, a seu irmão o Capitão Gonçalo de Nodal, não menos pratico, e antigo no serviço da Armada; o que El-Rei approvou. Para se levar a ef-

feito esta empreza, construiram-se duas caravelas do porto de 80 toneladas, metteram-se-lhes víveres para 10 mezes, armando-se cada uma com 4 canhões, 4 pedreiros, 30 mosquetes, 20 piques, e as munições necessarias. Constava a equipagem de cada uma de 40 marinheiros todos Portuguezes, sem levarem soldado algum, aos quaes se pagaram 10 mezes do soldo adiantados.

A 27 de Setembro d'este anno de 1618 sahiu de Lisboa Bartholomeu Garcia com as duas caravelas. A 17 de Janeiro de 1619 amanhecêram com o Cabo das Virgens, pela bôca do Estreito de Magalhães, e tendo dado fundo em meia Bahia, seguiram no dia seguinte para o Sul, reconhecendo, e marcando todos os pontos notaveis da terra do Fogo; e n'ella descobriram o Canal, a que chamaram de S. Sebastião, que se communica com o referido Estreito de Magalhães. A 22 entraram no Estreito de le *Maire*, a que puzeram o nome de S. Vicente, e por elle continuaram para o Sul. No dia 5 de Fevereiro viram o Cabo de Horn, em distancia de 5 leguas, e lhe deram o nome de Santo Ildefonso. Continuando a sua derrota ao Sul, descobriram no dia 10 a Ilha de Diogo Ramires. A 18 navegaram a rodear a terra do Fogo pela parte do Oeste, para entrarem no Estreito de Magalhães pelo mar do Sul; e no dia 25 reconheceram o Cabo Desejado, e os quatro Evangelistas, e embocaram o Estreito com vento Oeste mui forte. D'alli foram registàndo todos os Portos, e Bahias do Estreito, ancorando muitas vezes; até que no dia 12 de Março sahiram pela banda de leste, e deram fundo no Cabo das Virgens.

A 13 seguiram derrota para a Europa, e a 23 de Junho, estando já em mais de 38° de latitude Norte, avistaram sobre a tarde trez Corsarios Francezes, que os seguiam; e na madrugada seguinte veio um d'elles buscar

as caravelas, que pondo-se em traquetes, o esperaram. Pelas 8 horas chegou perto o Corsario, com joanetes largos, e içou bandeira Hespanhola, tocando um tambor, e uma trombeta; e pondo-se á falla, largou bandeira Franceza, e mandou amainar por El-Rei de França. Responderam-lhe os nossos, que estavam amainados, e que abordasse, porque as caravelas vinham do Brazil com carga de assucar. Disparou o Corsario a sua artilheria, pondo-se á trinca: responderam-lhe as caravelas com as suas peças, e mosquetaria, e refrescando n'este momento o vento, que estava quasi calma, fizeram força de véla para virar sobre o inimigo; mas o Corsario virou logo de bórdo para se aproximar dos outros seus companheiros, e as caravelas seguiram a sua viagem.

No dia seguinte deram vista da Ilha das Flores; e a 26 da de Faial, e S. Jorge. A 27 deram fundo na Villa da Praia, na Ilha Terceira, d'onde partiram n'aquella noute, hindo depois fundear no porto de S. Lucas no dia 8 de Julho. —

El-Rei, sabendo que os Inglezes, e Hollandezes infestavam o Estreito Persico com os seus navios, e embaraçavam toda a nossa navegação, determinou mandar uma esquadra a Ormuz, para proteger o nosso commercio, e construir alli uma fortaleza na Ilha de Queixome; e encarregou d'eta importante commissão a Ruy Freire de Andrade. Constava a esquadra de dous galeões, e trez urcas com 178 peças, e 2,000 soldados de guarnição, e hia servindo de Almirante D. João de Almeida. Ruy Freire partiu de Lisboa no 1.° de Abril, conduzindo debaixo da sua bandeira uma frota destinada para o Brazil. Ao oitavo dia depois da sua sahida soffreu um temporal, que espalhou os navios, ficando elle só com duas urcas, e seguindo sua viagem, avistou n'uma manhã immensas em-

barcações; chamando lógo a gente a póstos, diminuiu o panno, e esperou por ellas, com as bandeiras largas. Pelas duas horas da tarde approximou-se-lhe um patacho de 40 peças, com bandeira encarnada na pôpa, e dirigiu-lhe um tiro de canhão de polvora sêcca, a que Ruy Freire respondeu com uma bala de 24, que varou o patacho, matando-lhe 5 homens. O patacho amainou logo, e vindo á falla disse, que aquella armada era Hespanhola, e hia para as Indias Occidentaes; e ao mesmo tempo queixou-se do damno que recebêra. Ruy Freire respondeu-lhe increpando-o da insolencia que praticára, e declarando-lhe quem era. O patacho foi avisar o seu General, e ambas as esquadras se salvaram com as cerimonias do costume, depois seguiu cada uma a sua derrota.

Passada a Linha, pediram as duas urcas licença a Ruy Freire para se adiantarem, por fazerem ambas agua; concedeu-lh'a elle com ordem de o esperarem em Moçambique até ao meado de Setembro, e não estando a esse tempo seguirem para Mombaça.

Continuou Ruy Freire só a sua viagem, e estando á vista da Costa do Cabo da Boa Esperança, encontrou uma náu Hollandeza de 44 peças. Travou-se então entre estas duas embarcações um encarniçado combate, o qual durou muitas horas; e sendo já noute as balas do nosso galeão cortaram a verga, e o mastro do traquete ao navio Hollandez. Com a noute findou a peleija, e Ruy Freire diminuindo o panno, deixou-se ficar em guarda do vaso inimigo, esperando pela manhã para o tomar, porém quando amanheceu, appareceram pelo mar muitas taboas, caixas, e alguns cadaveres, de que se inferiu haver hido a pique. Continuando a sua navegação, na altura das Ilhas de Angoxa soffreu um temporal; e por ultimo chegou a Moçambique a 18 de Setembro, onde invernou. Sahiu de Moçambique a 3 de Março 1620 com as duas urcas, que se lhe haviam adiantado, e chegou a Ormuz a 20 de Junho,

CAPITULO III.

ANNO DE 1621 ATE' 1640.

Morre Filippe III., e succede-lhe seu filho Filippe IV. D. Affonso de Noronha é nomeado Vice-Rei da India. Combate uma náu nossa contra uma esquadra Turca nas aguas da Ericeira. Combate entre uma outra náu nossa, e dous navios Hollandezes perto do Cabo da Boa Esperança. E' nomeado Vice-Rei da India D. Francisco da Gama. Os Hollandezes conquistam a Bahia. Esta é reconquistada por uma esquadra nossa. E' assaltado o Castello de S. Jorge da Mina, pelos Hollandezes. Estes vão novamente á Bahia. E' nomeado Vice-Rei da India o Conde de Linhares D. Miguel

de Noronha. Os Hollandezes occupam-nos a Capital de Pernambuco. Vai uma expedição nossa a esta Colonia. Successos d'esta expedição. Os Hollandezes conquistam a Parahiba. Vai uma outra expedição nossa ao Brazil. João da Silva Tello de Menezes é nomeado Vice-Rei da India.

1621 — A 31 de Março morreu em Madrid El-Rei Filippe III, e foi depois acclamado em seu lugar seu filho Filippe IV. —

Nos principios de Abril d'este mesmo anno, sahiu de Lisboa D. Affonso de Noronha, nomeado Vice-Rei da India, com uma esquadra de 4 náus, e 6 galeões, a qual logo que sahiu a barra, soffreu um temporal, que a forçou a entrar. Desembarcou o Vice-Rei, e ficaram em Lisboa 4 dos 6 referidos galeões; os outros navios sahiram outra vez a 29 de Abril; e mettendo-se na Costa da Malagueta, encontraram tantas calmarias, que tiveram que tornar a arribar a Lisboa. De todas as mencionadas embarcações apenas uma poude passar á India. —

A náu Conceição, que havia sido feita na India, partiu de Gôa no 1.° de Março d'este mesmo anno, sob o commando de Jeronimo Corrêa Peixoto. Tendo seguido a sua viagem, e achando-se perto da Ericeira já commandada por D. Luiz Terceira, por ter fallecido Peixoto, ouviu-se de seu bórdo um rumor de gente, que fallava; e estando-se talingando as amarras para hirem dar fundo em Cascaes, descobriram com a luz da manhã 17 grandes navios Turcos, todos elles de 34 a 40 peças e que havia quatorze

dias que tinham sahido de Argel. Estes navios sabendo que aquella náu vinha da India, lançaram escaleres ao mar para se avisarem uns aos outros; e mettendo-se logo em ordem de batalha, dispararam uma peça sem bala. D. Luiz, ainda que não esperava achar Turcos tão perto da barra, entendendo comtudo, que seriam inimigos, firmou a sua bandeira, fazendo um tiro de bala á Capitanía. Esta, vendo que a náu se não rendia, navegou sobre ella para a abordar. A náu achava-se por cima muito empachada com immensos volumes da carga, e no convéz com as amarras, que se preparavam para dar fundo. Porém á vista de tantos inimigos, mostrou a guarnição tanto animo, e actividade, que em menos de um quarto de hora foi o convéz desempachado, e a gente repartida pelos póstos. Como o vento era pouco, a náu fazia fogo aos navios que podia descobrir, sem mudar de posição. A final foi abordada pelos inimigos por todas as partes, disparando elles primeiro todas as suas peças com muito damno dos Portuguezes, porque mataram o Official, que dirigia a artilheria, e D. Luiz recebeu duas feridas n'uma perna.

Os Turcos affastaram-se da náu, em consequencia do horroroso estrago que lhes havia causado a nossa artilheria; porém Açan-Arraes, renegado Grego, que commandava um dos maiores navios, e era mui valente, vendo o seu navio em termos de hir a pique, saltou dentro da náu com a sua gente, que eram 400 Turcos, e Mouros escolhidos, e ganhando o castello, começou a deitar uma chuva de balas sobre os nossos, que defendiam o convéz, e a tolda. Entretanto os mosqueteiros Portuguezes, que faziam fogo para o castello, não perdiam tiro, por estarem os Turcos apinhados, sem poderem d'alli sahir. Os inimigos vendo diminuir visivelmente o seu numero, e que o seu navio já tinha hido a pique, e os outros combatiam de largo, começaram a capear-lhes que os soccorressem. Mas antes que este soc-

corro chegasse, os Portuguezes atacaram o castello com grande vigor; e ainda que desesperadamente rechaçados por duas vezes, á terceira precipitaram os inimigos no mar. Assim finalisou a batalha, durando desde as 7 horas da manhã até ás 6 da tarde. A esquadra inimiga affastou-se para o mar, e occupou-se seriamente de reparar os estragos da sua mastreação, e aparelho: outro tanto fez a nossa náu.

Chegada a manhã seguinte, os nossos, como não apparecessem inimigos, dispozeram-se para hir dar fundo n'uma pequena praia junto da Ericeira. Achava-se a náu a tiro de peça d'esta Povoação, quando veio de terra um barco de véla, com trez homens do mar, e chegando á falla, disse um d'elles, que trazia ordem verbal, (não se sabe de quem) para que se fizessem logo na volta do mar; porque a Costa n'aquelle tempo era perigosa, e ao largo achariam uma esquadra Portugueza, que os andava esperando. Em consequencia d'esta intimação, viraram os nossos ao mar; e pelas 8 horas da manhã do dia 11 de Outubro avistaram os mesmos inimigos, cujos navios sendo mais veleiros, deviam alcançal-os em breve. Posta novamente a náu Conceição em forma de combate, não tardou a estar sobre ella a esquadra Turca. Travou-se então nova batalha cujo resultado foi arder a nossa embarcação, sendo antes disso recolhidos os nossos a bordo dos vasos inimigos, onde foram mui bem tractados. D. Luiz de Sousa falleceu das feridas ao terceiro dia; e os restantes sendo levados a Argel, alli passaram novas fortunas. —

A náu S. João, acabada de fazer na India, sahiu de Gôa no 1.º de Março de 1621, commandada por Pedro de Moraes Sarmento. Chegando á altura do Cabo da Boa Esperança, encontrou a 19 de Junho dous navios Hollandezes, com os quaes travou um renhido combate; e quan-

do só lhe restavam dous barris de polvora, e dezoito cartuxos, sobreveio um temporal, que os apartou, ficando a náu aberta, e destroçada. Depois de varios incidentes, encalhou a náu na Bahia da Alagoa no 1.º de Setembro. Desembarcados alguns víveres, e munições, e queimado o casco, poz-se Pedro de Moraes em marcha com 379 homens para Sofala. Era meado de Dezembro, quando não restando mais do que 150 homens, metade incapazes de pelejar, os assaltou o Regulo Mocaranga, com 1,000 Cafres, e matando alguns Portuguezes, despojou os outros do que levavam. Os que escaparam a este ultimo desastre em numero de 30, chegaram finalmente a Sofala, havendo caminhado perto de 500 leguas! —

1622 — A 18 de Março, sahiu de Lisboa para a India uma esquadra, a cujo bordo hia o Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama, nomeado Vice-Rei do mesmo Estado. Compunha-se a dita esquadra de 4 náus, 2 galeões, e 2 patachos. O Vice-Rei hia embarcado na náu Santa Thereza; os Commandantes das outras náus eram D. Francisco Lobo, que servia de Almirante, no S. Carlos; D. Francisco Mascarenhas no S. José; e Sancho Tovar, no S. Thomé. Gonsalo de Sequeira commandava o galeão Trindade; e Nuno Pereira, o Salvador. Eram Commandantes dos patachos, Francisco Sodré Pereira, e Francisco Cardoso de Almeida. Os galeões, a náu S. Thomé, e o patacho de Francisco Sodré, separando-se da esquadra do Vice-Rei, entraram em Gôa no principio de Setembro. O Vice-Rei, achando-se a 22 de Junho com as trez náus restantes na altura do Baixo de Mongicale, encontrou uma esquadra Hollandeza de 5 navios grandes. Travou-se uma furiosa batalha entre as duas esquadras, que dureu todo o dia, em que foi morto o Almirante D. Francisco Lobo. A náu S. José, aberta, e destroçada, naufragou no Baixo de Mongicale, onde os Hollandezes aprisionaram 100 ho-

mens; o resto da gente salvou-se com o seu Commandante D. Francisco Mascarenhas. O Vice-Rei, acompanhado da náu S. Carlos, querendo entrar de noute em Moçambique, perdeu-se com ella na Ilha de S. Jorge, salvando-se a gente, a artilheria, e parte da carga. —

1624 — A 21 de Dezembro do anno antecedente, sahiu da Hollanda uma esquadra de trinta e trez vélas, em direcção do Brazil; e a 9 de Maio seguinte amanheceu na bôca da Bahia. Cinco dos maiores navios deram fundo na ponta de Santo Antonio, e o resto foi surgir na fronteira da Cidade, e começou a bater as fortificações. O Governador, que era Diogo de Mendonça Furtado, tinha mandado na vespera os Capitães Gonsalo Bezerra, e Rodrigo de Carvalho Pinheiro com as suas companhias, que consistiam em 180 Portuguezes, e uma companhia de Indios frecheiros commandada pelo Capitão Affonso Rodrigues, para tomarem posição na praia de Santo Antonio, e obstarem a qualquer desembarque; e os Officiaes, que commandavam alguns pequenos póstos n'aquellas visinhanças, receberam ordem de acudir á mesma praia, em caso de ataque. Os Hollandezes, não obstante estas medidas, conseguiram desembarcar em numero de 1,000 homens, os quaes marcharam até ao mosteiro de S. Bento. Os navios inimigos, que batiam a Cidade, o fizeram com grande furia; e ainda que os Portuguezes respondiam ao seu fogo, este era tão superior, que todas as fortificações ficaram desmanteladas, e algumas embarcações tomadas, e outras queimadas. Os Hollandezes, tendo occupado no dia 10 todos os fortes da marinha, e os de Santo Antonio, e Tapagipe, entraram na Bahia no dia 11, tractando logo de prender o Governador, e de o remetterem para bordo do navio Almirante. Os moradores da Cidade recolheram-se previamente aos bosques, e mattos, onde se resolveram a fazer os maiores esforços para reganharem o que com tanta li-

geireza largaram. Por commum consentimento tomou o Bispo o commando geral, auxiliado por alguns Officiaes praticos na guerra do sertão. Toda a gente Portugueza capaz de combater excedia pouco a 1,400 homens, e 250 Indios, com poucas munições, e nove peças de artilheria; mas a natureza do Paiz tornava tão formidavel este pequeno numero de homens, que estes reduziram os inimigos ao estado de não poderem disfructar a campanha, rechaçando-os em todas as tentativas que fizeram para penetrar no interior.

Logo que Mathias de Albuquerque, Governador de Pernambuco, soube da tomada da Bahia, e da prisão de Diogo de Mendonça Furtado, expediu uma caravela que chegou a Lisboa a 26 de Julho; e enviou Francisco Nunes Marinho soldado de experiencia, e valor, para commandar o bloqueio da Bahia. Os Ministros de Hespanha despertaram então do lethargo em que jaziam. El-Rei passou as ordens mais terminantes aos Governadores de Portugal, para armarem em Lisboa uma esquadra, á qual devia ajuntar-se outra mais poderosa, que se hia reunir em Cadix. Entretanto partiram de Lisboa duas caravelas a 8 de Agosto para Pernambuco, com 120 soldados; e apóz ellas D. Francisco de Moura, nomeado por El-Rei para governar as tropas, que sitiavam a Bahia, com trez caravelas, e 150 soldados, com os quaes chegou felizmente a Pernambuco, e em fins de Novembro entrou no campo dos sitiantes. Para o Rio de Janeiro sahiu Salvador Corrêa de Sá e Benevides no dia 19 em um navio com 80 soldados, muitas armas, e munições de guerra; e para Angola o Capitão Bento Banha Cardoso com 130 soldados, e muitas munições, o qual chegou a tempo de salvar aquella importante Colonia, como logo se dirá.

Em quanto em Lisboa se preparava uma esquadra de

dezesete embarcações de guerra, sob o commando de D. Manuel de Menezes, como General da armada de Portugal, reunia-se em Cadix a armada Hespanhola, dividida (segundo o costume d'aquelle tempo) em cinco esquadras. Nomeou El-Rei para commandar em chefe as forças navaes, e terrestres da expedição da Bahia, a D. Fradique de Toledo Osorio, o qual, quando desembarcassem as tropas, devia tomar o governo supremo d'estas; assim como n'este caso o da Marinha D. João Fajardo de Guevara. Como o armamento de Lisboa se achou prompto no mez de Novembro, quando o de Cadix estava ainda mui atrazado, resolveu-se que a esquadra Portugueza fosse esperar a de Hespanha nas Ilhas de Cabo Verde. Partiu D. Manuel de Menezes a 22 de Novembro com a sua esquadra, e a 19 de Dezembro ancorou nas ditas Ilhas.

Em quanto isto se passava na Hespanha, navegava da Bahia para Angola o Almirante Hollandez Heyne, onde chegou a 30 de Outubro com 6 navios, e 2 patachos, guarnecidos de 120 canhões, e 120 soldados, resolvido a invadir a Cidade de Loanda; mas havendo chegado primeiro o soccorro de Portugal, não ousou desembarcar, e voltou d'alli á Capitanía do Espirito Santo, onde desembarcou a 12 de Março do anno seguinte, com o intento de ganhar a Villa da Victoria, Capital da Provincia; porém foi rechaçado com perda pelo Donatario Francisco de Aguiar Coutinho, auxiliado por Salvador Corrêa de Sá, que seu pai Martim Corrêa de Sá mandava do Rio de Janeiro em soccorro da Bahia com 200 homens, e que por um feliz acazo entrára no porto do Espirito Santo. Não foi Heyne mais feliz n'esta segunda tentativa, por isso que perdeu uma lancha com 40 homens. E fazendo-se á véla para a Bahia, chegou á ponta de Santo Antonio, donde descubriu a armada Hespanhola surta no porto; o que o obrigou a seguir derrota para a Europa. —

1626 — A 14 de Janeiro d'este anno sahiu de Cadix a armada Hespanhola, que constava de 21 navios de guerra, 7 navios afretados, armados, e 7 transportes, sendo guarnecida por 642 peças de artilheria, e 1,878 artilheiros e marinheiros, e levando 5,232 soldados de Infanteria. A 6 de Fevereiro chegou á Ilha de S. Thiago de Cabo Verde: arriou D. Manuel de Menezes a bandeira do tope grande, e salvou-a com 5 tiros de canhão, a que D. Fradique respondeu com 3 tiros, arriando igualmente a sua bandeira. Chegado o dia 11 de Fevereiro, e tendo os dous mencionados Chefes conferido sobre as futuras operações, sahiu toda a armada da Ilha de S. Thiago. A 29 avistaram terra da Bahia, e tomaram lingua, que os informou do estado das cousas, e das forças dos Hollandezes. No dia 30 entrou toda a armada na Bahia, com bandeiras largas, tocando todos os instrumentos de guerra, e do mesmo modo estavam os fortes, e os navios inimigos, que atiraram alguns tiros do forte dos Meninos. Deu fundo a armada em uma linha curva, tendo a esquadra Portugueza, quasi na ponta de Santo Antonio. Ficaram no centro da linha os navios dos Generaes. Fez-se logo um Conselho de Guerra a bordo de D. Fradique, a que concorreram todos os Officiaes Generaes, e ahi se resolveu formar cinco ataques contra á Cidade: O 1.º da banda do convento do Carmo, já arruinado pelos Hollandezes; o 2.º no sitio das Palmeiras, um pouco ao Nascente d'este; o 3.º em Rio Vermelho, encarregado a D. Francisco de Moura com as tropas que empregára até alli no bloqueio, e as que lhe trouxera de Pernambuco Duarte de Albuquerque Coelho, que veio servir de voluntario; o 4.º da parte de S. Bento; e o 5.º na Marinha, um tanto ao Sul da Cidade. D. Fradique fez em pessoa o reconhecimento da praça, acompanhado dos Engenheiros. Conveio-se em desembarcar 4,000 homens, que com os Portuguezes do Paiz pareceu seria força sufficiente.

A 31 desembarcaram as tropas na praia de Santo Antonio. Os Hollandezes foram depois perdendo successivamente todos os pontos fortificados, até que a final se resolveram a capitular. Esta capitulação teve lugar no dia 30 de Abril, e continha as seguintes condições:

1.ª Que o Coronel Governador, e Conselho Governativo entregariam a Cidade no mesmo estado, em que se achava n'aquelle momento, com toda a artilheria, armas, munições, bandeiras, petrechos, víveres, navios, Negros, escravos, cavallos, e tudo o mais que na Cidade, e nos navios se achasse. — 2.ª Que entregariam todos os prisioneiros Vassallos de S. Magestade Catholica, de qualquer qualidade que fossem; e não tomariam armas contra S. Magestade, e os seus Vassallos até chegarem á Hollanda. — 3.ª Que o Coronel Governador, e todos os Officiaes, soldados, e creados, e toda a gente do mar Hollandezes, Flamengos, Inglezes, Allemães, e Francezes, que em sua companhia vieram, sahiriam livremente com toda a sua roupa de vestir, e de dormir, os Officiaes levando a sua em caixas, e os soldados nas moxilas. — 4.ª Que se lhes dariam embarcações, em que commodamente podessem passar á Hollanda. — 5.ª Que se lhes forneceriam os víveres necessarios para trez mezes e meio. — 6.ª Que os Hollandezes sahiriam juntos da Cidade. — 7.º Que se lhes restituiram todos os prisioneiros feitos durante o cêrco. — 8.ª Que se não faria aggravo a nenhum dos rendidos. — 9.ª Que se lhes dariam os instrumentos nauticos, que tinham nos seus navios. — 10.ª Que se lhes dariam as armas necessarias para sua defeza na viagem. — 11.ª Que sahiriam da Cidade para se embarcar sem armas, excepto os Capitães, que conservariam as suas espadas. — 12.ª Que as tropas Hespanholas occupariam n'aquella noute uma das portas da Cidade. — 13.ª Que de parte a parte se dariam refens até se cumprirem as Capitulações.

Assignaram esta Capitulação no mesmo dia 30 d'Abril D. Fradique de Toledo, o Coronel Governador, e o Conselho Hollandez. A's 8 horas da tarde d'este mesmo dia entraram dentro das portas da Cidade 700 soldados Portuguezes, e Hespanhoes, deixando da parte de fóra outros 300; e na manhã do 1.º de Maio entraram estes ultimos, e de tarde outros 1,000 homens com D. Fradique. Sahiram rendidos 1,912 homens, entre soldados, e marinheiros; e tinham morrido 300 no cêrco. Os vencedores tomaram 16 bandeiras de tropas, os Estandartes dos Estados Geraes, e da náu Capitania, 219 peças de artilheria, 1,500 quintaes de polvora, 10,000 balas de canhão, muitas bombas, e granadas, 2,100 mosquetes, 500 capacetes, muitos peitos de aço, e outras munições. Existiam na Casa da Moeda 6,176 marcos de prata em pinhas, 1,625 marcos em peças de prata lavrada; alguns armazens cheios de fazendas, e outros de mantimentos. Do producto d'estes generos, que valeriam trezentos mil cruzados, pagou-se mez e meio de soldo ao exercito.

No dia 10 embarcaram os Hollandezes para bordo de 6 navios, que os deviam transportar; e a 12 começaram a embarcar as tropas Hespanholas, que não eram já necessarias em terra. No dia 19, apparecendo na Costa um patacho Hollandez, que aprezou uma caravela Portugueza, que vinha de Lisboa, sahiu um navio Hespanhol, e represando a caravela com alguns Hollandezes a bordo, soube-se por elles, que da Hollanda havia sahido uma esquadra de 33 vélas, com as tropas, e destino á Bahia, e isto muito antes da armada Hespanhola haver sahido de Cadix. Chegado o dia 25 appareceu effectivamente a dita esquadra quatro leguas ao mar. D. Fradique embarcou-se logo, e mandou recolher a bordo toda a gente. A esquadra Hollandeza vinha formada em duas columnas, e como lhe escaceasse o vento, foi dar fundo para a banda da Ilha de Itaparica,

onde passou a noute. No dia seguinte fez-se de véla, e bordejou até chegar a tiro de mosquete do forte de Santo Antonio, cujo Commandante tinha ordem para não atirar. Virou então de bordo e foi entrando pela Bahia com bandeiras largas, na persuação de que os seus ainda se achavam de posse d'aquella Cidade. N'este momento fez D. Fradique signal aos seus navios para se fazerem á véla; o que elles fizeram em numero de 38.

Os Hollandezes, tendo reconhecido as forças da armada Hespanhola, e vendo o Estandarte Real da Hespanha arvorado na Cathedral, confirmaram-se em que a Cidade estava tomada, e dando a expedição por perdida, viraram no mar com intenção de se retirarem, mas o vento contrario não lh'o permittiu, e foram dar fundo junto de Itaparica. D. Fradique tendo posto em conselho se seria conveniente seguir os inimigos, e havendo-se decidido que não, por motivos mui attendiveis, passou a esquadra a buscar o seu ancoradouro. A esquadra Hollandeza seguiu para o Norte, e appareceu á vista de Pernambuco com 28 navios, mas não poude ferrar o porto por causa de máu vento, e foi ancorar na Bahia da Traição, seis leguas ao Norte da Parahiba, onde se reuniram 34 navios. Trataram com os Indios de uma unica Aldeia, que alli havia, e desembarcaram 600 soldados, com que guarneceram algumas trincheiras, para protegerem mais de 200 enfermos, que pozeram em terra. O Governador da Parahiba Affonso da França, sabendo da visinhança dos Hollandezes, reuniu toda a gente, que poude ajuntar, para lhes defender a campanha; e reforçado com 7 companhias de Infanteria, que Mathias de Albuquerque lhe enviára de Pernambuco, e com a gente da terra, e mais 300 Indios frecheiros, tomou posição a duas leguas dos Hollandezes, onde se fortificou. Seguiram-se alguns pequenos combates, em um dos quaes morreram 40 soldados Hollandezes, e 30 dos seus

Indios. O General Hollandez tendo julgado acertado largar o ancoradouro, fez-se á véla no dia 4 de Agosto; e expedindo depois para á Hollanda os navios affretados, dividiu os de guerra em duas esquadras, uma das quaes foi atacar a Ilha do Porto Rico, e com a outra se dirigiu em pessoa á Costa de Africa, apparecendo diante do Castello de S. Jorge da Mina a 25 de Outubro de 1625. Era Governador d'esta Praça D. Diogo Soutomaior, tendo de guarnição 57 Portuguezes, inclusos alguns doentes; e 900 Negros divididos em 3 companhias, com os seus Capitães. O Governador repartiu com elles algum ouro em pó, e mandou o resto do que tinha aos Reis de Aumana, e Afuto, seus visinhos; com o que conseguiu a neutralidade do primeiro, e obteve do segundo os mantimentos de que carecia.

Desembarcaram os Hollandezes em força 2,000 homens. Pelas duas horas da tarde começaram os navios a bater o Castello, e a Povoação, a que se chamava Cidade; e entretanto marchavam as tropas por um campo a tiro de mosquete do Castello. Os 3 Capitães, que estavam com os seus Negros armados de escudos, lanças, partazanas, e pistolas, escondidos nas covas, e mattos, sahiram tão repentinamente a um signal que se lhes fez do Castello, que os Hollandezes apenas tiveram tempo de fazer frente, e dar uma descarga em desordem, a qual os Negros receberam deitados no chão, cobertos com os seus escudos; e levantando-se logo, os carregaram tão impetuosamente, que em um momento os romperam, e derrotaram, seguindo-lhes o alcance até á noute, sem darem quartel a ningem; de modo que apenas escaparam 45 homens. Tomaram-se 15 bandeiras, mais de 1,000 mosquetes, e outras muitas armas, e despojos. Morreram 13 Negros, e ficaram feridos 34. A 5 de Novembro tornaram os Hollandezes a bater o Castello com os seus navios, o que continuaram nos dous dias seguintes, a cujo fogo respondeu o

Castello causando-lhes muito damno. No dia 7 á noute cessaram o fogo, e foram ancorar em Bonirem, fóra do alcance de canhão, d'onde finalmente partiram a 29 para não apparecerem mais. —

1627 — N'este anno tornaram os Hollandezes á Bahia, de que era Governador o Capitão General do Brazil Diogo Rodrigues de Oliveira. A 2 de Março haviam d'alli sahido para Portugal dous navios, que avistando a esquadra Hollandeza, tornaram a entrar; com esta noticia tomou o Governador as medidas necessarias para se defender; e tão acertadas foram ellas, que tendo a armada inimiga entrado na Bahia no dia 4; e havendo bombardeado por immensas vezes a Cidade, deixou aquelle porto no dia 14 de Junho, sem ter podido desembarcar um unico soldado em terra, e recolheu-se á Hollanda.

1628 — Continuavam os Hollandezes a infestar as Costas do Brazil, sobre tudo da Bahia, e Pernambuco. Um dos seus habeis marinheiros chamado Cornelio Jol, appareceu n'aquelles mares com uma esquadra; e tendo noticia, que acabava de sahir da Bahia para Portugal a náu Batalha, que alli aportára vindo da India ricamente carregada, a seguiu, e alcançou, sem com tudo a poder aprezar. No anno seguinte foi fazer um estabelecimento na Ilha de Fernando de Noronha; o que sabido em Pernambuco, partiu a 19 de Dezembro o Capitão Ruy Calaça Borges com 7 caravelas, e 400 homens, entre soldados, e marinheiros, para o desalojar. Chegado de noute á Ilha achou surto um navio Hollandez, que fugiu, deixando a lancha com 11 Hollandezes, e alguns Negros, que tudo foi tomado.

1629 — O Conde de Linhares D. Miguel de Noronha, tendo sido nomeado para Vice-Rei da India, sa-

hiu de Lisboa a 3 de Abril com uma esquadra de 3 náus, e seis galeões, embarcando elle em a náu Sacramento, cujo commando deu a Sancho de Faria e Silva; e tendo tido uma viagem cheia de perigos, chegou a Góa em Setembro do mesmo anno. —

A Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes, résolvida a emprehender a conquista de Pernambuco, pela julgar mais facil que a da Bahia, armou n'este mesmo anno uma poderosa esquadra de 50 navios, e algumas *pinaças*, a qual sahiu por divisões de differentes portos, com ordem de se reunir na Ilha de S. Vicente de Cabo Verde. Quando chegou a Madrid a noticia da força, e destino da expedição Hollandeza, achava-se alli Mathias de Albuquerque, que havia pouco chegára do Brazil, de que fôra Governador, e Capitão General. El-Rei nomeou-o com titulo de General para acudir áquella Provincia, levando instrucções para fortificar Pernambuco, e as Praças do Rio Grande do Norte, Parahiba, e Tamaracá; por cujos vastos Paizes se estendia a sua jurisdicção no pertencente á guerra. Passou a Lisboa Mathias de Albuquerque, d'onde sahiu a 12 de Agosto em uma caravela com 27 soldados, e poucas munições. Chegou a Pernambuco a 8 de Outubro, e logo expediu para Portugal 18 navios, que estavam carregados. Feito isto, tratou de reparar as fortificações antigas de Olinda, e do Recife, e de accrescentar algumas novas trincheiras nos pontos mais expostos ao desembarque dos inimigos.

1629 — Oito navios da esquadra Hollandeza em questão, encontraram-se a 23 de Agosto á vista de Tenerife com uma armada Hespanhola de 38 navios, commandada por D. Fradique de Toledo, que passava ás Indias Occidentaes. Os Hollandezes pozeram-se em retirada; D. Fradique, e dois dos seus navios, que andavam mais,

chegaram a travar combate; mas os Hollandezes escaparam-se com o favor da noute, e chegaram á Ilha de S. Vicente a 14 de Setembro. Reunidas que foram as outras divisões, sahiu toda a esquadra a 26 de Dezembro. A 14 de Fevereiro de 1630, appareceu em frente de Olinda; e no dia seguinte achando-se defronte do Recife, dividiu-se em 3 esquadras: a primeira de 16 navios, e muitas pinaças, e lanchas, em que embarcou o General com a melhor parte das suas tropas, dirigiu-se ao Páo Amarello, quatro leguas ao Norte, verdadeiro ponto escolhido para o desembarque. A segunda de dous navios pequenos, e algumas embarcações meudas, buscou a praia fronteira a Olinda, na qual haviam alguns intrincheiramentos. A terceira, composta do resto da armada, para atacar as embarcações alli fundeadas; e dous dos seus maiores navios âncoraram proximos á Barreta, e começaram a bater uma embarcação, que defendia aquella passagem, mettendo-a a final no fundo. Em fim, o General Hollandez tendo desembarcado sem perda da banda do Norte do Rio Dôce; e formando das suas tropas trez columnas, com quatro peças de campanha, rompeu marcha para o interior. Chegado á margem do Rio Dôce, ahi passou a noute debaixo de armas.

Mathias de Albuquerque tendo sido avisado do que acontecia no Páo Amarello, sahiu do Recife com a gente que alli havia; e ás 7 horas da manhã do dia 16 chegou á margem do Sul do Rio Dôce, que os Hollandezes não podiam ainda passar, por estar a maré cheia. Achava-se elle com 100 lanceiros de cavallo, 550 homens de Infanteria, e 200 Indios frecheiros; mas quasi todos os Portuguezes eram moradores, e não soldados. Não obstante esta desigualdade de forças, as localidades eram tão vantajojas á defensiva, que os Hollandezes ficariam perdidos, se os Portuguezes mostrassem então o valor, que mostraram

nas guerras posteriores, que sustentaram no Brazil contra aquella Nação. Pelas dez horas começaram os Hollandezes a passar o Rio, flanqueados pelo fogo de trez das suas embarcações, que n'elle entraram; fogo, que nenhum damno causava aos defensores, pela configuração do terreno, mas que fez recolher os Portuguezes aos bosques, ficando apenas 100 homens com Mathias de Albuquerque. Este foi com esta pequena força occupar um intrincheiramento, que cortava um dos principaes caminhos para Olinda, e n'elle rechaçou trez vezes os Hollandezes, que o assaltaram; os quaes tomaram então outro caminho, que os conduzio áquella Villa. Albuquerque redusido a 20 homens, retirou-se ao Recife, onde fez pôr fogo á Povoação, aos armazens do Commercio, e aos navios que tinham alguma carga, cuja perda total se avaliou em mais de quatro milhões.

Os Hollandezes tendo occupado a Villa de Olinda, marcharam para o Recife, onde ganharam os fortes de S. Francisco, e S. Jorge, com bastante perda sua. Albuquerque retirou-se para o Sertão com todos os moradores de Olinda, e do Recife, tomou posição a uma legua dos inimigos, e construiu um campo intrincheirado, a que chamou arraial do Bom Jesus.

Chegada a Madrid a primeira noticia da perda de Pernambuco, mandou El-Rei que se lhe fossem enviando sucessivamente alguns soccorros. Partiram primeiro duas caravelas, levando cada uma 30 Soldados, e algumas munições; e apóz ellas mais 7, condusindo cada uma de 30 a 40 soldados, e algumas munições.

1631—A Côrte de Madrid, depois de ouvir varios pareceres, resolveu-se a mandar um soccorro, sufficiente para Mathias de Albuquerque sustentar o genero de guerra, que fazia aos Hollandezes. Preparou-se para este effeito em

Lisboa uma esquadra de 15 navios Hespanhoes, e 5 Portuguezes, com alguns transportes, commandada pelo Almirante do Mar Reano D. Antonio de Oquendo, e por seu Almirante Francisco de Valecilla. Embarcaram n'ella Duarte de Albuquerque Coelho, e o Conde de Banholo, nomeado Commandante das tropas destinadas para Pernambuco.

Esta esquadra sahiu de Lisboa a 8 de Maio do referido anno, levando 655 soldados de Infanteria, 650 artilheiros, e marinheiros, e 103 peças, e entrou na Bahia a 18 de Julho. Uma *tartana* separada da esquadra chegou ao Cabo de Santo Agostinho a 10 de Junho, cujo Commandante deu a primeira noticia da sua vinda, e de que havia conduzir o soccorro destinado a Pernambuco, quando voltasse da Bahia; o que Mathias de Albuquerque communicou logo a Diogo Luiz de Oliveira, expondo-lhe o estado d'aquella Provincia, onde os Hollandezes haviam já construido um excellente forte na Ilha de Tamaracá, e só lhes faltava ganhar a Villa da Conceição, para serem senhores d'ella; e que o General Hollandez havia sahido para a sua Nação com 30 navios.

N'um Conselho de Guerra, que se convocou na Bahia, e ao qual assistiram todos os Chefes da esquadra, e o Governador Diogo Luiz de Oliveira, se accentou que as forças destinadas para Pernambuco se embarcassem em 10 caravelas. Constavam ellas de 400 soldados Portuguezes, divididos em cinco companhias; de 300 Hespanhoes em quatro companhias, e de 300 Napolitanos. A artilheria reduzia-se a 12 peças, com os artilheiros precisos. Para a Parahiba hiam destinadas outras duas caravelas, com 100 soldados Portuguezes, e outros tantos Hespanhoes, levando tambem 12 peças de campanha, com munições, e os necessarios artilheiros: hiam tambem alguns canhões para o forte do Cabedello. Concordou-se mais, que estas 12 ca-

ravelas navegariam de conserva com a esquadra, assim como a frota dos navios mercantes carregados de generos do Paiz, que se achavam na Bahia, a qual o General deixaria na altura, que julgasse conveniente á sua derrota para Portugal; seguindo elle viagem com a esquadra para as Indias Occidentaes, a fim de comboiar d'alli para Hespanha os galeões da prata.

Durante a demora da esquadra na Bahia, chegou ao Recife o primeiro reforço da Hollanda, composto de 12 navios com 2,000 homens de tropas; e logo nos fins de Julho o Almirante Adriano Patry com 8 navios, e 1,500 soldados, do que Mathias de Albuquerque mandou passar aviso á Bahia.

Sabendo Patry pelos seus cruzadores a força da esquadra Hespanhola, que parava na Bahia, e provavelmente os seus designios; aprestou 16 navios dos melhores sendo o seu de 50 peças, guarnecidos de bons marinheiros, e 1,500 soldados, e sahiu a esperar os Hespanhoes, destacando 6 embarcações veleiras para cruzarem sobre a Costa da Bahia, a taes distancias umas das outras, que rapidamente o avisassem da vinda da esquadra.

A 3 de Setembro fêz-se á vêla Oquendo com a esquadra, que trouxera de Portugal, 24 navios mercantes da Bahia, e as 12 caravelas destinadas para Pernambuco, e Parahiba, deixando na Bahia 600 Portuguezes, e 200 Hespanhoes. Oito leguas ao mar da Bahia viram-se dous navios Hollandezes, a que de balde se deu cassa. No dia 11 ao pôr do Sol, foi a esquadra vista da Hollandeza, sem que esta fosse percebida dos Hespanhoes. No dia seguinte ao amanhecer appareceram os Hollandezes a barlavento. O Conde de Banholo passou á falla da Capitanea, e disse ao General, que lhe parecia conveniente tirar a Infanteria das

caravelas, para com ella reforçar as guarnições dos navios; ao que o General não annuiu. Elle receiava, talvez, que recolhendo a tropa das caravelas, poderiam depois occorrer circunstancias, que não lhe permittissem restituil-a, e ficaria inutilisado o soccorro de Pernambuco. Em fim mandou as caravelas, e navios mercantes para sotavento da esquadra; e formando a sua linha de batalha, seguiu o mesmo bordo.

Pelas 9 horas da manhã travou-se um horrivel combate, em que de parte a parte nenhum tiro se perdia. As náus dos dois Generaes inimigos combateram-se atracadas uma á outra, ardendo a final a Hollandeza, e arrujando-se Patry ás ondas envolvido no seu Estandarte, por não querer salvar-se nas caravelas Portuguezas, que vieram promptamente recolher os naufragados. Este mortifero combate das duas Capitaneas durou 7 horas. Morrêram a bordo do galeão D. Antonio, que foi a pique, o Almirante Valecilla, e 250 homens, em que entraram muitos Officiaes distinctos. O numero dos feridos foi quasi igual ao numero dos que ficaram vivos. A perda total da esquadra de Oquendo chegou a 1,500 homens, e a dos Hollandezes seria pouco menor: em quanto á dos navios, perderam dois, que se queimaram; e os Hespanhoes tiveram um queimado, dois mettidos a pique, e um tomado.

A esquadra Hespanhola gastou até ao dia 15 em se reparar das suas avarias, que eram grandes, sobre tudo as da Capitanea, que fazia muita agua pelos rombos das balas, e estava completamente desaparelhada; para cujo reparo concorreram muito os marinheiros Hollandezes prisioneiros. Tiraram-se 300 soldados dos que biam para Pernambuco, a fim de supprir de algum modo a falta de gente com que se achava a esquadra. Esta navegando a buscar a Costa de Pernambuco, viu ao pôr do Sol do dia 17

a esquadra Hollandeza. O Conde de Banholo pediu licença ao General (que a concedeu) para se apartar de noute com as caravelas do soccorro, e hir buscar algum porto onde desembarcar. A 22 ancorou na Barra Grande, 30 leguas ao Sul do Arraial do Bom Jesus; menos uma caravela, que continuando a sua derrota para a Parahiba, encontrou um dos muitos navios Hollandezes, que cruzavam n'aquellas Costas, e fugindo d'elle, salvou-se no Rio Grande do Norte.

Ao amanhecer do dia 18 não se viu a esquadra Hollandeza, e o General Oquendo proseguiu a sua viagem para as Indias Occidentaes. Na altura da Parahiba combateu com dois navios Hollandezes o Galeão Capitanea chamado quatro Villas; e ainda que escapou das mãos dos inimigos ficou tão mal tractado, que foi depois a pique em um máu tempo, o que tambem aconteceu a um dos navios Portuguezes que faziam parte da esquadra. Assim se concluiu esta infeliz campanha. —

A 2 de Dezembro sahiu do Recife o Almirante Hollandez João Lichthart com 26 navios, e muitas embarcações meudas, em que transportava 3,000 homens de tropas. Destinava-se a conquistar a Parahiba, que governava Antonio de Albuquerque. Felizmente havia alli chegado uma caravela nossa, que trazia oito canhões grossos, bons artilheiros, e muitas munições. Este inesperado soccorro, e outro que Mathias de Albuquerque mandou, malogrou o projecto dos Hollandezes, que havendo desembarcado, e sitiado o forte do Cabedello, em 7 dias de trincheira aberta, não o poderam tomar; e enfastiados da immensa perda que soffreram, tanto no cêrco, como em um assalto, retiraram-se ao Recife. —

O Coronel Wardenberg, Commandante das tropas Hollandezas estacionadas em Olinda, partiu do Recife a

21 de Dezembro com 22 navios e algumas embarcações pequenas, com 2,000 homens a bordo, e a 26 ancorou na Enseada da Ponta Negra, trez leguas ao Sul do forte do Rio Grande, unica defensa d'aquella Provincia. Desembarcaram os Hollandezes na Enseada de Diogo Martins, mas o forte havia já recebido da Parahiba um soccorro de 300 Portuguezes, e outros tantos Indios, onde um patacho vindo de Portugal, que avistou a esquadra Hollandeza, levára aviso da derrota, que ella seguia. Wardenberg, sabendo da chegada do soccorro, quiz ao menos colher algum gado vacum, em que abundava o Paiz, mas nem isso conseguiu. Cumpre notar, que era tão apertado o cêrco, que Mathias de Albuquerque havia posto ao Recife, que estando os mattos a menos de tiro de canhão d'esta Praça, até a propria lenha que n'ella se gastava vinha da Hollanda; e o mesmo succedia com todas as mais provisões.

1633 — A 24 de Fevereiro d'este anno sahiu do Recife Wardenberg com 24 navios, e algumas embarcações pequenas, conduzindo 1,500 homens de tropas, e foi ancorar na barra da Ilha de Tamaracá, junto ao forte, que os Hollandezes haviam alli construido, fingindo querer concluir a conquista d'aquella Ilha. Mathias de Albuquerque soccorreu logo aquelle ponto, mas o General Hollandez levou-se na mesma noute, e appareceu pela manhã sobre o Cabo de Santo Agostinho, verdadeiro objecto da sua expedição. A Bahia d'este Cabo, e uma pequena Calheta, que fez a Natureza, deixando uma abertura no longo recife, que cerca toda aquella Costa, eram os pontos mais favoraveis para aportarem as embarcações, que traziam de Portugal alguns soccorros, ou vinham carregar de productos do Paiz. Haviam os Portuguezes construido alli dois pequenos reductos com 4 peças, onde se achavam 180 homens. Desembarcaram os Hollandezes, e rechaçados em trez ataques, receiando que chegassem maiores soccorros do

Arraial do Bom Jesus, retiraram-se com muita perda. —

Vardenberg, embarcou-se n'este mesmo anno de 1632 para a Hollanda, ficando em seu lugar Lourenço Rimbach, Official de longa experiencia; e o exercito invasor foi reforçado com mais 3,000 soldados. —

Mathias de Albuquerque, antevendo que os projectos dos Hollandezes hiam receber maior desenvolvimento, expoz a El-Rei que todas as tropas sob o seu commando não excediam a 1,300 soldados, e 300 Indios, de que 200 eram frecheiros, por falta de armas de fogo; achando-se os Hollandezes com 7,000 homens de Infanteria, e 40 navios de guerra. Esta exposição produziu tão pouco effeito, como as outras muitas, que em outros tempos fizera. —

1633 — Continuava a guerra no Brazil. Em Janeiro d'este anno chegaram duas caravelas da Ilha da Madeira com alguma gente alli recrutada. A primeira, trazendo uma companhia de 90 homens, entrou na Parahiba no 1.º do dito mez; e a segunda com outra companhia de 70 soldados chegou no dia 12 ao Porto dos Francezes, trez leguas ao Sul da barra das Alagoas. —

A 20 de Junho sahiu do Recife com 2,000 homens, e muitos navios, o General Hollandez Van Scheppe, levando por director d'aquella empreza ao famoso mulato Domingos Fernandes Calabar, Pernambucano, que se havia passado para os Hollandezes, e que sendo o melhor pratico de toda aquella Costa, era o instigador dos novos planos, que tanto damno causaram a Pernambuco. Surgiu a esquadra na Ilha de Tamaracá, e desembarcadas logo as tropas, accommetteram, e ganharam por capitulação a Villa da Conceição, sua Capital, defendida unicamente por 60 soldados, e 120 moradores; ficando por consequencia senhores de toda a Ilha, que era para elles da maior importancia. —

Em Setembro chegou a Parahiba uma caravela de Portugal, com 70 soldados, e algumas munições, escapando a trez navios Hollandezes, que a persiguiram. —

A 22 de Agosto sahiu de Lisboa para Pernambuco uma esquadra composta de dois navios guarnecidos de 36 peças, e de 5 caravelas, levando 600 soldados, munições de guerra, e algumas fazendas, que deviam vender-se no Brazil, para pagamento das despezas da guerra; e esta expedição foi commandada por Francisco de Vasconcellos da Cunha, Official que servíra na Marinha de Portugal, e na da India. A 26 de Outubro a esquadra viu terra junto no Rio de Mamamguape, trez leguas ao Norte da Parahiba. Ao amanhecer do dia 27, achando-se entre a Bahia da Traição, e a Formosa, viu trez navios Hollandezes, que a buscavam. Das 5 caravelas conseguiram duas ganhar o Rio Grande; e trez, cozendo-se com a terra, encalharam em differentes lugares. Traveu-se entretanto o combate dos dous navios Portuguezes contra os trez Hollandezes. Um dos nossos navios fazendo já muita agua, por causa dos rombos das balas, foi encalhar na Bahia Formosa, onde salvou a gente, dez peças de artilheria, e parte das munições; o outro, aonde hia Vasconcellos, desembaraçando-se dos Hollandezes, que o abandonaram, surgiu na mesma Bahia, e desembarcou tudo quanto levava; mas passados dois dias, chegaram alli os trez navios inimigos, e o metteram no fundo. Transportando-se depois em barcos para a Parahiba o que havia escapado das mãos dos Hollandezes, todos os barcos foram tomados, ou perdidos, excepto um; e Francisco de Vasconcellos deixando 200 homens na Parahiba, chegou ao Arraial do Bom Jesus com 180 soldados dos 600 que conduzíra de Lisboa: o resto morreu, ou desertou na marcha. —

A 5 de Dezembro sahiu do Recife uma esquadra Hol-

landeza de 18 navios, em que embarcaram o General Schoppe, e o terrivel Calabar, com 1,500 homens. A 8 entraram no Rio Grande, não obstante o fogo do forte da Barra, e foram surgir na ponta de Gaspar Rebello, a coberto dos seus tiros, onde tomaram as duas caravelas do comboi de Vasconcellos. Desembarcaram logo os inimigos, e por conselho de Calabar occuparam um môrro de areia sobranceiro ao forte. Commandava este o Capitão Pedro Mendes Gouvêa, tendo 13 canhões, e 85 homens, quasi todos paizanos, de que passou logo aviso á Parahiba. Os Hollandezes levantaram n'essa noute uma bateria de 3 canhões no dito môrro, da qual começaram no dia seguinte a bater o forte. Este, foi a final entregue pela guarnição aos inimigos, dando causa a esta fraqueza o achar-se Pedro Mendes ferido gravemente, e não poder por isso combater.

Concluida esta facil conquista, os Hollandezes aproveitaram-se de algumas intelligencias, que já haviam urdido com os Tapuias, que habitavam a 80 leguas pelo sertão, e começaram a fazer assaltos, e invasões nos districtos em que os Portuguezes tinham Aldeias, e plantações, assolando todo o Paiz. —

1634 — A 5 de Fevereiro chegou ao Cabo de Santo Agostinho, Pedro de Almeida Cabral em uma caravela de Lisboa; e outras duas da sua conserva, de que eram Commandantes Domingos Paulo da Silva, e Manuel Coelho Figueiroa, entraram na Parahiba: todo o soccorro, que ellas traziam, não passava de 120 soldados, e algumas munições de guerra. Recebeu-se por estas embarcações a noticia, de que na Hollanda se aprompta vam 3,000 homens para Pernambuco. —

A 23 do mesmo mez sahiu do Recife o General Schoppe com 24 navios, 18 pinaças, e muitas lanchas com 3,000

soldados. A 26 surgiu defronte da barra da Parahiba, e desembarcando n'essa noute parte das tropas, marcharam os Hollandezes para o forte de Santo Antonio, com a intenção de o surprehender. Mas encontrando primeiro uma trincheira, que o cubria, a assaltaram, e fôram trez vezes rechaçados pelos reforços, que o Governador Antonio de Albuquerque alli conduziu. Este ataque era um estratagema, que Schoppe imaginou para divertir a attenção dos Portuguezes; assim retirando-se subitamente aos seus navios, fêz-se á véla, e a 4 de Março amanheceu sobre o Cabo de Santo Agostinho, unico objecto da expedição. As fortificações do Cabo, estavam simplesmente guarnecidas por 350 soldados, commandados por Pedro Corrêa da Gama; vieram-lhe mais 100 homens do Arraial do Bom Jesus, e o General Mathias de Albuquerque, não obstante acharse doente, partiu no dia 6 de madrugada com 300 soldados, deixando no Arraial pouco mais de 200.

Os Hollandezes haviam separado a sua esquadra em duas divisões, uma de 13 navios, e outras tantas lanchas com tropas, sustentadas por 3 patachos, tentou em vão fazer um desembarque da banda do Norte do Cabo, por lhe ser valentemente defendida a praia pelos nossos, que alli acudiram; e com perda de 100 homens se retiraram os patachos, e as lanchas para os seus navios, que pairavam a uma legua de distancia. A segunda divisão, comprehendendo o resto da esquadra, accommetteu a barra do Porto do Cabo; e apezar de ser mui estreita, e defendida por uma bateria antiga, e por outra construida de novo na pequena Ilha de S. Jorge, situada dentro do Canal, forçaram a passagem 4 navios mais pequenos, um dos quaes encalhou, por lhe haver uma bala quebrado o leme, e logo foi abandonado pela equipagem. Os 3 navios restantes foram surgir junto da Povoação do Pontal, toda de casas palhaças, em que viviam os homens do mar, que a desampararam

depois de deitar-lhe fogo, em que se queimaram muitos generos do Paiz, que estavam n'ella recolhidos. Os ditos trez navios inimigos estavam perdidos, não podendo tornar a sahir do Canal, nem ser soccorridos pela esquadra, tanto por se acharem as baterias da barra em poder dos Portuguezes, e melhor guarnecidas, como por falta de fundo para os navios grandes entrarem no porto. Porém Calabar tendo-se posto á testa de uma flotilha composta de todas as lanchas, e escaleres, que levavam 1,000 homens de tropa, aventurou-se a introduzil-a, e o conseguiu, por uma abertura que havia entre os recifes; e sem perder um só barco, foi desembarcar na Povoação já queimada, onde os Hollandezes logo se fortificaram. Em seguida a esta operação, toda a esquadra veio fundear em frente da barra, e estabeleceu com elles uma communicação por aquella abertura de recifes.

Na tarde seguinte chegou Mathias de Albuquerque, e depois de reconhecer a situação dos Hollandezes, resolveu o ataque para o dia 7, o que fez com 800 homens. A vantagem, que os Portuguezes ganharam no principio da acção, parecia decisiva; porém o grito de — *estamos cortados* — sahido de entre elles, espalhou o terror e a desordem nas suas fileiras, retirando-se a final com perda de 80 mortos: a perda dos Hollandezes não foi menor. D'este modo ficaram os Hollandezes senhores de Pontal, e da Povoação, que logo pozeram em estado de defensa, continuando os Portuguezes a occupar o forte da Nazareth, e as baterias da barra. Os Hollandezes, tendo conseguido alargar a abertura dos recifes, tornando-a um Canal sufficiente para a passagem de lanchas, e de navios de certo bordo, deixaram 2,000 homens nas fortificações conquistadas, e recolheram-se ao Recife. —

A 28 de Outubro entrou no Recife um soccorro vin-

do da Hollanda, constante de 18 navios, com 3,000 soldados, muitos viveres, e munições; com esta chegada resolveu o Governo pôr em execução a conquista da Parahiba. A 29 de Novembro sahiu do Recife um formidavel armamento de 210 navios, que levavam 6,000 homens, entre soldados, e marinheiros, commandando as tropas o General Schoppe; e a esquadra o Almirante Lichtart. Antonio de Albuquerque tinha para defender a Parahiba 800 homens, entre soldados, e paizanos armados; e Mathias de Albuquerque, no mesmo dia em que viu partir a esquadra do Recife, mandou-lhe trez companhias de Infanteria; e da Goiana tambem lhe veio alguma gente.

Na madrugada de 4 de Dezembro appareceu a esquadra inimiga em Cabo Branco, tendo mandado dois dias antes uma embarcação pequena a reconhecer aquella Costa até á Enseada de Lucena, duas leguas ao Norte do Rio da Parahiba. Cincoenta lanchas, e pinaças com tropas a bórdo, vieram logo demandar a terra. Antonio de Albuquerque havia espalhado a sua gente em 4 pontos, em que era praticavel o desembarque, collocando-se elle perto do forte do Cabedello, situado na ponta do Sul da barra da Parahiba. As lanchas Hollandezas pozeram as prôas no sitio em que estava Antonio de Albuquerque, mas ancorando no Rio Jaguaripe, fez-lhes signal para as chamar, a que ellas obedeceram hindo desembarcar a gente n'aquella Enseada. Acudiu áquella parte Antonio de Albuquerque, e quando chegou viu os Hollandezes já em terra, e formados em trez columnas, cada uma das quaes tinha na sua frente uma peça de campanha: a esquadra inimiga veio surgir defronte da Enseada. Antonio de Albuquerque, que apenas trazia 500 homens, em lugar de retirar-se promptamente, fez alto, e esperou a determinação dos inimigos. Então estes o atacaram pela frente, e flanco esquerdo; e ainda que os nossos resistiram algum tempo, foram rotos, e forçados a

retirar-se com perda de 18 mortos, muitos feridos, e 10 prizioneiros. Albuquerque antevendo que os Hollandezes investiriam primeiro o forte do Cabedello, augmentou-lhe a guarnição até 300 homens, e recolheu-se ao de Santo Antonio, para enviar d'alli reforços onde fossem precisos. Depois avisou de tudo a Mathias de Albuquerque, que lhe enviou 300 homens commandados pelo Conde de Banholo. No dia 5 tomaram os inimigos posição a tiro de peça do Cabedello, e fortificaram-se havendo recebido algum damno.

Dentro do Rio da Parahiba, a tiro de canhão do Cabedello, ha uma pequena Ilha chamada dos Padres Bentos, e sobre uma restinga d'esta havia uma bateria nossa guarnecida com 40 homens, e 7 peças, cujos tiros incommodavam os trabalhos Hollandezes, e seria de grande vantagem para elles, estabelecerem-se n'aquelle ponto, não só por este motivo, mas porque d'alli podiam bater o forte, e evitar os soccorros que desciam da Cidade da Parahiba pelo Rio abaixo. Em consequencia de tudo isto desembarcaram 800 homens nas costas da mesma restinga, assaltaram a bateria pela gola, e a ganharam com morte de 26 dos seus defensores, ficando prizioneiro o Capitão Pedro Ferreira de Barros, que a governava: o resto da guarnição salvou-se nadando para bordo de algumas lanchas, que vinham soccorrel-a. Aconteceu isto no dia 9; e no de 12 começaram os inimigos a bater o forte de Cabedello, o qual tendo perdido durante 7 dias 185 homens, e achando-se com os parapeitos, e cavalleiros arrazados, não teve remedio senão capitular a 19 do mesmo mez de Dezembro.

A perda do Cabedello causou a entrega do forte de Santo Antonio no dia 23, quasi sem resistencia. O Conde de Banholo, antes de abandonar a Cidade da Parahiba, que era aberta, mandou queimar todos os armazens do Commercio, e os navios que estavam no porto carregados; e

levando a artilheria, e munições que lhe foi possivel, retirou-se a Pernambuco com o destacamento que d'alli conduzíra, o que Antonio de Albuquerque imitou depois. O inimigo deixando a Praça bem guarnecida, e reparados os fortes, sahiu para o Recife, tendo-lhe custado aquella conquista perto de 600 homens. —

1635 — Os Hollandezes, animados com a conquista da Parahiba, projectaram fazer uma campanha decisiva para expulsar os Portuguezes de toda a Provincia de Pernambuco. Mathias de Albuquerque, tendo penetrado os intentos dos inimigos, preparou-se para obstar a que elles os lograssem, apezar de não dispôr n'esta época senão de 1,350 soldados. Recolheu elle comsigo em Villa Formosa a Duarte de Albuquerque, ao Governador, que foi da Parahiba, Antonio de Albuquerque, e outros Officiaes Superiores, bem como 300 soldados Portuguezes, alguns Indios, e 100 paizanos armados. No dia 3 de Março appareceu uma forte columna inimiga de Infanteria á vista do forte da Nazareth, e se fortificou a uma legua de distancia. No mesmo dia uma outra columna inimiga de 3,000 homens, com muita artilheria, sitiou em forma o Arraial do Bom Jesus. Este cêrco foi uma serie de assaltos, de sortidas, e de emboscadas, com grande perda de ambas as Nações. Mathias de Albuquerque conservava-se descansado em Villa Formosa, donde uma força inimiga o quiz expulsar no dia 18, mas que foi rechaçada antes de chegar aos intrincheiramentos, que cobriam a Villa. Esta tornou ainda a ser atacada no dia 11 de Abril por 800 soldados escolhidos, os quaes foram forçados a retirar-se depois de 10 horas de combate, deixando 120 mortos no campo.

O Conde de Banholo tendo chegado a Porto Calvo no dia 12 de Março, achou tambem alli inimigos. No dia 15

foi atacado o Conde, que tinha 200 soldados, e alguns paizanos, em uma posição que escolhêra fóra da Povoação, a qual não podendo sustentar contra forças tão superiores, se retirou vagarosamente, com pouca perda, e sem ser perseguido, para a Alagôa do Norte, a que chegou no dia 21.

Chegára o Arraial do Bom Jesus ao ultimo termo da sua vigorosa resistencia, estando arrasadas todas as suas obras, mortos 150 dos seus 400 defensores, outros tantos feridos, e acabados os víveres, e munições de guerra. Redusido a tão crítica situação, foi forçado a capitular em 6 de Junho, sahindo a guarnição com todas as honras militares, para ser transportada ás Indias Occidentaes, conforme a prática seguida pelos Hollandezes em toda esta guerra. Custou esta conquista 1,500 mortos aos Hollandezes, que depois de arrasarem as fortificações, marcharam a unir-se ao General Schoppe, o qual apertou tánto o cêrco do forte da Nazareth, que este foi obrigado a capitular a 2 de Julho, com as mesmas condições com que o fizera o Arraial.

Mathias de Albuquerque, tendo sido aconselhado pelo Conde de Banholo, a retirar de Villa Formosa para as Alagôas, seguiu este conselho; porém tendo de passar por força por Porto Calvo; e achando-se esta Villa occupada por 350 Hollandezes, e 200 soldados commandados pelo famoso Calabar, atacou os inimigos no dia 12 de Julho, depois de ter derrotado um destacamento de 200 homens, que sahíra a reconhecel-o. Ganharam logo os nossos alguns pequenos reductos, e sitiaram duas casas, e uma Igreja, em que os inimigos estavam fortificados. No dia 19 rendeu-se o Major Picard, que alli commandava, com a condição de sahir com as honras militares, e ser transportado á Bahia com os seus soldados, para serem todos conduzidos á Hespanha, e d'alli para a Hollanda: exceptuou-

se porém Calabar, que Mathias de Albuquerque mandou enforcar. Sahiu Picard com 360 homens sãos, e 27 doentes: os Portuguezes não excediam n'este momento a 140 soldados, e alguns Indios. Arrazadas as fortificações de Porto Calvo, e recolhidas as munições, armas, e artilheria que alli se acharam, proseguiu Albuquerque no dia 23 a sua retirada para as Alagôas, e chegou á do Norte a 29, onde o esperava o Conde de Banholo. Concordaram ambos em que se occupasse a Alagôa do Sul, o que se executou no dia 2 de Agosto. —

El-Rei, tendo escrevido a Mathías de Albuquerque, promettendo-lhe soccorrer o Brazil com uma grande armada, esta sahiu finalmente de Lisboa, composta de 30 navios Portuguezes, e Hespanhoes. Commandava em Chefe D. Lopo de Hozes e Cordova, e por seu Almirante D. José de Menezes, fidalgo Portuguez. A bórdo de D. Lopo embarcou D. Luiz de Roxas e Borja, com Patente de Mestre de Campo General, para succeder a Mathias de Albuquerque; e n'uma outra embarcação hia Pedro da Silva, nomeado Capitão General do Brazil, que devia render na Bahia a Diogo Luiz de Oliveira. As tropas destinadas para Pernambuco reduziam-se a 700 Portuguezes, 500 Hespanhoes, e 400 Napolitanos, alguns artilheiros, e mineiros, e 12 peças de varios calibres. Ao amanhecer do dia 26 de Novembro déram vista de Olinda, e logo do Recife, e continuaram a cahir para o Sul, aonde as aguas então corriam. O General Schoppe, quando viu a armada Hespanhola, exclamou: *Estou perdido*! Maior seria a sua desesperação se soubera, que por intelligencias secretas de Mathias de Albuquerque, os moradores de Pernambuco, e mesmo os do Recife estavam resolutos a pegar em armas, logo que a armada deitasse gente em terra; e se D. Lopo ancorasse por algumas horas diante d'esta ultima Praça, receberia as cartas de Albuquerque, e seria plenamente informado de tudo.

No Cabo de Santo Agostinho é que D. Lopo soube as novidades, que devêra ter diligenciado adquirir de Olinda, ou do Recife; e agora já era difficil ganhar barlavento contra as correntes, e ventos da quadra. D. Lopo havendo communicado estas noticias aos outros Generaes, e tendo-lhe estes aconselhado a que ao menos desembarcasse alguma tropa em Serinhem, e destacasse uma embarcação a avisar Mathias de Albuquerque, para que se dirigisse immediatamente para este porto, desprezou este conselho, e seguiu derrota para as Alagôas, ancorando em frente da sua barra no dia 28.

Na madrugada seguinte soube Mathias de Albuquerque da sua chegada, e escreveu-lhe logo uma carta, em que lhe dizia, que o desembarque das tropas de soccorro devia ser em Serinhem, ou Rio Formoso, poucas leguas ao Sul do Cabo de Santo Agostinho, pois assim ficava dominando a parte mais fertil da campanha, sem receio de achar opposição nos Hollandezes, que se achavam dispersos desde a Peripueira, situada a oito leguas das Alagôas, até ao Rio Grande, e só com 200 homens no Recife. E que não convinha desembarcar nas Alagôas, por não haver farinha de páo nem para a pouca gente, que alli estava; e achar-se na Peripueira uma força inimiga de 2,000 homens, com 12 navios. A esta carta respondeu D. Lopo, desculpando-se que não podia demorar-se, por trazer ordens d'El-Rei para hir á Cidade da Bahia, e receber a bórdo Diogo Luiz de Oliveira, para o conduzir n'aquella armada a expulsar os Hollandezes da Ilha de Curaçau, havendo-o El-Rei nomeado General d'esta particular expedição.

A 30 desembarcou D. Luiz de Roxas, e o Tenente General de Artilheria Miguel Giberton com as tropas do soccorro no porto de Taraguá, uma legua ao Norte das Ala-

gôas, e trez ao Sul da Peripueira. A armada fez-se á vela para a Bahia a 7 de Dezembro, e a 16 partiu por terra para aquella Cidade Mathias de Albuquerque, deixando alli Duarte de Albuquerque Coelho por ordem expressa d'El-Rei, e ficando agora exercendo o supremo Commando D. Luiz de Roxas.

1636 — D. Luiz de Roxas, dispondo-se a entrar em campanha, mandou para Alagôa do Norte a artilheria, munições, e doentes, e deixando alli ao Conde de Banholo com 700 homens, poz-se em marcha a 6 de Janeiro com 1,400 Portuguezes, afóra muitos Indios, seguindo uma veréda que mandára abrir pelo centro dos bosques, a qual se achou pessima. Sabendo que o General Schoppe estava descuidado em Porto Calvo com 600 soldados, destacou o Capitão Francisco Rebello com 3 companhias para o entreter até á sua chegada. Chegado á 5 leguas de Porto Calvo, foi avisado pelo Capitão Rebello, de que já se tinha apoderado dos principaes caminhos, e aprizionado o Secretario de Schoppe, e de que se tivesse levado maior força, aprizionaria igualmente Schoppe, que na noute de 14 se escapára, sem ser sentido, com toda a sua columna, hindo por atalhos desusados parar á Barra Grande sem outra perda mais, que a de 28 homens mais atrazados, que os Portuguezes lhe mataram no alcance. D. Luiz de Roxas entrou em Porto Calvo, onde achou víveres, e munições, e sobre um aviso falso de que se conservavam os inimigos na Barra Grande, marchou contra elles; mas conhecido o engano, retrocedeu do caminho, e soube com certeza, que o Coronel Artisjoski, que se achava em Peripueira, havia sahido d'aqui com 1,500 homens em soccorro do seu General, que suppunha em Porto Calvo. D. Luiz tornou a sahir d'esta Villa na tarde de 17. Ao amanhecer do dia 18 encontrou-se com Artíjoski, e travou-se então uma furiosa acção entre ambas as forças

inimigas. Os Hollandezes carregaram a vanguarda de D. Luiz com tanto vigor, que accudindo elle a pé, á testa de um pelotão de piqueiros para a sustentar, foi morto d'uma bala que lhe deu no peito. A sua morte fazendo perder a força moral aos nossos, deu a victoria a Artisjoski, o qual não perdeu um momento em retirar-se á Peripueira, deixando duzentos mortos no campo. A perda dos Portuguezes não excedeu a noventa homens entre elles alguns Officiaes de mérito.

O Conde de Banholo succedeu no commando a D. Luiz de Roxas, em consequencia de uma *Via de successão*, que este levára de Hespanha. O Conde continuou pelo resto do anno na mesma guerra de póstos, e assaltos que anteriormente se fazia, até conseguir desalojar os Hollandezes dos fortes da Peripueira, e Barra Grande. —

1637 — A 23 de Janeiro chegou ao Recife João Mauricio, Conde de Nassau, nomeado Governador Géral de todas as Praças que os Hollandezes haviam conquistado no Brazil: trazia por Assistentes dois Commissarios da Companhia Occidental, e 2,700 soldados. Logo que o Conde se informou do estado das cousas, resolveu atacar com todas as forças ao Conde de Banholo, e perseguil-o até o forçar a passar o Rio de S. Francisco. Tinha para executar este plano 5,550 Hollandezes, 500 Indios, e Negros bem armados, e 40 navios de guerra. No dia 30 embarcou Artisjoski com 2,000 homens, e a 12 de Fevereiro ancorou na Barra Grande, onde se conservou embarcado esperando pelo Conde de Nassau, que marchava por terra com o resto das tropas.

O Conde de Banholo que se achava em Porto Calvo, base das suas operações, sabendo da vinda de Nassau, convocou um Conselho de Guerra, em que Duarte de Al-

buquerque propoz um plano de guerra offensiva, combinada com a defensiva, calculado sobre o systema de aggressão que suppunha aos inimigos. O tempo justificou o acerto das suas ideias: mas Banholo seguiu outro plano: mandou recolher as tropas que guardavam a margem do Rio Una, que os Hollandezes forçosamente haviam passar; e deixando no forte mal acabado, e mal armado de Porto Calvo ao Tenente General de Artilheria Miguel Giberton com 300 soldados, e os artilheiros, e mineiros com as munições, e artilheria que vieram de Portugal, foi tomar posição a pouca distancia no sitio chamado o Outeiro de Amador Alvares, em que começou a construir dois reductos, um dos quaes guarneceu com 3 peças; e alli esperou os inimigos. O Conde de Nassau, seguindo a sua marcha, veio passar o Rio de Una sem opposição no dia 16, e se ajuntou com Artisjoski, que desembarcou apenas soube d'esta passagem; e reunidas todas as forças, marcharam na madrugada de 17 para Porto Calvo, 5 leguas distante.

O Conde de Banholo, tendo feito um reconhecimento fóra de Porto Calvo, encontrou os inimigos a duas leguas d'este ponto. Ordenou então ao Tenente Mestre de Campo General Almiron, que os fosse atacar com 500 soldados, 300 Indios, e 80 Negros. Era quási noute quando Almiron se achou na presença dos Hollandezes a tiro de Mosquete; e cada qual fez alto onde estava, esperando a manhã. Os Hollandezes occupavam um terreno elevado, e no cume construiram uma bateria intrincheirada com 4 peças de campanha, que toda o noute jogaram sobre os Portuguezes. Estes estavam em uma baixa, junto a um riacho, em que levantaram um intrincheiramento, com sua palissada, e nos flancos emboscaram alguma gente. Nesta noute enviou Banholo um reforço de 300 homens, conservando-se na mesma posição que havia esco-

lhido com o resto das tropas, que de nada alli serviam, por causa da grande distancia, e poderiam ser mui uteis na batalha decisiva, que Almiron hia dar com menos de 1,000 homens, sem artilheria, a 6,000 inimigos, que traziam alguns canhões. Ás 8 horas da manhã do dia 18 atacaram os Hollandezes a linha Portugueza, que depois de os repelir duas vezes, foi rôta ao terceiro ataque, perdendo os nossos 42 mortos, inclusos 3 Officiaes, 28 feridos, e 4 Officiaes prisioneiros. Uma parte dos soldados tomou logo o caminho das Alagôas, e o maior numero retirou-se para o campo do Conde de Banholo. Este, logo que soube da derrota, partiu para as Alagôas, levando comsigo a Duarte de Albuquerque, e ao Tenente General Andrade, e deixando cousa de 800 homens a Almiron para comboiar áquelle districto os moradores, que se quizessem retirar, como fizeram muitos, sem que os Hollandezes os seguissem. O General inimigo, satisfeito da sua victoria, pôz cêrco a Porto Calvo, que se rendeu a 6 de Março, sahindo a guarnição com as honras militares, para ser transportada ás Ilhas Occidentaes.

O Conde de Banholo entrou na Alagôa do Sul a 25 de Fevereiro, e no dia seguinte chegou Almiron com a sua columna, e o comboi dos moradores; mas não se dando o Conde alli por seguro, continuou a 10 de Março a sua retirada, e depois de ter marchado cousa de 50 leguas foi fazer alto na Cidade de Sergipe, donde entrou a mandar partidas além do Rio S. Francisco, para devastarem a campanha. —

A 27 de Junho chegou o Almirante Lichtart com 18 navios á Villa dos Ilhéos, 30 leguas ao Sul da Bahia, e queimando uma embarcação mercante, que alli encontrou, quiz saquear a Villa, donde foi expulso pelos seus moradores, e se retirou com uma bala de mosquete em uma perna, de que ficou aleijado. —

A 8 de Julho partiu do Recife João Ikoin, membro do Governo Supremo, com 1,500 soldados em 10 navios, para atacar o Castello de S. Jorge da Mina. O Commandante do forte Hollandez da Morea, situado n'aquella mesma Costa, havia avisado ao Conde de Nassau, de ter agora occasião de conquistar aquella importante Colonia, por haver elle conseguido ligar intelligencias com alguns Officiaes, e soldados da guarnição; e talvez com o proprio Governador. Fosse isto, ou não exacto, o certo é que esta expedição havendo conseguido saltar em terra, e tendo-se encaminhado para a Cidade, o Governador capitulou fracamente quatro dias depois da chegada dos Hollandezes, achando-se a Praça munida de boa artilheria, e muitas munições de guerra. As condições fôram, que a guarnição seria transportada á Ilha de S. Thomé, levando cada individuo sómente o que tivesse vestido. Ikoin deixando o Castello bem guarnecido, voltou para o Recife. —

A Cidade de Sergipe tendo sido evacuada pelo Conde de Banholo, retirando este para a Bahia, foi mandada queimar por Schoppe, voltando este depois para o Rio de S. Francisco. —

Outra conquista fizeram os Hollandezes a 20 do mez de Dezembro, porque mandando-se offerecer os Indios do Seará ao Conde de Nassau para o ajudarem a tomar um reducto, que os Portuguezes alli tinham guarnecido com 20 homens, e duas peças de artilheria, o Conde destacou 4 navios, e 200 soldados, que unidos aos Indios, facilmente o ganharam. —

1638 — A 2 de Abril, soube-se officialmente na Bahia, que esta hia ser atacada pelo Conde de Nassau. Achava-se esta Cidade mui pouco fortificada, falta de víveres, e munições, e apenas com 1,500 homens de guar-

nição, e algumas milicias pouco disciplinadas. Esta inesperada noticia causou tanto terror aos habitantes, que se a Providencia não tivesse alli conduzido o Conde de Banholo com uma força de mais de 1,000 homens, infallivelmente abandonariam a Cidade, como haviam feito em 1624. A esquadra Hollandeza appareceu, em fim, proxima ao Tapoã, trazendo 5,000 soldados, e 800 Indios. e vindo a seu bórdo o Conde de Nassau. No dia 16 entrou pela Bahia em força de 40 navios, de que era Almirante João Mastio, e foi surgir junto da ponta de Tapagipe, a uma legua da Cidade. Pelas trez horas da tarde desembarcarám 3,000 inimigos na praia, e alli passaram a noute. Na madrugada seguinte marcharam a occupar um monte superior ao Engenho de Diogo Moniz Telles, no qual fizeram alto; porém o Engenho foi logo guarnecido por algumas tropas Portuguezas, que seguiram por terra o movimento dos navios; e apóz estas forças o Capitão General Pedro da Silva, o Conde de Banholo, e Duarte de Albuquerque com todas as forças disponiveis, e tomaram posição n'um outro monte a tiro de canhão do inimigo. No dia 18 de Maio, os Hollandezes tendo dias antes ganhado os fortes de Monserrate, e S. Bartholomeu, e alcançado outras vantagens, assaltaram o intrincheiramento de Santo Antonio, ganhando o fosso no primeiro ímpeto; porém tendo accudido alli todas as tropas da Cidade, e travando-se então uma horrivel batalha, foi esta mui fatal aos Hollandezes. Pediu Nassau, e obteve uma suspenção de armas de seis horas para retirar os seus mortos em numero de 327. Dos sitiados morreram 30, incluso 8 Officiaes, e ficaram feridos 80.

A 26 amanheceu deserto o campo dos Hollandezes, que abandonaram 4 peças de 24, muitas armas, ferramentas, 1,000 barricas de farinha, outras muitas de arroz, e legumes, e os fornos com o pão a cozer. Os fortes que haviam tomado, ficaram com toda a sua artilheria. Durante o cêr-

co dispararam contra a Cidade 1,446 balas, e perderam 1,000 homens mortos, e feridos. A 28 sahiram para Pernambuco. —

1639 — Resolveu-se finalmente a Côrte de Madrid a fazer um grande esforço para expulsar os Hollandezes de Pernambuco, mandando armar em Lisboa, e Cadix duas esquadras, em força de mais de 80 navios. El-Rei nomeou para General em chefe, e governador do Brazil, ao Conde da Torre D. Fernando Mascarenhas. Reunidas as duas esquadras em Cabo Verde, seguiram a sua derrota, e a 10 de Janeiro viram o Recife, seguindo depois para o Sul. O Conde de Nassau enviou duas embarcações ligeiras em seu seguimento, para observarem o Porto que tomavam, crendo que surgiriam em algum d'aquella Costa, para desembarcarem as tropas; porém recebendo a noticia de que ficavam ancoradas na Bahia, preveniu a sua esquadra para as esperar na volta.

O Conde da Torre *deteve-se um anno* n'aquella Capital, onde os Hollandezes tinham boas intelligencias, por cujo meio sabiam tudo quanto alli se fazia, e premeditava; e os seus navios crusadores interceptavam os Despachos, que o Conde expedia para Madrid. Este enviou por terra a Pernambuco a André Vidal de Negreiros, e os Officiaes mais praticos dos caminhos, e veredas d'aquella Provincia, com algumas tropas, ordenando-lhes que assolassem todo o Paiz, (como fizeram) e que em certo tempo se aproximassem da Costa, para que descobrindo a sua armada, o seguissem até ao Porto em que ancorasse, a fim de se encorporarem logo com as tropas, que elle desembarcasse, e cercarem o Recife da banda da terra, em quanto elle lhe fazia o mesmo pelo mar.

1640 — Nos principios de Janeiro sahiu da Bahia

o Conde da Torre com toda a sua armada, levando não só as tropas que trouxera da Hespanha, mas ainda a flor das da Bahia: de umas, e outras escolhêu 2,000 homens para o desembarque projectado. Tendo-se recusado a desembarcar as tropas na Barra Grande, depois no Tamandaré, conforme lhe aconselharam, começou a experimentar ventos fortissimos, e grandes correntes para o Norte, e encontrou a esquadra Hollandeza sahida do Recife com 20 navios, e alguns patachos. No dia 12, entre Tamaracá e Goiana, combateram ambas as esquadras em desordem, em cujo combate os Hollandezes perderam o seu Almirante, e lhe foi um navio a pique. Abonançando o tempo algumas horas, e mettida em ordem a esquadra Hespanhola para uma acção geral, avistaram-se os Hollandezes, que conservavam o barlavento. Tornando a crescer o tempo, ambas as esquadras foram arrastadas para o Norte. Achando-se no dia seguinte entre Goiana, e Cabo Branco, tiveram um combate parcial. A 14 atacaram-se novamente na Parahiba; e a 17, na altura do Rio Grande, tiveram a ultima acção, em resultado da qual os Hollandezes se retiraram de todo; e as correntes levaram cada vez mais para o Norte os Hespanhoes.

Perdidas finalmente as esperanças do desembarque na Costa de Pernambuco, rogaram os Chefes das tropas da Bahia ao Conde da Torre, que os desembarcasse em qualquer parte, porque se atreviam a hir d'alli á Bahia, atravessando o sertão, o que elle fez no Porto de Touro, 14 leguas ao Norte do Rio Grande, pondo em terra ao Mestre de Luiz Barbalho com 1,300 homens, e alguns terços de Indios, e Negros. Luiz Barbalho fez uma marcha de 300 leguas das mais trabalhosas, e reuniu-se no caminho com os Officiaes destacados antes da Bahia: entraram todos n'esta Cidade com pouca perda, deixando arruinadas as possessões dos Hollandezes, e destruidos muitos dos seus

destacamentos. O Conde da Torre seguiu viagem para as Indias Occidentaes, onde El-Rei lhe ordenára que fosse, depois de concluido o negocio de Pernambuco, a fim de comboiar os galeões da prata á Europa. No seu regresso a Lisboa, prenderam-o na Torre de S. Julião, da qual sahiu solto depois da gloriosa Acclamação de El-Rei D. João IV. —

CAPITULO IV.

ANNO DE 1640 ATÉ' 1646.

Que fizeram os Hollandezes no Brazil, logo que o Conde da Torre seguiu viagem para as Indias Occidentaes. Chega á Bahia o Marquez de Montalvão, nomeado Governador do Brazil. Tem lugar a Gloriosa Acclamação de El-Rei o Senhor D. João IV. Chega á Bahia esta feliz noticia. Os Hollandezes tomam posse da Cidade de S. Paulo de Loanda em Angola. Tomam igualmente S. Thomé, e todos os nossos portos da Costa de Guiné. Conquistam tambem o Maranhão, mas perdem-o dentro em pouco tempo. Antonio Telles da Silva é outra vez nomeado Governador do Brazil, e toma posse do dito Governo. Os moradores de Per-

nambuco mostram querer alevantar-se contra os Hollandezes, até que com effeito tomam armas para se libertarem, e alcançam uma victoria. Segunda victoria alcançada pelos moradores de Pernambuco contra os Hollandezes. Rende-se aos Portuguezes a fortaleza do Pontal da Nazareth no Cabo de Santo Agostinho, e outras. Nova acção entre os moradores de Pernambuco, e os Hollandezes. D. Antonio Rodrigues Camarão alcança uma victoria com os Hollandezes no Rio Grande. Os moradores de Tejucupapo alcançam uma assignalada victoria contra os Hollandezes.

Tanto que os Hollandezes se viram livres da armada Hespanhola, e das nossas tropas, que andavam pela campanha, sahiu do Recife o Capitão Torlão com uma soffrivel esquadra, a qual entrando pela barra da Bahia, fez grande estrago nos engenhos que encontrou pela beira-mar, saqueando-os, e queimando-os, principalmente no de Paraguassû. Passados seis dias chegou a nossa Infanteria que se achava a grande distancia da Cidade, e castigou com valor tal a ousadia dos inimigos, que Torlão teve que sahir logo pela barra fóra na volta do Recife, carregado comtudo de immensos roubos. Feita esta retirada, chegou d'ahi a dias á Bahia o Marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas, para tomar posse do cargo de Governador do Estado do Brazil, com o titulo de Vice-Rei; o que sabido pelo Conde de Nassau, o mandou visitar, e dar-lhe as boas vindas, presenteando-o com mimos, e regalos. Mascarenhas correspondeu a estas mostras de civilidade, mandando igualmente visitar o Conde de Nassau, e enviando-lhe um presente mais avantajado, do que aquelle que recebêra. D. Jorge Mascarenhas, porém, sendo informado dos estragos, que Torlão causá-

ra, despediu alguma tropa para a campanha de Pernambuco, e por seu Commandante ao Capitão Paulo da Cunha, com ordem de queimar, e arrasar tudo. Esta força chegou effectivamente ao seu destino, e logo começou a queimar todos os canaveaes de assucar, e todos os engenhos, e a matar quantos bois encontrava, para que os inimigos não tivessem assucar que carregar nas suas frotas, e lhes faltasse carne para seu sustento. — D. Jorge de Mascarenhas tratou n'este meio tempo de fortificar a Cidade da Bahia, e reformar o que achára desmantelado, mandando fazer duas galeotas com muitos remos por banda, e bastante artilheria. —

Chegára o dia 1.° de Dezembro d'este anno de 1640, dia d'eterna gloria para a Nação Portugueza, por isso que foi aquelle em que um punhado de verdadeiros nobres, e o heroico Povo lisbonense déram a Corôa a D. João, 8.° Duque de Bragança, gritando: « *Viva El-Rei D. João IV.*, *abaixo o infame jugo Castelhano!* » Apenas soaram as 8 horas da manhã, logo este *grito* sacro-santo se soltou; e tão magico foi elle, que passadas poucas horas, a nossa Regeneração estava effeituada!

Feita esta milagrosa Acclamação na Côrte de Lisboa, e nas mais Cidades, e Villas do Reino, logo El-Rei despachou correios por mar para os Reinos da India Oriental, e para os mais Estados e Ilhas, que faziam parte da Nação Portugueza, fazendo saber aos respectivos Governadores, que Portugal já tinha um Rei Portuguez.

1641 — Chegada esta feliz noticia á Bahia, mandou o Vice-Rei D. Jorge Mascarenhas reunir todos os Prelados das Ordens Religiosas, os Vereadores da Camara, finalmente, os Mestres de Campo, e Sargentos Móres da milicia Portugueza, que alli assistiam, e perante todos leu

a carta que havia recebido. Acabada esta leitura, logo o Mestre de Campo João Mendes de Vasconcellos, pondo as mãos nos cópos da espada, disse estas palavras: «Temos « Rei Portuguez, e este é o Senhor D. João Duque de « Bragança, a quem o Reino pertence. Eia, gritemos to- « dos: *Viva El-Rei D. João IV*, d'este nome Rei de Por- « tugal! — *Viva!* repetiram todos quantos se achavam pre- « sentes.» E logo sem mais demora, antes que alguem sahisse d'aquella casa, mandou D. Jorge Mascarenhas pôr toda a tropa da Bahia em armas, em força de quasi 5,000 homens. Isto feito, ordenou que fossem desarmados os terços Hespanhoes, e Italianos que alli se achavam, o que se effeituou sem a mais pequena desordem. Em seguida, vieram os Vereadores da Cidade com a sua bandeira, e logo o Vice-Rei vestido de gala, bem como todo o seu Estado Maior, mandou deitar um pregão em voz alta, concebido n'estes termos: «Ouvi, ouvi, ouvi, e estai attentos. « — E logo o mesmo Vice-Rei disse est'outras palavras: « — *Real*, *Real*, *Real*, *pelo Senhor D. João IV, Rei de* « *Portugal*!» Todo o Povo, e mais circunstantes responderam enthusiasticamente: *Viva*! Depois, a Infanteria Portugueza deu 3 descargas de alegria, e todas as fortalezas responderam com estrondozas salvas de artilheria.

Concluida esta ceremonia, logo D. Jorge despediu um patacho para o Reino, mandando n'elle seu filho o Marchal, a beijar em seu nome a mão a El-Rei. Igualmente despachou caravelas, e barcos para todas as outras Capitanías do Estado do Brazil, ordenando que em todas ellas fosse celebrada a mencionada acclamação de El-Rei D. João IV. Para Pernambuco expediu João Lopes, Piloto da Barra, incumbindo-o de participar ao Conde de Nassau um tão importante acontecimento. João Lopes aportou ao Recife, com o seu barco todo embandeirado, e sem mandar pedir licença foi ancorar em frente das casas do Conde de

Nassau. Sahindo em terra, acompanhado de muitos Hollandezes, e Judeus, que tinham accudido á praia, a ver que novidade aquella seria, entrou em casa do Conde, e entregou-lhe a carta de D. Jorge Mascarenhas. O Conde apenas a leu ficou tão alegre, que presenteou o mensageiro com uma joia de grande valor, e depois mandou-lhe que fosse entregar aos membros do Supremo Conselho as cartas, que para elles trazia, e que elles festejaram muito. João Lopes tendo-se alli demorado 8 dias, retirou-se com uma carta do Conde para D. Jorge, na qual o mesmo Conde agradecia ao Vice-Rei o favor que lhe havia feito, em lhe mandar tão feliz nova, e lhe asseverava, que dentro em pouco o mandaria visitar em forma, com uma náu que ficava pondo em caminho para a Bahia.

O Conde de Nassau mandou pois uma náu á Bahia, na qual foram por Embaixadores dois Hollandezes de pôsto elevado, encarregados não só de dar os devidos parabens a D. Jorge, mas de lhe ponderar, que visto ter a sua Republica estabelecido treguas com Portugal por dez annos, era justo que elle Vice-Rei concedesse que as houvesse tambem entre a Bahia e Pernambuco, tanto por mar, como por terra. Chegaram os embaixadores á Bahia, aonde fôram benignamente hospedados; e tendo cumprido a sua missão, D. Jorge despediu-os, mandando em sua companhia o Tenente General Pedro Corrêa da Gama, para que em Pernambuco assentasse com o Conde de Nassau, e com o Supremo Conselho as capitulações convenientes, e mandasse retirar para a Bahia a todos os soldados Portuguezes, que andavam na campanha. Pedro Corrêa da Gama desembarcou em Pernambuco, e negociou com o Conde de Nassau, e Supremo Conselho a cessação das hostilidades, mediante certas condições,

Neste meio tempo embarcou o Marquez de Montal-

vão D. Jorge Mascarenhas para Lisboa, entregando o Governo do Brazil a Antonio Telles da Silva, que já o havia tido em sua mão.

O General Pedro Corrêa da Gama, logo que assignou as treguas com os Hollandezes, mandou retirar para a Bahia os nossos soldados da campanha, vindo o Capitão Paulo da Cunha por terra, para hir levando comsigo todos aquelles que andassem desgarrados. Apenas o Conde de Nassau, e os do Supremo Conselho se viram livres de tão terriveis visinhos, entraram a praticar grandes traições. Mandaram 4 náus com muita gente de guerra, e trabalhadores a Sergipe de El-Rei, cuja Capitanía estava despovoada, e levantaram uma fortaleza no porto da Cidade, guarnecendo-a devidamente. Como n'este tempo aportasse ao Recife o famoso Pé de páo, corsario que andava nas Indias Occidentaes de Castella, e por este facto lhes crescessem as forças maritimas, e terrestes, mandaram o Pé de páo com uma forte esquadra a tomar Angola, e a Ilha de S Thomé. Os moradores de Angola, como estavam desapercebidos, e com poucas munições, retiram-se pela terra dentro com o seu Governador Pedro Cezar de Menezes, esperando que do Reino lhes viesse soccorro, para poderem cahir sobre Loanda, e desalojar d'ella o inimigo. Ficou Loanda sendo governada pelo Coronel Hollandez Andreson, e o Pé de páo partiu para S. Thomé, cuja Ilha tomou. Porém o Pé de páo pagou com a vida esta conquista, por isso que o mal da terra o matou d'ahi a dias, e não só a elle, mas a uma grande parte da gente que comsigo levára. Dos inimigos que escaparam com vida ficaram 300 na fortaleza, retirando-se os Portuguezes para o sertão. Em fim, com esta mesma esquadra foram os Hollandezes sujeitar todos os mais portos nossos da Costa de Guiné, deixando n'elles algumas náus para o contracto do ouro, e da escravatura.

Havendo sahido do Recife 6 náus Hollandezas com muita tropa, para conquistar o Maranhão, chegaram estas á barra respectiva, com bandeira de paz, e mandaram a terra pedir licença para ancorar dentro do porto. O Governador Bento Maciel Parente, que tinha ordem d'El-Rei, para receber benignamente os Hollandezes, e Francezes, que alli aportassem, concedeu-lh'a. Desembarcaram os Hollandezes em terra, e de noute tomaram as armas, e cahiram repentinamente sobre os moradores, tanto por terra como por mar. Combateram, e ganharam a fortaleza, e com ella toda a Cidade, que saquearam, matando-lhe muitos moradores. Consumado este horrivel attentado, fizeram-se na volta do Recife, deixando guarnecida a fortaleza com 400 soldados, e com muita mais artilheria! Os moradores retiraram-se para o sertão, e como o Governador fosse mandado partir por terra, pobre, e miseravel, e viesse a morrer entre o Rio Grande, e a Goiana, fingiram-se amigos dos Hollandezes, tomaram os salvo-conductos d'estes, e voltaram para suas casas. Foram porém tractando logo de ajuntar muitas armas, e mantimentos, de convocar muitos Gentios Tapuios, e de requisitarem alguns soccorros do Grão Pará, para em tempo competente poderem dar um golpe nos seus conquistadores. Apenas se viram em estado de o poderem dar com segurança, convidaram ao Governador Hollandez, e aos seus Ajudantes para um festim, onde os mataram, fazendo depois o mesmo a quantos inimigos encontraram pelas ruas, e escapando só da morte aquelles que estavam na fortaleza, e os que se abrigaram debaixo da sua artilheria. Passado tempo chegou ao porto do Maranhão um soccorro, vindo do Recife, porém de nenhuma utilidade poude já servir aos inimigos encerrados na fortaleza, em consequencia da muita força, e fortificações que os moradores tinham. A guarnição da fortaleza, por tanto, retirou-se em uma noute para os seus navios, e estes voltaram para o Recife, ficando livre o Maranhão do seu jugo. —

A tyrannia dos conquistadores de Pernambuco tinha subido ao seu auge, contra os infelizes moradores d'aquella Provincia. Haviam elles posto a preço a cabeça do bravo João Fernandes Vieira, o qual nunca tinha deixado de se conservar nas immediações de Olinda, hostilisando-os. João Fernandes Vieira, pois, achava-se a este tempo resoluto a libertar Pernambuco, e acabava de marchar para Camaragibe com 130 pessoas, todas do seu sentir. Chegado alli entrou a enviar avisos para todas as partes, e a juntar muito mais gente, mandando dar rebate pelas freguezias, que todos os negros crioulos, e mulatos captivos, que n'aquella empreza o acompanhassem, receberiam a sua carta de alforria. Este pregão surtiu menos máu effeito, pois que muitos negros, e mulatos se lhe reuniram. Muitos outros ricos proprietarios d'aquelles sitios seguiram o exemplo de Vieira, reunindo forças contra os seus oppressores, e se apressaram a fazer juncção com elle na casa do Cóvas, que era a mais alta, e espaçosa que havia no sertão de Pernambuco. João Fernandes Vieira, sabendo que marchavam tropas inimigas contra elle, tratou de tomar posição no monte das Tabocas, para alli esperar o inimigo, e combater com elle até vencer, ou morrer. O General Hollandez tendo chegado com as suas tropas junto do rio Tapucurá, conseguiu passar este, se bem que com perca de algumas vidas, em consequencia da passagem lhe ser disputada pelos nossos; e tendo formado os seus esquadrões na faida do monte onde se achava Vieira, este desceu, e travou-se então um encarniçado combate, cujo resultado foi uma brilhante victoria para os nossos: a perda dos Hollandezes subiu a perto de 300 homens mortos, e 400 feridos!

O General Hollandez, assim derrotado, foi retirando de Povoação em Povoação até á de S. Lourenço, onde fez alto aos 3 de Agosto de 1645. Recebeu aqui alguns soccor-

ros de mantimentos, e de gente, vindos do Recife, para resistir ao impeto de João Fernandes Vieira, caso este lhe viesse no alcance. Recebidos estes soccorros, levantou o inimigo o campo, e marchou novamente a encontrar os nossos. Chegado a uma Povoação denominada dos Apupucos, deu alli algum descanço â tropa, mandou dar um saque geral, e commetter toda a sorte de barbaridades. Feito isto, continuaram os inimigos a marcha, e foram acampar junto do engenho de D. Anna Paes, em cuja casa o General Hollandez se alojou com todo o seu Estado Maior.

João Fernandes Vieira, tendo chegado ao seu acampamento o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros com a Infanteria do seu terço, marchou a encontrar o inimigo no citado engenho de D. Anna Paes; encontro que se effeituou, quando o General inimigo, e seus Ajudantes estavam almoçando. Travou-se então uma furiosa batalha, em resultado da qual o General inimigo, e 3 Ajudantes seus ficaram prisioneiros dos nossos, sendo todos os soldados Hollandezes desarmados, e mandados embora, e os Indios que com elles andavam passados á espada!

André Vidal de Negreiros, e Paulo da Cunha, marcharam com algumas forças para hirem fazer render a fortaleza do Pontal da Nazareth, e no 1.º de Setembro mandaram intimar o Governador d'ella, para lh'a entregar: como este a tivesse já offerecido ao Governador Geral do Brazil, entregou-a promptamente sob certas condições. Depois d'este rendimento, as nossas armas conquistaram o forte de Sirinhão, o de Porto Calvo, o do Rio de S. Francisco, e a fortaleza de Olinda.

Recolheram-se João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros ao seu quartél da Varsea, deixando pro-

vidos de gente os póstos por onde o inimigo podia fazer suas sahidas da Ilha de Tamaracá, e considerando que não era bom estarem alli sem ter uma fortaleza aonde se recolhessem no tempo de alguma oppressão, e podessem guardar a polvora, e mais munições de guerra, levantaram uma no espaço de trez mezes, e montaram n'ella 8 peças de artilheria de bronze, que haviam trazido da fortaleza de Porto Calvo. No 1.º dia de Janeiro de 1646, salvou a nova fortaleza pela primeira vez, sobresaltando-se os inimigos ao ouvirem disparar peças de artilheria, tão proximo do Recife, sem serem das suas fortalezas. Os Hollandezes não cessavam de fazer as suas sortidas fóra do Recife, tanto para descubrir o nosso campo, como para levar lenha, e agua para beberem; porém nunca se recolhiam para o Recife sem deixarem alguns mortos no campo, e levarem alguns feridos, por quanto os nossos Capitães, que occupavam as estancias em torno do Recife, davam sobre elles, e os faziam retirar até se meterem debaixo da sua artilheria. Os nossos soldados andavam tão activos, e valentes, que até debaixo das fortalezas do inimigo lhe hiam de noute tomar o gado que tinham para comer, e os cavallos de seu serviço, sem que os Hollandezes podessem obstar a este damno.

Passados dias sahiram do Recife um Negro, e um Crioulo, e sendo tomados pelos nossos soldados, e apresentados ao Mestre de Campo, confessaram que os Hollandezes se preparavam para sahir fóra no seguinte dia com muita gente de guerra, para fazerem lenha no sitio das Salinas, e roçarem todo o mato em circuito da casa de Francisco do Rego, onde queriam levantar um forte, para d'alli sahirem a seu salvo pela terra dentro, e expulsar d'aquella paragem os nossos Capitães, e soldados, que alli tinham as suas estancias. Os Mestres de Campo mandaram logo pôr a bom recado os dois Negros, para experi-

mentar se faltavam verdade, e logo mandaram a diversos Capitães sob o commando superior de Paulo da Cunha, que fossem emboscar-se no sitio das Salinas, para que se o inimigo sahisse o desbaratassem, e lhe quebrassem o intento que trouxesse. Partiram os Capitães, e descuberto o primeiro campo, e com boas vigias estiveram toda a noute emboscados. Ao raiar do dia foram os nossos descobridores a vigiar a terra, e observaram que na casa de Francisco do Rego estava uma grande força inimiga de Hollandezes, e Negros, e que os soldados estavam formados em alla, e 6 Hollandezes de cavallo vinham descubrindo o campo pela parte da carreira dos Mazombos, armados com clavinas, e pistolas. Prepararam-se os nossos para combater, e alguns d'elles deram sobre os inimigos de cavallo, matando dois; e os 4 que fugiram foram dar rebate ao seu esquadrão, mostrando-lhe o sitio onde a nossa gente os atacára. Os Hollandezes formaram-se em 2 batalhões, e vieram buscando os nossos, por duas partes; sahiram os nossos das emboscadas, e cahiram subitamente sobre elles, travando-se uma escaramuça que durou duas horas. A victoria pertenceu aos nossos, pois que os inimigos tiveram 23 mortos, e 26 Negros prisioneiros, e fugiram em debandada a abrigar-se debaixo do fogo de 3 fortalezas suas: perderam toda a ferramenta que traziam, algumas armas, e outros despojos.—

1645 — A 9 de Novembro sahiu do Recife um batalhão inimigo em força de 312 soldados Hollandezes, e muitos Indios, e Negros a buscar a nossa gente com a intenção de que se passassem para elles 300 e tantos Hollandezes, que andavam nas fileiras Portuguezas. Chegada a noute emboscaram-se os inimigos junto ao engenho de Antonio Fernandes Pessoa, e nas mesmas suas casas que estavam deshabitadas. Henrique Dias, Commandante do terço de Negros ao nosso serviço, viu reunir os inimigos com

os que guarneciam a fortaleza dos Afogados, e não lhe sahiu ao encontro, por ser muita gente, e elle não estar preparado para os poder combater; e assim os deixou passar sem sahir a campo, reservando-se para os acolher de emboscada quando voltassem para o Recife, como effectivamente fez; porém logo mandou participar a João Fernandes Vieira o que era passado, pedindo-lhe que mandasse estar a gente á lerta.

O inimigo sahiu n'aquella noute da fortaleza dos Afogados, e foi-se emboscar na paragem que temos dito. No dia seguinte ao romper da alva, mandou o Capitão Pedro Cavalcante descobrir campo por Manuel de Sousa Uchôa, e dois soldados; estes, hindo a passar junto das casas do citado engenho, cahiram-lhes em cima os Hollandezes, e prizionaram a Manuel de Sousa, e a um dos dois soldados, que depois mataram ás cutiladas. O terceiro tendo conseguido fugir, veio dar aviso do successo ao Capitão Calvalcante, e ao Capitão João Lopes Villa Franca, que com elle estava, os quaes logo marcharam com seus soldados a encontrar o inimigo, o investiram. Ouviu-se o estrondo da mosquetaria no nosso Arraial, e nos logares circumvisinhos; e como o Capitão Paulo da Cunha estava alojado n'um dos sitios mais proximos do combate, accudiu logo a este, e accommetteu o inimigo com tanto valor, que o metteu em grande aperto. Partiram tambem logo João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros com perto de 2,000 soldados, e 300 Hollandezes, Inglezes, e Alemães, que com elles andavam, e estavam deliberados a rebelar-se contra os nossos n'aquella occasião, segundo haviam promettido ao Supremo Conselho do Recife; o que não fizeram, porque o seu Mestre de Campo Theodosio de Estrate, como leal aos Portuguezes, sempre os levou na vanguarda, e debaixo das bocas dos nossos mosquetes, e porque viram muita gente da nossa parte. Com a chegada de João Fernandes

Vieira ao campo da batalha, se accendeu esta de tal sorte, que os inimígos vendo-se oprimidos, tentaram fazerem-se fortes nas casas do engenho, e mandaram cortar o Capitão Cunha por um batalhão; o que se effeituaria, se o Sargento mór Antonio Dias Cardoso o não soccorrêra mui a proposito. N'este meio tempo chegou um soccorro aos inimigos, e estes sahiram para fóra das casas. O combate tornou-se então tão encarniçado, que Dias Cardoso, por ordem de Vieira, começou a gritar aos nossos soldados: « *A' espada, senhores, á espada.* » Os nossos obedeceram, e arremmetteram os inimigos com tanto furor, que mataram, e feriram a muitos d'elles, fizeram retirar a todos, e lhes foram no alcance: e porque aos nossos lhes hia faltando a polvora, e ballas, chamou André Vidal de Negreiros ao Capitão da Cavallaria Antonio da Silva, e lhe disse que fosse com alguns dos seus soldados buscar polvora, e ballas ao Arraial. Logo que estas chegaram, providos os nossos soldados, foram dando sobre os inimigos até aos muros da fortaleza dos Afogados. Como a artilheria d'esta entrassse a jogar fortemente sobre os nossos, tiveram estes que se retirar; o que fizeram em muito boa ordem.

Retirada a nossa gente para um lugar, onde nenhum damno lhe causavam as peças da fortaleza, sahiu o inimigo para o Recife, levando os seus feridos, e os mortos que poude carregar. Os inimigos perderam n'este encontro 72 soldados, e foram muitos os feridos. Dos nossos morreram 6 soldados, e ficaram feridos 30, incluindo o Capitão Paulo da Cunha. Hiam os inimigos continuando a sua retirada, quando cahiu sobre elles Henrique Dias, que estava emboscado com os Crioulos, e Negros do seu commando, e lhes deu duas descargas cerradas de mosquetaria, com que lhes matou 40 soldados, e feriu a muitos. Os que escaparam da morte, por hirem na vanguarda, foram fugindo apressadamente para o Recife; os que vinham na re-

ctaguarda tornaram a recolher-se á fortaleza dos Afogados, deixando pelo caminho immensos despojos, de que os vencedores se aproveitaram. Henrique Dias recolheu-se á sua estancia com a sua gente, e sem esta ter tido morto algum, nem ferido.

Aos 13 dias de Novembro estando os Crioulos de Henrique Dias emboscados entre as fortalezas inimigas, veio passando uma força Hollandeza da Cidade de Mauricea para os Afogados, a render a guarnição d'esta fortaleza, em consequencia de haver constado ao Supremo Conselho, que 30 Francezes que assistiam na fortaleza, tinham resolvido matar em uma certa noute a todos os Hollandezes que n'ella estavam, e entregal-a aos Portuguezes: em resultado d'este aviso, mandaram os do Conselho prender o Commandante da dita fortaleza. Vindo pois esta força inimiga para os Afogados, e passando por onde estava a nossa emboscada, cahiram sobre ella os soldados de Henrique Dias, que lhes mataram dez homens, e feriram outros, fazendo fugir os restantes.

No dia seguinte, avisou Henrique Dias aos nossos Mestres de Campo, de que todos os Sabbados vinham alguns inimigos do Recife bastecer a fortaleza dos Afogados, e que bom seria armar-lhe algum laço para os apanhar, e de caminho fazer alguma honrada empreza. João Fernandes Vieira tendo recebido este aviso, e achando-se já sabedor de que os Hollandezes estavam decididos a assaltar o nosso Arraial n'aquella noute, com todo o seu poder, forneceu mais gente aos Capitães das estancias, para que o inimigo achasse resistencia por qualquer parte que commettesse a sahida. Feito isto, Vieira, e André Vidal de Negreiros, deixando bem guarnecido o nosso Arraial, foram-se emboscar com todo o resto da nossa gente debaixo da artilheria da fortaleza dos Afogados, para cahirem sobre

o inimigo quando elle fosse a entrar na fortaleza. Entre as sete, e as oito horas da manhã seguinte veio sahindo do Recife uma força Hollandeza, escoltando o bastecimento do costume para a fortaleza dos Afogados. Esta força foi atacada pelo terço de Henrique Dias, que se achava emboscado, e perdeu na acção 12 mortos, 3 prisioneiros, e parte dos comestiveis. Henrique Dias tendo seguido os inimigos até entre algumas das suas fortalezas, e vendo que o fogo d'estas lhe podia ser mui prejudicial, voltou para a sua estancia, onde já encontrou a João Fernandes Vieira, e a André Vidal com toda a sua Infanteria, porque apenas ouviram os tiros de mosquetaria, levantaram logo a emboscada, e marcharam por entre o mato a accudir ao local, onde se combatia: porém quando chegaram já o combate tinha acabado. —

A 16 de Novembro, receiando os Hollandezes que estavam ao serviço Portuguez, que se descobrisse a traição que nos tinham preparada, e que descoberta ella, os nossos os passassem ao fio da espada, foram ter com João Fernandes Vieira, e com André Vidal, e lhes disseram: « Que « estando tão agradecidos do bom, e honrado tratamento, « que os Portuguezes lhes faziam, e da pontualidade com « que lhes pagavam seu soldo, queriam fazer uma empre- « za de muita consideração, em proveito nosso, e damno « do inimigo, e que para isso lhe mandassem dar ração pa- « ra trez dias, porque 2 Capitães Hollandezes com as suas « companhias queriam fazer uma emboscada, aonde sabiam « que haviam de matar a muitos inimigos, que haviam sa- « hir a buscar agua para beberem. Concederam-lhes os nossos dois Governadores o que pediam, e d'alli a 4 dias partiram os dois Capitães Hollandezes do nosso Arraial, levando comsigo 63 soldados dos seus. Foi com elles um Ajudante nosso, com ordem aos Commandantes das estancias para os deixarem passar, o que assim se fez, voltando o

Ajudante para o nosso Quartel General. Logo que os dois Capitães Hollandezes passaram além dos nossos postos, seguiram para o Rio Beberibe, atravessaram-o, e foram marchando para o Recife, onde os veio esperar o Supremo Conselho. A noticia d'esta entrega foi trazida ao nosso campo por um Negro, que desertou do inimigo para os nossos. Mandaram logo os Mestres de Campo Portuguezes formar todos os Hollandezes, e mais estrangeiros que tinham debaixo das suas ordens, e os metteram entre o nosso esquadrão, que se achava em forma de guerra; e ordenando então que se passasse uma busca a todos os alojamentos dos mesmos estrangeiros, ahi se acharam provas bastantes, de que estes traidores hiam de noute ao Recife fallar com os Governadores d'elle, e participar-lhe tudo quanto no nosso exercito se passava. Reconhecido isto, foram todos os Hollandezes desarmados, e mandados no dia seguinte para a Bahia, escoltados por uma forte guarda. —

N'este mesmo mez de Novembro chegou á Bahia em uma caravela do Reino o Capitão Manuel Ribeiro com uma companhia de soccorro, e o Governador Geral Antonio Telles da Silva o mandou na mesma caravela com munições, e armas para Pernambuco. Manuel Ribeiro, partiu, e depois de ter escapado na altura de Porto Calvo a duas náus inimigas, que o preseguiram, conseguio desembarcar no porto da Barra Grande as munições que conduzia, e estas foram levadas para o nosso Arraial. —

No fim de Dezembro sahiram do pôrto da Nazareth duas caravelas em direitura para o Reino. Uma d'ellas achando-se no seguinte dia entre duas náus Hollandezas, que lhe foram dando caça, poude escapar-se-lhes, e seguir a sua viagem; porém a outra foi menos feliz, pois que sendo atacada por 5 náus inimigas, não teve remedio senão entrar no pôrto de Tamandaré, e salvar-se a gente,

e os papeis de importancia que levava: a tripulação ainda não estava bem desembarcada em terra, e pósta em salvo, quando o inimigo já estava dentro da caravela, e a tinha tomado com toda a carga que ella levava. João Fernandes Vieira, apenas soube d'este desastre mandou levantar no porto de Tamandaré um forte com artilheria, para que se alguma embarcação nossa perseguida do inimigo se recolhesse alli, ficasse ao abrigo de qualquer damno. —

1646 — No principio d'este anno, foi preciso que João Fernandes Vieira, e Vidal de Negreiros fossem ao Pontal da Nazareth. Os inimigos sabendo que estes dois bravos Chefes se achavam ausentes do nosso Arraial, sahiram do Recife em força não pequena, com a intenção de construirem um forte entre a sua fortaleza das Cinco Pontas, e a dos Afogados, para que d'alli franqueassem o caminho aos seus, sem que os soldados de Henrique Dias lhes pudessem causar ruina. Henrique Dias tendo descoberto por via das suas vedetas, a columna inimiga, partiu logo para o nosso Arraial, e deu conta do que se passava ao Mestre de Campo Moreno, dizendo-lhe, que apenas ouvisse fogo lhe mandasse soccorro, por quanto elle hia combater os Hollandezes, e não consentiria que elles levantassem o reducto, que intentavam. Henrique Dias partiu pára a sua estancia, formou a sua gente, passou com ella o Rio, e marchou a encontrar os Hollandezes. Achou estes em força de um batalhão, afóra os paizanos da faxina, e investiu-os subitamente, dando-lhes uma descarga cerrada de mosquetaria. Os trabalhadores fugiram immediatamente para a Cidade de Mauricea, e uma segunda descarga nossa fez tambem retirar os soldados para a fortaleza das Cinco Pontas. Como a artilheria inimiga entrasse a jogar muito contra os nossos, estes recolheram-se á sua estancia. O inimigo vendo que de dia não podia fabri-

car o reducto, por causa da grande resistencia que encontrava nos nossos soldados, não cessou de disparar a sua artilheria em duas noutes seguidas, em consequencia do que conseguiu levar a effeito o seu projecto, levantando o citado reducto a distancia de um tiro de mosquete da fortaleza das Cinco Pontas. No dia 22 de Janeiro pôz em campo um batalhão, e grande quantidade de trabalhadores, e começou a roçar o mato circumvisinho, para que a sua artilheria podesse jogar livremente sem perigo de alguma emboscada nossa. Henrique Dias, logo que soube isto, passou com a sua gente á outra parte do Rio, e atacou o inimigo. Ouvido no nosso Arraial o estrondo da mosquetaria, partiu João Fernandes Vieira com alguma gente para o lugar do combate. Tendo passado o Rio, e chegado ao theatro da peleija, viu que havia alli falta de munições de guerra. Forneceu de polvora os nossos combatentes, e estes tornaram a renovar o combate, com ardor incrivel. N'este tempo passou da outra parte do Rio Antonio Dias Cardoso, com um soccorro de 4 companhias, e logo estas entraram a tomar parte na acção. André Vidal, e Martim Soares, que haviam ficado no Arraial, partiram tambem com um grande soccorro de gente; porém quando chegaram, já o inimigo se havia retirado, e os nossos estavam d'aquem do Rio. —

Apenas os Hollandezes souberam que D. Antonio Filippe Camarão andava pelo districto do Rio Grande, e que havia queimado as Aldeias dos Indios Pitiguares, e Tapuias d'aquelles contornos, em castigo de se haverem mancomunado com os inimigos, em cujas fileiras nos faziam a guerra, mandaram vir gente das fortalezas da Parahiba, pozeram em campo um exercito de 1,300 homens, e marcharam a encontrar Camarão. Este, informado pelos seus exploradores de que o inimigo estava a caminho, e o vinha procurar, cuidou em se preparar para o receber, e des-

baratar com esforço, e arte. Achou-se em uma campina, aonde um pequeno Rio mui fundo cortava a estrada que hia para o Rio Grande, campina, que estava rodeada pela esquerda por um tabocal, ficando-lhe pela direita servindo o Rio de muro. Camarão levantou aqui uma trincheira, na qual metteu muitos mantimentos, e se recolheu com os seus soldados. Ainda elle não tinha acabado de ordenar a sua gente, quando a sentinella que estava mais avançada, deu rebate, e veio retirando para junto da que estava mais perto, e ambas se recolheram á trincheira. Logo que os inimigos avistaram a nossa gente, avançaram contra ella em columna cerrada, com a maior resolução. A primeira fileira dos nossos arcabuzeiros recebeu-os galhardamente com uma descarga cerrada, a qual lhes matou alguns soldados, e feriu muitos. Durou a batalha mais de duas horas. Os nossos obraram prodigios de valor, tanto assim, que forçaram os inimigos a uma retirada vergonhosa, deixando estes 80 mortos no campo, e muitas munições de guerra, e levando comsigo uma quantidade immensa de feridos. Os nossos não tiveram morto algum, e apenas trez foram feridos levemente.

Ganha a victoria pelos nossos, sahiram estes para fóra da trincheira, a fim de se fazerem senhores dos despojos, que os inimigos deixaram. Camarão ficou 4 dias no campo celebrando a victoria, e tractou de mandar aos nossos Governadores a relação do glorioso successo, incumbindo d'esta missão ao Capitão João de Magalhães. Chegado que este foi ao nosso Arraial, apertou muito a João Fernandes Vieira, para que mandasse ao Camarão um soccorro de gente, polvora, e balla, porque se queria cahir sobre o inimigo, e não lhe dar tempo de tomar alento, e de reforçar-se. André Vidal de Negreiros tomou esta jornada a seu cargo, e partiu do nosso Arraial com 4 companhias, as melheres do seu terço, das quaes eram Capi-

tães Paulo da Cunha Souttomaior, Antonio Gonçalves Tição, Francisco Lopes, e Nicolau Aranha: marcharam tambem com este soccorro duas companhias do terço de Henrique Dias, a saber: uma de Crioulos, e outra de Negros de Minas. João Fernandes Vieira tendo ordenado a Henrique Dias, e aos mais Capitães das estancias, que todas as noutes picassem o inimigo por todas as partes, não lhe dando nem um só momento de descanço, partiu em pessoa com 4 soldados animosos, e uma espingarda na mão, e foi por entre o mato ver as fortificações dos inimigos, e os lugares por onde se lhes podia fazer damno. Feito este reconhecimento, regressou ao nosso Arraial, e tanto que chegou a noute, todos os nossos Capitães das estancias começaram a picar o inimigo em todas as direcções, em cumprimento da ordem que haviam recebido.

Na seguinte noute foi Henrique Dias com o seu terço investir o reducto, que os inimigos tinham junto da fortaleza das Cinco Pontas, no qual estavam 30 soldados, com 4 peças de artilheria. Os inimigos foram obrigados a desamparar o reducto, e este não foi destruido pelos nossos, por causa do grande fogo de artilheria da fortaleza inimiga, os obrigar a retirar. —

Chegando o Mestre de Campo André Vidal Negreiros á Parahiba com o soccorro, de que já fizemos menção, achou alli o Governador Camarão com o seu terço, que lhe contou, que vindo o inimigo do forte do Cabedello em lanchas pelo rio acima, com o fim de fazer alguma preza no silencio da noute, fôra visto pelas nossas sentinellas, e que a resistencia que estas lhe fizeram, o obrigára a retirar a voga arrancada. André Vidal apenas o informaram d'estas cousas, determinou encontrar-se com o inimigo, e para isso deu conta do seu intento a Antonio Filippe Camarão, o qual o approvou; e assim partiram ambos, cada um com

a sua gente, tomando o caminho do sertão. Caminhando pois estes dois bravos, cousa de 9 para 10 leguas, foram emboscar-se com a sua gente junto da fortaleza de Santo Antonio, que o inimigo occupava. Logo que rompeu a manhã, despediram por differentes partes 40 soldados dos praticos n'aquella paragem, para que fossem picar os inimigos que guarneciam a dita fortaleza, o que foi executado com muita destreza, e valor. Os inimigos reparando no pequeno numero dos nossos, que os accommettia, mandaram sahir contra elles uma força de 360 soldados, os quaes os vieram buscando, parecendo-lhes que tinham a victoria ganha. Os nossos soldados conservaram-se quietos como em emboscada, e tanto que o inimigo se foi chegando a tiro de mosquete, levantaram-se, deram-lhe duas descargas, fingiram uma retirada falsa, e vieram-nos trazendo para a parte das nossas emboscadas. Desemboscou-se então toda a nossa gente, e colhendo os inimigos no centro, mataram-lhes 58 Hollandezes, e 15 Brazileiros, dentro em poucos minutos. Não tardou que os inimigos começassem a fugir, largando as armas, e que muitos d'elles se deitassem a nado ao mar, para salvarem as vidas n'umas lanchas que alli tinham; os Indios, e Tapuias do Camarão foram ferindo n'elles, em quanto a agua lhes não cubriu as cabeças.

Tornou Negreiros com o Camarão, e mais Capitães, e soldados para a Cidade, ficando o inimigo mui aterrado, por causa do estrago que havia soffrido. Logo que toda a nossa gente descançou, partiu Camarão para o Rio Grande com todo o seu terço composto de Brazileiros, Pitiguares, e Tapuias, de que El-Rei o fizera Governador, e Capitão Geral, levando comsigo muitos outros Capitães, bem como a companhia de Negros, e Criculos de Henrique Dias. Hia elle determinado a mandar arrancar toda a mandioca, e legumes que alli se achassem, e a retirar todo o gado que apparecesse, para que o inimigo não tendo n'aquella pa-

vagem mantimentos de que se sustentar, se visse obrigado a desamparar a fortaleza, ou a estar sempre esperando que lhe viessem por mar os comestiveis do Recife.

N'este meio tempo sahiram da Ilha de Tamaracá 40 e tantos Hollandezes, com outros tantos Indios da sua facção, embarcados em 6 lanchas. Tendo saltado em terra junto ao Tejucupapo com intento de carregarem os barcos de mandioca, cahiram-lhes em cima 30 soldados dos nossos, que alli se acharam, do que resultou morrerem 20, e terem os restantes que retirar-se para a Ilha a toda a pressa.—

Compostas as cousas da Parahiba, partiu Negreiros para o nosso Arraial da Varsea, trazendo comsigo ao Capitão Antonio Gonçalves com a sua companhia, para o que lhe podesse acontecer pelo caminho. Estando pois o Mestre de Campo na Guiana, estimulados os Hollandezes pela desgraça que havia succedido á sua gente, que havia hido arrancar mandioca, conforme acabámos de narrar, despediram do Recife 150 soldados em 20 lanchas, os quaes chegando á Ilha de Itamaracá, tomaram alli mais 10 lanchas com 100 Brazileiros, e com esta força; surgiram em um porto do Tejucupapo, onde alguns moradores andavam a colher mandioca. Estes moradores logo que viram tanta tropa inimiga, largaram tudo por mão, correrram a dar parte d'isto a Negreiros, que ainda se achava na Guiana. O Mestre de Campo metteu logo em ordem a sua gente, para hir investir os Hollandezes, porém já não chegou a tempo de os achar em terra, por isso que tendo-se elles aproveitado da mandioca que acharam junta, e de muitas outras cousas, apressaram-se a metter tudo nas lanchas, e logo se fizeram ao mar na volta da Ilha; e assim quando a nossa gente chegou, já as ballas dos mosquetes não alcançavam as lanchas. Succedeu pois, que vindo uma d'estas lanchas carregada de mandioca, para o Recife, vindo navegando defronte do

Páo Amarello, a dois, ou trez tiros de mosquete desviada da terra, andavam uns pescadores nossos deitando uma rede ao mar, os quaes tanto que viram a lancha, se embarcaram em jangadas, envestiram com ella, e a tomaram. —

A 2 de Abril desertaram do Recife para Olinda dois Hollandezes, os quaes trazidos ao nosso Arraial, confessaram que havia entre os seus muita fome, que muitos d'elles estavam para se passar para nós, e que se o não tinham já feito era por terem receio, de serem mal recebidos; porém, que se Vieira, e os dois Mestres de Campo lhes dessem licença, elles escreveriam cartas aos seus patricios, que no Recife ficavam, nas quaes lhes certificariam o bom quartel, e honrado tratamento, que os Portuguezes lhes tinham feito. Estas cartas fôram escriptas com permissão de Vieira, e dos Mestres de Campo, e obteve-se d'isso um bom resultado, pois que muitos inimigos começaram depois a apresentar-se no nosso Arraial. —

Entre o principio de Maio, e o fim de Abril, vendo-se os Hollandezes que estavam na Ilha de Itamaracá, preseguidos por grandissima fome, e que do Recife lhe não vinha provimento pelo não haver, resolveram-se a fazer uma sortida fóra da Ilha, e a cahir repentinamente sobre Tejucupapo, onde sabiam que existiam muitos mantimentos, Para effeituarem esta sua resulução, pediram ao Recife soccorro de gente, e de embarcações, o qual lhe chegou sem demora, em numero de 12 lanchas. Partiram depois a dar o desembarque projectado, mas os habitantes de Tejucupapo fizeram-lhes uma tal resistencia, que se víram obrigados a desistir da empreza com a perda de muitos mortos, e feridos, e a reembarcarem deixando em poder dos vencedores muitas armas, e munições de guerra. —

A 10 de Junho foi João Fernandes Vieira avisado, de que os inimigos tinham 3 náus ancoradas no Rio que cerca a Ilha do Itamaracá, e isto nas trez passagens por onde em baixa mar de aguas vivas se podia entrar na dita Ilha. A primeira náu achava-se fundeada aonde chamam os Marcos; a segunda na Tapessuma; e a terceira entre ambos os Rios. Vieira communicou o aviso com os dois Mestres de Campo Negreiros, e Moreno; e mandou logo carregar em carros 3 peças de artilheria, com todo o necessario para se fazer uma plataforma. Com este trem partiram dois bons artilheiros, e 8 companhias de atrevidos soldados, commandados por corajosos, e experimentados Capitães, aos quaes se ordenou que com todo o segredo possivel fizessem um trincheirão entre os mangues, sobre a náu, que estava no porto de Marcos, e assentassem n'elle as 3 peças, para que disparando-as de repente, podessem meter a náu no fundo. Partidos estes Capitães com as suas companhias, chegaram ao sitio, que lhes era ordenado, com todo o segredo, levantaram o trincheirão, e cavalgaram n'elle as 3 peças, sem que o inimigo o percebesse. Passados 3 dias chegou Vieira áquelle ponto, levando comsigo André Vidal de Negreiros; e como visse já executada a primeira das suas ordens, mandou preparar duas lanchas, e 10 ou 12 jangadas, e embarcou n'ellas certo numero de soldados animosos, e grandes nadadores, para que tanto que avistassem a primeira náu, que estava nos Marcos, a investissem furiosamente, que elle de terra ajudaria a empreza, e se fosse necessario metteria a náu no fundo. Partiram os soldados nas jangadas, e lanchas, a encontrarem a náu; apenas a avistaram arremetteram com ella com tanta resolução, e com tanta pressa, que os Hollandezes que n'ella estavam não poderam tomar as armas, nem accender murrão; e assim se começaram a defender arremeçando muitas, e grandes pedras contra os nossos. Feriram-nos 3 soldados, e voltaram algumas das jangadas,

porém os que n'ellas hiam como eram bons nadadores, tornaram a pôr-se-lhes em cima, e começaram a subir pela náu com uma resolução incrivel. N'este tempo mandou Vieira disparar as 3 peças do trincheirão, e como estavam carregadas com trancas de ferro, quebraram os mastros da náu, derrubaram-lhe as vélas, e espedaçaram-lhe uma parte das enxarceas. Os Hollandezes ficaram com isto tão medrosos, e enfraquecidos, que os mais d'elles deitaram-se ao mar a nado para salvarem as vidas, dos quaes alguns se affogaram, e outros que conseguiram chegar a terra, foram-se recolhendo por entre os mangues para as fortificações, que na Ilha tinham.

Os nossos mataram ao inimigo 14 homens, e aprizionaram-lhe 4, os quaes confessaram aos dois Mestres de Campo que na segunda náu havia menos gente, e resistencia. Vieira mandou logo desenxarcear a náu, e tirar-lhe todo o velâme, vitualhas, e artilheria que tinha a seu bórdo, e tudo passou para a nossa banda. Feito isto, mandou passar nas lanchas a maior parte da Infanteria com seus Capitães, para que emboscados em differentes partes podessem repellir os inimigos que estavam nas fortalezas, cazo estes tentassem sahir para as margens do Rio. Ordenou depois que se deitasse fogo á náu aprezada, e partiu por terra, e as lanchas, e jangadas por mar a investir a segunda náu a qual os Hollandezes queimaram, antes que os nossos a fossem abordar, acolhendo-se elles a terra. Queimada pois esta segunda náu, sem que d'ella se aproveitasse cousa alguma, foram os nossos caminhando para a terceira, que se achava entre ambos os Rios, mettendo-se os dois Mestres de Campo em uma lancha com 8 mosqueteiros, para serem os primeiros que a abordassem: porém os Hollandezes que n'ella estavam foram todos fugindo para terra, uns em bateis, outros a nado, e deram rebate aos que estavam nas fortalezas, em como toda a Ilha es-

tava cercada de Portuguezes por mar, e por terra com muita artilheria, e gente: ouvida esta noticia todos os inimigos se recolheram dentro dos fortes, e se puzeram em ordem de se defender.

Logo que os nossos entraram na terceira náu, passaram para terra todo o proveitoso, que n'ella havia, e depois pozeram-lhe fogo. Na seguinte noute todos os Hollandezes que estavam nas fortalezas, vendo que estavam cercados por todas as partes, e temendo sua total ruina, encravaram toda a artilheria dos fortes, e retiraram-se mui silenciosamente para o forte do mar, sito na barra, e chamado a fortaleza de Orange. Os nossos dois Mestres de Campo apenas souberam que as fortalezas inimigas estavam abandonadas, mandaram-as occupar por diversas companhias de gente, e ordenaram ao Sargento-mór Antonio Dias Cardoso, que fosse retirar para a nossa banda toda a artilheria que estava nas referidas fortalezas, e que as mandasse arrazar por terra, porquanto nos seria mui difficil o sustentar a Ilha, pela razão de poder o inimigo entrar cada vez que quizesse com as suas náus, pois era senhor da fortaleza da barra. Ordenaram mais a Dias Cardoso, que com a artilheria tomada ao inimigo, que sobia a 18 peças, fabricasse uma fortaleza na paragem dos Marcos, e que a guarnecesse de gente sufficiente para poder ser defendida, e impedir que o inimigo entrasse pela terra dentro; e com isto se recolheram Vieira, e Negreiros ao nosso Arraial, trazendo em carros todo o massame que se havia tirado das duas náus. Dias Cardoso executou em breve tempo as ordens que recebêra.

CAPITULO V.

ANNO DE 1647 ATE' 1716.

Manda El-Rei soccorrer a Bahia. Alcançam as nossas armas uma grande victoria em Pernambuco contra os Hollandezes. Salvador Corréa de Sá sahe de Lisboa com o titulo de Governador do Rio de Janeiro, e de Capitão General de Angola. Os Portuguezes expulsam de Pernambuco os Hollandezes. Morre El-Rei D. João IV. e succede-lhe seu filho D. Affonso VI. Succede a este Soberano D. Pedro II. Feito de uma esquadra Portugueza no estreito de Gibraltar. Parte uma grande armada nossa para o Brazil. E' invadido o Rio de Janeiro pelos Francezes. Gloriosas acções militares obradas no Estado da India, sendo Vice-Rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes. Parte uma esquadra nossa em soccorro da Ilha de Corfú, que se achava sitiada pelos Turcos

1647 — Neste mesmo anno mandou El-Rei em soccorro da Bahia, onde tinha entrado uma armada Hollandeza, a Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa Poucca, e General da Armada, com 12 navios, levando por seu Almirante Luiz da Silva Telles, com Patente de Mestre de Campo General. Chegou o Conde á Bahia 8 dias depois dos Hollandezes haverem arrazado o forte de Taparica, e tomou posse do Governo. Antonio Telles da Silva ficou residindo na Bahia todo o tempo, que Menezes a governou.—

1648—A 19 de Abril um exercito Portuguez, de 2,500 soldados, de que era Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes, e Cabos principaes João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, D. Antonio Filippe Camarão, e Henrique Dias, combateu contra um exercito Hollandez de 7,400 combatentes, e 6 peças de artilheria em Pernambuco junto a uns montes, a que chamam Gararapes: com tão desigual numero conseguimos grande victoria, morrendo dos nossos 84, passando os feridos de 500, em que tivemos grandes despojos, entrando o Estandarte da Republica de Hollanda, e 29 Bandeiras. Depois de cinco horas de combate, matámos aos inimigos 1,200 homens, em que entraram 180 Officiaes, e 2 Coroneis, um d'elles Henrique Huz; e feridos foram quasi todos.—

Sahindo de Lisboa Salvador Corrêa de Sá, com o titulo de Governador do Rio de Janeiro, e de Capitão General de Angola, ganhou immensas victorias contra os Hollandezes, conquistou Praças, castigou El-Rei de Congo, e a Rainha Ginga, e obrou acções de eterna memoria.—

1654 — Resolutos o Mestre de Campo General Francisco Barreto, e o General da Armada da Companhia do Commercio, Pedro Jaques de Magalhães, a lançarem fóra de Pernambuco os Hollandezes, de que era então Governador o General Segismundo, chamaram a Conselho ao Almirante Francisco de Brito Freire, aos trez Mestres de Campo Vieira, Vidal, e Figueiroa, e a todos os mais Officiaes. Proposto por Francisco Barreto o estado da guerra, assentaram todos, não obstante as nossas pequenas forças, que se deviam atacar os inimigos. Recolheu-se á armada Pedro Jaques de Magalhães; e Francisco de Brito ficou em terra governando a gente da esquadra. Principiaram o sitio alojando-se André Vidal junto ao forte das Salinas, e na mesma distancia João Fernandes Vieira, e Henrique Dias. Ao amanhecer do dia 15 de Janeiro, começou a jogar a nossa artilheria, e mosquetaria contra o forte do Rego, o que foi respondido com multiplicado estrondo pelo fogo dos fortes de Brum, do Mar, de Altanar, do Forte Velho, e Porta do Recife. Jogaram as baterias de uma, e outra parte até ás 3 horas da tarde, em que os Hollandezes dispararam mais de 600 ballas de artilheria, mas em que perderam o forte do Rego: custou-nos esta conquista a vida de 5 soldados, e 15 feridos.

Sitiámos depois o forte de Altanar, e o consquistámos igualmente, capitulando da mesma sorte, que o do Rego, e tendo nós n'esta conquista 4 mortos, entre elles um Alferes, e 16 feridos: no forte acharam-se 20 Hollandezes mortos, e outros tantos feridos. Encontraram-se mais n'este forte 9 peças de artilheria de bronze, e uma de ferro, e ficava exposta ás suas baterias a Praça do Recife. Poz-se a esta um apertado sitio, e passado pouco tempo renderam-se-nos os Hollandezes, que n'ella estavam, capitulando-se com o General Segismundo, e assignando-se as capitulações no dia 26 de Janeiro. Entrou na Praça do

Recife Francisco Barreto, e os Mestres de Campo, achando n'ella, e nos fortes 123 peças de artilheria de bronze, 170 de ferro, munições, e mantimentos para mais d'um anno, grande quantidade de outros instrumentos, e immenso massame para o apparelho dos navios. Na Parahiba, Rio Grande, e em todas as mais Fortalezas occupadas pelos Hollandezes, não houve difficuldade, nem foi necessaria mais diligencia, que, a de lhes mandar guarnição; porque todos os Hollandezes dos Presidios só com esta noticia, se embarcaram para a Hollanda. Esta nova encheu de gloria a Francisco Barreto, vendo que sem obstaculo ficava toda aquella Provincia do Estado do Brazil livre do podêr dos Hollandezes, que a dominaram pelo espaço de 30 annos, a datar de 1624, em que tomaram a Bahia.

Louvores eternos ao patriotismo do benemerito João Fernandes Vieira, que, por todas as importantes acções que d'elle temos historiado, deve ser tido como a pedra fundamental d'este edificio, André Vidal é tambem digno de grande elogio, por sustentar valorosamente a guerra, a que João Fernandes deu principio, acompanhado do Mestre de Campo Soares Moreno, e depois do Mestre de Campo Figueiroa, e Henrique Dias. Tendo uma gloria particular n'esta empreza Francisco Barreto, e Pedro Jaques de Magalhães.

Teve lugar a Restauração de Pernambuco 8 dias depois de haver tomado posse na Bahia do Governo do Estado do Brazil D. Jeronimo de Attayde, Conde de Atouguia, que succedeu ao Conde de Castello Melhor; e com esta grande fortuna deu principio ao seu feliz governo tão elogiado em toda aquella parte da America. — Francisco Barreto mandou a El-Rei esta agradavel noticia pelo mestre de Campo André Vidal, o qual chegou a Lisboa a 19 de Março, dia em que El-Rei festejava os seus annos. El-Rei fêz grandes mercês aos que tiveram parte n'este successo glorioso;

e a João Fernandes Vieira nomeou Conselheiro de Guerra, e lhe deu a futura successão do Governo de Angola.

1656 — Faleceu n'este anno El-Rei o Senhor D. João IV, e succedeu-lhe no Throno seu filho o Principe D. Affonso, mas como este fosse ainda menor, ficou a Rainha D. Catharina regendo, e governando o Reino durante a sua menoridade, a qual findou em 23 de Junho de 1662, dia em que o mesmo Rei D. Affonso tomou posse do Governo do Reino.

1666 — N'este mesmo anno ajustou-se o casamento de El-Rei D. Affonso VI com a Princeza D. Maria Francisca Izabel de Saboya, Duqueza de Nemours, e de Aumalle, e a 2 de Agosto chegou a Rainha a Lisboa, e celebrou-se o dito casamento.

1667 — Achando-se o Reino bastante perturbado, pareceu o remedio mais saudavel a tantos males convocarem-se Côrtes, para que com a união dos Trez Estados se désse fórma ao governo do Reino, e se podessem atalhar certas novidades escandalosas. O Infante D. Pedro, irmão de El-Rei, approvou esta opinião; porém, como para o ajuntamento das Côrtes fosse precisa a vontade de El-Rei, e esta era opposta a que isso tivesse logar, o Senado da Camara de Lisboa representou a El-Rei em larga Consulta as muitas, e grandes materias que exigiam a reunião dos Trez Estados do Reino, por não ser possivel determinarem-se sem estarem juntos; (*) mas El-Rei insistiu em não consentir na convocação das Côrtes, apesar de o persuadirem a isso todos os Conselheiros de Estado. N'esta preplexidade houveram varias opiniões; e foi o resultado

(*) Taes foram sempre as perogativas, e poder do antigo Senado da Camara de Lisboa, chamado hoje Camara Municipal.

d'ellas *entregar-se o governo á Rainha, e ao Infante, ficando em El-Rei a authoridade sem exercicio.* (*)

Começando a divulgar-se que El-Rei não tinha capacidade para o matrimonio, entrou o dissabor em todo o Povo; e a Rainha reduzida a grande afflicção resolveu-se a deixar a Côrte, entrando no dia 21 de Novembro no Convento da Esperança. Depois de dar este passo tractou logo de escrever a El-Rei, pedindo-lhe que lhe mandasse restituir o seu dote, e que lhe désse licença para voltar para França. Apenas El-Rei recebeu esta carta, partiu logo para o Convento da Esperança; e achando as portas fechadas, mandou em altas vozes, que lhe trouxessem machados para se quebrarem: ao que se oppoz o Infante com grande resolução, e juntamente os Grandes, persuadindo a El-Rei com fortes razões a desistir da empreza. A Rainha informada de que ao Cabido da Sé de Lisboa tocava ser Juiz da causa do divorcio, cuidou em lhe escrever n'este sentido, conseguindo dispôl-o a seu favor.

Reconhecendo os Conselheiros de Estado, a Nobreza, e o Povo de Lisboa o perigo manifesto da Monarchia, que fluctuava na ultima desesperação de faltar ao Reino governo, e a El-Rei successores pela sua impotencia, originada da lesão com que ficára de uma enfermidade, que padecêra nos seus primeiros annos, concordaram todos em darem o governo ao Infante. Por cujo motivo, no dia seguinte entrou no Paço o Marquez de Cascaes; e constando-lhe que El-Rei ainda dormia, bateu-lhe á porta com tanta violencia, que o acordou. Entrou o Marquez com liberdade, chegou á cama de El-Rei, e disse-lhe: «Que não era tem-«po de dormir tão socegadamente, quando se tratava do

(*) *Fr. Claudio da Conceição, Gabin. Histor. T. 4. pag.* 323.

« grande negocio de pôr termo aos males do Reino; e vis-
« to que a Providencia lhe negára as acções para o gover-
« no, e fecundidade para a geração, era nomeado o Infan-
« te para a regencia do Reino, bem como o tinha sido D.
« Affonso III, pela incapacidade de El-Rei D. Sancho Ca-
« pello, e o Infante D. Pedro na menoridade de El-Rei D.
« Affonso V.» — El-Rei tendo-se negado a annuir á proposta do Marquez, e tendo-o feito em vozes mui altas, entraram os Conselheiros d'Estado, que estavam juntos, á presença de El-Rei; e querendo convencel-o da justiça da proposta do Marquez, o não resolveram, crescendo-lhe cada vez mais a íra, e a desesperação. O Duque de Cadaval passou a participar isto ao Infante, e este, por conselho dos seus adeptos, resolveu, á imitação de seu pai, libertar a patria dos malles que padecia. Com este intento sahiu da Côrte Real no dia 23 de Novembro pelas 3 horas da tarde, acompanhado da maior parte da Nobreza, do Senado da Camara, Casa dos vinte e quatro, e de immenso Povo. Tendo-se apeado no pateo da Capella, baixaram a buscal-o os Conselheiros d'Estado, subio ao quarto de El-Rei, e fazendo-lhe novas instancias, sendo todas baldadas, fechou a porta pela parte de fóra, e ordenou que se fizesse o mesmo a todas as outras por onde se pudesse communicar. El-Rei ficou acompanhado das pessoas, que só se julgaram precisas, para assistirem ao seu serviço, entre as quaes se contava Antonio de Cavide, que lhe servia de Secretario de Estado. Cavide sahiu da camara de El-Rei com o seguinte papel, que fez por intervenção sua, e propria letra:

« El-Rei Nosso Senhor, tendo respeito ao estado em
« que o Reino se acha, e ao que lhe representou o Conse-
« lho d'Estado, e outras muitas cousas e razões, que a is-
« so o obrigaram de seu motu proprio, poder Real e ab-
« soluto, ha por bem fazer desistencia d'estes Reinos, as-

«sim, e da maneira que os possue, de hoje em diante, «para todo sempre, em a pessoa do Senhor Infante D. «Pedro seu irmão, e em seus legitimos Descendentes, com «declaração que do melhor parado das rendas d'elles re- «servassem mil cruzados de renda em cada um anno, dos «quaes poderá testar por sua morte por tempo de dez an- «nos; e outro sim reserva da Casa de Bragança, com to- «das as suas pertenças: e em fé e verdade de Sua Ma- «gestade assim o manda cumprir, e guardar, me mandou «fazer este; e o firmou. — Antonio de Cavide o fez em «Lisboa a 23 de Novembro de 1666.»

1668 — Correndo a causa da nullidade do matrimonio da Rainha, sendo Procurador o Duque de Cadaval, foi processada por D. Francisco de Souttomaior Bispo de Targa, e por muitos outros Desembargadores, e Doutores da Relação Ecclesiastica, e mais Juizes nomeados pelo Cabido, que no dia 24 de Março proferiram uma Sentença, na qual concluiam *por julgarem o dito matrimonio contrahido de facto, e não de direito, declarando-o nullo, por authorisarem El-Rei e a Rainha para poderem fazer de si o que bem lhes parecesse, e por determinarem que houvesse divisão de bens na forma dos seus contractos.*

Publicada esta Sentença, e obtidas as devidas dispensas para o Principe D. Pedro poder contrahir matrimonio com a Rainha, foi este celebrado em Lisboa a 2 de Abril. Depois foi El-Rei D. Affonso mandado para o Castello de Angra da Ilha Terceira, onde residiu pouco tempo, e voltou para o Reino, acabando no Palacio de Cintra a vida de um accidente repentino, em 12 de Setembro de 1683: o Principe D. Pedro foi logo acclamado e coroado Rei de Portugal com as solemnidades do costume. —

1703 — Havendo o Imperador d'Austria Leopoldo

I. feito uma liga offensiva, a que chamaram a = Grande Alliança = com Inglaterra e Hollanda, na qual depois entrou Saboya, sendo o fim d'esta alliança metterem de posse da Monarchia de Hespanha ao Archiduque Carlos, filho segundo do Imperador, convidaram os interessados a El-Rei de Portugal para entrar n'aquelle Tratado, com o qual lhe offereceram condições mui vantajosas á nossa Corôa. Aconselhavam alguns Ministros a El-Rei, entrar na liga; e, depois de varios combates, se reduziu a um Tratado de liga offensiva entre o Imperador, e El-Rei de Portugal, com as Potencias que faziam parte da grande alliança; o qual se assignou em Lisboa a 16 de Maio, assignando-se no mesmo dia outros Tratados com Inglaterra, e Hollanda.

1705 — Havendo os referidos Alliados tomado em 1704 a Praça de Gibraltar aos Hespanhoes, estes pozeram-lhe cêrco no anno de 1705; porém as armadas Portugueza, e Ingleza, commandadas por Gaspar da Costa de Attayde, e pelo Cavalleiro Leake, derrotando a Franceza, que commandava Mr. de Pointis, obrigaram os Hespanhoes a largar o sitio da Praça; a qual até ao presente se conserva em poder da Inglaterra, pelos Tratados de Utrech. —

1706 — Tendo-se recolhido a Gôa uma armada nossa, vindo de cruzar pelo espaço de 3 annos no Estreito da Persia, reconheceram os A'rabes, que ella não vinha em estado de navegar, e que, além d'este damno, tinhamos soffrido a perda de 3 das nossas melhores fragatas, que no porto de Gôa haviam naufragado em consequencia de um horrivel furacão de vento, e eis porque os mesmos A'rabes se animaram a querer tomar-nos a Praça de Diu, antigo, e illustre theatro das glorias do valor Portuguez; mas tendo-lhe o Vice-Rei Caetano de Mello de Castro penetrado os designios, mandou aprestar com toda a actividade e calor, todos os navios de guerra, que podiam ser-

vir para a defensa. Isto feito, despediu a Jorge de Sousa de Menezes com 4 das melhores fragatas, ordenando-lhe que costeasse sobre a ponta de Diu, por ser mais facil accudir d'aquella parte, ou á Costa do Norte, ou á do Sul, conforme a necessidade, ou a occasião o pedisse. Tendo o Vice-Rei noticia, de que os A'rabes se achavam na Costa da India com a força de 9 grandes navios, e maior numero de embarcações menores, em que traziam 3,000 homens de desembarque, despediu de Góa com toda a brevidade a D. Antonio de Menezes, com duas fragatas de linha, para que se fosse encorporar á esquadra de Jorge de Sousa de Menezes; e passados poucos dias mandou mais duas fragatas, e 12 embarcações de remo. Este soccorro, porém, achou já a Jorge de Sousa nas aguas de Surrate á vista dos inimigos; porque estes tendo noticia de que em Diu se achava a esquadra de Sousa, entenderam que ella lhes poderia difficultar o desembarque, e frustar-lhes a operação d'aquella Praça; e apartando-se da Costa passaram ao districto de Damão, onde desembarcaram 500 homens para talarem os Campos, que sem n'elles fazerem damno algum se retiraram com o receio de serem cortados pela nossa Cavallaria, e Infanteria, que como por encanto se reuniu em Damão.

D. Antonio de Menezes apenas fêz juncção com a esquadra de Sousa, investiu com tal resolução aos inimigos, que, apezar de resistirem por muito tempo, por causa do seu grande numero de vasos, e de gente, ultimamente foram obrigados a fugir até encalharem em terra a Capitanea, e Almirante, que com o soccorro da noute, e da enchente poderam escapar de serem tomadas, ficando duas em nosso poder. O resto salvou-se no porto de Surrate, encalhando nos bancos, e lançando ao mar tudo, que era de pezo, para facilitarem a entrada. Os inimigos perderam n'este combate mais de 700 homens, entrando n'este

numero o seu proprio General: a nós custou-nos esta victoria cento e tantos Officiaes, e soldados. —

A 9 de Dezembro d'este mesmo anno de 1706, falleceu El-Rei D. Pedro II., succedendo-lhe no Throno seu filho o Principe D. João, o qual foi solemnemente acclamado, e coroado no 1.° de Janeiro de 1707. —

1707 — A 30 de Junho partiu uma grande frota para o Brazil, composta de 97 navios mercantes, e comboiada por 8 de guerra, que mandava o Conde do Rio Grande, Almirante da Armada Real, e Gaspar da Costa de Attayde, General de Batalha de mar, servia de Almirante, Luiz de Miranda Henriques Coronel do Regimento da Armada, de Fiscal. Então se ordenou a todos, os que embarcaram para aquelle Estado, fossem obrigados a tirar passaportes, costume, que se ficou observando, para se evitarem algumas desordens prejudiciaes. —

1712—A 8 de Outubro entrou a barra de Lisboa uma frota vinda do Brazil, composta de 70 navios comboiados por alguns de guerra da Corôa, e da Junta do Commercio, estimados no valor de 60 milhões de cruzados; e sendo uma das mais ricas frotas, que vieram d'aquelle Estado, chegou felizmente ao Tejo, depois de haver escapado de uma furiosa tormenta, e das esquadras inimigas que a esperavam. Além da riqueza, que trouxe, confirmou a noticia do socego, em que ficavam os Povos da Bahia, e os de Pernambuco, accrescentando mais, que se tinham no Rio de Janeiro reparado os damnos soffridos com a invasão dos Francezes, que passâmos a referir:

Tendo sahido de Brest cinco navios de guerra, e uma balandra com 1,000 homens de desembarque de tropas escolhidas, com muitos Guarda-Marinhas, e Cavalleiros vo-

luntarios, de que era Commandante Mr. Duclere, com o destino de cahirem sobre a Cidade do Rio de Janeiro; e chegando ás suas Costas a 6 de Agosto de 1710, foi vista a esquadra, pelas vigias, que o participaram ao Governador Francisco de Moraes e Castro, que com cuidado repartiu os póstos, e reforçou a guarnição das fortalezas, avistando as da barra no dia 17 as 6 embarcações com bandeira Ingleza Da fortaleza de Santa Cruz fez-se-lhes um tiro sem balla, a que a Capitanea respondeu com outro, colhendo a bandeira, e começando a fortaleza a acanhonal-a, viram-se obrigados os Francezes a dar fundo, fóra do alcance do nosso fogo.

N'este tempo entrava uma sumaca da Bahia, e enganando-se com a bandeira Ingleza, foi-se metter entre os navios que a tomaram. No dia seguinte fizeram-se á véla para a parte do Sul, e o Governador mandou guarnecer as Praças da Pescaria, e Pedra, e avisou a Santos, e á Ilha Grande para se prevenirem. A 27 foram os Francezes fundear na Ilha Grande, onde estiveram ancorados até ao ultimo do mez, saqueando algumas fazendas, que mui poucos moradores defenderam, em quanto tiveram munições de guerra, matando 6 inimigos, e ferindo muitos. A 5 de Setembro lançaram gente em terra, na Ilha, que chamam da Madeira, e com 300 homens roubaram sem resistencia um Engenho, em que encontraram poucos escravos. Da Ilha Grande despediram 2 navios com a balandra, e sumaca, e os que ficavam chegando-se mais á terra, bombardearam dois dias a Villa com pouco resultado. Governava a Villa o Capitão de Infanteria João Gonçalves Vieira; e não tendo mais guarnição, que as Ordenanças, despresou as propostas dos inimigos, obrigando-os a retirarem-se. Os 2 navios, que sahiram com a balandra, e sumaca da Ilha Grande, sondaram a Costa nas praias de Saco-penopan, e da Lagoa; e na noute de 10 intentaram um desembarque a duas leguas de distancia da Cidade de S.

Sebastião, onde o Governador tinha já reunido todas, as forças. Foram rechaçados simplesmente pelas Ordenanças, que logo o Governador reforçou com 2 destacamentos de linha; porém quando estes chegaram já os defensores tinham obrigado os inimigos a retirarem-se, a quem a aspereza do sitio não favorecia.

No outro dia pela manhã chegaram á barra Tojuza, 4 leguas da Cidade, e á Guaratiba, 14 distante. N'este districto, que pela altura dos montes, e pelo tempestuoso dos mares é difficil o desembarque, e estava sem sentinellas, lançaram gente em terra. Tendo porém o Governador esta noticia pelo Capitão de Cavallaria José Ferreira Barreto, a cujo cargo estava a guarnição desde Guaratiba até Santa Cruz, observou não poderem ser mais de 1,200 os homens, que marchavam para a Cidade. O Governador conhecendo que o terreno era aspero, cheio de desfiladeiros, e de serras altissimas, contentou-se com mandar alguns praticos do paiz com pequenas partidas para os embaraçarem no caminho, e nos passos estreitos os maltratarem. Ordenou ao mesmo tempo ao Tenente General Engenheiro José Vieira, que com um corpo maior, junto das guarnições, que os inimigos deixavam nas Costas, lhes picasse a rectaguarda, e lhes embaraçasse a retirada; mas Vieira não poude executar tudo, por causa da aspereza do terreno.

Continuaram os Francezes a marcha, não sem encontrarem muitos obstaculos no caminho, e chegaram a uma legua de distancia da Cidade. O Governador tendo guarnecido os quarteis do mar com alguma gente, passou com a restante ao Campo de N. Senhora do Rozario, e se formou em batalha, dispondo tudo em ordem, que pudesse disputar aos inimigos o atacarem a Cidade, para onde continuavam a marchar por montes, quasi impraticaveis. O Governador mandou occupar o caminho do Outeiro de N. Se-

nhora por uma fôrça de 300 homens; e porque os inimigos poderíam atacar o forte da Praia Vermelha, mandou ao Coronel Souttomaior com o seu Regimento, para que n'este caso lhes disputasse o caminho; e sendo para a Cidade, lhes carregasse a rectaguarda: esta segunda ordem não se executou, porque o portador d'ella a não deu com distincção. O Capitão de Cavallaria Antonio de Ultra da Silva avançado do campo observava a marcha entre o Desterro, e N. Senhora da Ajuda. Finalmente, foi o primeiro encontro tão valorosamente disputado, que soffrendo-se um grande fogo de uma e outra parte, se augmentou este com os tiros de artilheria do forte de S. Sebastião. Os Francezes vendo que o Governador estava postado no seu campo com bastante força, e que o forte da Praia Vermelha estava tão guarnecido de artilheria, que por todas as partes os offendia, intentaram com estranha resolução entrar na Cidade para capitular dentro em alguma Igreja. Conseguiram este intento, ainda que valorosamente lh'o disputou o Tenente General José Vieira, que estava com uma pequena força n'aquelle ponto. Fizeram alto junto do Convento do Carmo, e não podendo forçar-lhe as portas, tendo já perdido muita gente pelas ruas, e rectaguarda, foram em demanda da casa dos Governadores, e sendo-lhes por muito tempo defendida a entrada, com muitas mortes de ambas as partes, por uma companhia de Estudantes, mas mettendo-se alguns Francezes no palacio, e no corpo da guarda, ficaram todos prisioneiros, ou mortos.

O Governador apenas teve notícia de que os inimigos tinham entrado na Cidade, fez marchar o Mestre de Campo Gregorio de Castro com o seu terço, e por outra parte o Capitão Francisco Xavier de Castro de Menezes, filho primogenito do Coronel, a quem tambem acompanhava outro filho seu Alferes, governando este troço o seu Sargento mór Martim Corrêa de Sá. Estes corpos logo que che-

garam á rua direita, onde ainda os Estudantes repelliam os inimigos, atacaram estes tão impetuosamente, que os obrigaram a desamparar o corpo da guarda, e a retirarem-se por uma travessa para a parte da praia.

Os inimigos entraram então em um armazem, a que se chamava Trapiche; e ainda que se lhe disputou a entrada, tomaram 6 peças de artilheria, que alli estavam para defensa do Rio, e que já lhe haviam feito grande damno no principio. Morreu aqui o Mestre de Campo Castro, seu filho Francisco Xavier foi ferido n'uma ilharga, e o Capitão José de Almeida recebeu tambem algumas feridas. O Governador intentou pôr fogo ao armazem; mas como podia pegar nas casas proximas, e estavam recolhidas n'ellas 60 mulheres, mandou da Ilha das Cobras e de outras visinhas conduzir artilheria, havendo já mandado collocar algumas peças nas bôcas das ruas: o Capitão Ultra da Silva, que com a Cavallaria havia accudido ao conflicto, querendo entrar no armazem, foi morto. O Commandante Duclerc vendo-se em similhante aperto, determinou capitular. O Governador concedeu-lhe só as vidas, se se rendessem no mesmo instante, no que o Commandante conveio, ficando prizioneiros de guerra no dia 19 de Setembro do referido anno. Os Francezes que marcharam no ultimo troço, experimentaram differente fortuna; pois que havendo avançado por diversas ruas quasi todos foram mortos. Acharam-se os corpos de 300, e depois appareceram muitos pelos matos, e Rios, ficando 600 prizioneiros, entre elles 200 feridos; n'uma palavra, sendo mais de 1,000 os Francezes, que haviam desembarcado, só escapou um negro fugitivo, que lhe tinha servido de guia, e que levou esta funesta noticia aos navios que estavam ancorados na Ilha Grande. Dos nossos morreram 50, e ficaram feridos 80.

A 21 de Setembro appareceram na barra os dois na-

vios, e a balandra, e lançaram-nos 6 bombas, que não causaram damno algum. Duclere, com permissão do Governador, mandou-lhe participar a situação em que estava, e passaram esta noticia aos navios, que estavam no Rio Grande. Suspenderam logo as operações, com que nos pertendiam hostilisar, e depois de restituirem os 28 prizioneiros, que haviam feito na sumaca, e mandarem para terra alguns vestidos dos Francezes, fizeram-se á véla para a Martinicica. — Ficaram prizioneiros o Commandante da esquadra Duclere, um Coronel Commandante dos Guardas-Marinhas, um Sargento mór, um Ajudante de Campo, o Provedor da Armada, dois Tenentes, e um Alferes, sete Guardas-Marinhas, onze Cavalleiros voluntarios, dois Capellães; e feridos e prizioneiros um Coronel, dois Tenentes Coroneis, um Sargento mór, seis Capitães, sete Tenentes, dois Alferes, e dois Guardas-Marinhas; e mortos um Capitão de artilheria, dois de Granadeiros, um de Infanteria, outro de Guardas-Marinhas, dois Tenentes de Granadeiros, um de Infanteria, e trez Guardas-Marinhas.

Foi portador d'esta noticia para Lisboa o Capitão Francisco Xavier de Castro, a quem El-Rei elevou ao pôsto de Mestre de Campo, que vagára por morte de seu pai, dando ao Governador seu tio uma commenda, e aos mais Officiaes, e pessoas, que se distinguiram, fez proporcionadas mercês ás suas pessoas, e póstos. —

1713 — O Reino do Canará que na Costa da India se estende por espaço de 36 leguas ao Sul da Cidade de Gôa, é tão abundante do mantimento commum dos Povos da Asia, que é tido n'ella por celleiro universal. Esta commum dependencia que tem as Nações visinhas d'este Reino para o seu provimento, tornava ao Rei do Canará, e a seus vassallos menos prudentes, persuadindo-se que todos os confinantes necessitavam da sua amizade, e do seu

commercio. Esta sua opinião, tinha em differentes occasiões dado causa a que entre este Rei, e o Estado da India houvessem varias desconfianças, as quaes o medo das nossas armadas emendára por muitas vezes, e em outras o nosso ferro. Havendo-se porém dissimulado com o mesmo Rei muitas desattenções, cobrou a sua ousadia forças, para nos fazer injustiças, e pertender fazer-nos injurias, fallando tão descompostamente pelas suas cartas, e pelos seus Embaixadores aos nossos Vice-Reis, que parecia querer dar-nos a lei, e não recebel-a de nós; quebrantando os Tratados, e ajustes do commercio, que o Estado havia celebrado com elle, Accresceu a tudo isto, que os navios da armada d'aquella Costa haviam tomado um navio, que vinha da Arabia, com carga de cavallos para El-Rei do Canará, e se justificava a preza por não trazer passaporte nosso, encargo que os Principes da Asia soffriam, só pelo temor das nossas armadas.

Apenas constou ao Rei, que se lhe havia aprezado o dito navio, mandou prohibir sob pena de morte, que nenhum vassallo seu vendesse arroz aos Portuguezes, e expediu um Embaixador ao Vice-Rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes, a pedir-lhe a entrega do navio. Considerando o Vice-Rei, que a falta do mantimento, com que este Rei nos queria precisar á restituição do navio, e nos pertendia obrigar a soffrer-lhe outras injurias, e violencias, se podia remediar por outra via, tirando-o das nossas mesmas terras do Norte, resolveu-se a desprezar a apprehensão com que o commum dos moradores de Gôa tomavam a guerra com o Canará, receando faltar-lhe o mantimento preciso, e a conveniencia do commercio. Porém, antes de emprehender a guerra, procurou prudentemente abastecer com abundancia a Cidade de Gôa, tirando o arroz das nossas terras do Norte, para cujo effeito ordenou que os navios mercantes, que negociavam no commercio do arroz, fossem fazel-o aos nos-

sos pórtos do Norte, bem defendidos de embarcações de guerra; e fazendo estes a primeira condução com feliz successo, mandou que a repetissem segunda, e terceira vez. Conseguido o provimento da Cidade, o Vice-Rei ouvíu o Embaixador do Rei do Canará, que logo propoz a restituição do navio, dizendo, que não trazia authorisação para tratar de outra qualquer dependencia, não admittindo as queixas que se lhe faziam pela nossa parte de haverem os Canarás subido o preço do mantimento aos Commerciantes Portuguezes, nos annos anteriores, faltando nisto ao Tratado feito com diversos Vice-Reis, e em mandarem ao presente prohibir a venda aos Vassallos do mesmo Estado.

Entendeu o Vice-Rei que o Embaixador tinha motivos particulares, e de interesse pessoal para sollicitar sómente a restituição do navio, e dos cavallos, e não accommodar as justas queixas, que tinhamos contra o seu Principe mais que com palavras, que só importavam um ajuste racional, depois de restituida a preza. O Vice-Rei, pois, escreveu ao Rei do Canará propondo-lhe as justas queixas do Estado, e que estas se podiam terminar em beneficio de ambos, observando-se o preço do mantimento já estabelecido, e fazendo-se esta negociação por troca de generos, e não por ouro, ou prata, como ao presente se fazia, contra o uso, e estylo antigo; e que no que tocava ao navio se lhe faria justiça. Esta carta do Vice-Rei tendo sido remettida pelo Embaixador, este acompanhou-a com outra sua para o mesmo Rei, em que lhe segurava que o navio seria restituido, e que não devia temer as nossas armadas, porque em Gôa não havia navios com que pudessemos fazer-lhe a guerra.

O Rei do Canará respondeu logo á carta do Vice-Rei; e foi a resposta tão succinta, e altiva, que não deixou mais lugar que a tomar a ultima resolução de levar pela força

das armas, o que se não podia conseguir pelos termos suaves da negociação. Continha a carta do Rei do Canará tão poucas palavras, e tão expressivas da sua resolução, como se elle houvera aprendido dos Espartanos a brevidade do estylo, e a constancia das resoluções; por que dizia, que restituisse logo o navio aprezado, e a sua carga, e que depois de feita esta restituição, se quizesse outro ajuste, podia mandar á sua Côrte pessoa com quem se tratasse, e que a ouviria.

Resolvida pois a guerra, como indispensavel ás conveniencias, e honra do Estado, mandou o Vice-Rei aprestar 11 embarcações de guerra, entre fragatas ligeiras, palas, e galeotas, de que eram Capitães D. Francisco de Alarcão, Antonio Cardim Froes, Thomé Mesquita de Moraes, Antonio dos Santos, Bernardo Leitão, Gonçalo da Silva Ferrão, Diogo Alvares, João de Macedo, Antonio dos Reis, Antonio Martins, e José Barbosa. Embarcaram-se nestes navios 350 homens de tropa, e entre elles muitos Officiaes, que faziam um pequeno Corpo mais importante pela qualidade, que pelo numero. Foi escolhido para commandar esta expedição com o titulo de Capitão mór José Pereira de Brito, Cabo de reconhecido brio, e valor, em quem a experiencia tinha qualificado os requisitos necessarios para uma empreza de tanta importancia.

A 15 de Janeiro do dito anno de 1713 sahiu esta esquadra a barra de Gôa, e a 18 chegou ao Rio de Cumutá, primeiro porto do Reino do Canará, onde estavam 11 embarcações dos Naturaes, as quaes o Capitão mór mandou queimar. Do porto de Cumutá foi a esquadra correndo até Onor, e não obstante ter esta barra a melhor fortaleza que ha na Costa do Canará, posta ao lume da agua, com boa artilheria, e se achar n'este tempo presidiada, resolveu o Capitão mór saltar em terra, sem embargo das gran-

des difficuldades que se lhe representaram no exame que d'ella fez pessoalmente, logo que chegou defronte d'aquelle porto. Porém ao tempo em que se hia a dar principio a esta operação, avistaram-se ao mar trez náus, que foi preciso hir reconhecer, as quaes se acharam serem de A'rabes, que supposto eram de Congo, com quem o Estado estava em paz, e traziam passaportes, como a carga era de cavallos, que se entendeu ser contrabando, as mandou deter o Capitão mór, e conduzir para Angediva, para d'alli serem conduzidas a Gôa. Discorreram então os nossos navios a barra de Onor, e o Capitão mór desistiu d'aquella empreza, por ter já outra á vista, que era a de Braçalor, em cuja barra se achava. Mandou logo aos Capitães das duas palas menores, que debaixo de todo o risco entrassem o porto, que elle os seguiria com a sua gente nos bateis, e embarcações pequenas. As palas bateram tão furiosamente a fortaleza, que lhe derrubaram um lanço da muralha, e os nossos soldados desembarcaram com tanto impeto, que foram assolando tudo, e queimando Povoações inteiras de ambas as margens do Rio. Durou este incendio desde o pôr do Sol até ao amanhecer, tempo bastante para se consumirem os edificios, em razão da materia com que eram fabricados: arderam tambem 10 parangues, uma galeota, e uma náu de alto bórdo, que se achava no Rio.

Em quanto isto se praticava, teve noticia o Capitão mór, de que por detraz de uma ponta, que fazia a terra, estava uma bateria guarnecida de gente, e de artilheria, e sem demora a foi investir com a espada na mão, com 150 homens escolhidos, e a tomou com a morte de muitos dos defensores. Lançou-se fogo á Povoação, que era grande, e rica, e tambem arderam 10 embarcações maiores, e menores. A perda mais importante foi a de muitos armazens cheios de mantimentos, e carga para muitos navios, por ser a terra de muito commercio, aos quaes o fogo reduziu a cinzas sem

lhe deixar escapar cousa alguma. Recolhida a artilheria da fortaleza e da bateria, em a nossa esquadra, passou esta a Calianapor, outro porto do Canará, que tinha na entrada uma fortaleza com 7 baluartes, os quaes ainda que pequenos estavam bem providos de gente e de artilheria. A pezar do incessante fogo que destes se fazia, a nossa gente conseguiu entrar dentro do porto, queimar os navios que n'elle estavam, e desembarcar em terra, onde destruiu tudo com o ferro, e com o fogo. Havendo-se gasto o dia todo n'este estrago sómente, sem se assaltar a fortaleza, pareceu conveniente tornar a embarcar a gente para descansar do trabalho. O Capitão mór, porém, para que a noute não passasse sem alguma manobra, ordenou que o Condestavel da Capitanea, acompanhado de um numero sufficiente de escravos do mesmo Capitão mór, fosse por outro braço do Rio a queimar um navio grande, e alguns parangues que n'elle estavam, o que felizmente se conseguiu ardendo todas estas embarcações até ás quilhas; e a Povoação que se estendia pela marinha, soffreu igualmente o mesmo estrago.

No dia seguinte quando ainda se não declarava bem a luz da manhã, desembarcou o Capitão mór com toda a gente e formando de ametade d'ella trez pequenos corpos, ordenou que estes se collocassem ao largo da fortaleza em proporcionadas distancias entre si, para que, sendo-lhes necessario se podessem soccorrer reciprocamente, e rebater aos inimigos, se estes quizessem socorrer a fortaleza, e impedir o assalto. O Capitão mór avançou para a fortaleza com a outra ametade da gente, sem lhe deter o passo o muito fogo que d'ella se lhe fazia, e arrimando-se ao muro com lanças de fogo pegou este nos reparos, e cobertas, que os Asiaticos costumam ter nos seus baluartes. Vendo os Canarás que a sua defensa se havia mudado no seu maior perigo, desempararam a muralha; e o Capitão Thomé Mesquita de Moraes que havia sido o primeiro a saltar em terra, foi tam-

bem o primeiro que cavalgou o muro. Recolheu-se logo a artilheria para os nossos navios e poz-se fogo aos edificios que havia dentro, e fóra da fortaleza, a qual se não arrazou de todo, por falta das precisas ferramentas. Concluido este *feito* e achando-se o Capitão mór com a sua esquadra defronte da Catapal, outro porto do Reino do Canará, se lhe vieram reunir D. Francisco de Alarcão, e Gonçalo da Silva, que tinham hido a Angediva comboiar as duas náus Arabias. Estes dois Capitães avaliando por grande infortunio seu o não haverem partilhado o perigo, e a gloria das facções antecedentes, pertenderam que se commettesse só a elles, e á sua gente a destruição d'aquelle porto; mas foi preciso aggregar-se-lhes o Capitão Leitão, e o Condestavel da Capitanea, com 40 escravos, que fez um corpo separado; e os trez Capitães de 150 soldados fizeram dous troços, um mandado pelos Capitães D. Francisco, e Gonçalo da Silva, e outro pelo Capitão Leitão. Cada um d'estes 2 troços investiu a Povoação por sua parte, e ambos foram destruindo, e pondo fogo a tudo, penetrando no paiz pelo espaço de mais de duas leguas, e não lhes escapando nem na terra, nem no Rio nada do que pedia a voracidade do fogo.

Destruido este porto, assolada a sua campanha, e recolhida a nossa gente ás embarcações, navegaram estas para o porto de Molequim, e deixando o Capitão mór a guarnição precisa nos navios maiores, se embarcou nas lanchas, e galvetas com todos os Cabos, e Officiaes de guerra, e a melhor gente que trazia de desembarque. Antes porém de saltar em terra, vieram dous Indios com bandeira branca, os quaes entregaram ao Capitão mór duas cartas, uma do Governador de Mangalor, e outra do Feitor Portuguez, que reside n'aquelle porto: pedia-se n'estas cartas ao Capitão mór, que, deixando o furor das armas, se procurasse no Rei a satisfação das nossas queixas, para a qual diziam estar elle prompto. Disseram os mesmos mensageiros, que o Gover-

nador de Molequim estava resolvido a dar tudo quanto se lhe pedisse, para evitar as hostilidades; e respondendo-se-lhe que as resgataria com 12,000 xarafins, e que mandasse logo pessoa que tratasse do ajuste respectivo, serviu-se de taes cautelas, e delongas, que se conheceu que o que elle queria era ganhar tempo até lhe vir soccorro de gente de Mangalor, porto principal daquella Costa, e mui visinho. Mostrou o successo, que este pensar não fôra errado; e querendo o Capitão mór anticipar-se ao soccorro, dispoz que visto ter-se gasto o dia em dilações cavilosas, logo ao romper da manhã se fizesse a invasão em terra; mas logo na mesma noute se poz fogo ás embarcações, que estavam no Rio, e aos edificios, que se estendiam pela margem. Ao amanhecer, pois, começaram os nossos a desembarcar debaixo do fogo de uma fortaleza, que guardava o porto, e quando apenas estavam 50 em terra, foram atacados por 500 dos Naturaes. Não obstante o grande furor dos inimigos, e o exemplo com que os animava o seu Commandante, foi tal o valor, e o brio dos nossos 50 soldados, que depois de porfiada peleija, morto o Commandante, e grande numero dos inimigos, foram estes retirando, hindo-lhe os nossos no alcance. Mas fazendo alto os nossos soldados, cobertos já com a artilheria da fortaleza, havendo perdido 3 no conflicto, além de 22, que estavam feridos, recolheram-se aos bateis senhores da campanha, e d'alli aos navios, acabando primeiro de pôr fogo ao que a escuridão da noute lhes havia occultado.

Proseguindo a nossa esquadra a sua derrota, chegou a Mangalor, e logo da terra lhe veio uma carta do nosso Feitor, que se achava prezo, em que pertendia dissuadir o Capitão mór de entrar no porto, e de saltar em terra, expondo-lhe o grande risco que emprehenderia, e o pouco fructo, que poderia tirar d'esta operação; porque a terra estava despejada de todo o precioso, e guarnecida com 4,000

homens, e toda a margem com trincheira aberta, e uma fortaleza bem provida de artilheria sobre a barra. O Capitão mór, não obstante o contheudo d'esta carta, resolveu-se a entrar a barra, o que executou com todos os navios da esquadra, pelo permittir o fundo do porto. A' vista das difficuldades, que encontrou, não pareceram affectadas as noticias do Feitor, como se suppunha; porquanto ao entrar da barra começou a fortaleza a dirigir um fogo horrivel contra os navios, dois dos quaes, que haviam sido destinados para este effeito, e que eram commandados pelos Capitães Antonio Cardim, e Thomé de Mesquita, se puzeram a bater os perapeitos, e muralhas da fortaleza, e lhes causaram grande damno. Durando esta bateria dois dias, sem cessar, ao terceiro, não podendo já os inimigos soffrer o estrago, que lhes faziamos em um baluarte, puzeram n'este o nosso Feitor, pertendendo que lhes servisse de defensa contra o nosso fogo; porém a nossa artilheria continuou a jogar com maior vigor. Considerada porém a pouca força, com que nos achavamos para o desembarque, pois que para se deixarem os navios sufficientemente guarnecidos, não podiamos tirar d'elles mais que 200 soldados; e attendendo a que o Vice-Rei recommendára ao Capitão mór que não emprehendesse acção, que fosse evidentemente temeraria, e arriscada, resolveu-se este a dar ouvidos á proposta dos Canarás, que asseveravam, que o seu Rei estava prompto para ajustar a paz com conveniencias, e credito para o Estado. Como a Côrte fosse no interior do Reino, foi preciso mandar avisar o Rei, e entretanto convencionar-se uma suspensão de armas, a qual durou poucos dias; porque o inimigo quiz impedir-nos fazer aguada dentro do porto, e foi preciso tornar á bateria, e mandar queimar uma náu grande de guerra, que estava no Rio, donde sahiu a nossa esquadra sem soffrer damno consideravel para fazer aguada n'uma das Ilhas de fóra. Repartindo-se os navios pela Costa, continuaram a causar n'ella

os maiores estragos, impedindo aos Canarás todo o genero de Commercio, de que os Povos, e o Rei recebêram gravissimo damno.

Estando já o mez de Abril em meio, tempo em que a esquadra se devia retirar; e porque o Rei, ainda que pertendia ajustar-se, não acabava de concluir o ajuste, ordenou o Vice-Rei ao Capitão mór, que se recolhesse a segurar a Lua em Angediva, ou na enseada das Galés, destruindo de caminho Comutá, Goecorna, e Mirseo; e como estes pórtos não esperavam semelhante castigo já n'aquella conjunctura, foi n'elles maior o estrago, pela muita fazenda a que se lançou fogo. Em cumprimento da ordem do Vice-Rei recolheu-se a esquadra a Angediva, e depois a Gôa, havendo redusido a cinzas quasi todas as Povoações da Costa do Reino de Canará, que se estende pelo espaço de 36 leguas. Foram queimados 82 navios, entre grandes, e pequenos, cuja perda os mesmos Canarás avaliaram em 5 milhões de pagodes, confessando, que haviam perdido mais de 600 homens, mortos ao nosso ferro. Estes gloriosos successos custaram-nos 12 soldados, mortos nos conflictos, e pouco mais de 30 feridos; porém o maior desconto d'esta felicidade foi a morte do Capitão mór, que chegou a Gôa já tão doente, que morreu dentro em poucos dias.

1714 — O Rei do Canará impellido pelas hostilidades tão sensiveis, que padecêra toda a Costa do seu Reino; e pelo impedimento do seu Commercio, resolveu-se a mandar pedir a paz ao Vice-Rei por um Embaixador, o qual chegou a Gôa no mez de Janeiro. Começadas as respectivas conferencias, foram-se desfazendo algumas duvidas, que havia entre o Estado, e aquella Corôa, e ajustando as condições com que se havia estabelecer a paz. A condição que encontrou maior opposição da parte do Embaixador, foi a de havér de pagar o Rei seu amo os

gastos da guerra. O Vice-Rei ainda que tambem desejava a conclusão da paz; porque depois de castigadas as desattenções d'aquelle Rei, nenhum interesse tinha o Estado em continuar aquella guerra; usou de uma estrategia politica, para obrigar o Embaixador a annuir a esta proposta. Mandou preparar a toda a pressa as embarcações, que se achassem nos pórtos de Gôa, e fez correr uma voz em segredo, de que todos aquelles aprestos se dispunham para continuar os destroços do Canará. O Embaixador ignorando o estratagema, e consternado com a noticia, discorreu que era menos pezada ao Reino a contribuição de 30,000 xerafins, em que se avaliava os gastos, cujo pagamento exigiamos, do que uma segunda invasão das nossas armas; e vendo que o Vice-Rei não desistia do empenho em que estava, antes se resolvia a continuar a guerra, cedeu, e conveio na proposta do Vice-Rei. Vencida esta difficuldade, ajustou-se o Tratado de paz debaixo das clausulas, e condições expressadas nos Capitulos seguintes:

Tratado de paz, amizade, e alliança concluido, e feito na Cidade de Gôa em 19 do mez de Fevereiro de 1714, entre o Excellentissimo Senhor Vasco Fernandes Cezar de Menezes, Vice-Rei, e Capitão General do Estado da India, e Quellady Bassavapa Nayque, Rei do Canará, por Caddaxe Damarse Parobu, seu Embaixador Extraordinario, com as condições abaixo declaradas:

Aos 19 de Fevereiro de 1714 nos Paços da casa da polvora, em presença do Excellentissimo Senhor Vasco Fernandes Cesar de Menezes, do Conselho de Sua Magestade, Vice-Rei, e Capitão General da India, sendo presentes os Conselheiros, que assistem ao dito Senhor; a saber: João Rodrigues da Costa, Vedor Geral da Fazenda; o Inquisidor Manoel Saraiva da Silveira; D. Luiz da Costa, Mestre de Campo do Terço da guarnição de Gôa; D.

Christovam Severim Manoel, Capitão da mesma Cidade; e João Borges Côrte Real; e sendo tambem presente Caddaxe Damarse Parobu, Embaixador de Quellady Bassavapa Nayque, Rei do Canará, se declarou que elle fôra mandado da parte do seu Rei á presença do Excellentissimo Senhor Vice-Rei com a commissão, e poderes de ajustar a paz com o Estado; e depois de varias conferencias sobre algumas duvidas, que se offereceram de parte a parte, se tomou por ultimo acordo, que se ajustasse a paz, que o Rei de Canará pedia com as condições seguintes.—Condições a favor do Estado.

Primeiramente, que o Rei de Canará por si, e por seus successores, será sempre leal, e fiel amigo do Estado da India, amigo de amigos, e inimigo de inimigos, e dará toda a ajuda, e favor ao Estado para as guerras que tiver, quando lh'o pedir. 2.º — Que o Feitor de Mangalor, e Padre Vigario, serão Juizes nas causas dos Christãos, ou sejam entre os mesmos Christãos, ou entre Christãos, e Gentios; e aonde não puder chegar a juridicção do Feitor, serão Juizes os Poderes, que assistem em qualquer dos pórtos, ou terras do Rei de Canará; e no caso que o deferimento não seja justo, as partes se queixarão a este Governo, para lhos mandar deferir com justiça; e em nunhum caso os Governadores, e Tanadores tomarão conhecimento dos deferimentos do Feitor, e Vigarios. 3.º — Que as mulheres Christãs, que forem comprehendidas na sensualidade, serão entregues ao Feitor para as remmetter a Gôa, e se lhes dar o castigo, que merecerem, e não serão prezas, e captivas pelo Armaná. 4.º — Que o Rei de Canará nem seus Vassallos poderão comprar filhos de Christãos, nem teremnos por captivos; e da mesma sorte aos filhos, e mulheres dos soldados Christãos, que servem nas fortalezas, por dividas de seus pais, e maridos. 5.º — Que o Rei de Canará não consentirá que os Christãos de Gôa, ou de outra qual-

quer parte do Estado, tomem casta com as Gentias; e quando o façam, poderão os Parochos prendel-os, e remettel-os para Gôa; e nem por este, nem por outro qualquer caso poderão os Governadores, ou Tanadores do dito Rei prender alguns dos nossos Padres em fortalezas, nem em outra qualquer prizão. — 6.º Que na Feitoria, e porto de Mangalor, e nos mais do Rei de Canará, e suas terras, em que houver Christãos, poderão os Portuguezes ter Igreijas, e Fortalezas, para n'elles fazerem sua obrigação; e havendo alguns rebeldes, os poderão castigar os nossos Padres, conforme a nossa Lei, e para tudo dará ajuda, e favor o Rei de Canará. 7.º — Que os nossos Padres, que passarem ao Reino do Canará para assistirem n'elle, ou para hirem para outros Reinos, os não molestarão em cousa alguma os Governadores, e Tanadores d'aquellas terras, nem os Juncaneiros lhes tomarão juncção de suas pessoas, nem do fato do seu uso; e somente o pagarão, se levarem fazenda de contracto; e o mesmo se guardará com os Portuguezes, e Naturaes, (sendo Christãos) que pelo dito Reino passarem; mas antes lhes darão toda a ajuda, e favor. 8.º — Que o Rei de Canará pagará logo por mão do seu Embaixador Cadaxe Damarse Parobu 30,000 xerafins por conta da despeza, que a armada do anno passado fez, por o dicto Rei ter dado motivo áquella expedição. 9.º — Que o mesmo Rei mandará logo pagar ao nosso Feitor de Mangalor os 3,150 fardos de arroz, que se devem das pareas, ou o que na verdade fôr; e assim as lagimas pertencentes ao Estado, que o dito Rei tiver cobrado; o que mandará fazer a tempo que possa vir tudo para Goa nas primeiras embarcações, que do Estado forem para aquelle porto. 10.º — Que o Rei de Canará além dos 2.500 fardos de arrôz das pareas, que por obrigação antiga paga ao Estado na feitoria de Mangalor, pagará mais 400 fardos de arrôz branco, e limpo em cada um anno, e todo da mesma qualidade; o que terá principio no presente, e a tempo que possa vir na armada, que está para partir; e em cada um

dos annos futuros os mandará pagar antes que se embarque, e haja de sahir para fóra qualquer arrôz novo daquelle anno, sem que para se cobrar necessite o Feitor de nova ordem do dito Rei, nem de mandal-a buscar a Bedur, Côrte do mesmo Rei. 11.° — Que as lagimas do porto de Mangalor, e seus districtos se pagarão de todas as fazendas que entrarem, e sahirem, na mesma fórma que antigamente se pagavam; e para que não haja differença alguma entre os Mercadores, e Rendeiros das ditas lagimas, para haver de cobrar o que direitamente lhes pertencer, se ajustarão os preços das fazendas com assistencia do dito Rendeiro, ou de qualquer Agente seu, que nomear para o tal effeito. 12.° — Que o Rei de Canará mandará dar os materiaes necessarios para se fazer em Mangalor uma feitoria de pedra, e cal, ou accrescentar a que está feita, com sua cêrca á roda de pedra, e cal; e os Officiaes necessarios para a dita obra; e por conta do Estado se pagará sómente aos Officiaes que n'ella trabalharem, e na dita feitoria poderá o Feitor ter espingardas, bacamartes, arcabuzes, e mosquetes de trilhão, e mais armas para defensa de alguns ladrões; e ficará livro ao dito Feitor poder a toda a hora, e tempo mandar os pilotos, para metter dentro da barra as nossas embarcações de guerra, e do mesmo modo mandal-as para fóra, sem que para o fazer necessite de licença de outra alguma pessoa. 13.° — Que os Ministros do Rei de Canará terão muito respeito ao nosso Feitor; e quando quizerem hir fallar com elle, lhe mandarão primeiro pedir licença; e nos limites da dita feitoria não farão forças, nem violencias, nem outro algum desacato; mas terá a dita feitoria todos os privilegios, como se fosse fortaleza, e n'ella se pagarão as lagimas, ancoragens, collecta, e os mais costumes, que se pagavam á fortaleza, quando n'aquelle porto a tinhamos. 14.° — Que na dita feitoria poderemos ter Bangaçaes, para n'elles poderem os Mercadores Vassallos do Estado recolher mantimento, e as suas fazendas; e só das que venderem pagarão direitos na

forma do estilo, e se por costume antigo o deverem. 15.ª — Que o Rei de Canará de hoje em diante não consentirá em seus portos barcos Arabios, nem que estes em suas terras compram, nem vendam, nem façam contrato algum, e em caso, que as nossas armadas achem em aquelles portos algum barco, ou barcos de Arabios, lhes será licito peleijar com elles, e aprezal-os sem por esta causa se ficar quebrando a paz novamente estabelecida. 16.ª — Que nenhum barco do Rei de Canará, ou dos seus Vassallos hirá aos portos dos inimigos do Estado, principalmente aos dos Arabios; e se fôr, se poderá tomar por perdido por ser contra a condição dos cartazes, que se lhes passam, que sempre levam esta prohibição. 17.ª — Que nenhum barco do Rei de Canará, nem de seus Vassallos poderá navegar sem cartas para fóra do Cabo do Çamorim até á ponta de Dio, o qual serão obrigados a tirar na Secretaria d'este Estado, e o pagarão como é costume, exceptos dous barcos do mesmo Rei, aos quaes se passarão os cartazes graciosamente; e todos os que excederem as condições dos cartazes, serão tomados por perdidos para o Estado; como tambem todos os que forem achados sem cartazes, ainda que não tragam generos prohibidos. 18.ª — Que o nosso Feitor de Mangalor passará os cartazes para os barcos do Rei de Canará, e seus Vassallos que navegarem da ponta de Dio até ao Cabo do Çamorim; e os calamutes e outras embarcações que vierem para esta Cidade, ainda que venham em companhia da nossa armada, trarão cartazes do mesmo Feitor, e de todos se pagará o que é estilo; e vindo sem o dito cartaz, serão tomados por perdidos. 19.ª — Que fugindo algum captivo dos vassallos do Estado para as terras do Rei de Canará, o mesmo Rei mandará aos seus Tenadores, que o entreguem ao nosso Feitor, para este o mandar entregar a seu dono. 20.ª — Que o Rei de Canará não prohibirá aos seus vassallos conduzir arroz para Gôa, todas as vezes que o quizerem fazer, aventureiros ou comboiados; nem impedirá que os Mercado-

res Vassallos d'este Estado comprem o arroz que quizerem trazer para Gôa, em quaesquer embarcações; preferindo sempre as da nossa armada, e todas as mais do Estado, a quaesquer outras Nações, que quizerem tomar carga nos seus portos. 21.ª — Que os fardos de arroz, que os Mercadores vassallos do Rei de Canará trouxerem do porto de Mangalor para esta Cidade, serão de duas mãos, que fazem 7 curos, e cada curo de 8 medidas; e achando-se diminutos se tomarão por perdidos, por se ter experimentado a grande falta que se acha nos ditos fardos, em grave prejuizo de todo este povo, que os compra sem os medir; e a este respeito os fardos maiores, que costumam vir de outros portos do dito Rei. 22.ª — Que justificando-se terem concorrido o Tanador da fortaleza de Onor, e Revadas Guzarate, ou outros Vassallos do Rei de Canará, com o conselho, ajuda, ou favor para os Seragiis queimarem um pala do Estado no anno de 1711, governando este Estado o Vice-Rei D. Rodrigo da Costa, dentro da barra d'aquella fortaleza, será o dito Rei obrigado a pagar ao Estado o valor d'ella. 23.ª — Que requerendo o Feitor de Mangalor ao dito Rei, mande prender o Pendra Camotim lagimeiro, que foi d'aquelle porto, por ser devedor ao Estado de certas quantias d'aquellas lagimas, passará logo as ordens necessarias aos seus Governadores, e Tanadores, para que assim o executem, e entreguem á ordem do dito Feitor. 24.ª — Que o Feitor de Mangalor poderá comprar com o dinheiro do Estado aquella madeira que lhe pedirem, e remmettel-a para esta Cidade, sem impedimento algum. 25.ª — Que o Embaixador Caddaxe Damarse Porbu deixará em Gôa um Xerafo, de quem se confie para pezar, e tocar o ouro que se levar para Canará, e n'aquellas terras se estará pelas suas certidões.

Condições a favor do Rei de Canará.

26.ª — Que o Estado soccorrerá ao Rei de Canará

com as suas armadas, tendo guerra com alguma das Nações Asiaticas, não sendo amiga do Estado, e avisando a tempo conveniente que se possa preparar, e expedir o tal soccorro, para lhe defender os seus pórtos, e principalmente contra inimigo Arabio quando a elles venha. 27.ª— Que vindos os barcos do Rei de Canará, e seus Vassallos aos pórtos do Estado, se lhes fará boa passagem; e arribando a elles por causa de tormenta, não serão obrigados a descarregar as fazendas, nem pagar direito, salvo das que venderem voluntariamente. 28.ª — Que em cada anno poderão navegar dous barcos do Rei de Canará com cartazes, que se lhe passarão na Secretaria graciosamente, sem pagarem cousa alguma, e n'elles levará licença para poder trazer cavallos do porto de Congo, ou de Ormuz; e trazendo-os de qualquer porto sujeito ao Iman de Mascate, ou trazendo n'elles Arabios, se tomarão; e para não haver duvidas serão obrigados os Capitães dos ditos barcos a trazer certidão do nosso Feitor de Congo, para que conste carregarem os ditos cavallos nos pórtos referidos. 29.ª — Que os Capitães da Cidade de Gôa não obrigarão as embarcações que vierem dos pórtos do Rei de Canará, e trouxerem cartaz de Feitor de Mangalor, a que tornem a tomar aqui outros; nem no passo de Pangim serão obrigados a pagar mais do que antigamente pagavam, porque nos annos passados se tinha alterado aquelle estilo, pedindo o que lhes parecia. 30.ª — Que os Padres, e Missionarios assistentes no Reino de Canará, não farão Christãos por força, nem tomarão orphãos, nem matarão vaccas. 31.ª — Que os Capitães móres, e mais Capitães das nossas armadas, por virem comboiando os barcos de arroz dos Vassallos do Rei de Canará, não obrigarão os donos a lhes darem fardos de arroz, ou outra cousa alguma por os acompanhar e tirar dos pórtos. 32.ª — Que hindo os barcos do Rei de Canará, ou de seus Vassallos para os pórtos de Congo, e de Ormuz, não serão tomados no mar levando

cartazes; e só os poderão tomar nos pórtos da Arabia quando n'elles os achem os barcos do Estado, ainda que levem cartazes passados na Secretaria do mesmo Estado. 33.ª — Que os Vassallos do Rei de Canará não pagarão juncção de suas pessoas nas fortalezas, e terras do Estado. 34.ª — Que o Estado fará a graça de largar as duas embarcações, que dos pórtos do Rei de Canará trouxe apresadas a armada do anno passado com as suas fazendas, e por estas estarem já vendidas, se lhes dará o dinheiro procedido d'ellas, e dos cascos das taes embarcações. 35.ª — Que o Estado se esquecerá de toda, e qualquer offensa, que o Rei de Canará lhe tiver feito; e na mesma fórma se esquecerá o Rei de Canará, de toda a que possa ter recebido do Estado: sem que do dia do ajuste d'este tratado de paz, e alliança em diante, se possa por alguma das partes contravir a todos, ou qualquer dos Capitulos, e condições ajustadas; nem menos poder contravir, nem ter acção alguma, para poder pedir algum damno, ou perda, que de cada uma das partes se tiver recebido. 36.ª — Que na feitoria de Mangalor haverá Moinho de azeite. 36.ª — Que vindo embarcações do Canará carregadas de arroz, comboiadas, ou aventureiras, se lançará bando n'esta Cidade de Gôa, para que nenhuma pessoa de qualquer qualidade, e condição que seja, leve qualquer das ditas embarcações para os seus palmares, para n'elles as descarregarem, nem tome arroz das taes embarcações por força, ou sem dinheiro; mas antes se pagará logo quando se comprar, e tirar das ditas embarcações. E no caso que qualquer das ditas pessoas queira tirar o tal arroz por força, sem logo pagar o dinheiro, os Parangueiros donos d'elle se queixarão logo, para se lhes mandar fazer justiça, e impedir a tal violencia. 38.ª — Que havendo alguma duvida, on differença entre o Estado, e o Rei de Canará, e mandando Embaixador a esta Côrte para decisão d'ella, se não fará hostilidade alguma nas terras do dito Rei, em

quanto o Embaixador estiver na dita Cidade, e durante o tempo de sua embaixada; e o Rei de Canará usará o mesmo com o Estado.

As quaes condições propostas, e ajustadas por uma, e outra parte, acceitaram o dito Excellentissimo Senhor Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Vice-Rei, e Capitão General da India, pelo muito alto, e muito poderoso Senhor o Serenissimo Rei de Portugal D. João V,, e o dito Embaixador Caddaxe Damarse Porbu, em nome do Rei de Canará Quellady Bassavapa Naique, e sobre ellas se fizeram varias conferencias com o Secretario d'Estado João Rodrigues Machado, que foram bem entendidas pelo dito Embaixador por meio de Vittogy Sinay Benddo, lingua d'este Estado, e de Salvador Pereira, lingua do mesmo Embaixador, que lh'as declararam na lingua Bracmana, por elle não entender a Portugueza; e ambos os ditos Senhores Vice-Rei, e Capitão General da India, e Embaixador de Canará, se obrigaram a que as ditas condições se guardarão reciproca, e inteiramente, sem se alterarem em cousa alguma; a saber: o dito Senhor Vice-Rei, e Capitão General per si, e per seus Successores ao dito governo; e o dito Embaixador pelo dito seu Rei, e pelos mais que lhe succederem, sem nunca em tempo algum contradizerem, nem quebrarem as ditas capitulações de paz, e amizade, antes de as terem, manterem, e guardarem inviolavelmente; e para maior firmeza assim o juraram ambos, o dito Senhor Vice-Rei, e Capitão General da India pelo juramento dos Santos Evangelhos, pondo a mão sobre um Missal; e o dito Embaixador pelo juramento do seu rito de Arrôz, e Betle, pondo ambas estas cousas sobre a sua cabeça, e olhos. Ao que se acharam presentes os ditos Conselheiros d'Estado; e se assignaram ambos, o dito Senhor Vice-Rei Capitão General da India, e o dito Embaixador, com os sobreditos Conselheiros d'Estado, e os linguas referidos; e eu João Rodrigues Machado, Secretario d'Estado, que as

conferí com o mesmo Embaixador pelos referidos linguas, que de tudo dou minha fé, a fiz escrever, e assignar no dia acima referido. — *Caddaxe Damarse Porbu*, *João Rodrigues Machado*, *Vittogy Sinay*, *Salvador Pereira*, *Vasco Fernandes Cesar de Menezes*, *João Rodrigues da Costa*, *Manuel Saraiva da Silveira*, *João Borges Côrte Real*, *D. Luiz da Costa*. *D. Christovam Severim Manoel.*

Assignado o Tratado tão vantajoso para Portugal, conforme o demonstram as suas condições, pagou o Embaixádor os 30,000 xerafins estipulados n'elle; e despedido do Vice-Rei, voltou á sua patria.

O Rei de Sunda, que confina com as terras do Estado adjacentes a Gôa, pertendeu continuar com o Vice-Rei as mesmas desattenções, que muitas vezes lhe haviamos dissimulado, accrescentando outras de novo ás antigas; e não bastando as advertencias, que muitas vezes lhes fizemos por parte do Vice-Rei para que se abstivesse do que obrava, resolveu o Vice-Rei mostrar-lhe, que o nosso soffrimento não era eterno. Passou para este fim a Salsete, cujas milicias reuniu, e mandando aprompta munições de bôca, e de guerra, como para uma grande expedição, mandou propôr ao Rei de Sunda as satisfações, que pertendia se désse ás queixas do Estado. Como uma d'essas queixas dizia respeito ao tributo que o mesmo Rei devia pagar pela fortaleza de Pondá, que lhe tinhamos recuperado do poder de outro Potentado, por nome Queyma Sauntu, e elle o recusava fazer, tomamos-lhe a fortaleza de Sirodá, e fizemos conduzir para as nossas terras todo o fructo das searas inimigas, que existiam no Campo dominado pelas nossas armas. Aterrado o Rei com estas hostilidades, mandou um Embaixádor ao Vice-Rei, offerecendo satisfazer ás nossas queixas; mas não se lhe acceitou a proposta, sem primeiro pagar 4,000 pardáos pela despeza, que fêz o Vice-Rei Caetano de Mello de Castro

com a conquista de Pondá; o Embaixador annuiu a esta exigencia.

O Angriá era um Pirata, a quem o atrevimento, fortuna, e descurido de alguns dos Principes, e potencias da India, tornaram formidavel; porque os muitos roubos que fez no mar, e na terra, facilitaram-lhe riquezas para poder attrahir a si soldados de varias Nações da Asia, e ainda da Europa, e para poder fabricar navios de grande força. Occupando o porto de Culabo visinho ao de Chaul, fortificou-se n'elle em tão grande gráu, que podêmos comparal-o com célebre Barbaroxa, que n'outras éras se fez tão temido nas Costas do Mediterraneo. A insolencia d'este Pirata, que chegou a ser respeitado como Principe, depois de lhe dissimularem alguns insultos, e roubos, que fez aos Vassallos do Estado, obrigou tambem o Vice-Rei a fazer-lhe a guerra depois de esgotados todos os meios de accommodamento; e porque a Praça de Chaul ficava mui proxima á de Culabo, e um visinho tão atrevido, e infiel sempre nos devia ser suspeitoso, mandou o Vice-Re i soccorrer Chaul com uma fragata de 34 peças, na qual embarcou munições, e gente. Achava-se esta mesma fragata defronte da barra de Chaul, e tinham acabado de desembarcar o soccorro sem entrar no porto, por não ter fundo para o seu porto, quando o Angriá veio procural-a com toda a sua armada, que constava de 5 palas, e 12 galvetas. O nosso Capitão apenas avistou estes navios, por não dilatar a si a gloria, que esperava da peleija, foi demandar ao inimigo. Começou o combate, o qual durou desde uma quarta feira pela manhã, até á sexta á noute, em que desenganado o inimigo da esperança de render a fragata, ou mettel-a no fundo, se recolheu a seu porto com tanto damno, que a maior parte das suas palas, galvetas foram destroçadas e uma d'estas mettida a pique. Morreram dos inimigos 180, e foram os feridos, 170. A fragata recebeu no costado, obras mortas, e mas-

tros 532 balas de 4, 6, e 12 libras. Da nossa parte houveram 18 mortos, e 22 feridos. Commandava a fragata o Capitão de Mar e Guerra Antonio de Souza, e eram seus immediatos os Capitães Tenentes Manuel Lobo de Faria, e Aleixo Pinto.

Foi esta acção tão singular, e extraordinaria, que admirou a toda a Costa da India. O Vice-Rei dando-lhe a justa estimação, que ella merecia, honrou ao Capitão de Mar e Guerra com o fôro de fidalgo, e aos Tenentes com o habito de Christo, galardoando os mais Officiaes na proporção do seu merecimento. Para castigar a insolencia d'este Pirata mandou armar 5 palas, 8 galvetas, e duas machucas de guerra, entregando o commando d'esta frota ao Capitão Antonio Cardim Froes, com o titulo de Capitão mór da Armada do Norte, e ordenando-lhe que se puzesse sobre a barra de Culabo, e fizesse ao inimigo todo o damno que pudesse. Segundo a ordem que o Capitão mór recebeu do Vice-Rei, devia estar sobre a barra de Culabo a 15 de Setembro; porém não poude executar esta determinação antes de Outubro, por se não achar até então a esquadra prompta. Sahiu, e fez o que se lhe ordenou continuando o bloqueio até Dezembro, e o continuára mais, se o Vice-Rei lhe não ordenára que se recolhesse, tendo já alli por inutil a sua assistencia; porque Angriá, considerando que as suas embarcações ainda dentro da ribeira não estavam seguras do nosso fogo, desconfiado da sua defensa, fez romper um lanço da muralha, e metteu-as dentro da fortaleza, varando-as em terra, defendendo-as com uma forte tranqueira que levantou em forma de tenalha, guarnecida com um bom numero de peças de artilheria, de que estava bem provido.

Ao tempo que a nossa esquadra impedia a Angriá o sustento, e o commercio, levantaram-se-lhe quasi todas as

fortalezas, que elle havia conquistado ao Mogor Siva Raga, o qual lançando mão da opportunidade, para executar a sua vingança, lhe declarou guerra; e o motivo que este teve para o fazer era o seguinte:

Havia o Grão Mogor conquistado algumas fortalezas de Rama Ráo Rei de Sivagy, as quaes Siva Raja dizia lhe pertenciam por herança. Angriá, que queria conservar o que tinha usurpado áquelle Imperio, offereceu a Siva Raja a sua alliança, e unidos ambos emprehenderam, e conseguiram reconquistar aquellas fortalezas, mas com tanta cavilação se houve este alliado, que as guarneceu com gente sua, recusando depois entregal-as; e para ficar mais seguro na posse d'este roubo, maquinou com a Rainha de Sivagy, que governava os Estados de seu marido na menoridade de dous filhos, que d'elle ficaram, que querendo ella casar com elle lhe entregaria as referidas Praças, e a pessoa de Siva Raja. Ajustaram-se na proposta, e para poder cumprir esta segunda o convidou com fingimento de amizade, e pretexto de tratar o ajuste da entrega das fortalezas, quizesse passar uns dias com elle em Culabo, no que o outro já convinha; mas avisado da traição com que se ordenava este convite, não o acceitou, ajuntou o maior poder a que se estendiam as suas forças, e desceu com o exercito contra elle. A primeira operação encaminhou-se á restauração das Praças que Angriá presidiava, e com effeito havia já tomado algumas. O Vice-Rei aproveitando-se da conjunctura, tratou de persuadir a Siva Raja a continuar a guerra, fazendo igual diligencia com o Rei de Sivagy, que tambem estava queixoso de Angriá, que n'este tempo lhe havia tomado duas fortalezas, e destruido muitas Povoações. Enviou tambem á Côrte de Agra um Embaixador para persuadir ao Grão Mogor, entre outras cousas, quizesse ajudar a alliança d'estes Principes, e mandar acabar com este inimigo commum, que tão atrevidamente havia profanado o respeito da sua

grandeza. Feitas estas disposições, em muitas das quaes trabalhou o General do Norte D. Lopo José de Almeida, teve o Vice-Rei que mandar recolher Antonio Cardim Froes, com a Armada que sitiava a barra de Culabo, por lhe chegarem noticias, que a do Immamo de Mascate se achava em Surrate, porto do Grão Mogor, e nos tinha aprezado um navio vindo da China. Como as nossas forças não eram tantas, que se podessem dividir, quiz operar com ellas unidas, para mais facilmente poder empregar-se contra um inimigo ainda mais perigoso na presente conjunctura, que o Angriá.

Recolheu-se Froes, depois de haver tomado duas embarcações, que navegavam para a fortaleza de Culabo, uma com mantimentos, outra com roupas, e de haver impedido todo o commercio, e provimento áquelle inimigo pelo espaço de trez mezes, que esteve sobre a sua barra. Mas como o Vice-Rei considerasse que a distancia a que se hia collocar a esquadra de Froes, podia fazer com que Angriá intentasse a conquista de algumas das nossas terras, mandou aprestar a fragatinha S. Francisco de Assis, e embarcar n'ella o Capitão de Mar e Guerra Manuel Lobato de Faria, ordenando-lhe que passasse ao Norte, e acudisse com ella a toda a parte, onde julgasse necessaria a sua assistencia. Partiu o Capitão em Janeiro com vento favoravel, e chegando defronte da barra de Culabo, encontrou 4 palas, e 9 galvetas do Angriá, todas bem guarnecidas, e com mais gente do que a que pedia a sua lotação. Apenas os inimigos avistaram o nosso navio, fizeram força de vela sobre elle. O Capitão, que a não ser tão valoroso, pudéra receiar, quando não a qualidade das embarcações, o numero d'ellas, fingiu-se mercante, e foi-se amarrando sem bandeira; mas de tal modo, que mostrava não podia navegar, desejando fugir-lhe. Era intenção sua attrahil-os ao mar, onde pudesse ser senhor do vento, que lhe podia faltar na Costa. Logrou esta estrategia militar; e tanto que

viu as embarcações inimigas amarradas, voltou sobre ellas, e começou a batel-as com a sua artilheria tão déstra, e utilmente, que depois de lhes haver feito muito estrago, e morto muita gente, constrangeu-as a largar a empreza, e a fugirem vergonhosamente. O Capitão seguiu os inimigos até os meter pela barra de Culabo, e demorou-se alli trez dias, desafiando-os; mas vendo que ninguem sahia a exigir-lhe satisfação, continuou a sua derrota, e chegou a Baçaim, donde participou o successo ao Vice-Rei.

Entrando no porto do Mormugão obrigada pelo tempo uma embarcação do Canará sem passaporte, tendo-se-lhe acabado a licença, navegando sem a reformar, havia justificado pretexto para ser tomada por perdida. Considerando porém o Vice-Rei que era proprietario d'ella o Governador de Mangalor valído do Rei de Canará, e que convinha aos interesses do Estado dispensar por esta occasião a Lei em seu favor, lh'a mandou entregar livre, insinuando-lhe que a muita attenção, que tinha com a sua pessoa, fazia relevar ao Capitão do seu navio a falta de o trazer desprovido de licença; sendo esta prerogativa a de que o Estado era mais cioso. Com esta generosidade, em que o thesouro do Estado perdeu muito pouco, lhe accumulou o Vice-Rei grandes interesses; por isso que lucrando a amizade do valído, a quem penhorou muito com esta fineza, ficou ganhando a boa influencia do seu conselho a favor das nossas pretenções, e o continuar nas vantagens, que havia tão poucos mezes se tinham adquirido pelo Tratado de paz, concluido com aquelle Rei em Gôa, em honra, e utilidade de todo o Estado, e em credito, e reputação da Corôa de Portugal. —

1716. — Tendo o Papa Clemente XI pedido com instancia soccorro contra os Turcos a El-Rei o Senhor D. João V. por um Breve feito a 18 de Janeiro de 1715, dirigiu-

lhe ultimamente uma carta escripta pela sua propria mão em 18 de Janeiro seguinte, na qual lhe referia o estado, em que a Christandade se via, atemorizada pela arrogancia do Imperio Ottomano, que ameaçava a Ilha de Corfú, depois de haverem os Turcos conquistado aos Venezianos a Moréa; rogando a El-Rei, lhe mandasse uma esquadra, para que unindo-se á da Igreja, e ás de outros Principes, se oppuzesse ó armada Ottomana, que soberba intentava reduzir a Italia á ultima ruina. El-Rei apressou-se a satisfazer o pedido do Santo Padre, fazendo sahir de Lisboa uma luzida esquadra, a 5 de Julho do mesmo anno, Compunha-se ella de 6 náus de guerra, e 1 brulote, 1 hospital, e uma tartana armada em guerra; era guarnecida por 376 peças de artilheria, e commandada pelo Conde do Rio Grande Lopo Furtade de Mendonça, e levava a seu bórdo uma immensidade de fidalgos illustres. Esta esquadra continuou com toda a diligencia a derrota de Corfú, mas quando alli chegou já os Turcos haviam levantado o sitio; e não tendo em que empregar-se n'aquelles mares, nos quaes encontrou sempre ventos contrarios, fèz-se na volta de Lisboa, aonde entrou a 25 de Novembro de 1717, para brevemente tornar a sahir com o mesmo destino.

CAPITULO VI.

ANNO DE 1717 ATE' 1750.

Envia El-Rei D. João V. novo soccorro ao Papa contra o Turco. Victoria dos Portuguezes contra alguns Piratas Inglezes na Costa de Guiné. Alcança a nossa guarnição da Praça de Mazagão uma victoria contra os Mouros. Triumpham as nossas armas na India. Capitulação imposta por um General nosso á Praça de Mombaça. Combatem os nossos em Mazagão. Successos que teem lugar na India. Novos successos de Mazagão. Novos successos da India. Morre El-Rei D. João V.

1717 — Chegado o dia 28 de Abril, tornou a nos-

sa esquadra a entrar no Mediterraneo. Commandava a armada o mesmo General Conde do Rio Grande, e os mesmos Cabos. Compunha-se a esquadra dos navios seguintes: a Capitanea, denominada Senhora da Conceição, em que embarcou o Conde, de 80 peças, com os Capitães de Mar, e Guerra Antonio Duarte, Luiz de Abreu Prégo, e José Gonçalves Lage. Nossa Senhora do Pilar, que servia de Almirante, em que foi o Conde de S. Vicente, de 84 peças, com os Capitães de Mar, e Guerra Manuel André dos Santos, Luiz de Queirós, e Pedro de Oliveira Mage. Na Assumpção, que servia de Fiscal, e era de 66 peças, hia Pedro de Sousa de Castello-Branco com os Capitães de Mar, e Guerra Simeão Porto, e Francisco Dias Rego. Nossa Senhora das Necessidades de 66 peças com o Capitão de Mar, e Guerra Gillet du Bucage. Santa Rosa de 66 peças com o Capitão João Baptista Rolhano. A Rainha dos Anjos de 56 peças, em que hia o Capitão de Mar, e Guerra José Pereira de Avila. Em S. Lourenço de 56 peças, Bartholomeu Freire. Em Santo Antonio de Padua, que era brulote, hia o Capitão Jorge Mathias de Sotto-maior. Em Santo Antonio de Lisboa, que tambem era brulote, o Capitão Thomaz Tully. Em S. Thomaz de Cantuaria, que era de transporte com 20 peças, hia o Mestre Antonio dos Santos. N'uma tartana armada em guerra, hia o Mestre José Barganha. Eram ao todo 11 Embarcações.

Além dos Capitães nomeados, hiam tambem os Capitães Tenentes Pedro de Albuquerque, José de Azevedo, Antonio Pereira Borges, Pedro da Silveira, Gaspar Vieira da Silva, Pedro Dias Falcão, Agostinho Morial, e André Gonçalves Nogueira. Os regimentos, que guarneciam os citados navios, eram os da Marinha, a que se uniram muitos soldados dos melhores da Côrte. Foram providos com mantimentos para 5 mezes, e todas as armas, e petrechos em abundancia, com muito dinheiro, e credito pa-

ra haverem mais, sendo-lhes preciso, e no transporte muitos mastros, enxarcias, e mais materiaes sobrecellentes. Esta nossa esquadra chegou a Corfú a 10 de Junho, e alli achou já o Capitão General da Republica de Veneza André Pizani com as suas galés, encorporado com 5 da Igreja, commandadas pelo Cavalleiro Ferreti, e duas do Grão-Duque de Toscana, ás quaes se uniram 5 da Religião com o seu General Frenois. O Pontifice, apenas teve noticia de ter a nossa armada entrado nos mares da Italia, logo por um Breve de 17 do referido mez, agradeceu a El-Rei o zelo, com que se interessava em defender a Christandade dos imminentes perigos, em que ella se via.

Tendo a nossa esquadra feito juncção com as outras, faltava só para se começar a campanha que se unissem os navios de Malta, os quaes entraram a 17 com o Balio de Bellefontaine, Tenente General da Armada de El-Rei de França, e Governador da Praça de Toulon. Este General foi escolhido pelo Santo Padre para governar as armas Auxiliares com o Estandarte de seu Almirante.

Depois dos Generaes, e Cabos principaes haverem resolvido, que partisse a armada subtil unida com as esquadras auxiliares de Portugal, e de Malta, a encorporar-se com a da Republica de Veneza ao Archipelago, onde andava cruzando, para que depois de feita a juncção se tomarem as medidas para a campanha, e que no caso, que os inimigos não sahissem dos seus portos, (como erradamente se entendeu) deviam chegar aos Dardanellos, para n'aquellas Costas causarem todos os damnos, que pudessem. Partiram a 23 de Corfú tocando Zante, por se entender que n'aquella Ilha poderiam encontrar noticias da armada, porque até então tinham tido avisos vindos do Levante, que os Turcos tinham sahido com 40 vasos a atacar a armada Veneziana, pela verem andar bordejando nas bocas de Constantinopla

é que duas vezes haviam peleijado, sem chegarem nunca ao ultimo esforço, nem mais perda dos Venezianos que alguma avaría, e a morte do seu General Luiz Flangini, o mais valoroso, e experimentado soldado da Marinha, que tinha a Republica. D'estes combates os separou um vento rijo, que carregou os navios. Com esta noticia partiram as esquadras combinadas de Zante em demanda do Cabo da Sapiencia, donde deram vista da armada Veneziana, que andava forcejando por tomar algum porto para fazer aguada, e repararse de algum destroço, que nos combates experimentára. Havendo morrido o General Flangini, governava a armada o seu Capitão extraordinario Marco Antonio Diedo, e conferindo-se o que se devia obrar estando os inimigos em Napoles de Malvasía, Praça que distava pouco do lugar, em que se achavam, se resolvèu hir atacal-os no dia seguinte. Mas a isto oppunha-se o embaraço de vir a armada tão falta de agua, que não podia subsistir muito tempo: porém o Conde do Rio Grande offereceu-lhe todo o provimento necessario da sua esquadra, para não demorar a acção, em que impaciente procurava entrar com os seus navios.

Participou-se logo esta resolução ao Capitão General Pizani, que havia fundeado com a armada subtil em Cabo Grosso, sem cuja determinação se não podia intentar operação alguma. Começaram-se na mesma tarde a ver alguns navios inimigos, e no dia seguinte, que era 5 de Julho, sahiu do Cabo de Matapan a armada Turca composta de 42 navios, que se estenderam n'uma extensa linha, forcejando por não perderem o vento, que os favorecia. As duas esquadras auxiliares fizeram altas diligencias para melhorarem de posição; e vendo os Venezianos mais a sotavento com tal embaraço, que lhe seria custoso tomarem fórma de peleija, foi-lhes preciso formarem separadamente uma linha de batalha, em que se conservaram todo o dia. A sua chegada, e esta manobra livrou os Venezianos de

serem combatidos; porque os Turcos os buscavam ignorantes d'esta juncção, pelo que se abstiveram do combate. A posição em que os inimigos viram as duas esquadras auxiliares, e o medo das suas forças suspendeu-lhes o impulso, e conservaram-se todo o dia sem fazer mais que trabalharem por não perderem o barlavento, e assim todos tinham por infallivel o combate no dia seguinte; porém n'elle appareceram os inimigos mais ao largo, do que anouteceram, e tanto n'aquelle dia, como nos seguintes, foram-se affastando como quem recusava o combate. A necessidade em que se achava a armada Veneziana, obrigou-a a buscar a enseada da Sapiencia para se refazer de agua, e de algumas outras cousas, que a puzessem em estado de melhor poder procurar o inimigo; mas os ventos contrarios não lhe deixaram tomar porto, e deram-lhe vista da esquadra inimiga na Bahia de Caron, sobre a qual andaram bordejando 2 dias, sem que os Turcos fizessem movimento algum. Como a armada subtil se achasse ancorada perto do inimigo, foi-se encorporar com a Veneziana pelo receio de ser queimada, no caso dos inimigos destacarem algumas embarcações para esta operação.

Como não podiam bordejar com as galés, foi-lhes preciso arribar á enseada de Passavá entre o Cabo de Matapan, e o de Santo Angelo, e aqui esteve a armada Veneziana refazendo-se de agua, e cortando lenha até ao dia 18 de Julho, em que ao pôr do Sol deram vista de alguns navios inimigos a Capitanea de Portugal, e o seu Fiscal, que não quizeram entrar no porto, e logo fizeram signal aos mais navios, sem que os Generaes Venezianos o tivessem percebido pelas suas descobertas, que traziam fóra para os avizar. Ao romper do dia 19 vieram os Turcos arribando sobre a armada. A esquadra Portugueza com os 2 navios da Religião, e uma fragata Veneziana, que em Corfú se lhe tinha unido, fizeram a sua linha na rectaguarda, enten-

dendo que os Venezianos a continuariam como lhes pertencia; o que elles não procuraram fazer, e muito menos depois de verem o inimigo sobre si. A esquadra Turca compunha-se de vinte e duas sultanas de grande força, e de 26 navios de Alexandria, e das Costas da Barbaria. A de Veneza contava 25 da primeira, e segunda linha, que com os auxiliares prefazia o numero de 34. Começaram-se a ouvir alguns tiros soltos na vanguarda com pouco effeito, porque o Grão Bachá, que hia na sua Capitanea de 110 peças com 1,400 homens de equipagem, desprezou todo o mais corpo da armada, e foi determinadamente buscar as Bandeiras de Portugal, e da Igreja, escoltado por 15 sultanas, não muito inferiores no poder; e medindo-se com ellas a tiro de canhão, estendeu a sua linha, e furiosamente as começou a bater. Pelas 8 horas da manhã começaram a fazer um fogo horrivel contra os ultimos 5 navios, que eram: a Capitanea de Portugal, a sua Almiranta, e Fiscal, a Santa Rosa, e o navio Veneziano, que dissemos se reunira aos Portuguezes em Corfú. Nove horas soffreram estes navios o fogo dos inimigos sem nunca perderem a fórma, nem sahirem da linha, correspondendo-lhe incessantemente com repetidos tiros, e procurando sempre chegarem a elles, ou romperem-lhes a linha; o que conseguiram ficando o seu barlavento ao render do bórdo. Concluida esta manobra, os Turcos pozeram-se em retirada desanimados do successo, não podendo já soffrer a invencivel resistencia, que lhes oppunha a esquadra Portugueza, a qual lhes tirou das mãos uma victoria, de que se julgavam a seu entender tão seguros, que lhes pareceu lh'a não disputariam de similhante maneira.

O Conde de S. Vicente não satisfeito com o muito, que havia obrado n'aquelle dia, fez uma valorosa arribada sobre as Capitaneas inimigas prologando-se com ellas, e batendo-as. O Conde do Rio Grande apressou-se a soccor-

rel-o, recebendo sobre o seu navio grande parte do fogo, com que os inimigos o offendiam. O mesmo fez Pedro de Sousa Castello-Branco, mettendo-se intrepidamente por entre toda a armada com a Santa Rosa a buscar os Generaes inimigos; porém como hia na rectaguarda, e os Turcos não esperavam muito, quando chegou, hiam já os inimigos arribados, procurando salvar-se entre o maior corpo dos seus navios.

A vergonhosa retirada dos inimigos privou aos Generaes Portuguezes da gloria de os derrotarem completamente. Poucas horas depois do combate sahiu o General Bellefontaine da linha, pondo-se a sotavento d'ella com outro navio da sua conserva, e mandou ordem por um seu Official a 3 navios Portuguezes, que hiam na prôa, fizessem a mesma arribada; á qual elles não obedeceram, dizendo: « que « em similhantes occasiões não era licito, nem decoroso destri- « buir ordens particulares, quando havia signaes no Regimen- « to, de que se devia usar para todas as operações, que inten- « tasse fazer. » Não entra em duvida que, toda a armada combinada se perderia, se os 4 navios Portuguezes, e o Veneziano, que tão furiosamente se estavam batendo na rectaguarda, obedecessem á ordem do General em Chefe. Os Venezianos conservaram-se sempre em uma inexplicavel confunsão, a grande distancia do combate, e não foram mais do que testemunhas das proezas que praticaram os Portuguezes em defensa dos Estados, e interesse da sua Republica; porque d'esta apenas 4 navios peleijaram ainda que sem ordem, com boa resolução, e só na retirada dos Turcos os seguiu toda a armada fazendo-lhes algum fogo de tão pouco prejuizo, que só servia de applaudir o triumpho, que os nossos conseguiram com tanta gloria, como confessaram todas as Nações da Europa.

A nossa esquadra ficou muito destroçada de mastros,

vélas, e enxarcias, e com os costados tão cheios de ballas, que a não ser forte a construcção dos seus navios, e a sua madeira, todos perigariam, ou pelo menos a maior parte das suas guarnições. Perdemos 80 homens mortos, entre elles o Capitão de Mar, e Guerra Manuel André, e tivemos 120 feridos, dos quaes alguns vieram a morrer: a perda dos Turcos chegou a 5,000 pessoas.

No dia 21 puxaram os auxiliares para o mar, para se melhorarem para uma boa operação, que entendiam ser-lhes conveniente; mas os Venezianos conservaram-se no porto para cobrirem as galés, ou por outro designio, que se não comprehendeu: Não se approveitaram pois de tão favoravel conjunctura como lhe offerecia o tempo, entrando com a sua esquadra no vento, como haviam feito os auxiliares, para cahirem sobre os inimigos, que por causa da calmaria se não podiam servir das suas forças para a resistencia. E foi assim que privaram a Christandade de um glorioso dia, porque toda a armada inimiga havia de encalhar nas suas costas, perdendo todos os seus navios. Um tempo forte obrigou as armadas auxiliares a separarem-se, procurando cada uma buscar os seus portos. A nossa esquadra deixando os Venezianos em segurança, ancorados no porto de Corfú, e tendo noticia, de que os Turcos se haviam recolhido a Napoles de Romania, para cobrirem a Moréa, fez-se na volta de Messina, onde entrou a 24 de Agosto muito falta de mantimentos, e com os navios bastante destroçados: e refeitos do que precisavam, fez-se á véla para Lisboa, onde entrou a 6 de Novembro com a gloria do credito, que alcançaram as nossas Armas, livrando a Italia do grande perigo em que os Turcos a haviam pôsto. El-Rei D. João V. premiou ao General Conde do Rio Grande, e aos Cabos principaes com commendas, e aos Officiaes com recompensas proporcionadas aos seus postos.

O Santo Padre celebrou muito esta victoria elogiando muito a Nação Portugueza, e El-Rei D. João V. Ao General Conde do Rio Grande mandou um Breve, em que lhe agradecia o zelo, e valor, com que a sua armada triumphára da inimiga. A Republica de Veneza confessou tambem esta obrigação, mandando por um Embaixador Extraordinario agradecer a El-Rei, este beneficio. —

1723 — Constando a El-Rei D. João V. que uns Armadores, ou Piratas Inglezes, com ambição, e interesse do seu commercio tinham feito um estabelecimento na Costa de Guiné, no sitio de Cabinda, que fica entre Angola, e Congo, ao Norte do Rio Zayre, que então estava despovoada, e considerando o prejuizo que pelo tempo adiante podia fazer ao commercio de Angola, e Ilhas adjacentes d'aquella Costa, mandou para atalhar tão grandes damnos ao Capitão de Mar e Guerra José de Semedo Maia em a náu N. Senhora da Atalaya, bem petrechada de todo o necessario, castigar aquelle insulto. Semedo sahiu de Lisboa a 16 de Maio, e fazendo derrota para Angola chegou áquelle porto a 12 de Setembro, onde informado da situação de Cabinda, e do forte que os Armadores Inglezes haviam construido n'aquelle porto, e das mais noticias precisas para a sua expedição, partiu de Angola a 6 de Outubro, e a 23 do dito avistou o forte, que achou defendido por duas náus. Tratou logo de atacar estas, e rendidas ellas, acestou a sua artilheria contra o forte, bateu-o vigorosamente pelo espaço de 48 horas, até forçar a sua guardição a capitular. A 26 do referido mez tomou posse do mesmo forte, o qual mandou logo arrazar, e entulhar o fosso. De 35 peças de artilheria, que alli encontrou, metteu a bórdo 24, e as 11 que lhe não foi possivel conduzir, mandou encravar, e quebrar os unhões, e as culatras, e n'esta forma as mandou entrar no fosso, José de Semedo tendo cumprido a missão de que fôra encarregado, fez-se á véla para a Ilha do Principe, aonde chegou a tomar man-

timentos, e refrescos que lhe faltavam. Sahindo d'aqui, demandando o Porto do Castello da Mina, metteu a pique uma fragata Hollandeza, que andava infestando aquelles mares, roubando as nossas embarcações, e depois regressou felizmente a Lisboa. —

1735 — Querendo o Governador, e Capitão General de Mazagão Antonio de Miranda Henriques vingar uma traição, que os Mouros lhe haviam armado no dia 22 de Maio, em que lhe aprizionaram 2 soldados, com os competentes cavallos; e sabendo que no dia 25 do proprio mez não passava de 100 homens a guarda, chamada dos Estuques, que eram os mais nobres, e valentes Mouros d'aquella fronteira, a saber, 70 de cavallo, e 30 de pé; ordenou ao Adail Antonio Dias do Couto, sahisse ao campo com um corpo de cavallaria, e a mandasse forragear no sitio do Faxo e que ao primeiro signal, que elle lhe fizesse, se prevenisse, largando os feixes em terra, e repartindo-se em 3 esquadrões de 20 cavallos cada um, deixando os mais para excitar o inimigo; e tanto que este os carregasse se viessem retirando, até que póstos na costumada desordem com que peleijam, os acommettessem, certos de que a Infanteria os estava esperando para os soccorrer. Executado tudo n'esta forma, apenas os Mouros fizeram a primeira descarga, logo o Adail os foi acommetter com tanto vigor, que dentro de um quarto de hora viu-se a campanha banhada em sangue dos Barbaros, e estes póstos em fuga. Ficaram em nosso poder 9 prizioneiros, de que logo morreram 4, que haviam ficado feridos, e entre os 5 houveram 2 Officiaes de distincção, senhores de Aduares, nome que n'aquelle Paiz se dá ás Aldeias. O velho Adail Antonio Diniz do Couto portou-se n'este conflicto com valor sem igual, como se estivera na flôr da idade. Matheus Valente seu filho seguiu-lhe o exemplo, pois que commandando a esquerda do flanco direito, carregou o esquerdo dos ini-

migos, e fez-lhes suppor que as nossas forças eram mais consideraveis. João Valente, que já tinha servido de Adail, e commandava o centro, e o Almocadem Gonçalo Banha, que commandava o flanco esquerdo, não ficaram devendo nada no valor á sua obrigação. —

Convindo El-Rei de Maquinés em trocar alguns Portuguezes que conservava captivos nas suas terras por alguns Mouros, que se achavam escravos n'aquella Praça, e vindo já no caminho, para se executar a troca, negou-se a fazel-o por suggestões de um Renegado, que lhe aconselhou não convinha dar liberdade a Christãos, principalmente sendo elles Portuguezes. Voltaram pois os captivos para a Cidade, e o Rei mandando-os chamar á sua presença, propoz-lhes que abraçassem a lei Mahometana, ou se preparassem para morrer; porém elles abominando a proposta, e exaltando a Fé, que professavam, sacrificaram gostosamente as vidas pela verdade d'ella, com uma constancia digna de inveja, e de elogio, Logo o mesmo Rei expediu os parentes dos Mouros, que estavam captivos em Mazagão, com ordem ás guardas d'aquellas fronteiras, para que todos unidos viessem armar algumas ciladas aos Christãos, e captivassem alguns, com os quaes se podesse effeituar a troca, a qual não poude ter lugar, porque o Governador da Praça informado da barbaridade do Rei, os havia mandado para Portugal. Os inimigos estimulados do mau resultado das suas diligencias, pertenderam vingar-se, e uniram as 5 guardas, que chamam de — Maimond — Simain — Almançor — Estuques — e Elbulele, ou guarda da Duquela — as quaes vieram na noute de 8 de Dezembro introduzir-se nas suas principaes ciladas. Conservaram-se n'estas com tanto silencio, que nem os nossos Atalayas os pressentiram, nem elles lhes atiraram um só tiro, para que toda a gente que por ordem do General sahiu da Praça a buscar lenha, ficasse dentro do seu cor-

dão. Tanto que os inimigos conseguiram este fim, deram uma descarga geral sobre a nossa guarda, que não obstante o susto com que recebêra tão inesperado ataque, se desembaraçou com grande valor, vindo peleijando, mas retrocedendo pelo sitio chamado da Coitada, para se proteger com o beneficio da artilheria da Praça. Porém o General os mandou soccorrer com 2 pequenos batalhões de Infanteria, que chegaram ás Covas da areia a tão bom tempo, que lhes deu logar para se livrarem do perigo em que se viam, peleijando a peito descoberto sempre com inexplicavel valor, mas já sem ordem. Por outra parte fez o General marchar o Ajudante Manuel de Pina, com a companhia do Capitão Manuel de Azevedo, para que com toda a pressa ganhasse o vallo da terra de Nossa Senhora, a fim de que os Mouros se não introduzissem n'elle; porque só d'este modo se poderia salvar a nossa gente. Mandou ainda reforçar esta com as companhias dos Capitães Sebastião da Fonseca, e Diogo Dias Freire, á ordem do Sargento mór D. José Joaquim da Silva, com a instrucção de que peleijando por contra-marcha, ganhassem o vallo da terra do Sapal, que ficava mais immediato á sua defensa; o que tudo se executou com tanta ordem, e bom successo, que depois de disputarem ambos os campos o vencimento por mais de uma hora, retiraram-se os inimigos com grande destroço, deixando aos nossos a gloria de que não passando de 150 de pé, e de 80 de cavallo, puzessem em derrota a 1,000. Os inimigos tiveram 40 mortos, e muitos feridos; da nossa parte houveram só 5 feridos, mas um tão mortalmente, que logo espirou. Chamava-se este Manuel Freire, e era natural da Villa de Estremôz. Tambem ficou ferido de uma bala na cabeça Rodrigo Botelho, que era um dos principaes, e mais valorosos Cavalleiros d'aquella Praça.

Depois d'este successo cuidaram os Mouros em vin-

gar a injuria, que haviam soffrido, e vieram de madrugada sobre as hortas da Praça de Mazagão com a intenção de as destruir; mas encontraram as nossas guardas tão prevenidas, que foram póstos em fugida, deixando alguns despojos, e quantidade de sangue dos feridos, bem como alguns mortos sobre o campo. A 20 de Dezembro tornaram a apparecer sobre a Praça em maior numero. Mandou o Governador Antonio de Miranda Henriques sahir para campo do Facho a maior parte da cavallaria, e por Commandante d'ella Matheus Valente do Couto, que sendo um perfeito imitador do Adail Antonio Diniz de Couto, seu pai, que se achava ferido, quiz o Governador que supprisse o seu pôsto. Matheus Valente esperando os inimigos para observar as suas forças, como tinha por ordem, formou a cavallaria em 3 esquadrões, segurando a retirada a cada um nas bocas das tranqueiras das ruas do forno da Alagoa, e da Pesqueira, com infanteria, que guarneceu os vallos, que as defendem. Porém os inimigos sabedores d'estas disposições, e vendo-se preseguidos pelo continuo fogo da nossa artilheria, foram obrigados a retirar-se com quantidade de mortos, e entre elles o Almocadem da guarda de Semahin, (*) ao qual o Capitão Engenheiro Dionysio de Castro fez um tiro de peça com tanto acerto, que o derribou logo morto. Dos baluartes de Santo Antonio, e do Governador, mataram-se muitos inimigos, e a nossa cavallaria tambem deu umas poucas de cargas com bom successo. Soube-se depois que El-Rei de Maquinés mandára matar a mais de 40 Mouros da guarda dos Estuques, por suspeitar que entretinham communicações com a nossa Praça.

Aterrados com os successos referidos, não emprehenderam os inimigos hostilidade alguma contra a Praça nos

(*) Pôsto que corresponde ao de Sargento-mór de Cavallaria.

mezes de Janeiro, e Fevereiro; porém na madrugada de 11 de Março de 1726, vieram armar uma cilada aos nossos forrageadores, que havendo explorado o campo, e tendo-o por seguro, lhes sahiram do vallo, que chamam de Lazaro Fernandes, com um corpo de cavallaria de 150 cavallos. Os inimigos cahiram sobre a nossa gente com tanto ímpeto, que logo derrubaram um cavalleiro nosso, o qual alli ficára, ou morto, ou captivo, se outro natural da Praça, chamado Pedro da Fonseca de Bulhões, o não defendèra, assistido do Atalaya Domingos da Silva. A artilheria do baluarte do Serrão, onde se achava o Governador, e a do baluarte do Anjo, fez deter o ímpeto dos infieis, e deú lugar a que guarnecendo a nossa infanteria o vallo do Sapal, se fizesse a nossa cavallaria forte no campo. Os inimigos apezar de serem reforçados pela guarda dos Alarves, que se comporia de outros 150 homens, não se atreveram a obrar cousa alguma, e com maior perda de reputação desistiram do que intentavam, retirando-se do combate. Contribuiu muito para esta retirada o haver um dos nossos Atalayas ferido com uma bala ao Adail da guarda da Duquella, que se retirou a Azamor para se curar. Da nossa parte ficaram levemente feridos 2 cavalleiros, e um cavallo de Antonio Diniz de Couto. O Adail Matheus de Couto, não obstante achar-se mal convalecido da sua ferida, e não ter ainda tomado posse do pôsto, montou a cavallo apenas ouviu o primeiro rebate, e foi-se collocar no sitio, que chamam das ciladas falsas, e com os poucos cavallos, com que se achava, fez reprimir aos inimigos o ímpeto, com que vinham romper alguns dos nossos soldados infantes, que estavam no campo. Os nossos ficaram continuando a sua forragem, e os Mouros recolheram-se com alguns mortos, e feridos.

A 18 de Março juntaram-se os Mouros em força de 300, em cujo numero haviam 100 de cavallo, e chegan-

do-se á Praça, se metteram em covas, que na mesma noute fizeram fóra do vallo da terra de N. Senhora. Ao amanhecer chegando o Atalaya José Moreira a descobrir campo, logo os inimigos o atravessaram pelos peitos com uma bala, matando-lhe com outra o cavallo; e certamente o levariam prizioneiro, se o não soccorressem trez cavalleiros da Praça. Matheus Valente do Couto acudiu logo com a sua guarda, e travou uma forte escaramuça com os Mouros, os quaes vendo que a sua cavallaria tardava a soccorrel-os, procuraram retirar-se, e o fizeram em muita desordem. Depois emprehenderam acommetter o sitio denominado — Unha do forno — onde se achava alguma da nossa infanteria; mas esta com frequentes descargas, e a nossa artilheria com o seu repetido fogo, os obrigaram a recolher n'este dia com a mesma infelicidade, que experimentaram nos dias antecedentes.

Entendendo o Governador Antonio de Miranda Henriques, que os Mouros se não descuidariam em procurar alguma desfórra, mandou por espias saber o poder com que vinham armar ciladas á nossa gente, e sem embargo da sua diligencia, emboscaram-se elles na noute de 29 de Março no sitio da Unha do forno, tendo pela manhã o atrevimento de vir buscar o nosso Atalaya, que succedeu ser Manuel Vaz de Castro, natural da Castanheira, e mui conhecido já n'aquella Praça pelo seu valor. Manuel Vaz tendo-lhe os inimigos matado o cavallo, foi depois investido por 5 d'elles, e com 7 feridas ao parecer mortaes, deslocado o braço direito, e aberta a cabeça, pertenderam leval-o ás costas; porém soccorrido por João de Medina Barreto, e por Theodosio da Costa Barreiros, conservaram-lhe a liberdade. Crescendo o conflicto com a gente, que de novo chegou a Matheus Valente do Couto, sustentado por duas companhias de infanteria, começaram os inimigos a retirar-se, peleijando, para a cilada do Facho, com tanta desor-

dem, que se a nossa cavallaria se pudesse reunir, perderiam mais de ametade da sua gente, que excedia o numero de 400 homens; e como no sitio onde se recolheram, havia o Governador mandado preparar uma mina de canos atacados com balas, e uma bomba, lançou-se-lhe fogo, fazendo a sua explosão um estrago immenso nos inimigos.

No dia 3 de Julho aproveitando-se os Mouros da escuridão da noute, quizeram por entrepreza assaltar aquella Praça, o que sendo pressentido pelas sentinellas, se tocou a rebate, e acudiu o Governador. Este dispondo tudo com muito acerto nas suas ordens, foram estas tão bem executadas por Manuel de Sousa Menezes, e por D. Jozé Joaquim da Silva e Albuquerque, que os inimigos foram forçados a retirar-se com grande perda; concorrendo para este feliz resultado os esforços do Adail Antonio Diniz do Couto, e dos dous Almocadens Matheus Valente do Couto, e Gonçalo Fernandes Banha. —

El-Rei D. João V. tendo resolvido mandar felicitar o Imperador da China pela sua recente exáltação ao Throno, nomeou para esta importante embaixada a Alexandre Metello de Sousa Menezes, que sahindo de Lisboa a 18 de Abril de 1725, passou ao Rio de Janeiro, e d'ahi á Cidade de Macáo, donde depois entrou nos Estados do Imperador, e a 18 de Março de 1728 fez a sua entrada pública na Côrte de Pekim com grande pompa, sendo recebido na mesma Côrte com todas as honras, que alli se não costumam conferir aos Embaixadores dos Principes da Asia. Metello tendo cumprido tudo quanto lhe fôra encarregado, voltou para Portugal, e dando-se El-Rei por satisfeito, o empregou no logar de Conselheiro no Tribunal do Conselho Ultramarino. O Imperador mandou á El-Rei um grande presente das cousas mais raras, e de bom gosto. d'aquelle Paiz, a que El-Rei havia correspondido com outro digno da sua liberalidade. —

1726 — Sendo n'este anno Vice-Rei da India João de Saldanha da Gama, e havendo Sar-Dessai de Cuddale Fondu-Saunto-Bonsuló, que tinha os seus Estados no Reino de Visapor, commettido alguns attentados contra o nosso Estado, com os quaes obrigou o mesmo Vice-Rei a declarar-lhe guerra, logo que ella se rompeu, encontrando-se a fragata Palma, e duas pallas nossas com 4 pallas, e algumas galvetas de Dessai, fizeram-lhes tal fogo, que os inimigos tiveram que varar em terra, aonde por causa do pouco fundo não pudémos chegar para as queimar. Como este Regulo confinava com as nossas terras de Gôa, mandou-lhe o Vice-Rei queimar a Aldeia de Peligão, e a de Maim, depois de serem saqueadas, recolhendo-se os nossos com uma boa quantidade de cabeças de gado dos campos inimigos. Estas hostilidades obrigaram a Bonsuló a pedir a paz ao Vice-Rei, que lh'a não quiz conceder, determinado a castigar exemplarmente aquelle inquieto visinho. Nagobá, filho primogenito de Sar-Dessai, que se tinha rebellado contra o pai, querendo aproveitar-se da nossa guerra, mandou por um Enviado representar ao Vice-Rei as suas dependencias, e o desejo que tinha de que o Estado o soccorresse. O Vice-Rei tendo annuido ao pedido de Nagobá, mandou marchar um exercito, e atacar a fortaleza de Bicholim, a qual com o Governador, Maratá de nação, abandonaram os Bonsulos depois de 6 dias de sitio, sendo ganhada no dia 27 de Maio. Pertendendo depois os inimigos recuperal-a com grandes forças, foram obrigados a levantar o sitio com grande perda, e a pedir depois a paz a Portugal, que lhe foi concedida com grandes vantagens para o Estado, por Tratado concluido em Gôa a 22 de Agosto d'este mesmo anno, promettendo Dessai ficar feudatario como d'antes, e pagar o tributo que devia de 13 annos. Esta demonstração obrigou El-Rei de Sunda a mandar a Gôa um Embaixador, encarregado de fazer em seu nome mil protestos de amizade. Sau-Raja, que concedeu aos inimigos do Estado a

sua protecção, escreveu ao Vice-Rei, suppondo que durava ainda o sitio de Bicholim, pedindo-lhe que cessasse de continuar a guerra contra Bonsuló, porque não o fazendo assim, o obrigaria a soccorrel-o com as suas forças; ao que o Vice-Rei respondeu, que a todo o tempo que ellas chegassem, o achariam prompto para as receber.

Havendo o Vice-Rei dado o governo de Asserim a Filippe de Miranda, Capitão muito valoroso, e achando-se este n'aquella Praça com a maior parte da sua jurisdicção dominada pelo Sevagy, por este haver tomado uma praça ao Rei de Colle, fez todas as disposições necessarias para effeituar uma invasão nas terras de Sevagy, o que se executou no mesmo dia 27 de Maio, em que teve lugar a tomada de Bicholim, que fica referida. Miranda repetiu segunda, e terceira invasão, com a mesma felicidade, e com furor igual ao que costumam praticar em semelhantes casos aquelles infieis, os quaes cheios de medo, e de respeito, e receiando a quarta, pediram a paz ao Vice-Rei, que lh'a concedeu com muitas vantagens para a Corôa Portugueza, restituindo-nos elles um grande numero de prizioneiros, que de muitos annos se achavam sem liberdade nos seus dominios.

1728 — Em Março d'este mesmo anno restaurou o General da armada da India Luiz de Mello de S. Paio — *Patte, e Mombaça* — e toda aquella Costa de Africa, que se comprehende desde Brava até Quiloa, de que remetteu a El-Rei D. João V. as Capitulações, que são as seguintes:

Capitulações concedidas por mim Luiz de Mello de S. Payo, do Conselho d'Estado da India, Capitão General da Armada de alto bórdo, dos estreitos de Ormuz, e Mar Roxo, e dos Mares da India a Xeque Mahamed Abem Zayde *General dos Arabios, e seus subditos, n'esta Ilha, e Fortaleza de Mombaça.*

1.° — Primeiramente, que amanhã, que se contam quinze do corrente, sahirão todas as guarnições divididas em dous corpos, dos quaes um primeiro do que o outro será conduzido pela pessoa, que eu determinar: e o dito corpo virá desfilado com as armas a rasto, passando pela frente do nosso, que estará formado em batalha, e ahi hirão rendendo as armas, pondo-as no chão ao pé do Estandarte Real junto a mim; e recolhendo-se este corpo no lugar determinado, sahirá o segundo na mesma forma. 2.° — Que não poderão sahir com as armas carregadas, nem menos trazer comsigo polvora, nem bala. 3.° — Que todos os ditos Arabios, suas mulheres, e filhos se reconheçam por humildes escravos d'El-Rei nosso Senhor. 4.° — Que eu, em nome do dito Senhor usarei de piedade com toda a guarnição, concedendo-lhes as vidas, e liberdades. 5.° — Que lhe mandarei dar quinze embarcações suas, que se acham surtas no Rio de Santo Antonio, defronte do meu acampamento, as que me parecerem serão bastantes para os transportarem aos seus Paizes. 6.° — Que os mandarei prover de mantimentos dos seus mesmos armazens para o tempo de um mez. 7.° — Que por especial favor lhes concedo algumas das suas armas para a defensa das ditas embarcações, que os houverem de transportar. 8.° — Que ao General, e os Cabos principaes lhes concedo por mercê particular algum fato do seu uso. 9.° — Que todas as mais fazendas, que se acharem, assim n'esta Ilha, como nas mais, e por toda esta Costa, que pertencem aos Arabios, ficarão para a Fazenda Real; como tambem toda a artilheria, e munições de guerra, e boca, embarcações grandes, e pequenas, que estão n'esta Ilha. 10.° — Que não poderão levar captivos nenhuns seus, e estes serão de hoje por diante para sempre dos Portuguezes. 11.° — Que os dias, que estiverem em terra serão guardados de uma escolta Portugueza, e lhes mandarei assistir com o sustento necessario; e para que tudo seja firme, e valioso assi-

gno aqui de minha mão este papel, firmado com o sinete das minhas Armas. — Mombaça 12 de Março de 1728 — Luiz de Mello de Sam Payo.

Este aviso veio por terra até Thessalonica, donde o portador se embarcou em um navio Inglez por nome — Cleopatra — que entrou no porto de Lisboa a 21 de Abril de 1729, com setenta e oito dias de viagem.

Continuando os Mouros as suas costumadas correrias em Mazagão, metteram-se na noite de 16 de Maio repartidos em varias armadilhas, e sahindo pela manhã o nosso Atalaya a descobrir campo, foi o primeiro alvo dos tiros dos inimigos. A nossa Cavallaria correu a soccorrel-o, mas como passavam de 600 os Mouros de cavallo foi-lhes facil ganhar-nos a tranqueira, chamada vulgarmente de — Gonçalo Barreto. — Acudiu a Infanteria a expulsal-os d'este posto, sendo Capitão Manuel de Azevedo Coutinho o primeiro que os accommetteu com a sua companhia. Coutinho teve o desgosto de ver cahir um filho seu atravessado por uma bala; mas não sendo esta lastimosa perda assaz poderosa para assustar o seu valor, continuou a carregar os Mouros até os fazer largar a tranqueira, dando lugar á Cavallaria para os poder livremente cobrir de fogo. Os inimigos retiraram-se deixando a terra bem regada de sangue, porque além de muitos feridos, foram 20 os homens mortos, e ainda em maior numero os cavallos. —

1731 — Foi n'este mesmo anno, que sendo ainda Vice-Rei da India João de Saldanha da Gama, o Regulo *Marata* poz sitio á nossa Praça de Manorá na Provincia do Norte, que era governada por D. Francisco, Barão de Galenfeldes. Achava-se a dita Praça no maior aperto por se haverem recolhido a ella todos os moradores do campo, e ter-se-lhe o inimigo apoderado da agua, de que costumava

prover-se, e guarnecido com artilheria e mosquetaria as margens dos rios, para lhe impedir a recepção de soccorros. O Vice-Rei, porém ordenou a Martinho da Silveira de Menezes General da Provincia do Norte, e a Antonio dos Santos, que governava o campo, e a Infanteria da mesma Provincia, que soccorressem a todo o risco os sitiados. Embarcaram estes dous bravos em algumas manchuas com 150 granadeiros Portuguezes, e 200 infantes Canarins, a que se dá alli o nome de *Sipaens*, e entraram pelo rio, rompendo as estacadas, que os inimigos tinham pôsto em varios sitios, e navegando por baixo do fogo, que lhe faziam das trincheiras, que haviam fabricado em uma, e outra margem, desembarcou Antonio dos Santos com a espada na mão, meia legua de distancia da Praça sitiada, e atacando as trincheiras deixou a agua livre, e introduziu o soccorro. Os inimigos retrocedendo sempre, retiraram-se ao campo, onde Antonio dos Santos os foi procurar, aproveitando-se do ardor que observou nos granadeiros, que conduzia. Sahiram os inimigos a encontral-o com 200 cavallos, e todos os seus Sipaens. Os que seguiam o nosso partido, vendo a Cavallaria, pozeram-se em fugida, excepto 25 que ficaram unidos com os nossos granadeiros. Cercaram os inimigos por todos os lados a Antonio dos Santos, e este mostrando não só o seu valor natural, mas a sua sciencia militar, formou da sua gente um quadrado, que ao mesmo tempo peleijou com os inimigos tão intrepido, e tão desesperadamente, que depois delles perderem 60 cavallos, e mais de 150 Sipaens, fugiram em desordem, desamparando o seu campo, e duas peças de artilheria, que n'elle tinham, ficando toda a sua bagagem exposta ao saque dos nossos soldados, sem que nos custasse esta acção mais que as vidas de 2 Sargentos, e de 6 soldados Portuguezes, e de 5 Canarins, e as feridas, que receberam 17 de ambas as Nações.

Refizeram os inimigos a sua força, e vendo que Antonio dos Santos se retirava, marcharam a picar-lhe a retaguarda; mas elle fazendo voltar caras os carregou com tanta força, que os fez retirar segunda vez, causando-lhes tanto terror, que se não atreveram a atacar mais a campanha, e se recolheram ao cimo das serras circumvisinhas. Antonio dos Santos vendo a fortuna da sua parte, e ponderando os effeitos, que podia fazer nos inimigos o seu medo, quiz valer-se da conjunctura, e os foi atacar na serra chamada da *Judana*, que além de ser impenetravel, tinham levantado n'ella varias fortificações para sua defeza. Occupou sem disputa uma eminencia, que ficava paralela á em que elles se achavam, fez sobre elles fogo um dia inteiro tão forte, e tão continuo, que não podendo os inimigos já suportal-o, abandonaram o sitio, e Antonio dos Santos deixando-o presidiado, recolheu-se ao seu campo, não lhe custando este bom successo mais que as feridas de 2 homens.

O General Martinho da Silveira, querendo de todo apartar das visinhanças de Manorá as tropas inimigas, ordenou ao mesmo Antonio dos Santos, que os fosse atacar na serra *Chandevari*, porém achou-se que tinham n'ella todo o grosso do seu exercito, e os passos tão fortificados, que se tornava mui arriscada a empreza. N'estes termos tomou a resolução de mandar-lhe atacar a Praça de *Biundim*, ameaçando ao mesmo tempo a de *Galtana* com bombas, e artilheria, posta em batalhões, que para isto fez preparar. Os inimigos prevendo por conjecturas esta resolução, pozeram o grosso das suas forças em *Biundim*. Antonio dos Santos foi a esta expedição com 250 Portuguezes, e 450 Sipaens todos embarcados em 50 galvetas. Entrou no rio, esperaram-no na praia os Maratás, e sem embargo da vigorosa defeza, que fizeram, desembarcaram os Portuguezes com as baionetas nas espingardas, e os atacaram tão destemidamente, que elles se foram retirando até ao seu *Bazar*,

porém tão carregados pelos nossos, que estes chegaram a entrar com elles pelas portas do *Bazar*, donde depois de haverem entregado ao fogo mais de 100 casas, se tornaram a recolher em boa ordem ás suas embarcações, custando-nos esta acção sómente 3 soldados que n'ella perderam a vida; porque de 20 e tantos que ficaram feridos, livraram-se todos. Os inimigos vendo tão repetidos os nossos felizes progressos, retiraram-se ao seu Paiz sem se atreverem a commetter mais hostilidades contra os do Estado. Os Sipaens, que peleijavam pela nossa parte, vendo que um corpo formado era capaz de se defender da Cavallaria, a quem tinham horror, procederam n'esta ultima occasião com mais valor, e com melhor acordo. —

Na Ilha de Bombaim viram-se os Inglezes em termos de serem atacados pelo Angriá no seu mesmo porto, achando-se n'elle só com trez embarcações de guerra pequenas, e a Praça com a guarnição precisa para a sua defeza. Entrou casualmente n'aquelle porto Luiz Vieira Matozo, Fiscal da Armada Portugueza n'aquelle Estado. Achava-se o Angriá com uma esquadra constante de 9 palas, e de 30 galvetas de guerra com mais de 2,000 homens de tropa, além de outras 30 embarcações com gente de reserva para reforçar os primeiros combatentes, e Luiz Vieira não só por contribuir para o destroço de um barbaro sempre inimigo do Estado Portuguez, mas para soccorrer uma Nação, que sempre se experimentou amiga d'esta Corôa, unindo-se com as 3 embarcações, peleijou contra os inimigos com tanta actividade, e valor, que os fez retirar do porto, e recolher ás suas embarcações de guerra, que se achavam fóra: acção que se festejou publicamente em Bombaim, mandando o General Inglez agradecer ao Vice-Rei com expressões de ficar reconhecendo, que a Inglaterra devia aos Portuguezes a conservação d'aquella Colonia. —

1735 — A grande fome, que padeceu a Barbaria, obrigou muitos Mouros a virem á Praça de Mazagão vender outros seus nacionaes, como tinham feito no anno de 1722, e outros vinham valer-se da Praça para passarem a este Reino, e a outras partes onde podessem achar refugio á sua grande miseria. Por estes se confirmou a noticia da deposição de El-Rei Abdala, e exaltação do seu irmão Muley Ali, e que a perturbação causada por esta mudança, e a carestia, e falta de mantimentos, havia posto aquelle vasto paiz na mais deploravel consternação. O Governador da Praça de Mazagão Bernardo Pereira de Berredo, que havia mais de anno e meio que se achava sitiado pelas tropas de El-Rei Abdala, mandando descobrir a campanha por uma força, e informado de não apparecerem Mouros pelos campos circumvisinhos, fez sahir da Praça um destacamento de 50 cavallos escolhidos, á ordem do Adail Matheus Valente do Couto, a quem encarregou chegasse a examinar a nova povoação, que os Mouros tinham fundado n'aquella visinhança, para mais commodamente poderem apertar o nosso presidio; e pouco depois de sahir o Adail, mandou o Governador sahir outra força para o soccorrer no caso de que fosse atacado pelo inimigo. Chegou o Adail sem embaraço algum á povoação, que estava murada de taipas de altura de um homem a cavallo, feitas de terra, e rebocadas de cal, com suas seteiras por onde cobertos podiam em sua defeza descarregar os seus mosquetes, e cercada em roda de um fosso secco. Havia dentro cousa de duzentas choupanas, a que elles davam o nome de *algeimes*, fabricadas de madeira, e palha. No meio de uma praça estava um grande tanque, e dous poços de agua, e fóra da povoação dous grandes fornos de cal. Havia só dentro 12 Mouros, que apenas descobriram as nossas tropas immediatamente se salvaram, fugindo. Como não hia Infanteria, não se fez a demolição d'estas obras como era necessario, e tambem por falta de tempo; porque

os que fugiram deram rebate pelo paiz, e logo vieram concorrendo tantos dos inimigos, que foi preciso ao Adail recolher-se á Praça. Picados os Mouros da ousadia dos nossos soldados, veio o Adail de Azamor com a gente da guarda, que pertencia áquella Cidade, que entre todas era a mais valente, e a mais nobre composta de 300 homens de cavallo, todos escolhidos, e se emboscou perto das hortas da Praça. Sahiu a nossa Cavallaria, e Infanteria uma manhã, 29 de Junho, a descobrir o campo, que basta para a segurança da Praça, como todos os dias praticavam; e hindo um dos Atalayas para aquella parte lhe fizeram fogo, e matando-lhe o cavallo, o levaram prisioneiro sem lhe poder valer a escolta. O Governador prevenido sempre para semelhantes occasiões, tinha disposto as providencias necessarias encarregadas ao Adail, e ao Sargento mór Manuel de Azevedo Coutinho, que com 80 cavallos, e 50 Infantes atacou os inimigos, e os carregou até ao sitio chamado da Cova, onde obedecendo elles aos brados do Adail seu Commandante, voltaram caras, e avançaram contra a nossa Cavallaria; porém esta reforçada com duas companhias de Infanteria, que estavam de reserva, depois de muito fogo os accommetteu á espada com tanto valor, e fortuna, que cahindo logo morto o Commandante inimigo, e alguns Mouros, que quizeram vingar-lhe a morte, se puzeram em desordenada fuga, deixando no campo 12 mortos, em que entraram o irmão do Adail; e outras pessoas de distincção, muitas armas, e 7 cavallos, que tudo foi trazido para a praça, constando depois que haviam levado mais de 60 feridos. Da nossa parte não houve outra perda mais que a do Atalaya, que levaram prisioneiro, e ficaram feridos 2 cavalleiros, e um soldado infante. Tambem tivemos 2 cavallos mortos, e 3 feridos.

O Alcaide de Azamor informado d'este infeliz sucesso, marchou a toda a pressa com a gente que poude para se

incorporar com os vencidos; porém achando a nossa Cavallaria formada, e com todo o desassocego no campo do combate, em quanto a Infanteria fazia provimento de lenha para a Praça para mais de 2 mezes, mandou um Alfaqueque ao Adail pedindo-lhe a permissão para dar sepultura aos mortos na forma dos seus ritos, e se recolheram a Azamor sem se atreverem a entrar em segundo combate.

1736 — Depois d'este successo tomaram os Mouros a resolução de levantar o sitio em que haviam posto a Praça pelo espaço de 18 mezes, o que executaram a 27 de Fevereiro, lançando fogo a todas as casas da sua nova povoação, arrazando completamente o reducto, que tinham fabricado para sua defeza, e retirando a gente para outra povoação antiga, que ficava uma legua distante d'aquella Praça; e na manhã de 28 appareceu na campanha em distancia de menos de tiro de canhão o Alcaide de Azamor com um corpo de 1,000 homens, e levantando bandeira branca mandou um Alfaqueque a saber o que queria o Governador da Praça com as repetidas chamadas, que lhe tinha feito, a que o Governador mandou responder, que havia cessado já o motivo pela noticia que havia recebido de Lisboa de que o resgate dos Portuguezes captivos se negociava pela Praça de Tetuão. Logo o Alcaide mandou 10 Cavalleiros dos principaes da sua gente, e os mais luzidos, que o General deixou entrar na Praça, e lhe disseram que o Alcaide de Azamor tinha tido ordem de El-Rei de Maquinés seu Amo para praticar com a sua pessoa todas as attenções; o que o General lhe agradeceu muito, e n'este mesmo tempo lhe mandou o Alcaide segundo recado, em que pedia lhe concedesse o gosto de o ver em algumas das tranqueiras dos rebelins, para o que se adiantaria só sem mais guarda que a de 100 homens; e assegurando-lhe o General, que tambem o desejava muito, e sentia lhe não fosse permittido sahir fóra das portas da sua estacada; e

Alcaide se resolveu a buscal-o, assistido de alguns poucos Cavalleiros, e entre elles o Adail *Lid Maymon*, pessoa de sangue Real. O General chegou ao sitio ajustado, acompanhado da mais luzida Infanteria, e de 30 cavallos. Apeando-se ambos, saudaram-se com grandes demonstrações de contentamento, sendo o Alcaide quem mais procurou avantajar-se n'ellas, e depois de uma breve pratica cheia de urbanidades, despediram-se, recolhendo-se o General para um dos baluartes mais visinhos. O Alcaide entrou em uma escaramuça no rebelim da mesma estacada, e desprezando uma queda, que deu, assistiu mais de hora e meia a umas justas com que se divertiram 30 dos seus Cavalleiros, escolhidos com outros tantos Portuguezes, praticando muitas destrezas das que ensina a arte da Cavallaria. O General o fez salvar na sua retirada com uma salva de 9 tiros de peça, mandando-lhe um rico presente para o seu Rei, outro para o Secretario de Estado, e um igual para o Bachá General das Armas, dando ao Alcaide um correspondente ao valor dos dous, e contentando ao Adail, e a todos os mais Cavalleiros, e ainda aos creados do Alcaide, e dos Cabos, com varios presentes, segundo as suas graduações.

Passados 6 mezes, persuadido o novo Bachá, Alcaide de Azamor, da grande opinião que entre os Mouros havia grangeado o Governador e Capitão General da Praça de Mazagão Bernardo Pereira de Berredo, procurou igualmente vel-o com licença do seu Rei, e com o pretexto do resgate de um Mouro, que havia ficado prizioneiro no ultimo choque. E depois de dados os refens, e ajustado o dia 13 de Setembro para a entrevista, entrou em um dos rebelins, aonde com os principaes Cavalleiros fez, segundo o costume Mauritano, uma bem ordenada, e artificiosa escaramuça, e depois fazendo retirar para fóra dos valos a maior parte da sua gente, ficou acompanhado do Xerife *Cid Maymon*, Adail General da Cavallaria, e de outros Cabos prin-

cipaes apeados, esperando ao Governador na contra-escarpa junto das pontes levadiças, e com generosa confiança se deteve perto de hora e meia na conversação, em que repetidas vezes asseverou ter ordens de Muley Alli seu Soberano para praticar todas as attenções com a pessoa do nosso General. Este mostrando logo quanto as merecia o seu desinteresse, mandou-lhe entregar graciosamente o prizioneiro, e fez conduzir áquelle sitio grande quantidade de refrescos, que já havia feito destribuir abundantemente no seu palacio pelos refens, e fazendo magnificos presentes a todos os Cabos á proporção dos seus póstos, se recolheu á Praça, depois de muitas reciprocas urbanidades, e mandou salvar ao Bachá com 11 tiros de peça na sua retirada.

Não obstante isto, achando-se no dia 16 de Novembro a nossa gente occupada em cortar lenha, e forragem para o fornecimento ordinario da Praça, sahiram-lhe tão repentinamente 600 Mouros de cavallo, que ella não poude montar para retirar-se, o que fez carregada pelos inimigos, mas conservando sempre a boa ordem até segurar a sua rectaguarda com a defensa dos vallos da Praça, os quaes o Governador mandou logo guarnecer com Infanteria; e assim que a nossa Cavallaria viu que os inimigos a não podiam cortar, começou a carregal-os com tanto valor, constancia, e ordem militar, que os inimigos depois de hora e meia de combate em que tiveram 11 mortos, e um grande numero de feridos, puzeram-se em apressada retirada, sem que da nossa parte houvesse mais de 4 feridos, dos quaes um morreu no dia seguinte.

1738 — Era ainda Governador da Praça de Mazagão Bernardo Pereira de Berredo, quando sendo 11 de Janeiro, e achando-se a nossa Cavallaria forrageando no sitio das Areias fóra da mesma Praça, vieram mais de 1,500 Mouros atacar os forrageadores. O Governador mandou imme-

diatamente soccorrer os nossos por uma parte da Infanteria, e depois de um porfiado combate, em que o fogo continuou sempre com grande força, foram os inimigos rechaçados com grande perda, havendo só da nossa parte 2 cavalleiros levemente feridos, e 3 cavallos mortos. Chegou o dia 22 de Outubro, e reconheceu-se ser preciso fornecer a Praça de lenha, e feno, em consequencia do que ordenou o Governador a Matheus Valente do Couto, que fosse fazer este provimento no campo de Mazagão o velho, que ficava pouco distante d'aquella Praça. Matheus Valente executou esta empresa com felicidade; porém ainda estava no campo quando começaram a apparecer 100 Mouros. O Adail, que se suppunha superior aos inimigos, não só no numero, mas na qualidade da gente, destacou sobre elles algumas partidas, que puzeram todos em fugida, e com tanta precipitação, que abandonaram totalmente a sua Infanteria, a qual não se sabendo aproveitar das vantagens do terreno, em que se achava postada, poude o grosso da nossa Cavallaria atacal-a tão promptamente, e com tão pezados golpes, que ficaram sem vida todos os inimigos, que por mercê a não pediram. Participou-se ao General este feliz sucesso, mas no mesmo instante mandou-se-lhe dar parte da Torre, chamada do Rebate, de que se renovava a peleija com os Mouros, por haver crescido mais o numero d'estes. O General puxou em pessoa pela Infanteria, que se achava já guarnecendo os vallos; e apeando-se na sua frente, occupou um sitio forte junto ao mar, para alli receber a Cavallaria no caso que se retirasse rechaçada. A victoria porém declarou-se pela nossa parte, sahindo ferido levemente em um braço o Adail da nossa Cavallaria. Houveram mais 2 Cavalleiros feridos levemente, e foi toda a perda que tivemos n'esta acção Aos inimigos morreram-lhes 16, ficaram prizioneiros 37, e deixaram-nos por despojo todas as suas armas.

Depois disto passou o novo Rei de Maquinés *Muley*

Mecidade ordens positivas ao Alcaide de Azamor, que governava toda aquella fronteira, para que desse principio a alguma negociação para o resgate dos Mouros, que ficaram prizioneiros no choque do dia 22, com os Cavalleiros daquella Praça, praticando-se com o Governador todas as attentações devidas, e com effeito se resgataram 47 dos 71 que entraram na Praça. As victorias que adquiriu em todo o seu governo Bernardo Pereira de Berredo, adquiriram-lhe um tal respeito na Barbaria, que os infieis se não atreviam a disputar-lhe as utilidades da campanha de que tinha sempre abundantemente fornecida a mesma Praça.

1739 — Ordenando em 15 de Janeiro o Governador de Mazagão ao Adail Matheus Valente do Couto que fosse occupar o campo do Fossinho, para cobrir a gente que ordinariamente hia buscar fornecimento de herva, e lenha para a Praça, Couto o executou com toda a boa ordem; e tendo os Mouros noticia de que os nossos se achavam no campo, vieram concorrendo a buscal-o. Os nossos vendo-se atacados por mais de 600 homens que lhes sahiram de uma emboscada, retiraram-se em boa ordem para o sitio das Areias, para alli se defenderem com a artilheria da Praça. Advertido o General do successo, mandou reforçar os nossos com 3 companhias de Infanteria, e continuou de parte a parte o fogo com grande furia, até que não podendo os inimigos supportar mais a força das nossas descargas, voltaram as costas desamparando o campo do combate em que tiveram 7 mortos, e 32 feridos, dos quaes morreram muitos, e entre estes alguns de distincção. Da nossa parte perdemos um Atalaya, que logo ficou morto, e recolheu-se outro gravemente ferido, que morreu depois. Perdemos tambem um Tenente, e tivemos 5 cavalleiros feridos. Constou depois por via de certas intelligencias secretas, que a perda dos inimigos fizera grande commoção na Praça de Azamor, que o Povo rompêra em

altas vozes contra o seu Alcaide, e que este para o socegar mandára ameaçar a Praça com o seu desempenho, espalhando voz de que para segural-os ajuntaria todas as forças d'aquella fortaleza. Matheus do Couto recolheu-se á Praça com o provimento, a que se destinára aquella sahida, havendo disfructado socegadamente o campo inimigo.

O Governador deu depois ordem ao Adail da Cavallaria Gonçalo Fernandes Banha, para que fosse no dia 6 de Abril occupar o campo de Mazagão o velho, para fazer o fornecimento ordinario de lenha, e forrage, o que elle fez sem opposição; mas continuando no posto com todo o socego, appareceram 19 Mouros com bandeira branca de *Alfaqueque*, e disseram trazer differentes generos, que dariam em resgate de alguns dos seus, que estavam captivos na nossa Praça; porém que os não entregariam sem que o Adail se recolhesse com a Cavallaria; ao que Matheus Valente se negou. Os Mouros sem embargo do abatimento a que se achavam reduzidos, querendo inculcar-se dominantes, despediram-se do Adail com os soberbos ameaços, de que se não queriam largar o campo por vontade, largal-o-hiam por força. Deu o Adail parte ao General, o qual promptamente lhe ordenou, que se sustentasse no mesmo posto em quanto poder superior de infieis não fizesse precisa a sua retirada, que elle em pessoa lhe asseguraria com a Infanteria. Os inimigos trocando brevemente a bandeira de paz pela da guerra, começaram a fazel-a ás nossas Atalayas. Foram estas reforçadas por uma partida de 20 cavallos, que carregaram as dos inimigos perto de uma legua, não obstante hir crescendo cada vez mais o seu numero; porém vendo morto no campo o seu valoroso Commandante, todos os Officiaes de distincção de Azamor desampararam o campo da peleija. Os nossos vendo-se mui adiantados no Paiz dos inimigos, e que estes começavam a engrossar muito as suas forças, puzeram-se

em retirada até se incorporarem com o Adail, que lh'a assegurou com o grosso da Cavallaria. O General, que já a este tempo se achava pessoalmente postado com a Infanteria no vantajoso sitio das *Covas de areia*, para segurar a uns, e a outros, impoz tal respeito aos inimigos, que estes sendo muito superiores em numero á nossa gente, não se atreveram a atacal-a. A perda dos inimigos suppoz-se grande, porque levaram muitos feridos, dos quaes logo morreram dous na mesma noute; a que tivemos foi só de um homem, que nos levaram prizioneiro, e de 3 feridos de cutiladas pouco perigosas.

Passados tempos appareceu á vista da Praça de Mazagão um barco de Mouros, que se entendeu pelo rumo que levava, que hia demandar a barra de Azamor; mas tanto se encostou á terra, que o Governador querendo castigar o atrevimento com que se avisinhava tanto ao nosso territorio, fez armar promptamente em guerra um barco pequeno com algumas lanchas, e dando o commando da gente ao Capitão de Infanteria Matheus Valente de Abreu, lhe encarregou que o seguisse, e rendesse. Abreu executou esta ordem com tanto valor, e felicidade que em menos de duas horas, sem effusão de sangue Portuguez abordou a embarcação inimiga, e a rendeu, fazendo prizioneiros os seus defensores. Compunha-se a carga de varios generos de fazenda, e de alguma prata em moeda, de que se souberam aproveitar os nossos soldados. —

1740—No dia 7 de Maio partiu do porto de Lisboa com vento favoravel a esquadra destinada para o serviço da India, e commandada pelo novo Vice-Rei o Marquez de Louriçal D. Luiz de Menezes, 5.º Conde da Ericeira, a qual se compunha de 6 náus de guerra, e eram as seguintes:

1.ª — N. Senhora da Esperança, em que hia embarcado o mesmo Marquez, e por Commandante d'ella o Coronel do Mar Luiz de Abreu Prego. 2.ª — N. Senhora do Carmo, que hia servindo de Almirante, governada pelo General de Batalha D. Francisco Xavier Mascarenhas, Commandante dos 4 batalhões de tropas veteranas, que passaram a servir no mesmo Estado. 3.ª—N. Senhora das Mercês, de que era Commandante o Coronel Luiz Pierrepont, com exercicio de Tenente Coronel das mesmas tropas. 4.ª — O Bom Jesus de Villa Nova, commandada pelo Tenente Coronel com exercicio de Sargento-mór José Caetano de Mattos. 5.ª—N. Senhora da Conceição, onde hia por Commandante o Capitão de Mar e Guerra Antonio Carlos Pereira de Sousa. 6.ª — N. Senhora da Nazareth, que commandava o Capitão de Mar e Guerra Bernardo Antonio Rebello da Fonseca.

Entre os soccorros de prata em barra, e dinheiro, armas, e mais petrechos, e munições de guerra de que hia abundantemente provida a esquadra para deixar n'aquelle Estado, levava 16 peças de artilheria de nova invenção, que cada uma fazia 20 tiros, e todas 320 no breve espaço de um minuto, das quaes haviam usar os batalhões na campanha, servidas por habeis artilheiros. Foi esta uma das maiores expedições, que em tempo algum passou á India. Embarcaram nas referidas embarcações 2,000 soldados infantes, tirados dos regimentos do Algarve, Peniche, Cascaes, e dos da Côrte, assentaram praça voluntariamente mais de 300, homens, que se aggregaram aos corpos, que se tinham nomeado. —

1741 — Mandando a 25 de Setembro o Governador de Mazagão Bernardo Pereira de Berredo forragear a Cavallaria d'aquella Praça no sitio chamado do Facho, os Mouros que andavam desejando surprehendel-a a instancia

dos seus *Cacines*, tinham-se emboscado de noute atraz d'uma altura, e sahindo a dar sobre os cavalleiros, dos quaes se achavam alguns já desmontados, elles se puzeram logo em retirada defendendo-se valorosamente, até que o Governador, que logo teve este aviso fez sahir a toda a pressa duas companhias de Infanteria para os soccorrer. Os nossos dobrando-se-lhe o alento com este soccorro, carregaram os inimigos, e puzeram-nos em fugida, não obstante serem elles duas vezes superiores em numero. Reunindo-se n'um desfilladeiro quizeram disputar-lhes outra vez o vencimento, porém excedendo o valor á multidão foram constrangidos a retirar-se fugindo, deixando 40 prizioneiros no campo, e levando muitos mortos, e feridos, sem mais desconto que as feridas pouco perigosas de 3 cavalleiros nossos, nem mais perda que a de um cavallo, havendo elles perdido muitos.—

1742 — No mez de Dezembro chegou ao porto de Lisboa uma frota vinda do Rio de Janeiro, trazendo para El-Rei, e para particulares DESESEIS MILHÕES, treze em ouro, e trez em patacas!!! Esta riqueza veio da nossa Colonia onde os Hespanhoes hiam comprar as fazendas, que os Portuguezes levavam.—

1743 — Querendo os Mouros vingar-se da perda que receberam no choque succedido a 10 de Setembro no sitio de Bofé, vieram na madrugada de 13 de Janeiro, a esperar que a Cavallaria d'aquella Praça viesse a forragear para a surprehender; e vendo que depois de descoberto o campo, que pareceu ser necessario para o serviço commum dos moradores, ficára só nelle a guarda ordinaria, principiaram a mostrar-se com algumas pequenas partidas, que entraram na hostilidade de pôr fogo aos fórnos; e porque o Governador Bernardo Pereira de Berredo entendeu que era de maior importancia preservar a subsistencia da Cavallaria, que expor-se ao duvidoso successo de uma peleija,

ordenou ao Adail Matheus Valente do Couto que com toda a promptidão passasse com alguma gente a apagar o incendio; e prevendo que os inimigos se não chegariam tanto á Praça sem forças superiores, fez occupar por duas companhias de Infanteria um posto vantajoso, para que se algum accidente o pedisse sustentasse a Cavallaria.

O Adail executou a ordem que levava; e os inimigos vendo que não passava mais avante, sahiram da sua emboscada, carregaram-lhe os batedores até os metter dentro da força, que elle commandava, e atacaram-no com muito impeto. A este tempo achava-se elle já reforçado com o fogo da nossa Infanteria; e assim custou aos inimigos sangue o seu atrevimento, sem fazerem derramar algum á nossa gente. Como o numero dos inimigos crescia a todos os instantes, recolheu-se a nossa Infanteria a um vallo visinho, que lhe cobria a rectaguarda, e a Cavallaria o outro, dando lugar a que sem risco podesse laborar a artilheria da Praça contra os infieis. Foi o nosso fogo tão activo, e repetido com tanta promptidão, que não podendo os inimigos já supportal-o, voltaram as costas. Aproveitou-se logo o Adail da Cavallaria, carregando-os de tão perto, que poderam experimentar os golpes das espadas Portuguezas, que os seguiram n'esta forma, até occupar novamente o campo onde começára o combate. Este seria mais sanguinolento, e mais dilatado, se lhes não faltasse o dia. Durou comtudo perto de 4 horas, sendo 2,000 os inimigos, e 300 os Portuguezes. Perderam os infieis mais de 120 homens, com um dos seus primeiros Commandantes, e nós recolhemo-nos só com 12 feridos, dos quaes morreram 2, e o Capitão Belchior Vieira de Macedo, que servia o pôsto de Almocadem, que na guerra de Africa corresponde ao de Sargento-mór de Cavallaria da Europa.

Os inimigos desejando melhorar de fortuna, armaram

muitas vezes depois varias ciladas á nossa Cavallaria na visinhança da mesma Praça de Mazagão. A 24 de Novembro fizeram uma com mais de 600 homens, para darem de repente sobre o Almocadem João Froes de Brito, que servia de Adail no impedimento de Matheus Valente. Brito achava-se só com 100 cavallos cobrindo os forrageadores, porém começou a retirar-se, peleijando sempre com toda a boa ordem, até se cobrir com a artilheria da Praça, onde se sustentou com tal fortuna, que disputando-lhe os inimigos o terreno, o defendeu, obrigando-os valorosamente a voltarem-lhe as costas com importante perda; não havendo da nossa parte alguma mais, que ficar um dos nossos cavalleiros molestado de uma bala, que levemente lhe rossára a cabeça.

1745 — Ali Mansor, Mouro de distincção na Côrte de Maquinés, que pendente a guerra civil, que durou tanto tempo entre Muley Abdala, e Muley Mustardy seu irmão, sobre a successão da Corôa de Africa, desertou para o presidio de Mazagão, onde não só achou amparo seguro para a sua pessoa, e para a sua comitiva, mas ainda a subsistencia correspondente ao seu caracter, em todo o tempo, que se deteve n'aquella Praça; tendo sido restituido ao seu Paiz, logo que Muley Abdala se viu pacifico no Throno, nomeou-o este Rei Commandante General das suas tropas, e elle para lisongear o seu bemfeitor, não duvidou parecer ingrato ao beneficio, que recebêra em Mazagão. Armou pois uma cilada com um corpo de quasi 1,000 homens, para cahir de repente sobre a Cavallaria d'esta Praça, que a 26 de Maio se achava forrageando no sitio chamado do Faxo; a qual não podia livrar-se de perigo tão imminente, se a grande vigilancia do Governador Bernardo Pereira de Berredo a não soccorresse promptamente com alguma Infanteria solta, e com algumas descargas de artilheria das muralhas; e assim depois da

nossa gente haver sustentado todo o fogo do ataque por mais de uma hora, retiraram-se os inimigos com grande perda deixando bastante sangue no campo da peleija, na qual os nossos tiveram a felicidade de não ficar nenhum ferido.—

Governando a Praça de Mazagão D. Antonio Alvares da Cunha, Senhor de Taboa, e Trinchante de El-Rei, e havendo alli tão grande falta de lenha, que muitos dos moradores chegaram a desmanchar os sobrados das casas, para poderem cozinhar, mandou o dito Governador á Cavallaria da guarnição, que a fosse cortar nas terras dos inimigos. Hindo a executar-se esta ordem, trataram logo os Mouros de impedil-o, concorrendo tantos, que travaram com a nossa gente um forte combate, no qual se disputou de uma e outra parte o vencimento, que foi das nossas armas, sem embargo da grande disparidade de numero.

Obrou n'esta acção mais o ferro do que o fogo: morreram na peleija muitos Mouros, dos quaes, pelo cuidado com que os seus os retiraram, só poderam os nossos trazer 4 a rastos para o presidio: foram mais de 80 os feridos. Da nossa parte houveram só 6, em que entraram Antonio Diniz do Couto, e 2 cavalleiros muito mal feridos, dos quaes morreu um depois, achando-se-lhe passados os bófes. Tambem nos mataram 4 cavallos, e nos feriram 5, em um dos quaes andava um mancebo natural do Porto, que muito se distinguiu pelo seu valor. Francisco Xavier Garcia de Bivar, havendo-se-lhe quebrado a espada, depois de ter acutilado muitos Mouros, defendeu-se largo tempo só com os terços; e valendo-se da destreza e valentia do seu cavallo, poude-se livrar do evidente perigo, em que se viu, cercado de inimigos, os quaes o persiguiram ainda com as armas de fogo; uma bala lhe passou a manga do vestido, e outra dando-lhe no arção da sella, feriu-lhe o cavallo. Recolheram-se em fim á Praça victoriosos, e com o provimento de que todos careciam.

1746 — Presistindo sempre os Mouros em perseguir as partidas do presidio de Mazagão, quando estas sahiam ao campo a fazer provimento de lenha, e de forragem para a praça, houveram continuadamente repetidos choques, e ultimamente n'este anno houve um mais disputado entre um corpo de quinhentos Mouros, e outro de cento e trinta cavalleiros dos nossos, em que elles nos mataram trez, e feriram seis, e dez cavallos que tambem morreram das feridas; e em todas as occasiões se distinguiu muito o bravo Francisco Xavier Garcia de Bivar, que era o primeiro que destemidamente se arrojava aos maiores perigos, havendo em uma d'estas occasiões livrado de prizioneiro ao Adail Matheus Valente do Couto, ficando a victoria dos Portuguezes. Tambem os Mouros nos mataram quatro Atalayas em varias ciladas que nos fizeram. —

1747 — Sendo Vice-Rei do Estado da India o Marquez de Castello Novo, e reconhecendo este fidalgo ser preciso ao respeito, e segurança do mesmo Estado declarar a guerra ao *Bonfulo* (*) para vingar-se das insupportaveis oppressões, que este implacavel inimigo do nome Portuguez (tantas vezes perfidamente reconciliado) tinha feito á Nação, fez juntar as tropas, e marchou com ellas sobre *Alorna*, uma das praças mais fortes, que o inimigo possuia n'aquella parte: e como nas acções militares a promptidão ajuda muito para os bons successos, intentou logo leval-a por assalto, para o que fez arrimar trez petardos (**) ás trez portas, e encostar escadas ás muralhas. Os inimigos tiveram por difficil, e temeraria a empreza, e só se admiravam dos trez petardos, que para elles era tanto

(*) Principe poderoso da Costa de terra firme, visinha a Gôa.

(**) Instrumento bellico. Era uma especie de canhão curto e quasi da figura de um chapéo.

novidade, que lhe ignoravam os effeitos. As tropas Portuguezas, assim Officiaes como Soldados, empregaram tão intrepidamente o seu valor n'esta acção, que apezar da resistencia dos sitiados, e do horror, que lhes podia causar o numero dos mortos, que houve da nossa parte, entraram dentro da praça, e no calor da peleija passaram á espada toda a guarnição, de sorte que o *Bonfulo* recebeu juntamente a nova do sitio d'aquella Cidade, e a da sua perda.

Os Portuguezes perderam n'este dia alguns Officiaes distinctos, e entre elles o Coronel Pierrepont Francez de nascimento, que commandava a Infanteria, e n'esta occasião fizera obrar prodigios de valor: quasi todos os granadeiros de seis companhias, que se empregaram na escala, foram mortos, mas da parte dos fuzileiros não houve mais que trinta e dous mortos, e cousa de noventa feridos. Passou o numero dos inimigos mortos de quinhentos, não contando o Governador, e todos os Cabos, nem os que se afogaram no rio: dos feridos morreram depois muitos nos matos visinhos. Depois de ganhada esta Cidade fez o Vice-Rei augmentar as suas fortificações, e deixando n'ella uma boa guarnição, marchou com o seu exercito para *Bicholim*; porém os seus moradores consternados com o terror, que n'elles inspirava o estrago commettido em *Alorna*, antes que as tropas Portuguezas chegassem á sua visinhança, a abandonaram, depois de haverem demolido as suas fortificações, quanto lhes foi possivel, e posto fogo a toda a povoação. O Vice-Rei fez logo occupar a praça, e reparar as suas fortificações, pondo-a em melhor estado do que d'antes estava, para se poder defender. N'esta acção se destinguiu com tanto esforço Luiz Henriques da Motta, Fidalgo da Casa Real, que o Vice-Rei o premiou com a patente e exercicio de General da Provincia de *Baraéz*; mas havendo o inverno anticipado os seus rigores mais extraordinariamente do que a estação em outros annos costumava,

julgou conveniente dar fim á campanha, e recolheu-se a Gôa, deixando bem presidiadas as suas conquistas.

Em premio d'esta acção creou El-Rei D. João a D. Pedro de Almeida Portugal, que então era Marquez de Castello Novo, e 3.º Conde de Assumar, Marquez de Alorna por Carta de 9 de Novembro de 1748. Tinha sido nomeado Vice-Rei do Estado da India por Carta passada a 24 de Março de 1744, e sahindo de Lisboa a 29 do dito mez e anno, chegou a Gôa a 22 de Setembro. A Carta de El-Rei diz assim: « Que attendendo aos distinctos serviços, que o Marquez de Castello Novo lhe fizera na India, onde ultimamente tinha tomado ao inimigo as Praças, e Fortalezas de Alorna, Bicholim, Avara, Tyracol, e Bary, devendo-se, depois do auxilio Divino, á actividade, vigilancia, e prudencia militar do dito Marquez, que com a sua presença, e valor animou as tropas a desprezarem os perigos, e a obrarem as gloriosas acções, que foram de grande credito ás Armas, e para o nome Portuguez no Oriente; e para perpetuar a memoria das referidas acções na sua pessoa, que em lugar de Marquez de Castello Novo, se chamasse Marquez de Alorna. »

1748 — Tendo El-Rei determinado mandar este anno tropa para o Estado da India, mandou imprimir em Fevereiro uma especie de Edital que continha o seguinte:

« Tendo a Divina Providencia abençoado as Armas d'esta Corôa, e o valor dos Portuguezes na India com tão venturosos successos, que não só recuperaram com grande credito da Nação parte do que estava perdido, mas tambem muitas praças, e terras aos infieis visinhos; castigando a sua insolencia, e livrando aquelle Estado da oppressão, em que ha poucos annos se achava: resolveu a Real Providencia de Sua Magestade sustentar aquella Conquista

com soccorros taes, que ponham em segurança o socego, e a felicidade dos Vassallos, que n'ella residem, e contribuam como sempre a conservar-se, e dilatar a Santa Fé de Christo nas terras do Oriente. Para este effeito tem o mesmo Senhor mandado prevenir com largueza todo o necessario, sem reparar em qualquer dispendio da sua Real Fazenda; determinando tambem que se transportem n'esta monção ao menos mil e quinhentos homens de tropas; e espera S. M. do zelo, e fidelidade dos seus Soldados, que de boa vontade concorram para um fim tão glorioso. Pelo que mando propor aos que voluntariamente quizerem hir participar da honra, que tem adquirido os que servem na India se aproveitem d'esta occasião para o seu adiantamento, e em seu Real Nome lhes promette as condições seguintes :»

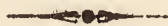
1.ª — Não serão obrigados a servir na India mais que seis annos, e acabados elles, não necessitarão de licença alguma para dar baixa, nem poderão o Vice-Rei, ou Governador d'aquelle Estado retel-os por mais tempo no serviço contra suas vontades por qualqner causa, ou pretexto, que seja. 2.ª — Na volta da India se lhes fará o transporte nas náus de S. M. á custa da Real Fazenda; e no caso que escolham outra commodidade para se recolherem, não lhes será posto impedimento algum. 3.ª — Acabado o dito tempo, lhes será livre tornar para o Reino, ou ficar na India, ou no Brazil, ou passar ás Minas, ou a qualquer parte dos dominios de S. M. conforme lhes agradar. 4.ª — Em qualquer das ditas partes ficará a seu arbitrio tornar a incorporar-se nas tropas, ou não; sem que mais possam ser obrigados ao serviço contra sua vontade. E querendo incorporar-se, entrarão na mesma graduação, que houverem tido no serviço da India, e nos póstos, quando houver cabimento. 5.ª — Concorrendo a pertender póstos, serão preferidos em igual graduação a quaesquer outros, que

não tenham servido na India. 6.º—Antes do embarque se dará a cada um cinco mezes de soldo dobrado; e por ajuda de custo quatro mezes de soldo singelo. Debaixo d'estas condições, que infallivelmente se hão-de observar, todo o que quizer passar na presente monção ao Estado da India dê o seu nome para ser alistado. E se alguma pessoa, sem ser actualmente soldado, quizer voluntariamente alistar-se, se lhe guardarão as mesmas condições, e se lhe farão as mercês costumadas, conforme a distinção das pessoas.»—

1750—Em Julho d'este anno morreu El-Rei o Senhor D. João V., e tomou logo as redeas do Governo seu filho o Senhor Rei D. José I.—

CAPITULO VII.

ANNO DE 1751 ATE' 1769.

Victoria alcançada pelas nossas armas junto á Praça de Mazagão. Entram em Lisboa duas frotas, uma vinda de Pernambuco, e outra do Rio de Janeiro. Sahida de uma frota para o Rio de Janeiro. Manda o Governador de Mazagão pedir soccorro a Lisboa. Chega a esta Côrte uma grande frota vinda da Bahia. E' abandonada a Praça de Mazagão, pelos nossos. Fazem-se treguas com Marrocos.

1751 — Padecendo os moradores da Praça de Mazagão grande falta de lenha, o Governador, e Capitão Ge-

neral D. Antonio Luiz Alvares da Cunha, Trinchante Mór ordenou ao Adail João Froes de Brito fosse no dia 7 de Dezembro tomar o campo da Rochina, que distava da Praça um quarto de legua, para que n'elle se fizesse alguma palma, e matto para suprir, e remediar a necessidade que se padecia; e havendo-o assim executado o Adail, estando seguro o campo, e a gente forrageando, deram os Atalayas rebate, largando os póstos, a que se seguiam dous mil Mouros Alarves, da Provincia da Aduquella; e porque a nossa gente não excedia o numero de duzentos homens, entre soldados, e cavalleiros, pelo motivo de se não achar completa a guarnição da Praça, largaram o campo, e a lenha, que haviam cortado, retirando-se para o campo das Areias, onde se encorporaram, observando attentamente os movimentos dos inimigos, que com a sua costumada furia os investiram.

Os nossos os esperaram, e receberam com destemido valor; porém vendo o Governador da Praça tão grande conflicto, e reconhecendo a desigualdade do partido, baixou com toda a pressa da muralha, onde se achava, e montando a cavallo, chegou em breve tempo ao campo da batalha. Aqui, fazendo as vezes de Soldado, e de General, animava com as vozes, e com o exemplo os Cavalleiros, e Soldados a peleijarem, como Christãos, e Vassallos de um Rei Portuguez, contra uns barbaros que não só aborreciam o nome de Christo, mas tambem a Nação Portugueza; e chamando S. Tiago, nome que os Mouros muito intimida, de tal sorte os investiu, acompanhado do valor da nossa gente, que lhes causou um horroroso estrago. Os inimigos não podendo resistir ao nosso esforço trocaram a resistencia em froxidão; e já arrependidos da primeira resolução, tomaram a de se salvarem na fugida. O Governador seguiu-os até ao campo chamado Caminho duro, distante da Praça uma grande legua, onde fez alto, conhecendo estar fatigada a nossa

gente, por ter durado o conflicto trez para quatro horas; examinando achou que só perdêra nove cavallos, trez mortos, e seis feridos, circumstancia que fez mais gostosa, e mais celebre a victoria. Dos Mouros morreram trinta e cinco peleijando, com a porfia de quem queria vencer; o numero dos feridos não se soube de certo; mas não se ignorou que fôra grande. Tambem ficaram no campo da batalha muitos dos seus cavallos mortos. E reconhecendo-se pela desigualdade dos combatentes ser prodigioso este sucesso recolheram-se os vencedores á Praça cheios de grande contentamento. No dia 10, povoando-se o mesmo campo, acharam-se algumas cabeças, e mais fragmentos de Mouros, o que se attribuiu ao bom resultado da nossa artilheria.—

A 15 de Julho entrou em Lisboa uma frota, vinda de Pernambuco, composta de trinta e trez navios de commercio, e comboiada por uma náu de guerra. Trouxe em dinheiro para particulares duzentos e noventa e seis contos outenta e trez mil outocentos e sessenta réis. Ouro em pó vinte e trez contos trezentos e quarenta e seis mil setecentos e cincoenta e seis réis. Dinheiro do manifesto trez contos quarenta e seis mil e duzentos réis, que tudo junto faz trezentos e vinte e dois contos quatrocentos e setenta e seis mil outocentos e dez réis. Trouxe dez mil trezentas e quarenta e uma caixas, outocentos e sessenta e outo feichos, seiscentas e sessenta e seis cannas de assucar, cento e dez mil quinhentos e outenta e nove couros de sola, quarenta e trez mil seiscentos e trinta e sete couros em cabello, e vinte e seis mil duzentos e outenta e cinco couros de atanado, doze mil e noventa e cinco quintaes de páo do Brazil, algum tabaco, varios generos, e mercadorias.

A 24 de Agosto entrou tambem em Lisboa a frota vinda do Rio de Janeiro, composta de quatorze navios, e

comboiada por duas náus de guerra, trazendo ouro para El-Rei, em dinheiro, dez contos trezentos quarenta e quatro mil trezentos e trinta e dous mil réis, *onze mil e outenta e sete marcos trez onças e uma outava de ouro em pó, mil seiscentos e vinte e um marcos cinco onças e uma outava em barra*!!! Para particulares, nos cofres, em dinheiro *trez mil cento e quarenta contos nove centos e dezenove mil quatrocentos e cinco réis.* (*) *Dois mil seiscentos e cincoenta e sete marcos, sete onças, e trez outavas de ouro em pó; trez mil cento e cincoenta e quatro marcos, e quatro outavas em barras; cinco marcos, quatro onças, e duas outavas, lavrado de varias peças*!!! O manifesto *cento e vinte e seis contos quinhentos e setenta e dous mil outocentos e cincoenta e seis réis em dinheiro; trinta e nove marcos de ouro em peças lavradas.* Assucar mil quinhentas e trinta e quatro caixas, setecentos e trinta e trez fechos, trezentas e setenta cannas; couros de boi vinte e sete mil setecentos e setenta em cabello; mil quinhetos e outenta e cinco atanados; dous mil setecentos e doze meios em sola. Pontas de marfim mil quatrocentas e trinta e outo; de barba de balêa mil e vinte e outo quintaes. Azeite de peixe quarenta e seis pipas. Melaço mil e duzentos e cincoenta e quatro barrís, novecentos e trinta e sete de farinha de mandioca, cento e sessenta milheiros de coquilhos, e grande quantidade de madeiras de varias qualidades. —

1752 — A 17 de Setembro entrou em Lisboa a frota de Pernambuco, que havia sahido a 8 de Janeiro, composta de 17 navios mercantes, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra João da Costa de Brito, em a náu N. Senhora da Nazareth. Esta frota havia chegado ao porto do Recife em 24 de Fevereiro, e d'elle se fez á véla

---

(*) Perto de oito milhões de cruzados!

para Lisboa em 5 de Julho. Trouxe para particulares quinhentos vinte e sete mil outocentos e vinte e cinco mil cruzados em ouro, a saber: em moeda corrente quatrocentos e dezouto mil setecentos e trinta mil cruzados; em ouro em pó cento e nove mil e noventa e cinco, em vinte e nove mil e noventa outavas. Compunha-se a sua carga de seis mil novecentas e quarenta e cinco caixas, e setecentos e noventa e quatro fechos, e seiscentas e noventa caixas de assucar, noventa e cinco mil couros, a saber: trinta e cinco mil em cabello, onze mil setecentos e quatro atanados, e quarenta e nove mil setecentos e cincoenta em sóla; cinco mil setecentos e vinte quintaes de páo do Brazil; vinte e cinco mil de páo violete; trez mil duzentas e setenta e outo varas para parreiras; dous mil trezentos e quinze barrís de doce; varios barrís de mel, madeiras, e escravos.

A 4 de Dezembro sahiu de Lisboa para a Bahia uma frota, composta de dezeseis navios de commercio, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Gonçalo Xavier de Barros e Alvim, na náu de guerra Santo Antonio. Debaixo d'este mesmo comboi partiu para Cacheu o navio Nossa Senhora da Soledade. —

1753 — A 2 de Junho sahiu do porto de Lisboa para o Rio de Janeiro uma frota mercante de vinte e trez navios, comboiada pela náu de guerra Nossa Senhora do Livramento: sahiu juntamente com esta frota outra para o Maranhão, e Gram-Pará, de nove navios comboiados pelas náus de guerra S. José, Nossa Senhora da Arrabida, e Nossa Senhora das Mercês, commandadas pelo Capitão de Mar e Guerra Rodrigo Ignacio de Barros e Alvim, e pelos Capitães Tenentes José Sanches de Brito, e José Roquete. N'esta frota se embarcaram as tropas mandadas reforçar as guarnições das Praças d'aquelle Estado. Debaixo do mesmo comboi partiram tambem dous navios para An-

gola, um para o porto de Santos, um para Cabo Verde, e outro para a Ilha da Madeira.

A 4 de Julho sahiram a dar cassa aos Mouros, e proteger a navegação ao longo da Costa do Reino as náus N. Senhora das Brotas, Commandante o Coronel do Mar, e Subalterno o Capitão de Mar e Guerra Manuel de Mendonça; Nossa Senhora da Estrella, Capitão João da Costa e Brito; S. Jorge, Capitão João de Mello; e S. Tiago Maior, Capitão Francisco Miguel Ayres.

No dia 13 de Setembro entrou no porto de Lisboa a frota, que d'elle tinha sahido para o da Bahia a 2 de Dezembro do anno antecedente, e voltou d'alli em 10 de Junho, com outenta e nove dias de viagem, composta de vinte e outo navios, duas corvetas, e um hiate, tudo á ordem do Capitão de Mar e Guerra Gonçalo Xavier de Barros e Alvim, Commandante da náu de guerra Santo Antonio; e debaixo da mesma escolta uma náu da India. Conforme o mappa, que então se imprimiu, da sua carga, veio n'ella em dinheiro cento e quarenta e quatro mil setecentos e noventa e nove mil cruzados para El-Rei, dous milhões duzentos e sessenta e outo mil cruzados para particulares; em ouro em pó, e barras quinze mil seiscentas e quarenta e seis outavas para El-Rei, e dez mil duzentas e outenta e duas outavas para particulares, além de mil cento e quarenta outavas de ouro lavrado, e mil outocentos e nove mil cruzados em dinheiro dos manifestos para El-Rei. Assucar dez mil setecentas e uma caixas, mil duzentos e outenta e outo fechos, e mil e trez caras. Em tabaco dez mil quatrocentos e outenta e seis rolos. Em couro dezesete mil trezentos e cincoenta e quatro atanados, sete mil quatrocentos e noventa e sete em cabello, e setenta e quatro mil e vinte e quatro meios de sola, seis mil outocentos e noventa e nove milheiros de coquilhos, quatro mil e outenta

e trez quintaes de páo Brazil, varias madeiras pertencentes a navios para a Real Fazenda, e outra quantidade de differentes qualidades para particulares, além de escravos, melaço, e farinha.

A 22 de Setembro partiu do porto de Lisboa com vento favoravel a frota destinada para Pernambuco, composta de treze navios de commercio, comboiados pela náu de guerra Nossa Senhora da Nazareth, e por Commandante o Capitão de Mar e Guerra João de Mello, fazendo as funcções de Almirante o Capitão José da Silva Alentado, na náu Sacramento. Com ella partiram ao mesmo tempo dous navios para a Parahiba, em um dos quaes se embarcou o Governador, que hia para aquella Provincia, Luiz Antonio de Brito de Lemos, que havia feito menagem pelo dito Governo a S. Magestade, no dia 18 no Palacio de Belem; sendo seus padrinhos o Marquez de Marialva, e o Conde de S. Lourenço. —

1754 — Por despacho de 17 de Janeiro foram providos para Vice-Rei da India D. Luiz Mascarenhas, Ministro da Junta dos Trez Estados, Governador que havia sido da Provincia de S. Paulo. Para Vice-Rei do Brazil o o Conde dos Arcos D. Marcos de Noronha, que se achava governando a Provincia dos Goiazes. Governador, e Capitão General do Reino do Algarve D. Rodrigo de Noronha, filho do Marquez de Marialva. Para Governador da Provincia dos Goiazes o Conde de S. Miguel Alvaro José Botelho de Tavora. Para Pernambuco Joaquim Manuel Soares Ribeiro. Para Governador da Ilha da Madeira Manuel de Saldanha, Gentil Homem da Camara do Senhor Infante D. Manuel. —

Nos principios de Maio reuniu o Senhor D. José á sua Real Corôa a *Ilha Grande de Joanne,* sita na boca do Rio

das *Amazonas*, de que o Senhor Rei D. Affonso 6.º fizera mercê de juro, e herdade, fóra da Lei mental, a Antonio de Sousa Macedo, sexto neto, sempre por varonia, do famoso Martim Gonçalves de Maçedo, que na batalha de Aljubarrota salvou a vida a El-Rei D. João 1,º de cuja acção se conserva a memoria não só nas historias do Reino, mas no braço armado com uma maça na mão, que serve de timbre ao escudo das suas armas. —

No 1.º de Abril partiram do porto de Lisboa para o de Gôa trez náus de guerra, a saber: Nossa Senhora das Brotas, Commandante o Capitão de Mar e Guerra Gaspar Pinheiro da Camera; Nossa Senhora da Conceição, Commandante o Sargento Mór Alexandre Antonio Moreira de Sousa Pereira; a náu de viagem Santo Antonio, Capitão José Procopio dos Reis Moreira; e para Macáo a náu Nossa Senhora dos Prazeres, Capitão Manuel Martins. Em a náu Nossa Senhora das Brotas embarcou o primeiro Conde de Alva D. Luiz Mascarenhas, hindo nomeado Vice-Rei para governar o Estado da India; foi-lhe feita a mercê de Conde a 13 de Março do mesmo anno.

Em 13 do mesmo mez partiram para o Estado da India a náu S. José, Commandante o Capitão João Xavier Telles; para o Rio de Janeiro a náu Nossa Senhora dos Prazeres, Capitão Manuel Caetano de Mello; e para Benguella, no Reino de Angola, o navio Mãi de Deus. e Senhor do Bom Fim, Capitão José da Silva Santos.

Desde 4 até 8 de Maio entrou no porto de Lisboa a frota do Rio de Janeiro, que havia sahido do Tejo a 8 de Junho antecedente, composta de treze navios mercantes, commandados por Francisco Soares de Bulhões, Capitão de Mar e Guerra da náu Nossa Senhora do Livramento, S. José. E conforme o mappa, que sahiu impresso, da sua car-

ga, importou o ouro, que vinha para El-Rei, em pó, em barra, e em moeda, *n'um milhão quinhentos e setenta e um mil e cincoenta cruzados*, e o que veio para particulares *sete milhões trezentos setenta e nove mil cruzados*; *cento e vinte e cinco outavas de diamantes*; duas mil cento e outenta caixas de assucar, além de mil e vinte e outo fechos, e seiscentas e vinte e quatro caras; mil cento e setenta e trez barrís de farinha de mandioca; vinte e sete mil duzentos e noventa couros em cabello, dous mil seiscentos e quinze meios de sola, e seis mil outocentos e noventa e trez atanados; duzentos e setenta quintaes de páo Brazil; setecentos e doze quintaes de Jacarundá; duzentos e quatro de marfim; cincoenta e cinco de lã de Bigunha, e varias madeiras além de outras mercadorias.

No dia 26 de Junho sahiu do Tejo uma esquadra de guerra a correr a Costa do Reino, composta das náus Nossa Senhora da Arrabida, Nossa Senhora da Estrella, e S. Tiago Maior, á ordem do Capitão de Mar e Guerra João da Costa de Brito: e n'ella se embarcou como particular o Senhor D. João, filho natural do Infante D. Francisco: sahiram juntamente no mesmo dia a náu Santa Anna, Capitão Antonio Quaresma Figueira, para o Estado da India. As náus Nossa Senhora da Boa Viagem, e Nossa Senhora do Patrocinio para o Reino de Angola; e a náu Nossa Senhora da Piedade, para o Maranhão: no dia seguinte sahiu a náu S. Joaquim, com encommendas, cavallos, e provimentos para Mazagão.

A 21 de Agosto chegaram a Lisboa, com setenta a dous dias de viagem, do Rio de Janeiro, a náu de guerra Nossa Senhora da Piedade, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Francisco Ferreira; a náu Nossa Senhora de Atalaia, Capitão Francisco de Aguiar e Sousa. De Cabo Verde entrou a 23 o navio chamado Nossa Senhora Mãi dos

Homens, carregado de urzella, com trinta e trez dias de viagem; e de Pernambuco, com sessenta e outo, os navios Nossa Senhora da Gloria, e Nossa Senhora da Boa Viagem.

A 16 de Setembro entraram no porto de Lisboa vinte e dous navios pertencentes á frota de Pernambuco, em que se completou o numero de quarenta e quatro, de que ella se compunha, todos á ordem do Capitão de Mar e Guerra João de Mello, Commandante da náu de guerra Nossa Senhora da Nazareth, que lhes serviu de comboi; e entre elles seis pertencentes ao commercio da Cidade do Porto. Vieram n'ella em dinheiro trezentos e dezesete contos quinhentos e trinta e sete mil setecentos e noventa réis, em Assucar doze mil seiscentas e cincoenta caixas, mil cento e cincoenta fechos, setecentas e outenta e cinco caras; couros em cabello cincoenta e cinco mil quatro centos e outenta e dous, e atanados vinte e dous mil cento e outenta e trez; e meios de sola cento e cincoenta e cinco mil trezentos e outenta e cinco. De páo Brazil sete mil e setecentos quintaes; de páo violete trinta e dous quintaes, além de varias outras madeiras; cento e vinte e dous escravos; quantidade de barrís de melaço, e dôce.

A 16 de Outubro entrou no Tejo, com setenta e trez dias de viagem a frota da Bahia de todos os Santos, composta de dezoito navios mercantes, e uma náu da India, Nossa Senhora das Necessidades, que d'aqui havia sahido em 28 de Fevereiro do mesmo anno. Na náu de guerra vieram para El-Rei perto de *setenta e um contos de réis em dinheiro*, *e vinte duas mil quinhentas e vinte e outo outavas de ouro em pó*; e para varios particulares perto de *novecentos e cincoenta e quatro contos de réis em dinheiro*, e *quatro mil e sessenta outavas de ouro em pó*: além d'estas sommas, que vinham no cofre, manifestaram-se mais setenta e seis contos seiscentos e outenta e trez mil e ou-

tocentos réis em dinheiro. Nos dezoito navios vieram carregadas trez mil quinhentas e dez caixas, outocentos e sessenta e seis fechos, e setecentas e dezeseis caras de assucar; nove mil cento e treze rolos de tabaco; sete mil quatrocentos e noventa e cinco couros de atanado; mil seiscentos e trinta e sete com cabellos, e trinta mil cento e outenta e e sete meios de sola; cincoenta e outo mil novecentos e cincoenta e nove milheiros de coquilhos; varias sortes de madeira, e outros generos.

A 21 de Dezembro partiu de Lisboa uma frota composta de dezenove navios mercantes, e comboiada por duas náus de guerra, Nossa Senhora das Mercês, e Nossa Senhora da Oliveira, capitaneadas a primeira por Rodrigo Ignacio Xavier de Barros e Alvim, e a segunda por Francisco Miguel Aires. D'estes navios foram doze em direitura a Pernambuco, trez á Parahiba, trez a Cabo Verde, e um a Angola. —

1763 — No dia 10 de Julho sahiram do porto de Lisboa os seguintes Governadores: para a Bahia D. Antonio Rolim; Maranhão D. Fernando da Costa; Pernambuco o Conde de Villa Flor; Rio de Janeiro, e Vice-Rei de todo o Brazil o Conde da Cunha, irmão de D. Luiz da Cunha Secretario d'Estado.

A 9 de Agosto entrou no porto de Lisboa um comboi de quarenta navios mercantes da frota do Brazil, que trouxe *dezoito milhões de cruzados*, dos quaes foram treze para El-Rei, e cinco para particulares. No dia 16 entraram mais quatorze, que se tinham separado d'esta frota, e nos fins de Setembro entraram mais dous navios mercantes comboiados por uma embarcação de guerra pertencentes á mesma frota, carregados de cacáo, e assucar.

Um navio, que conduziu de Mazagão o Governador d'esta Praça, veio encarregado ao mesmo tempo *de quinhentos mil cruzados* para deixar em Gibraltar, applicados ao resgate dos captivos Portuguezes, que estavam em Tangere. —

1764 — Entrou a 7 de Fevereiro no pôrto de Lisboa um navio Inglez sem equipagem, nem Capitão: dous marinheiros pertencentes a este navio referiram que um Catalão, e alguns Italianos, que compunham a maior parte da tripulação, formando uma conjuração contra o Capitão, o mataram, e lançaram ao mar, e mataram tambem os marinheiros, de entre os quaes só elles tinham tido a felicidade de escapar. Ajuntaram mais, que os culpados tendo subido á altura do Cabo do Espichel, haviam abandonado o navio, sendo transportados a terra nos barcos dos pescadores, a quem haviam pago. Os dous marinheiros, tendo ficado sós a bórdo, tomaram o partido de saltar em terra para dar noticia d'este acontecimento. Em consequencia da sua deposição fizeram-se as mais exactas indagações, e por ellas se poderam descobrir os culpados, que póstos em ferros, confessaram o seu crime, morrendo enforcados os trez marinheiros, authores d'este attentado, no mez de Maio d'este mesmo anno. —

A 18 de Dezembro chegou do Rio de Janeiro o navio de guerra Nossa Senhora das Brotas com sete cofres de dinheiro, quatro pertencentes a El-Rei, e trez aos Negociantes, em que se julgava trazer cada cofre *meio milhão de cruzados*. —

Sendo Ouvidor na Cidade de S. Tiago das Ilhas de Cabo Verde o Bacharel João Vieira de Andrade, e estando em actual exercicio do mesmo lugar, de que fôra encarregado pelo Senhor Rei D. José para administrar justi-

ça n'aquella Colonia, succedeu que no dia 13 de Dezembro de 1762, das 9 para 10 horas da noute, lhe cercaram repentinamente as casas com um grande numero de homens armados: pertendendo os ditos homens arrombar-lhe a porta, e dando n'ella algumas pancadas, perguntou o dito Ministro quem batia, ao que lhe foi respondido de fóra que era o diabo; ao mesmo tempo arrombando-lhe a golpes de machado uma janella, entraram violentamente pela mesma alguns dos referidos homens, e outros pela parte do quintal, e mataram ao dito Ouvidor, fazendo-lhe com zagaias, e outras armas muitas feridas, sendo a primeira com um machado na cabeça, que logo o prostrou por terra.

Não satisfeita a ferocidade dos ditos assassinos com o que fica relatado, passaram a ferir gravemente Maria Barbosa creada do dito Ouvidor, ao qual roubaram não só alguma roupa, e vestidos, mas juntamente livros, e papeis. Estando os mencionados malfeitores na execução d'este barbaro delicto, acudindo um corpo de tropa militar, lhe resistiram formalmente, comminando-lhe a morte, se se não retirassem, dizendo que estavam em uma diligencia de ordem do Governador, e que tambem eram soldados; accrescentando insolentemente que a diligencia era serviço do dito senhor, com o que conseguiram não se lhe fazer opposição, e poderem retirar-se, deixando na mesma casa a um seu socio, chamado Jeronimo Corrêa, tambem morto. Principiando a tirar a Devassa o réo Antonio de Barros Bezerra de Oliveira, que servia de Juiz, a continuou até ao numero de dezeseis testemunhas, vindo a concluil-a, succedendo-lhe no dito cargo o réo José Romão da Silva, o qual pronunciou o Capitão mór João Freire de Andrade sem prova bastante, sendo Escrivão Francisco Rodrigues da Guerra, tambem réo.

Constando a El-Rei o publico escandalo d'este delicto, e suas aggravantes qualidades, ordenou ao Bacharel João Gomes Ferreira, a quem despachára Ouvidor das mesmas Ilhas, que logo que chegasse a ellas, feitas as prizões dos principaes aggressores, procedesse a Devassa, prendendo aos que achasse culpados, inquirindo summariamente todos os mais insultos, que os delinquentes, seus socios, e adherentes houvessem commettido, e os remettesse todos nas fragatas de guerra, que mandára destinadas para este fim. Procedendo o Ouvidor na fórma da dita ordem, comprehendeu na Devassa a morte feita a um Soldado chamado João de Brito; e prendendo aos que achou criminosos, os remetteu para Lisboa, aonde foram mettidos nas cadeias do Limoeiro, nas quaes falleceram alguns.

Provou-se que o réo Antonio de Barros Bezerra de Oliveira fôra quem mandára fazer o dito crime, que não só consiste em um homicidio voluntario, mas passa a ser execrando pela crueldade, e horrorosas qualidades, com que foi commettido, não só por se reputar na opinião de muitos Doutores como paricidio a morte dos Julgadores pelo paternal officio, de que são encarregados em beneficio dos Povos, mas tambem por se verificar no dito delicto um rigoroso latrocinio, qual se reputa em Direito o roubo, concorrendo juntamente a morte do roubado; o que o faz mais aggravante do que o furto, ainda qualificado com qualquer outra violencia.

Concorrendo tambem n'este delicto a qualidade de assassino, pela liberdade, que o réo deu aos executores d'elle, para que matando ao Ouvidor, podessem roubal-o, utilidade que lhe facilitaria os animos, vendo que lh'a facultava o mesmo, que os havia de castigar como Juiz.

Accrescendo para ser maior a culpa o ser feita aquel-

la morte de noute com arrombamento de porta, e janella, entrando-se na casa violenta, e sediciosamente com armas, e resistindo com ellas aos soldados, que foram acudir ao insulto, ameaçando-os com a morte para que se retirassem; e enganando-os em lhe dizerem que estavam alli em diligencia do Real Serviço mandada fazer pelo Governador, que era o réo.

Augmenta-se mais a gravidade do delicto pela circumstancia de ser verdadeiro crime de Lesa-Magestade, não só por ser feita a convocação para diligencia do serviço de El-Rei, como declararam os mesmos réos, mas porque conforme a Lei do Reino, e resolução de S. Magestade, é culpa da sobredita qualidade a morte do Juiz feita em odio das Leis, que executa pela obrigação do seu officio, o que torna superfluo recorrer ao Direito commum, segundo ao qual procede a mesma resolução; e como além da presumpção que os Julgadores teem a seu favor, se provou pelas testemunhas da Devassa ser o dito Ouvidor bom Ministro, se ha-de entender ser-lhe feito aquelle insulto pela sobredita causa de querer executar as Leis do Reino.

O que se confirmou pela Devassa ser fama pública que o réo Antonio de Barros mandára fazer a morte, dando por fundamento da dita fama o ser o réo inimigo d'aquelle Ministro por ter procedido contra elle pelos descaminhos e roubos dos bens do Governador Marcellino Pereira d'Avila, sendo o réo procurador dos defuntos, e ausentes. Accrescentaram mais as testemunhas por causa da dita inimisade o ter o Ouvidor dado conta a El-Rei contra o réo, e por ter dado contra elle uma sentença, a qual inimisade se confirmou pelos factos, a que procedeu o réo de mandar tirar a guarda ao Ouvidor, ordenar a certos criminosos que não fizessem caso do dito Ministro, e mostrar-se desagradado de que os curiosos de Medicina lhe applicas-

sem remedios quando estava doente, dizendo ser indigno de compaixão. Era além disto o réo tido, e havido por muito soberbo, e vingativo como se provou com testemunhas, accrescentando tambem que era tão absoluto, e cabeça de motins, que poucos eram os Ministros, que não fizesse discordar com os Governadores.

Concorre mais em prova da inhumana malevolencia do réo o ser publico que intentára envenenar o Ouvidor João Antonio de Oliveira e Sampaio, e chegando a entregar o veneno a Maria Saba, mulher preta, para lh'o administrar, o que constou da Devassa, Appenso, que foi achado em casa do réo, como elle confessou, cheia de cotas infamatorias da sua propria letra, e rasgando o lugar da pronuncia, concordando na publicidade do facto o co-réo do Appenso, e accrescentando ser tambem publico que matára com veneno ao Sindicante Custodio Correia de Mattos, jurando mais as testemunhas que tambem se dissera ter envenenado o Ouvidor Amaro Luiz de Mesquita Pinto, e que era de animo tão cruel, que aos que não seguiam os seus dictames os matava, fazendo o mesmo aos que tratava como amigos, para lhes herdar os bens, ou como Testamenteiro, ou como Provedor dos defuntos ausentes, e pelo gosto que tinha de saber os segredos da justiça.

Provou-se mais que na vespera do dia, em que foi morto o Ouvidor, dissera na Cidade Diogo de Almeida ao réo que tudo estava preparado, o que juraram as testemunhas, e se não póde deixar de attribuir ao dito crime; porque na noute, em que foi feito, dissera ao réo que, como tinha noticia da guerra, elle daria cabo do Ouvidor, concordando n'esta fórma de ameaço outra testemunha; corroborando-se com o que disse ter visto em uma carta do réo outra testemunha, e concorrendo mais o outro ameaço de que juraram outras testemunhas, em quanto affir-

mando dizer-lhe o réo que já tinha mandado um recado ao Ouvidor que a Correição, que havia de fazer na Cidade, se havia escrever com tinta preta, ou vermelha, dizendo mais as testemunhas que fôra publico o dizer o réo que se o Ouvidor se enfadasse muito, o mandaria matar por uns vadios.

Provou-se mais contra o dito Antonio de Barros não só dizer que brevemente haveria leitão assado, como o certificaram as testemunhas; que o Ouvidor assistia em umas casas cobertas de palha, mas a complacencia que mostrou depois de feita a morte, dizendo que era bem empregada por ser o Ouvidor um ladrão, como juraram testemunhas, injuria que costumava fazer-lhe ainda depois de morto.

Constou mais por declaração do réo João Coelho Monteiro, que o dito réo Barros o mandára chamar, e o persuadíra a que fosse jurar na primeira Devassa, e culpasse n'ella João Freire de Andrade, o que ratificou com juramento na presença do réo, sendo depois com elle acariado, e a mesma inducção disse Marcos Lopes lhe fizera, sendo-lhe feita acariação com o mesmo réo além de que pela mesma Devassa, e Appensos se confirmaram as provas referidas com outras mais evidentes, por quanto sendo tirado ao réo um relojo de algibeira na occasião, em que foi prezo, por se dizer ser o que usava o Ouvidor assassinado, lhe fôra roubado no acto do assasinio, affirmando testemunhas conhecer o dito relojo pelo proprio do dito Ouvidor.

Accresceu confessar o réo Luiz Antunes ter sido quem o furtára e que depois lh'o mandára pedir o mesmo réo Barros, e quem o levára na companhia de seu cunhado Sebastião Correia, dizendo que o dito seu cunhado fôra o que subíra a casa do réo, e lhe entregára o relojo, do qual passa-

dos poucos dias lhe dissera o referido réo Barros estar entregue, declarando no mesmo Appenso dizer-lhe as palavras seguintes; « Homens, o relojo já damnou, porque quebrou a linha dentro. »

Provou-se mais indubitavelmente que este réo Antonio de Barros fôra effectivamente o author do tumulto, e do delicto, pelo que vieram a confessar os réos Luiz Antunes, Manuel Correia, e Marcos Lopes, os quaes todos declararam serem convocados, presuadidos, e ameaçados pelo réo, para hirem com outros á morte do Ouvidor, o que assim ratificaram com juramento, sendo com elle acariados, accrescentando o dito Manuel Correia que tendo levado de casa do dito Ministro uma casaca, e vestia, o réo lhe aconselhára as queimasse para não serem conhecidas, o que assim executou, e confessou na presença do mesmo réo. Accresceu mais para prova da inducção, convocação, e mandato para a dita morte, o dizerem os réos Jorge de Semedo nas perguntas, e Pedro Sanches, que o réo os mandára fossem tambem ao mesmo delicto.

Augmentou-se mais a prova do mandato contra o réo por ter declarado Feliciano de Barros, que d'elle era escravo, que seu senhor o induzira para que fosse á dita morte, sendo elle, como affirmaram os ditos socios, quem conduzira para o réo em um sacco todos os papeis, e livros que se roubaram.

A' vista pois de tanta atrocidade se proferiu contra os réos a Sentença em 18 de Dezembro de 1764, que condemnou ao réo Antonio de Barros Bezerra e Oliveira, a que com baraço, e pregão fosse levado arrastado á cauda de um cavallo pelas ruas publicas da cidade até á forca da Praça do Rocio, e n'ella morresse de morte natural para sempre, e que a cabeça sendo-lhe cortada fosse levada para Cabo Ver-

de, para ser na Villa da Praia exposta em um pósto alto até ser consumida pelo tempo.

Os réos João Coelho Monteiro da Fonseca, Manuel José de Oliveira, enforcados no Rocio, e cortadas as cabeças. Luiz Antunes, Manuel Correia, Jorge Semedo, Francisco de Espinola, Felicianno de Barros, Domingos da Veiga, e Sebastião Correia, enforcados á Cruz dos Quatro Caminhos, cabeças cortadas, e todas levadas ao lugar do delicto. Firmino da Costa, enforcado á Cruz dos Quatro Caminhos, sem lhe ser depois cortada a cabeça.

Aos réos José Romão da Silva, Francisco Rodrigues Guerra, e Jozé de Moraes, açoutados, e degradados por toda a vida. Os bens dos réos confiscados, que deveriam volver ao Fisco, e Camara Real, foram adjudicados á viuva, e filhos do Ouvidor. —A Gabriel Antonio Cardoso condemnaram em dez annos de degredo para a India, e trezentos mil réis para a viuva, e filhos do Ouvidor, e cem mil réis para a Relação. — Jorge Sanches foi condemnado a ser açoutado, a cinco annos de galés, a quatrocentos mil réis para a viuva, e filhos do Ouvidor, e a cem mil réis para a Relação. — Domingos Lopes açoutado, e galés por toda a vida, e perdimento de todos os seus bens na sobredita forma. — Gabriel Antonio, e Jorge Sanches assignaram termo de não tornarem a Cabo Verde, com pena de morte.—Pedro Sanches da Gama, a quem se provou que elle fôra o que com um machado déra a primeira pancada na cabeça do Ouvidor, morreu na prizão antes de sentenciado; os seus bens foram confiscados na mesma fórma, e adjudicados á viuva, e filhos do Ouvidor assassinado. —

Em consequencia da resolução, que se tomou de introduzir nas tropas do Brazil a mesma disciplina que em Portugal, e de as fazer manobrar conforme o methodo estabeleci-

do pelo Conde de Lippe, embarcaram no dia 24 de Dezembro em um navio de guerra setenta Officiaes destinados para este exercicio em todas as Capitanias do Brazil, os quaes sahiram de Lisboa no anno seguinte. —

1765 — No dia 21 de Janeiro entraram no porto de Lisboa cinco navios do Gram-Pará trazendo para a Companhia do Maranhão vinte mil arrobas de cacáo, e trez mil de café. No fim d'este mesmo mez chegou uma frota do Maranhão muito importante.

Em 5 de Agosto entrou no mesmo porto de Lisboa, vindo da Bahia de Todos os Santos, um navio com cinco mil rolos de tabaco por conta de particulares. Chegaram mais dous navios de Pernambuco carregados com seiscentas caixas de assucar, e uma grande quantidade de couros.

A 30 de Setembro entrou no Tejo uma náu de guerra, vinda do Rio de Janeiro, trazendo *trez milhões de cruzados*, de que uma terça parte era para particulares. Em 15 de Outubro entraram dous navios carregados de assucar. Apromptou-se no dia 21 de Outubro uma fragata de 34 bocas de fogo, para transportar a Bissáo artilheria, e outras munições de guerra destinadas para um forte, que alli os tinha começado a construir. Era esta fragata commandada por Luiz de Castro, á qual foram comboiando alguns navios da Companhia de Pernambuco, carregados de materiaes para esta Cidade. —

O Governador de Mazagão mandou pedir um reforço de tropas, e de munições de guerra para sustentar a guerra contra os Mouros, que se haviam posto em marcha para atacar esta Praça. —

1766 — A 25 de Julho sahiram de Lisboa onze na-

vios mercantes destinados dous para o Pará, cinco para o Rio de Janeiro, um para a Bahia, dous para Bissáo, um para Angola, acompanhados de trez náus de guerra.

No fim de Dezembro chegou uma frota da Bahia de Todos os Santos, com sete cofres; *trazia cada um outocentos mil cruzados*, sendo uma terça parte para El-Rei, e o mais para Negociantes; trazia mais quinze mil caixas de assucar, sessenta mil couros verdes, outenta mil atanados, nove mil rolos de tabaco, e outras muitas cousas.

1767 — Chegaram quatro navios da Companhia de Pernambuco, vindos d'esta Colonia, e um da Bahia de Todos os Santos. Sahiram dezesete navios comboiados pela náu de guerra S. João Baptista, nove destinados para a Bahia, trez para o Mazagão, trez para o Pará, um para Angola, e um para as Indias Orientaes. —

Foi nomeado para Vice-Rei da India o Marquez de Lavradio; para Governador de Minas Geraes o Conde de Valladares; para Governador de Pernambuco o Conde de Pavolide. —

1768 — No dia 26 de Janeiro entraram no Tejo um navio de guerra carregado de madeiras, e quatro da Companhia de Pernambuco, vindos do Gram-Pará, *com quatrocentos mil cruzados em letras de cambio*, e carregadas de cacáo, café, e outras mercadorias. —

No dia 4 de Fevereiro sahiram em uma náu de guerra chamada Nossa Senhora da Madre de Deus, e S. Vicente Ferreira, commandada por João da Costa, quatro Governadores para o seu destino, a saber: o Marquez de Lavradio para a Bahia; o Conde de Valladares para Minas Geraes; o Conde de Pavolide para Pernambuco; o Cavalheiro Luiz Pinto para Matto Grosso.

Com o projecto de se povoar Matto Grosso mandaram-se na mesma náu homens tirados das galés, e casados com mulheres, que se achavam presas no Arsenal, onde se chamava a *Casa da Estôpa*, e isto pela sua má conducta. —

Nos fins de fevereiro chegou uma fragata construida no Rio de Janeiro, trazendo *trez milhões em ouro, prata e diamantes.* No dia 26 de Março chegou a Lisboa em uma náu de guerra Portugueza, vinda do Rio de Janeiro, o seu ex-Governador Conde da Cunha, o qual sendo apresentado a Sua Magestade foi admittido á sua graça. A 7 de Abril partiu para Gôa um navio com dôze prezos de Estado, e trezentos malfeitores, tirados das prizões de Lisboa, e mandados servir como soldados para os estabelecimentos Portuguezes nas Indias.—

Morreu enforcado no dia 21 de Abril o coronel Osorio, que durante a ultima guerra havia commandado um forte do Rio Grande, por se lhe provar haver commettido traição manifesta, entregando o dito forte aos Hespanhoes sem lhes oppor resistencia alguma.

No dia 8 de Junho entraram no Tejo dous navios vindos de Pernambuco, com uma riquissima carregação de diversas mercadorias, toda pertencente á Companhia, que tinha por sua conta o commercio exclusico do Brazil.

1769 — No dia 2 de Fevereiro entrou no porto de Lisboa uma náu de guerra Portugueza chamada Mãi de Deus, vinda do Rio de Janeiro, trazendo *nove milhões de cruzados em ouro*, dos quaes dous e meio eram para El-Rei, e o resto para Negociantes. —

No dia 10 de Março abandonou o Governador de Mazagão a sua Praça atacada pelos Mouros, por lhes não poder

resistir, sahindo d'ella a guarnição, e todas as familias, que alli se achavam. Logo que todos embarcaram, accenderam-se os rastilhos, que se communicaram a algumas minas, que se tinham feito construir; e estas minas fizeram arrazar o castello no dia seguinte. O Governador, e a guarnição chegaram a Lisboa. O Governador não sentio a perda d'esta Fortaleza, que tinhamos, e sustentavamos desde 1508, época do seu estabelecimento, por ter causado ao Estado mais perdas que vantagens. —

No dia 25 de Abril deram á vêla duas náus de guerra; uma para Gôa com muitos criminosos tirados das prisões, para servirem como soldados nos Estados da India; outra para o Rio de Janeiro levando a seu bordo para deixar em Pernambuco o Governador d'aquelle Estado, Manuel da Cunha. Em Julho chegaram dous navios de Pernambuco, um da Bahia, carregados de tabaco, e um do Rio de Janeiro carregado de assucar, e com *cem mil cruzados em ouro* para particulares. A 30 de Outubro entrou no porto de Lisboa um navio mercante Portuguez, vindo do Rio de Janeiro, com muito ouro, e caixas de assucar, duzentas outavas de diamantes para El-Rei, e muito dinheiro, *que reputaram em mais de um milhão de cruzados*. —

Em Setembro fez a Junta do Commercio affixar um edital, em que annunciava ao Publico haver tregoas, ou suspensão d'armas, entre o Reino de Portugal, e o de Marrocos. —

O Coronel José Marcellino de Figueiredo (que depois se chamou Manuel Jorge de Sepulveda), por nomeação do Vice-Rei Conde de Azambuja para governar o Rio Grande de S. Pedro, tomou posse em Abril, e durante onze annos administrou a Capitania com muita intelligencia, desinteresse, e zelo pelo seu augmento, e prosperidade. Em

24 de Julho de 1773 mudou a Séde do Governo do Viamão para o Porto dos Casaes (hoje Porto Alegre), onde se formou a Cidade, que é presentemente a Capital da Provincia. —

Manuel da Cunha de Menezes, depois Conde de Lumiar, Governador e Capitão General nomeado para Pernambuco, tomou posse do goveino d'aquella Capitania a 9 de Outubro de 1769, e conservou-se até ao dia 31 de Agosto de 1774, em que foi rendido. —

D. José da Cunha Grã Athayde e Mello, Conde de Pavolide, Governador e Capitão General nomeado para a Bahia, tomou posse do governo d'aquella Capitania a 11 de Outubro de 1769, e conservou-o até o dia 3 de Abril de 1774, em que embarcou para Lisboa. Em seu lugar ficaram governando por ordem da Côrte o Arcebispo D. Joaquim Borges de Figueiroa, o Chanceller Miguel Serrão Diniz, e o Coronel do 2.º Regimento Manuel Xavier Ala, por assim o haver prevenido o Alvará de 12 de Dezembro de 1770.

No tempo d'este Governador houve um escandaloso motim entre os frades de S. Francisco, dos quaes era provincial Fr. Manuel da Epiphania, e para socegal-os, foi preciso prender dois d'elles, e exterminar os restantes para os Conventos de S. Bento, e de Santa Thereza. —

D. Luiz de Almeida Portugal Soares Eça de Alarcão Mello Silva e Mascarenhas, 2.º Marquez de Lavradio, o 3.º Vice-Rei e Capitão General de mar e terra nomeado para o Rio de Janeiro, tomou posse a 4 de Novembro do presente anno de 1769, e governou até 5 de Abril de 1779, em que foi rendido.

Este Vice-Rei foi um dos melhores administradores, que teve o Brazil, pela intelligencia, e zelo com que procurou melhorar todos os ramos da riqueza publica. A cultura do anil, do café, da cochonilha, do canhamo, e de outros generos de commercio, deveu-lhe particular attenção, sem embargo das difficuldades, que encontrou nos seus primeiros ensaios. Cuidou muito das fortificações d'esta bahia, e a fortaleza do Pico, a cavalleiro da de Santa Cruz, foi obra sua, assim como os reparos da de Villegaignon, das Cobras, de S. João, e da Lage. Mandou allistar o Povo, e creou varios Terços de milicia auxiliar, aos quaes fez dar disciplina igual á da tropa de linha.

Amante das lettras, protegeu a Sociedade philosophica, que se formou no Rio de Janeiro com o titulo de *Academia scientifica do Rio de Janeiro.* Estabeleceu o Horto botanico, e montou uma fabrica de cordas de Guaxima. Promoveu o commercio, mandou abrir estradas, e dessecar os pantanos. Cuidou do asseio, e da salubridade da Capital, mandando calçar as ruas, e affastando do centro da população os escravos Africanos, que chegavam de novo, transferindo o deposito d'elles para Vallongo. Finalmente a mais bella rua, que hoje tem o Rio de Janeiro, e que conserva o nome do seu titulo, foi elle quem a fez abrir.

CAPITULO VIII.

ANNO DE 1770 ATE' 1811.

Nomeação de diversas Authoridades para o Estado do Brazil. Morre El-Rei D. José, e succede-lhe sua filha a Senhora D. Maria I. Vai uma esquadra Hespanhola á Ilha de Santa Catharina, com intenção hostil. Celebra-se um Tratado de paz, amizade, e commercio, entre as Coroas de Portugal, e de Hespanha. Mais nomeações de diversas Authoridades para o mesmo Estado do Brazil. Providencias tomadas em favor do referido Estado. E' projectada uma revolução contra a cobrança do imposto denominado do ouro, mas é malograda por denuncia de um dos conjurados. Começa o Principe D. João a governar em nome de Sua Augusta Mãi. Ha um terremoto na Cidade da Bahia, que origina bastantes estragos. O Principe D. João é declarado

Regente de Portugal. Medida tomada a respeito da Capitania da Parahiba do Norte, e da do Ceará. Achada de um grande diamante, que passou a ser propriedade da Coroa de Portugal. Acontecimentos que teem lugar no Rio Grande. Tendo-se rompido a paz entre Portugal, e Hespanha, atacam os Hespanhoes o forte da Nova Coimbra na Capitania de Matto-Grosso, e são repellidos. Rebellam-se os escravos da Nação chamada Ussá, e são batidos, e destroçados. Chega toda a Familia Real Portugueza ao Rio de Janeiro. E' tomada a Colonia de Cayenna pelas tropas Portuguezas, e Brazileiras, capitulando a guarnição Franceza, que n'ella se achava. Guerra civil em Buenos-Ayres.

1770 — Até esta epoca a administração da Fazenda pública do Estado do Brazil, estava a cargo de um Provedor-mór; porém conhecendo-se que n'esta repartição havia escandaloso peculato foi abolida a mesma Provedoria pelo Alvará de 3 de Março d'este anno, e Carta Regia da mesma data, e substituida por uma Junta de Fazenda, creando-se logo o lugar de Intendente da Marinha, e dos armazens nacionaes com o governo da Vedoria. —

O Brigadeiro Antonio Carlos Furtado de Mendonça, por nomeação do Vice-Rei Marquez de Lavradio, passou a governar a Capitania de Goyaz em consequencia da morte repentina do Capitão General da mesma Capitania João de Mello, e tomou posse a 17 de Agosto do presente anno. Conservou-se apenas dous annos incompletos, entregando o mando ao novo Governador, que lhe foi succeder. —

O Tenente Candido Xavier de Almeida e Sousa (depois Tenente General), descobriu a 8 de Setembro de 1770, os campos de *Guarapoava*, que se estendem desde o rio Itatú (em cujas margens esteve a antiga e destruida *Villa Rica*) até ás cabeceiras do Uruguay, e desde a Serra denominada dos Agudos até ao rio Paraná.

1771 — N'este anno concluiu-se a magnifica Igreja Cathedral da Cidade de Belém do Gram-Pará, começada no anno de 1748; assim como o bello edificio do Palacio para residencia dos Governadores d'aquella Capitania com todas as suas dependencias. —

1772 — Debaixo da influencia, e protecção do Marquez de Lavradio, Vice-Rei do Estado, formou-se na Cidade S. Sebastião uma Sociedade litteraria com o titulo de — Academia Scientifica do Rio de Janeiro — a qual celebrou a sua primeira sessão publica a 18 de Fevereiro d'este anno. Esta sociedade durou até ao anno de 1794, em que a dissolveu o Conde de Rezende, fazendo encarcerar a maior parte dos seus membros, dos quaes nos parece viver ainda o Marquez de Maricá, uma das victimas d'aquelle tempo.

Aos membros d'esta associação se devem muitos trabalhos scientificos, que augmentaram o explendor, e a riqueza da Provincia do Rio de Janeiro com a cultura do anil, da cochonilha, do café, e de muitas outras producções, que mudaram inteiramente a natureza do commercio, pois que até então sahiam os navios em lastro d'este porto para hirem carregar á Bahia, e ao Pará por falta de generos de exportação. Foi só depois da creação d'esta sociedade, que a Academia de Stokolmo teve conhecimento das plantas do Brazil por um *Selecto Hortario Brazilense*, que lhe enviaram José Henriques de Paiva, e Manuel Henriques de Paiva, irmãos, e membros da dita sociedade. Existe impres-

sa uma memoria sobre o descobrimento da cochonilha no Brazil, a qual foi escripta por um dos dous irmãos Paivas, e apresentada á mesma sociedade.—

José de Almeida Vasconcellos de Soveral e Carvalho, Governador e Capitão General nomeado para Goyaz, tomou posse do governo d'esta Capitanía a 26 de Julho de 1772. Este Governador aprompton uma expedição, que pela primeira vez devia navegar pelo rio Tocantins até ao Pará, o que se realisou a 7 de Setembro de 1773. Em seu tempo descobriram-se as minas do Bomfim, de cujas lavras sahiu tanto ouro. Depois de percorrer toda a Capitanía, e de mandar fazer muitas obras publicas na Capital, teve licença de retirar-se para Lisboa, e entregou o governo no dia 7 de Maio de 1778 ao Ouvidor Antonio José Cabral d'Almeida, Tenente Coronel de Cavallaria auxiliar João Pinto Barboza Pimentel, e Vereador mais velho Pedro da Costa, os quaes se achavam nomeados para substituil-o pelo Alvará de 12 de Dezembro de 1770.—

Era a Cidade de Belém desde 1751 Capital, e residencia do Governador e Capitão Generel das Capitanías reunidas do Gram-Pará, e do Maranhão, que formavam o Estado d'este nome, quando por Decreto de 20 de Agosto de 1772 foi desmembrada uma da outra, ficando unidas, e sujeitas ao governo geral da primeira as Capitanías do Pará, e do Rio Negro, e ao da segunda as do Maranhão, e do Piauhy.—

O Coronel João Pereira Caldas, Governador e Capitão General das Capitanías do Gram-Pará, e do Rio Negro, tomou posse do cargo a 21 de Novembro de 1772, recebendo o governo das mãos do seu antecessor Fernando da Costa de Attayde Teive. Com elle veio igualmente o Coronel Joaquim Tinoco Valente para Governador da Ca-

pitanía do Rio Negro. João Pereira Caldas foi rendido em 1780, e nomeado, por Carta Regia de 7 de Janeiro do mesmo anno, Governador e Capitão General de Matto-Grosso, Plenipotenciario e Commandante em Chefe da expedição das Demarcações, que segundo o Tratado do 1.º de Outubro de 1777 devia trabalhar no Rio Negro e Matto-Grosso para regular os limites das duas Coroas, da Hespanha, e Portugal, pelo Norte, e Oeste do Brazil.—

Luiz de Albuquerque Pereira e Caceres, Governador e Capitão General nomeado para Matto-Grosso, tomou posse do governo d'esta Capitanía a 13 de Dezembro de 1772. Para succeder-lhe foi nomeado o Marechal de Campo João Pereira Caldas, que governava o Pará, mas não chegou a hir á Capitanía.—

1773—Em 16 de Janeiro determinou El-Rei para obviar ao impío e deshumano abuso com que no Reino do Algarve, e em algumas Provincias de Portugal, se procuravam perpetuar os captiveiros, que estes, quanto ao preterito se não podessem estender além dos avós; e que quanto ao futuro, todos ficassem por beneficio d'esta Regia Determinação inteiramente livres; e que os libertados por effeito d'ella ficassem habeis para todos os officios, honras, e dignidades.—

Em 24 de Julho mudou o Coronel José Marcellino de Figueiredo, Governador do Rio Grande do Sul, o assento do governo da freguezia de Viamão para o porto dos Casaes, onde estabeleceu a Capital com todos os tribunaes e repartições publicas. Crescendo alli o commercio, e tornando-se o lugar muito populoso, teve o titulo de Villa em 1805, que foi confirmado pelo Alvará de 23 de Agosto de 1808, debaixo da invocação de Villa de S. José de Porto-Alegre. Por outro Alvará de 16 de Dezembro de 1813 ficou a Vil-

la de Porto-Alegre com a prerogativa de cabeça da Comarca de S. Pedro do Rio Grande, e de Santa Catharina, por se haver declarado antes que a mesma Villa servisse de Capital da Provincia, e n'ella residisse o Capitão General, e seus successores.—

1774 — José Cezar de Menezes, Governador e Capitão General nomeado para Pernambuco, tomou posse do governo d'esta Capitanía a 31 de Agosto d'este anno, e conservou-se até Janeiro de 1788. Prendeu no dia 18 de Setembro de 1775 o Juiz de Fóra do Recife, e houve em seu tempo uma epidemia de bexigas que matou muita gente. — Manuel da Cunha de Menezes, Governador e Capitão General nomeado para a Bahia, recebeu o poder das mãos do Governo interino a 8 de Setembro de 1774, e conservou-o até 13 de Novembro de 1779. Creou a aula de artilheria, e o Regimento dos Uteis, de que foi Coronel, e fez sahir para o Sul uma expedição de dous Regimentos, os quaes voltaram depois em consequencia da Carta Regia de 3 de Agosto de 1776. — Em 1774, e 1775 foi a viagem pelo Amazonas, e Rio Negro, feita por Francisco Xavier Ribeiro de S. Paio, Ouvidor da Capitanía de S. José do Rio Negro, impressa pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1825. —

1775 — D. Antonio de Noronha, Governador e Capitão General nomeado para a Capitanía de Minas, tomou posse do governo a 29 de Maio d'este anno, e largou-o a 20 de Fevereiro de 1780. — Martim Lopes Lobo de Saldanha, Governador e Capitão General nomeado para S. Paulo, tomou posse do governo a 14 de Junho de 1775, e conservou-o até o dia 16 de Março de 1782. — O Coronel Pedro Antonio da Gama Freitas, Governador nomeado para a Ilha de Santa Catharina, tomou posse a 5 de Setembro de 1775, e conservou-se até 7 de Março de

1777, em que os Hespanhoes invadiram aquella Ilha, e se fizeram senhores d'ella. —

A requerimento dos habitantes de Cuyabá mandou o Capitão General Luiz de Albuquerque Pereira e Caceres, em 9 de Maio de 1775, ao Capitão Mathias Ribeiro da Costa, com alguns Soldados Dragões, fosse occupar o sitio denominado — Fecho dos Morros — abaixo 11 leguas da foz do Rio Mondego. Conhecida a importancia do lugar, que assegurava tambem os terrenos diamantinos do alto Paraguay, e impedia a navegação de Buenos-Ayres, por ordem do mesmo General se levantou alli um presidio com o nome de *Nova Coimbra*, arvorando-se a bandeira Portugueza a 13 de Setembro do referido anno. — O Maranhão, sujeito ao Pará d'esde 1751, foi no anno seguinte declarado independente, e no de 1775 foi promovido Joaquim de Mello e Povoas ao posto de Governador e Capitão General das duas Capitanias do Maranhão, e do Piauhy com inteira independencia do Governo do Pará. —

1776 — Os Senhores Reis de Portugal tinham tanto cuidado nas cousas temporaes como nas espirituaes, evitando por sabias providencias os abusos introduzidos assim na administração civil como na ecclesiastica, segundo demandavam os interesses do Estado, ou da Igreja. Introduzido o abuso de rigorosas prisões em carceres privados pelos Prelados regulares, mandou El-Rei D. José por Carta Regia de 31 de Julho de 1775 ao Corregedor da Ilha Terceira, que examinasse annualmente se haviam carceres nos Conventos dos Religiosos, como tambem as culpas, porque se achassem presos os Regulares, perguntando-os para esse fim, e aos Prelados, para serem soccorridos contra a tyrannia dos mesmos Prelados, nos casos de se verificar alguma nos seus procedimentos, e que lhe désse conta de uma, e outra cousa pela Meza do Desembargo

do Paço. Vendo mais El-Rei, que as temporalidades da maior parte dos Conventos tinham sido escandalosamente gravadas, com dividas passivas de dinheiros tomados a juro pelos Prelados locaes, até ao excesso de absorverem, e excederem com o Premio quasi todos os rendimentos a ponto de se tornarem fallidos com prejuiso ostensivo dos mutuantes, e escandalo público, mandou por Alvará de 6 de Julho de 1776, que todos os contractos celebrados com Communidades do Clero regular fossem nullos, e de nenhum effeito, não precedendo authoridade Regia. —

1777 — El-Rei D. José 1.º falleceu no dia 24 de Fevereiro do presente anno, em consequencia do que subiu ao Throno Portuguez sua filha primogenita a Senhora D. Maria 1.ª, cazada com seu tio D. Pedro. A desgraça do Marquez de Pombal foi um dos primeiros actos d'este novo Reinado. —

Os Hespanhoes, tendo occupado a Colonia do Sacramento no dia 2 de Novembro de 1762, marcharam immediatamente sobre o Rio Grande, e tomaram os Fortes de S. Miguel, Santa Thereza, e S. Pedro no anno seguinte. Os Portuguezes, e Brazileiros por sua parte oppeseram invasão á invasão: penetraram pelo interior de Matto-Grosso: aos estabelecimentos do Perú até fundarem o presidio da Nova Coimbra sobre o Paraguay: rechaçaram do Rio Pardo um corpo de 1,600 homens derrotando-o completamente, e organisaram uma cavallaria errante á maneira da dos Beduinos, tão terrivel, que os Hespanhoes possuidos de um terror panico, fugiam sómente ao seu aspecto. Todavia as Côrtes de Lisboa, e de Madrid não se hostilisavam na Europa; fallava-se mesmo de ajustes de paz, com quanto Portugal se recusasse a dar uma satisfação reclamada pela Hespanha. Para vingar offensas, que dizia ter recebido, poz a Côrte de Madrid no mar 120 vélas

guarnecidas por 10,000 homens de desembarque, 2,000 soldados de marinha, armamento e munições em abundancia, e viveres para seis mezes. Partiu esta armada nos primeiros dias de Novembro de 1776 debaixo do commando de D. Pedro Cevallos, que o Rei Catholico nomeára Vice-Rei e Capitão General de toda a Provincia de Buenos-Ayres, com ordem de reprimir os esforços dos Portuguezes.

Chegando a esquadra Hespanhola á Ilha de Santa Catharina, onde commandava o General Antonio Carlos Furtado de Mendonça, foi tal o terror, que se apoderou dos principaes Cabos da guarnição, que se renderám ao inimigo á discrição no dia 27 de Fevereiro do mesmo anno, apesar de estar a Ilha bem provida de gente, e munições em estado de poder resistir por muito tempo. Os Hespanhoes tiveram por este meio a vantagem por toda a parte, e retomaram-nos todas as Praças que lhe haviamos arrebatado.

O novo Reinado poz termo ás contrariedades, que dividiam as duas Nações na America por causa dos limites das respectivas Colonias. O Tratado preliminar de paz entre as Corôas de Portugal, e da Hespanha, assignado em S. Ildefonso no 1.º de Outubro de 1777, fixando os limites do Brazil com as possessões Hespanholas, determinou as fronteiras de ambas as Colonias pelo Sul, e pelo Norte; e limitando a immensa extensão da America Portugueza, abandonava irrevocalmente á Hespanha a Colonia do Sacramento, e deixava livre a esta Potencia a possessão da margem septemtrional do Rio da Prata.

1778 — O Tratado de amizade, garantia, e commercio, entre as duas referidas Corôas assignado no Pardo a 11 de Março de 1778, ratificou o Preliminar de S. Il-

defonso do anno anterior, que pelo artigo 13 mandava restituir a Portugal a Ilha de Santa Catharina: em consequencia do que designou o Vice-Rei Marquez de Lavradio ao Coronel Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara, para recebel-a em nome da Rainha. Evacuada a Ilha pelos Hespanhoes no dia 30 de Julho do dito anno, tomou posse d'ella o mencionado Coronel a 4 de Agosto immediato, e começou a administral-a como seu Governador até que foi rendido a 5 de Junho de 1779. —

Luiz da Cunha Menezes, Governador e Capitão General nomeado para Goyaz, recebeu a posse das mãos do governo interino no dia 17 de Outubro do mencionado anno, e governou esta Capitanía até ao dia 27 de Junho de 1783, em que foi rendido. Durante o seu governo fundaram-se varias aldeias com os Indios Cayapós, Javáes, e Carajós, que d'antes eram inimigos; creou companhias de milicias de homens pardos, e pretos, chamados *Henriques*, na Capital, em Crixaz, Pilar, e Trahiras; fez muitas obras publicas, e dedicou-se com desvelo ao asseio, e melhoramento da Capital.

1779 — Luiz de Vasconcellos e Sousa, 4.º Vice-Rei e Capitão General de mar e terra nomeado para o Rio de Janeiro em 25 de Setembro d'este anno, tomou posse a 5 de Abril do anno seguinte, e governou até ao dia 4 de Junho de 1790, em que foi rendido. A este Vice-Rei deve muito a Cidade do Rio de Janeiro, que ainda saboreia os fructos da sua sábia, e prudente administração. Entre as obras principaes, devidas ao seu zelo, notaremos a do caes, que aformoseava a frente do Palacio. Fez mudar o chafariz do centro da praça, collocando-o junto ao mar para commodidade das embarcações, que alli hiam prover-se de agua. Formou o Passeio publico em 1783 sobre um pantano, que inficionava aquelle bairro. Construiu o cha-

fariz das Marrecas, e abriu a rua do mesmo nome, que vai d'elle á porta principal do Passeio. No caminho da Lampadoza edificou a casa, em que se deviam preparar, e recolher os passaros, destinados para o Gabinete de Historia Natural de Lisboa. Concluiu, e a final reparou, depois de um horrivel incendio, a Igreja e Convento de N. Senhora do Parto no anno de 1789. Finalmente a elle se deve o augmento da Botanica, pelo muito que se interessou n'este importante, e util objecto, fazendo classificar uma grande collecção de plantas d'este paiz, ainda não conhecidas na ordem do reino vegetal, fazendo-as juntamente copiar com toda a belleza, e propriedade, a que deu o titulo de *Flora Fluminense*; em cujos trabalhos se distinguiu o R. P. Mestre Fr. José Marianno da Conceição Vellozo, religioso do Convento de Santo Antonio da Cidade do Rio de Janeiro. Foi ao mesmo tempo mui assiduo no trabalho do gabinete, e mui civil e attento com todos os seus subditos, de tal sorte que por muito tempo durou a lembrança dos seus beneficios, assim como ainda duram os monumentos, em que ficou gravado o seu nome. —

O Brigadeiro Francisco de Barros Moraes Araujo Teixeira Homem, Governador nomeado para a Ilha de Santa Catharina tomou posse a 5 de Junho de 1779, e governou até ao dia 7 de Julho de 1786, em que foi rendido. Este Governador reparou pelo zelo e prudencia, com que se houve durante a sua administração, muitos males da guerra, fazendo florescer a agricultura, e prosperar o commercio; fundou o Hospital da Caridade junto á Capella do Menino de Deus, e deu muitas esmolas, sem fazer d'isto ostentação. — D. Affonso Miguel de Portugal e Castro 4.º Marquez de Valença, Governador e Capitão General nomeado para a Bahia, tomou posse do governo a 13 de Novembro de 1779, e largou-o no dia 31 de Julho de 1783, embarcando para Lisboa.

1780 — D. Rodrigo José de Menezes, tomou posse do governo de Minas em 20 de Fevereiro d'este anno, e conservou-o até Outubro de 1783, em que foi transferido para o governo da Bahia. Este Governador foi incansavel percorrendo a Capitanía, e penetrando nos desertos sertões infestados pelos Botocudos, fez abrir muitas estradas novas debaixo do pretexto de evitar o extravio do ouro, e dos diamantes por estes canaes, e fez outros muitos beneficios àquelle paiz, onde deixou saudosas recordações. —

Nomeados por ordem Regia os Doutores em mathematica Antonio Pires da Silva Pontes, e Francisco José Lacerda, os Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, e Joaquim José Ferreira, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, e dous desenhadores, além de outros, que se destinaram para a diligencia das demarcações, foram pelo Pará ao Matto-Grosso, onde chegaram nos dias 28 de Fevereiro, e 12 de Março de 1782; e occupados desde então em observar aquelle territorio, examinar, e demarcar os rios, que o cortam, passaram no anno de 1786 a fazer outras indagações similhantes em Cuyabá, a cuja Villa aportaram no 1.º de Setembro do mesmo anno. O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira parece que não veio n'esta expedição, pois que só chegou ao Pará no fim do anno de 1783, como logo se dirá. —

1783 — Tristão da Cunha Menezes, Chefe de Esquadra da Real Armada, Governador e Capitão General nomeado para Goyaz, tomou posse do governo em Junho deste anno, e conservou-o até Fevereiro de 1800, em que foi rendido. Fez em seu tempo a conquista dos Indios Chavantes, conseguindo que 3,500 dessos selvagens viessem povoar a nova aldeia do *Carretão*, denominada de Pedro 3.º Promoveu a navegação do rio Araguaya, começada em 1791 por ordem Regia, cuja derrota para o Pará compre-

hende 732 leguas. Descobriu a riqueza das minas de Arraias, chamadas *Descoberta do Ouro-podre*, por ser de má cor, e denegrido. Fundou varios Registros, e fez mudar para o Arraial de Cavalcante a Casa da fundição de S. Felix.—

Ordenando a Rainha a Senhora D. Maria I.ª por Aviso de 20 de Agosto de 1783, que se despachassem viajantes aos sertões da America, para colligirem noticias de varios productos da natureza, foi um d'elles o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, levando por desenhadores a Joaquim José Codina, e a José Joaquim Freire, e um preparador Agostinho Joaquim do Cabo. Esta expedição scientifica chegou ao Pará no fim do mesmo anno de 1783. O gravador Manuel Marques de Aguilar, tendo hido a Inglaterra aperfeiçoar-se na sua arte, foi depois, pelos annos de 1794 pouco mais ou menos, encarregado de abrir as estampas pertencentes áquellas viagens.—

1785 — N'este anno foi creado na Cidade da Bahia um celleiro publico, mais conhecido pelo nome de *Tulhas*, que principiou no dia 9 de Setembro, e foi approvado por Carta Regia de 25 de Agosto de 1807. Esta instituição teve por objecto occorrer ás despezas do novo Lazareto, que alli fundou o Capitão General D. Rodrigo José de Menezes, obrigando a pagar por cada alqueire de farinha de mandioca, milho, arroz, e feijão, que alli se recolhesse, vinte réis; cujo producto não recompensa os males, que tem acarretado a este genero de agricultura o monopolio do celleiro. Este consideravel estabelecimento é privativo da Bahia, ou unico em todo o Brazil: o seu rendimento annual calculado nos dez annos que decorreram de 1825 a 1835, apenas alcançava o termo medio de 7:500$000 réis. —

1786 — O Sargento mór de Artilheria José Pereira Pinto, Governador nomeado para a Ilha de Santa Catha-

rina, tomou posse em Junho d'este anno, e governou até Janeiro de 1791, em que foi rendido. Este Governador fez muitas obras de utilidade publica, e promoveu muito a cultura do café, do anil, e de outras plantações. — O Tenente Coronel Manuel da Gama visitou e explorou n'este anno o *Rio Branco* por ordem da Côrte, e o descreveu com porlixa investigação, fazendo levantar a Carta respectiva pelo Engenheiro Dr. em mathematica José Simões de Carvalho. —

1788 — D. Thomaz José de Mello, Governador e Capitão General nomeado para Pernambuco, tomou posse do governo d'esta Capitanía em Janeiro d'este anno, e conservou-o até Dezembro de 1798, em que embarcou para Lisboa. Este Governador fez muitos melhoramentos em Pernambuco, cuja Capital ainda hoje attesta os seus beneficios. Mandou construir a Casa dos Expostos, e creou o hospital dos Lazaros; fez o aterro dos Affogados por onde não se podia passar nas marés cheias sem perigo; desterrou das janellas e portas o antigo uso dos peneiros, ou urupemas, mandando substituil-as com rótulas de madeira; regulou as calçadas das ruas, e fizeram-se por sua direcção alguns arcos de pedra na ponte do Recife. A Ribeira do Peixe, e a Praça da Polé foram obra sua. A Capella de S. José de Riba-mar no bairro das Cinco Pontas tambem lhe deveu a sua fundação, dotando-a com alfaias, e paramentos á sua custa. No tempo do seu governo sentiu esta Capitanía, por trez annos, a maior das sêccas, que occasionou a morte a milhares de pessoas, principalmente no sertão, pela esterilidade, e falta de mantimentos; cujo auxilio foi preciso procurar nas outras Capitanías, e muito mais a farinha de mandioca, com que então se proveu por muitos mezes. —

D. Fernando José de Portugal e Castro, muito depois Marquez de Aguiar, Governador e Capitão General nomeado para a Bahia, tomou posse do governo em Abril de

1788, e conservou-o até Setembro de 1801, em que, sendo nomeado Vice-Rei partiu para o Rio de Janeiro. Tendo sido denunciada em dias do anno de 1798 uma conspiração na Cidade da Bahia, conspiração, que tinha por fim proclamar a Republica Franceza, ou cousa similhante, mandou este Governador proceder á formação de um processo, do qual resultou a final serem enforcados quatro infelizes da ultima classe do Povo no dia 8 de Novembro do anno seguinte, em virtude de sentença da Relação, que os condemnou á morte, e outros á pena de prisão, e de degredo.

Luiz Antonio Furtado de Mendonça Visconde de Barbacena, Governador e Capitão General nomeado para a Capitanía de Minas, tomou posse do governo em Julho de 1788, e conservou-o até ao anno de 1797, em que foi rendido. Erigiu em Villas as povoações que hoje conservam o nome de S. Bento de Tamandoá, Barbacena, e Queluz. —

1789 — Conservava-se o Brazil em completa tranquillidade desde a paz de 1777, quando um facto, tão notavel por ser o primeiro que revelou assomos de independencia, como pela singular incuria com que se houveram os principaes que n'elle figuraram, veio occupar todos os espiritos. Sendo Luiz da Cunha de Menezes Governador de Minas Geraes, teve aviso em 1786 de que se tramava uma conspiração com o fim de declarar independente aquella Provincia, á imitação da America Ingleza. Tão chimerico intento não mereceu a attenção do Governador, e os revolucionarios tiveram tempo de alliciar novos socios nas differentes povoações de Minas. Com a chegada de outro Capitão General, o Visconde de Barbacena em 1788, por ocasião da cobrança do imposto do ouro, que havia ficado em concideravel atraso, quizeram os conjurados romper na revolta; mas considerando então que a sua posição no interior do paiz lhes era desfavoravel, enviaram ao Rio de Janeiro um dos

socios, Joaquim José da Silva Xavier, denominado o *Tiradentes*, com o fim de grangear partido n'esta Cidade. José Alves Maciel, natural de Minas, que acabava de chegar da Europa, asseverou ao emissario, que as Potencias, que haviam protegido a emancipação das Colonias Inglezas, não deixariam de favorecer igualmente a causa de Minas Geraes.

Nada mais precisou o inexperto *Tiradentes* para voltar a Villa Rica, contente da sua missão, bastando isto para que a maior parte dos conjurados contasse com feliz successo. Em ultimo accordo resolveram sahir a campo no momento, em que o Governador mandasse realisar a cobrança expressamente retardada. N'esta conjunctura um dos conspiradores, por nome Joaquim Silverio dos Reis, denunciou todos os seus cumplices ao Visconde de Barbacena, que logo instruiu de tudo ao Vice-Rei do Estado; em consequencia do que, e por ordem d'este, foram immediatamente prezos os denunciados, sem a menor resistencia. Joaquim José da Silva Xavier, julgado Chefe da conspiração, foi o unico que expiou na força o delirio de todos os revolucionarios. Claudio Manuel da Costa, e Joaquim da Silva Pinto do Rego Fortes morreram na prizão; outros dez igualmente condemnados á morte, esperavam a hora final, quando lhes foi intimada uma Carta Regia, dirigida em 1792 ao Vice-Rei Conde de Resende, comutando-lhes a pena em degredo para diversos presidios da Africa. —

N'este mesmo anno o Marechal de Campo João Pereira Caldas, Plenipotenciario e Chefe da expedição das demarcações do Rio Negro e Matto-Grosso, entregou ao novo Governador do Rio Negro Manuel da Gama Lobo a importante commissão, de que se achava encarregado desde 1780, em observancia da Carta Regia de 25 de Novembro de 1788, que lhe permittia retirar-se para Lisboa a fim de tratar da sua saude, arruinada no exercicio d'esta importantissima commissão. —

1790 — D. José Luiz de Castro, 2.º Conde de Resende, e 5.º Vice-Rei e Capitão General de mar e terra nomeado para o Rio de Janeiro, tomou posse em Junho d'este anno, e governou até Outubro de 1801, em que foi rendido. Houve-se de maneira tal durante a sua governança, que a sua memoria não ficou sendo mui elogiada por aquelle povo. — O Capitão de Fragata D. Francisco de Sousa Coutinho Governador e Capitão General do Gram-Pará e do Rio Negro, tomou posse do cargo em Junho de 1790, recebendo o governo das mãos de seu antecessor Martinho de Sousa e Albuquerque. —

1791 — O Coronel Manuel Soares Coimbra, Governador nomeado para a Ilha de Santa Catharina, tomou posse do governo em Janeiro d'este anno, e quatro mezes depois procedeu a um recrutamento de 500 homens para completar o Regimento da mesma Ilha, em cujo commando fôra igualmente provido. Começou em seguida a levantar um sumptuoso quartel para o mesmo Regimento, e isto sem fundos para occorrer ás despezas da construcção, de sorte que, além das dividas em que empenhou os cofres da Capitanía, vexou o povo tomando-lhe mantimentos para soccorrer a tropa, e obrigando os habitantes a trabalhos forçados, que os privavam de cuidar dos proprios. Este proceder excitou taes queixas contra o mesmo Governador, que o Vice-Rei o mandou render, e conduzir preso ao Rio de Janeiro em Julho de 1793. — A Capitanía de S. Vicente foi incorporada na Corôa, e o Conde de Vimieiro compensado com mercês pelo direito, que pertendia ter a ella, como participou o Decreto de 17 de Dezembro de 1791 ao Conselho da Fazenda. —

1792 — D. Pedro 3.º Rei apenas titular, tio e marido da Rainha Reinante a Senhora D. Maria 1.ª morreu em 1786. Dous Principes ficaram existindo d'este consorcio—

D. José, e D. João. — O primeiro, que era o mais velho, morreu em 11 de Setembro de 1788, e o segundo veio a ser Principe do Brazil. Chamado pela sorte para ocupar o Trono, viu-se dentro em pouco obrigado a lançar mão das redeas do Estado, por causa da molestia e impossibilidade de Sua Agusta Mãi, e isto em 10 de Fevereiro de 1792. Governou ao principio sem mais titulo algum particular, que o de herdeiro presumptivo da Corôa; porém, como as circumstancias se tornassem mais difficeis para Portugal, tomou então o titulo de Regente do Reino por Decreto datado no Palacio de Queluz aos 16 de Julho de 1799. —

1793 — O Tenente Coronel João Alberto de Miranda Ribeiro, provido no governo da Ilha de Santa Catharina pelo Vice-Rei Conde de Resende, tomou posse a 8 de Julho de 1793, e conservou-se até ao dia 18 de Janeiro de 1800, em que falleceu. Entraram a substituil-o interinamente o Tenente Coronel de Regimento da Ilha José da Gama Lobo Coelho, o Ouvidor pela Lei Aleixo Maria Caetano, e o 1.° Vereador da Camara José Pereira da Cunha; os quaes estiveram na governança da Capitanía até a entregarem ao futuro successor em Dezembro do mesmo anno. —

1794 — N'este mesmo anno foram expulsos da Cidade de Belém de Gram-Pará os Padres Missionarios para os seus Conventos do Maranhão, em consequencia da representação, que havia feito o Bispo D. Fr. Caetano Brandão. Por Aviso de 24 de Março do mesmo anno de 1794 mandou a Junta de Fazenda sequestrar aos ditos Religiosos as fazendas de criar, que possuiam em varios lugares d'aquella Capitania, cujo valor subiu por avaliação á enorme somma de 232;598$770 rs. A Igreija, que estes Padres tinham na Cidade, foi entregue á Irmandade militar do Senhor Santo Christo, que desoccupou a Igreija de Santo Alexandre dos extinctos Jesuitas, então destinada para uso da Confraria da Santa Cruz da Misericordia. —

1796 — Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Governador e Capitão General nomeado para a Capitanía de Matto-Grosso, recebeu do governo interino a posse no dia 6 de Novembro d'este anno, conservando-a até que transferido para Pernambuco com a mesma patente, entregou a outro triumvirato similhante a administração da Capitanía. — Manuel Carlos de Abreu e Menezes, Capitão General nomeado para a mesma Capitanía, recebeu dos Governadores interinos a posse do governo, que por sua morte alli vagou de novo. — João Carlos Augusto de Oeynhausen, com a mesma patente succedeu na administração que deixou sendo transferido para o Pará. — Para succeder a Oeynhausen foi nomeado a 25 de Abril de 1811 Luiz Barba Alardo de Menezes, que governava a Capitanía do Ceará; mas não chegou a hir para Matto-Grosso. —

Vicente Ferreira Pires, natural da Bahia, partiu d'esta Cidade a 29 de Dezembro de 1796 como Enviado de S. A R. o Principe Regente de Portugal, em companhia de *D. João Carlos de Bragança Embaixador Ethiope do Rei de Dahomé.* Foi a Dahomé, e voltou á Bahia, onde chegou a 5 de Fevereiro de 1798. Escreveu, e offereceu ao Principe Regente em 1800 a — *Viagem de Africa no Reino de Dahomé* — manuscripto em 4.º que pára na Real Bibliotheca da Ajuda. —

Havia já algum tempo que a Cidade da Bahia não experimentava alguma d'aquellas catastrophes tão frequentes por effeito dos desmoronamentos de terra sobre a Cidade baixa, quando copiosas chuvas do mez de Junho de 1797 vieram pôr em consternação seus habitantes, succedendo aos sustos, e temores vagos uma realidade espantosa. Effectivamente no dia 2 de Julho, das 6 para as 7 horas da tarde, desprehendeu-se uma grande parte dos alicerces da antiga Igreija de S. Pedro dos Clerigos sobre a ladeira da Miseri-

cordia, e arrastrando porção de terra solta, arrasou 15 casas situadas sobre a mesma ladeira com perda de muitas vidas de pessoas, que as habitavam, apezar do aviso percursor do mesmo dia, de outra porção de terra, que já tinha cahido pela manhã, chegando a entulhar as portas. Ignora-se o numero das victimas, e apenas se sabe que, mediante muito trabalho, conseguiu-se desenterrar quatro pessoas, que se conservavam ainda vivas debaixo das ruinas. —

Bernardo José de Lorena, Governador e Capitão General nomeado para a Capitanía de Minas, passou de S. Paulo, onde governava, e tomou posse em Villa-Rica em Julho de 1797; conservando o poder até ao anno 1804, em que foi rendido. Voltando para Lisboa, teve o titulo de Conde de Sargedas, e com elle o governo da India. —

Tendo sido arregimentados os Terços da tropa paga no Brazil em virtude da Ordem Regia de 29 de Outubro de 1749, dirigida ao Vice-Rei Conde de Atouguia, conservaram-se todavia os Terços *auxiliares* com os seus Mestres de Campo, até que em virtude da Carta Regia de 7 de Agosto de 1797 foram estes substituidos por Coroneis, e a denominação de *auxiliares* pela de *milicias*; chamando-se Regimentos de Milicias aos corpos, que antes se chamavam Terços de auxiliares, e Coroneis aos antigos Mestres de Campo. — Em 1797 partiu o Major Francisco Nunes com uma expedição ao descobrimento da communicação do rio *Capim* para o Piauhy. Voltou, e deu conta da viagem no anno seguinte. —

1798 — D. José Joaquim de Azevedo Coutinho, Bispo de Pernambuco, substituiu como membro do governo interino d'aquella Capitanía ao Capitão General D. Thomaz José de Mello, que pela Carta Regia de 20 de Agosto de 1798 fôra mandado retirar para a Côrte. No desem-

penho d'este cargo civil foi elle quem fez organisar, e formar o Regimento de Artilheria de Pernambuco. Como Governador interino fez importantes serviços a esta Capitanía, os quaes se acham exarados na sua defeza publicada em Lisboa no anno de 1808. Todavia, não faltaram pessoas, que quizessem obscurecer o seu credito, depois do facto da trasladação do Santissimo Sacramento da Igreja Matriz para a que tinha sido dos Jesuitas: acontecimento fatal, que lhe acarretou immensos dissabores. Ausentando-se para Portugal, foi substituido no governo interino pelo Deão de Olinda Manuel Carneiro da Cunha. Ao Ouvidor Antonio Luiz Pereira da Cunha substituiu com o mesmo predicamento o Desembargador José Joaquim Nabuco de Araujo, que morreu Barão de Itapuá, e ao Intendente Pedro Sheverin substituiu o Brigadeiro D. Jorge Eugenio de Locio e Seilbis. —

1799 — A Capitanía da Parahiba do Norte, que se comprehendia em parte na de Itamaracá, tendo passado á Corôa depois da expulsão dos Hollandezes, permaneceu independente dos Capitães Generaes de Pernambuco desde 1684 até que por effeito da Resolução Regia de 29 de Dezembro de 1775, em consulta do Conselho Ultramarino, ficou-lhe subordinada, por se conhecer os poucos meios, que a Provedoria da Fazenda da mesma Capitanía tinha para sustentar um governo separado, mandando El-Rei D. José I. extinguil-o, e annexal-o ao governo de Pernambuco. Assim se executou; e como a Provisão do Conselho Ultramarino de 1756 declarou ao então Governador da Parahiba Luiz Antonio Lemos de Brito, que essa extincção teria o seu effeito com o prazo de tempo da sua Patente, e que o substituisse um Official da Praça de Pernambuco com o posto de Capitão-mór interino, a quem competiria igual jurisdicção, e soldo, n'estas circumstancias teve o provimento de Capitão-mór Governador da Parahiba o Sargen-

to-mór do Regimento de Infanteria do Recife, José Henrique de Carvalho.

N'este estado se conservou esta Capitanía, até que por effeito da Carta Regia de 17 de Janeiro de 1799, communicada em officio do Capitão General de Pernambuco com data de 26 de Agosto do mesmo anno, e ao Governador da Parahiba Fernando Delgado Freire de Castilho, tornou esta Capitanía á sua antiga independencia; e seus Governadores tiveram d'ahi em diante o soldo de quatro mil cruzados até Joaquim da Fonseca Rosado, provido n'esse cargo em 1818. Havendo a Carta Regia de 21 de Janeiro de 1799 mandado ao Governador Fernando Delgado Freire de Castilho, já independente de Pernambuco, crear uma Junta de Fazenda na Capitanía da Parahiba, ficou por então suspensa a sua execução por motivos que occorreram, até que por Carta Regia de 6 de Fevereiro de 1809, dirigida ao Governador Amaro Joaquim Rapozo, foi definitivamente creada em 11 de Abril do mesmo anno a Junta de Fazenda com todas as attribuições, de que gosava a de Pernambuco, sem alguma dependencia d'ella, que não fosse a de mandar em tempos determinados relações dos despachos do algodão para se combinarem com as guias apresentadas em Pernambuco, afim de se evitar melhor algum extravio. Desde então ficou extincta a Prevedoria de Fazenda, que, apezar da independencia da Capitanía, estava ainda sujeita á de Pernambuco.

A Capitanía do Ceará, que tinha corrido igual sorte á da Parahiba, foi tambem, por effeito da mencionada Carta Regia de 17 de Janeiro de 1799, declarada independente da de Pernambuco. Desde então os pórtos, e o commercio, tanto de uma como da outra Capitanía, ficaram abertos para Portugal, mandando-se crear n'ellas as competentes Cazas de arrecadação. —

1800 — D. João Manuel de Menezes, Governador e Capitão General nomeado para Goyaz, tomou posse do governo d'aquella Capitanía a 25 de Fevereiro de 1800, e conservou-o até 26 de Fevereiro de 1804, em que foi substituido. Principiando com boas disposições a exercer o seu cargo, sobrevieram logo dissenções e intrigas, de que se originaram procedimentos violentos, que impossibilitaram a boa marcha do seu governo; apenas creou algumas milicias, e augmentou a companhia de Dragões até 80 praças. —

Pelo Alvará de 8 de Julho d'este mesmo anno declarou o Principe Regente, que os Ecclesiasticos eram obrigados, como os Seculares, ao pagamento das sizas dos lucros dos arrendamentos na conformidade do Alvará de 24 de Outubro de 1796, tudo na mesma fórma, que, pelos regimentos e Ordenações da Real Fazenda, devem pagar os Seculares. —

O Coronel Joaquim Xavier Curado, provido no governo da Ilha de Santa Catharina, tomou posse a 8 de Dezembro de 1800, e conservou-se n'elle até 5 de Junho de 1805, em que foi rendido. A Villa do Desterro deve-lhe muito pelo zelo com que se dedicou a aformoseal-a, fazendo erigir de novo muitos edificios; ao mesmo tempo que animava a agricultura, e protegia o commercio, captando por suas boas qualidades, e delicado trato a benevolencia do povo, de tal maneira, que, ao separar-se do governo, deixou na Ilha, e em toda a Capitanía, a mais viva lembrança de suas grandes virtudes. —

N'este mesmo anno de 1800 foi achado o grande diamante da Corôa de Portugal, que pesa 7 outavas, junto ao arroio do Abaité, por um tal Antonio Gomes; pelo que lhe deram em remuneração o emprego de Thesoureiro da

Casa de fundição de Sabará, segundo se lê na Memoria sobre as Minas da Capitanía de Minas Geraes pelo Doutor José Vieira Couto. —

1801 — Por Carta Regia de 14 de Janeiro d'este anno, expedida geralmente para todas as Capitanías da America, foi prohibido o uso das sepulturas dentro das Igrejas, e se mandou aos Governadores, que, de accordo com os Bispos, fizessem construir cemiterios em lugares separados, onde, sem excepção, se sepultassem todas as pessoas, que fallecessem nas Povoações. —

Chegando ao Rio Grande do Sul a noticia do rompimento da paz entre Portugal, e Hespanha, cuidou logo o Tenente General Sebastião Xavier da Veiga Cabral, que governava aquella Capitanía, de providenciar ácerca de todos os seus pontos, a fim de evitar uma surpreza dos Castelhanos pela extensissima linha das fronteiras. Estas medidas assustaram o inimigo, de sorte que abandonou immediatamente todas as vertentes da Lagoa Merim, ficando os nossos estabelecimentos cobertos pelo rio Jaguarão. O General Veiga Cabral, aproveitando habilmente este desanimo do inimigo, fez atacar o forte do Serro Largo pelo Coronel Manuel Marques de Sousa, que o rendeu por capitulação depois de um pequeno fogo. Os Hespanhoes abandonaram tambem as guardas de Batovy, Taquarembó, e o forte de Santa Tecla, que os nossos arrasaram.

Todavia, não é tanto para admirar o valor dos Chefes, e tropas do Rio Grande, como o arrojo inaudito de 20 aventureiros, que, commandados por Manuel dos Santos Pedroso, conquistaram em 25 dias os sete Povos das Missões com a presteza do raio, engrossando suas fileiras com outros aventureiros, que depois dos primeiros successos se lhes foram reunir. Os Hespanhoes foram por toda a

parte batidos, expulsos, e persiguidos até além do Uruguay. Assim, por um golpe de audacia, um punhado de homens, sem armas nem munições, que foi preciso arrancal-as valorosamente dos proprios inimigos, annexou esta porção de territorio aos dominios Portuguezes.

A morte, porém, do General Veiga Cabral, acontecida 3 mezes depois, veio pôr em confusão toda a Capitanía pela orphandade do governo, e muito mais pela desavença ontre os chefes, que aspiravam ao mando superior. O Serro Largo foi de novo occupado pelos Hespanhoes, e novos conflictos hiam apparecer, quando chegou a noticia da paz celebrada em virtude do Tratado de Badajoz.

No dia 16 de Setembro d'este anno foi atacado o forte da Nova Coimbra, pertencente á Capitanía de Matto-Grosso no Alto Paraguay, por forças Hespanholas ao mando de D. Lazaro de Ribeiro. As forças inimigas compunham-se de 600 a 800 homens em trez grandes escunas, e muitas canôas de voga, e a guarnição do presidio apenas constava de 40 praças, commandadas pelo Tenente Coronel de Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra. Os Hespanhoes, repellidos no primeiro dia, voltaram successivamente ao ataque nos seguintes dias até 24 do mesmo mez, em que se retiraram pelo rio abaixo com perda de muitos mortos, e feridos, deixando porém a nossa guarnição intacta. Por esta honrosa e valente defensa foi o Tenente Coronel Serra promovido ao posto immediato com a mercê do habito de Aviz, e 300$000 rs. de pensão. —

D. Fernando José de Portugal e Castro, que depois foi Marquez de Aguiar, 6.° Vice-Rei e Capitão General de mar e terra nomeado para o Rio de Janeiro, tomou posse a 14 de Outubro de 1801, e governou até ao dia 21 de Agosto de 1806, em que foi substituido pelo Con-

de dos Arcos. D. Fernando foi recebido com verdadeiro jubilo pela mudança do Conde de Resende, cuja governança não havia contentado muito aquelle povo; exacto no cumprimento dos seus deveres, soube grangear a estima dos seus subordinados pelas maneiras affaveis, e outras qualidades pessoaes, de que era dotado. Acontecendo incendiar-se em 1805 a Casa dos Contos, onde estava estabelecida a Junta da Fazenda, elle a fez reedificar com segurança, e decorar com asseio. Retirando-se para Lisboa, teve a Presidencia do Conselho Ultramarino em 1807, e voltou com a Familia Real no fim do mesmo anno em consequencia da invasão Franceza. Restituido ao Rio de Janeiro, mereceu a confiança do Principe Regente, sendo nomeado Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, Presidente do Real Erario, e do Conselho da Fazenda. —

1802 — Francisco da Cunha Menezes, Governador e Capitão General nomeado para a Bahia, tomou posse do governo d'esta Capitanía em Abril de 1802, e conservou-o até ser substituido em Dezembro de 1805. A 12 de Setembro do mesmo anno da sua posse fez lançar ao mar a náu *Principe Real*, que seu antecessor havia começado, e concluido. Em cumprimento das Cartas Regias de 31 de Janeiro, e de 23 de Fevereiro de 1803 mandou prender o Ouvidor do Porto Seguro José Duarte Coelho, accusado de conivente no contrabando, que n'aquella comarca fizera um Inglez, dono e sobrecarga do brigue *Paquet Rachel*, que anteriormente por isso havia sido prezo. A sua administração tornou-se memoravel por ser durante ella, que se introduziu a *Vaccina*, cuja propagação por todas as partes do Brazil foi devida aos esforços e cuidados d'este Governador. Foi elle quem fez a praça de S. Bento, onde hoje existe o Theatro. —

Antonio José da França e Horta, Governador e Ca-

pitão General nomeado para S. Paulo, tomou posse a 10 de Dezembro de 1802. Tendo licença do Principe Regente para hir beijar-lhe a mão, por motivo da sua feliz chegada ao Rio de Janeiro, ficaram com o governo interino (desde 12 de Junho até ao mez de Outubro de 1808) o Bispo Diocesano D. Matheus de Abreu Pereira, o Ouvidor geral da Comarca de S. Paulo Miguel Antonio de Azevedo Veiga, e o Intendente da Marinha de Santos Joaquim Manuel do Couto. Restituido Horta ao mesmo governo, conservou-se n'elle até ao dia 1.° de Novembro de 1811, em que foi rendido. —

1803 — O Chefe de Esquadra Paulo José da Silva Gama, Governador nomeado para o Rio Grande do Sul, tomou posse a 30 de Janeiro de 1803. N'este mesmo anno foi alli creada a Junta da Fazenda, ficando extincta a antiga Provedoria. Conservou o governo até á posse do novo Capitão General, que foi em 9 de Outubro de 1809, e do Rio Grande passou a governar o Maranhão no mesmo anno. Em 1821 teve o titulo de Barão de Bagé. —

D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, Governador e Capitão General nomeado para o Gram-Pará, e Rio Negro, tomou posse do cargo a 22 de Setembro de 1803, recebendo o governo das mãos do seu antecessor D. Francisco de Sousa Coutinho. Nomeado em 1805 Vice-Rei e Capitão General de mar e terra para o Rio de Janeiro, partiu no anno seguinte a exercer as funcções do seu novo cargo. —

1804 — D. Francisco de Assiz Mascaranhas, 3.° Conde de Palma, e ultimamente Marquez de S. João da Palma, Governador e Capitão General nomeado para Goyaz, tomou posse do governo em 26 de Fevereiro de 1804, acompanhado de uma alçada para devassar dos acontecimentos,

que pertubaram aquella Capitanía durante o governo do seu antecessor ; porém bastou a sua discreta administração para que a tranquillidade publica se restabelecesse. Fez muitas economias, e reducções na tropa, e nos empregados públicos a fim de diminuir as despezas, e de melhorar o estado da Fazenda, que se achava em graves apuros. Animou o commercio da Capitanía com o Pará por meio da navegação com o Araraguaya. Descobriram-se em seu tempo as minas de Anicuns, que são muito ricas com quanto o seu ouro seja de baixo quilate. Fez organisar as tabellas estatisticas da Capitanía, e por effeito de suas informações creou o Alvará de 18 de Março de 1809 a nova Comarca de S. João das Duas Barras, na repartição do Norte. Finalmente deixou o governo d'esta Capitanía em 1809, para passar á de Minas Geraes com a mesma Patente.—

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Governador e Capitão General nomeado para Pernambuco, tomou posse a 26 de Maio de 1804, recebendo o poder das mãos dos Governadores interinos. Tendo licença do Príncipe Regente para hir ao Rio de Janeiro beijar-lhe a mão, ficaram governando na sua ausencia o Bispo Diocesano D. Fr. José Maria de Araujo, o Brigadeiro D. Jorge Engenio de Locio e Seilbis, e o Desembargador Ouvidor Geral Clemente Ferreira França desde 18 de Março até 20 de Setembro de 1808, em que voltou para o seu lugar.—Pedro Xavier de Attayde e Mello, Governador e Capitão General nomeado para a Capitanía de Minas Geraes, tomou posse do governo no anno de 1804, e conservou-o até ser rendido em 1809. —

Descoberta a *Vaccina* por Eduardo Jenner, medico em Berkley, publicou este um upusculo em 1798 sobre as causas e effeitos das bexigas das vaccas; porém só em 1804 foi introduzida em Portugal, donde passou para o Brazil sem nenhum proveito, porque o puz vaccinico remettido para a

Bahia não produziu effeito algum nos vacciuados; ou porque perdesse na viagem a sua força, ou por outro qualquer motivo; em consequencia do que, lembraram-se alguns negociantes da Cidade da Bahia de enviar a Lisboa sete pretos escravos de menor idade, para que trouxessem em si o puz vaccinico. Com effeito o Cirurgião mór da Armada Theodoro Ferreira de Aguiar, vaccinando em Lisboa um d'aquelles pretos, pouco tempo antes da sahida do navio *Bom Despacho*, que os transportava, ensinou ao respectivo Cirurgião Manuel Moreira da Rosa o methodo successivo da operação durante a viagem, e chegando aquelle navio á Bahia no dia 30 de Dezembro do mesmo anno de 1804, foi logo a direcção da vaccina incumbida ao Doutor José Avelino Barbosa. —

1805 — Luiz Mauricio da Silva, Governador nomeado para a Ilha de Santa Catharina, veio render ao Coronel Joaquim Xavier Curado, e tomou posse a 5 de Junho de 1805. Conservou-se no governo d'esta Capitanía por mais de 12 annos, até que foi substituido no dia 14 de Agosto de 1817. —

Na tarde do dia 9 de Outubro de 1805 fundeou na Bahia de Todos os Santos uma esquadra Ingleza, composta de 60 vélas; e depois de abastecer-se do que precisava, largou a 28 do mesmo mez para o Sul, conservando sempre grande segredo sobre o seu destino, que a final se soube, que era para e Cabo da Boa Esperança.—

João de Saldanha da Gama de Mello e Torres, 6.º Conde da Ponte, Governador e Capitão General nomeado para a Bahia, tomou posse do governo a 14 de Dezembro de 1805. Começou a fundar o Theatro de S. João, e falleceu alli a 24 de Maio de 1809. Foi um dos seus primeiros cuidados o estabelecer rigorosa policia sobre os

escravos, extinguindo os quilombos existentes em diversos lugares das visinhanças da Cidade, pelo fundado motivo de denuncias sobre uma insurreição de Negros da Nação *Ussá*; insurreição que a final se verificou, e desenvolveu em varios pontos do Reconcavo, e da mesma Cidade em Junho de 1807; sendo preciso empregar as armas para reduzir os escravos á obediencia, dos quaes foram punidos muitos com a pena de forca, depois de julgados summariamente pela Relação.

Segunda vez se rebellaram os escravos da mesma Nação *Ussá*, ainda em vida do Conde da Ponte, no dia 4 de Janeiro de 1809, praticando toda a sorte de attentados, trez leguas distante da Cidade. Retiraram-se depois para o riacho da Prata, junto ao qual se fortificaram, nove leguas arredado da mesma Cidade, em cujo lugar foram completamente batidos pela tropa de linha. Esta insurreição tambem era de accordo com os escravos do Reconcavo, muitos dos quaes tinham fugido das fazendas da Nazareth, e Jaguaripe desde o dia 14 de Dezembro do anno anterior. Esta insurreição durou apenas 48 horas, porque batidos e perseguidos os Negros por toda a parte, restabeleceu-se immediatamente a tranquillidade publica. Ao Conde da Ponte tocou a honra de receber e hospedar ao Principe Regente, em Janeiro de 1808, na sua chegada á Bahia com parte da Real Familia; e aos seus conselhos, e prudente reserva se deve a Carta Regia de 28 de Janeiro franqueando ao commercio livre de todas as Nações os pórtos do Brazil. Sua vida foi muito curta para todo o bem que se promettia fazer á Bahia, e que d'elle se esperava. —

1803 — O Tenente General José Narciso de Magalhães e Menezes, Governador e Capitão General nomeado para o Gram-Pará, e Rio Negro, tomou posse do

cargo no dia 10 de Março de 1806. Este Governador formou e organisou na Cidade de Belém a expedição de 900 homens, que no dia 14 de Janeiro de 1809 se apoderou de Cayenna por capitulação. Falleceu na mesma Cidade, e no exercicio das suas funcções governativas, a 20 de Dezembro de 1810. —

No dia 2 de Abril de 1806 entrou na Bahia de Todos os Santos a esquadra Franceza, composta de 6 náus, e uma fragata, de que era Almirante M. de Willaumés, e a cujo bórdo vinha o Principe Jeronimo Bonaparte, como Commandante da náu *Veteran*. Esta esquadra havia sahido de Brest a 13 de Dezembro do anno anterior com o fim de apoderar-se do Cabo da Boa Esperança, onde já não poude entrar por estar occupado desde 10 de Janeiro pelas tropas Inglezas da esquadra, que tambem havia estado na Bahia no anno antecedente. Obrigada a retroceder com perto de 4 mezes de navegação, teve que arribar a este porto para se refazer de viveres, e tratar do curativo de perto de 500 doentes, que trazia a bórdo. O Conde da Ponte prestou a esta esquadra toda a hospitalidade, não só franqueando-lhe os meios de curar os seus enfermos, como fazendo com que os Negociantes lhe proporcionassem todo o dinheiro, de que precisava para as suas urgentes despezas; no que foi retribuido pela polidez, e boas maneiras não só do Almirante como do mesmo Principe Jeronimo Bonaparte, que rivalisaram em reciprocos obsequios de parte a parte. Finalmente esta esquadra deu á véla no dia 21 de Abril, sem que tivesse occorrido novidade durante a sua estada na Bahia. —

D. Marcos de Noronha e Brito 8.° Conde dos Arcos, 7.° e ultimo Vice-Rei e Capitão General de mar e terra nomeado para o Rio de Janeiro, tomou posse a 21 de Agosto de 1806, e governou até 7 de Março de 1808, em que chegou á mesma Cidade o Principe Regente D. João. —

1807 — O Principe D. João, não podendo conservar-se neutral na grande lucta, que se havia empenhado no principio d'este seculo entre a Inglaterra e a França, restando-lhe o arbitrio de se mudar da Europa para os seus vastos dominios da America, tomou a resolução de hir estabelecer a sua Côrte no Brazil, annunciando por Decreto de 26 de Novembro de 1807 esta sua intenção, e creando uma Regencia para governar o Reino em sua ausencia. Nomeada a Regencia, fez embarcar os archivos, o thesouro, e os effeitos mais preciosos da Coroa; e estando tudo disposto para a partida, embarcou com toda a Real Familia, acompanhado por um grande numero de pessoas de ambos os sexos, que o seguiram até bórdo. Na manhã do dia 29 de Novembro do mesmo anno passou a Armada Real atravez da esquadra Ingleza, que a salvou com 21 tiros, e ambas ganharam dentro em pouco o alto mar, transportando para o Brazil as esperanças, e a fortuna da Monarchia Portugueza.

Durante a viagem foi dispersa a esquadra por uma tempestade, arribando alguns navios a varios pórtos do Brazil, e hindo ter outros directamente ao Rio de Janeiro. Entre os que arribaram á Bahia, achou-se a Capitanea, em que vinha o Principe Regente, a qual entrou, e fundeou no porto no dia 19 de Janeiro de 1808. Nove dias depois da sua chegada, publicou-se a Carta Regia de 28 do mesmo mez e anno, franqueando os pórtos do Brazil á Inglaterra, e ás Potencias em paz com a Corôa de Portugal, com a imposição de 24 por cento de direito de importação. Finalmente, depois de reparados os navios, que alli tinham aportado, e de outras medidas, entre as quaes se nota a da creação de uma Cadeira publica de Sciencia economica no Rio de Janeiro, sendo nomeado para a reger o Dr. José da Silva Lisboa por Decreto de 23 de Fevereiro. Partiu o Principe Regente para o Rio de Janeiro, onde chegou a 7 de Março do mesmo anno, e reunido á Real Familia, estabe-

leceu n'esta Cidade o assento da Monarchia Portugueza. Creada a nova Côrte, e organisado o governo, começou a marcha regular da administração dos negocios do Brazil, e foram principaes medidas no correr do presente anno as seguintes:

Alvará do 1.º de Abril, mandando estabelecer e formar um Archivo militar, que deveria entender em todas as materias, que pertenciam ao Conselho de Guerra, e do Ultramar — Decreto de 7 de Abril, mandando estabelecer e formar um Archivo militar na mesma Côrte. — Alvará de 22 de Abril, mandando crear na Côrte do Brazil um Tribunal superior, denominado Meza do Desembargo do Paço e da Consciencia e Ordens.— Manifesto da Côrte do Brazil, assignado no dia 1.º Maio, expondo os motivos, que a obrigaram a declarar a guerra ao Imperador dos Francezes. — Alvará de 4 de Maio, creando o lugar de Juiz Conservador da Nação Ingleza. — Decreto e Aviso de 5 de Maio, creando na Côrte do Rio de Janeiro a Real Academia dos Guardas Marinhas, e destinando as hospedarias do Mosteiro de S. Bento para a sua accommodação. — Alvará de 10 de Maio, erigindo a Relação do Rio de Janeiro em Casa da Supplicação do Brazil. — Decreto de 13 de Maio, renovando e augmentando a Ordem da Torre e Espada, creada por El-Rei D. Affonso V. — Outro da mesma data, mandando estabelecer uma fabrica de Polvora na Lagoa de Rodrigo de Freitas. — Outro da mesma data, creando a Imprensa Regia no Rio de Janeiro.—Outro de 28 de Junho, creando o Erario Regio, e o Conselho da Fazenda no Brazil. — Outro de 23 de Agosto, mandando crear na Côrte do Rio de Janeiro um Tribunal, que se denominava Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação. — Carta Regia de 12 de Outubro, mandando crear o Banco do Brazil. — Decreto de 5 de Novembro, mandando estabelecer

no Hospital Real militar da Côrte do Rio de Janeiro uma eschola anatomica, cirurgica, e medica. —

1809 — D. Diogo de Sousa, primeiro Governador e Capitão General nomeado para a nova Capitanía geral do Rio Grande de S. Pedro, por Decreto de 25 de Fevereiro de 1807, tomou posse do governo em 9 de Outubro de 1809, e conservou-o até ao dia 13 de Novembro de 1814, em que foi rendido. Formou e commandou o exercito chamado de observação na fronteira meridional da Capitanía em 1811, e 1812; marchou com elle até ás immediações de Paissandu, d'onde regressou em virtude do armisticio de 26 de Maio de 1812. —

Fernando Delgado Freire de Castilho, Governador e Capitão General nomeado para Goyaz, tomou posse em 26 de Novembro de 1809, e governou aquella Capitanía até ao dia 4 de Agosto de 1820, em que se retirou para a Côrte com licença regia. Durante a sua administração creou a Companhia de Commercio entre Goyaz e o Pará, que a Carta Regia de 5 de Setembro de 1811 approvou. Provido n'um lugar de Conselheiro da Fazenda de Lisboa, foi transferido por despacho de 26 de Dezembro de 1820 para o Tribunal do Brazil. Possuido de grande hypocondria, suicidou-se com um tiro de pistola no dia 17 de Fevereiro de 1821. —

D. Francisco de Assis Mascarenhas (que morreu Marquez de S. João da Palma), Governador e Capitão General nomeado para a Capitanía de Minas, tomou posse em 1809, tendo passado para esta da de Goyaz, onde governou com a mesma patente desde 1804. Governou até ao dia 11 de Abril de 1814, em que foi substituido. —

1810 — No dia 19 de Fevereiro d'este anno fo-

assignado no Rio de Janeiro um Tratado de Commercio, e Navegação com a Inglaterra, e isto pelos Plenipotenciarios Conde de Linhares por parte do Principe Regente de Portugal, o Lord Strangford por parte da Grã-Bretanha: assignou-se tambem uma Convenção para estabelecer paquetes entre a Inglaterra, e o Brazil. —

No dia 13 de Março d'este anno foi o casamento do Infante de Hespanha D. Pedro Carlos com a Princeza da Beira sua prima, e que teve lugar na Capella Real do Rio de Janeiro, em presença da Côrte, e do Corpo Diplomatico. —

No dia 17 de Junho d'este anno fundou-se a primeira missão mandada crear nos campos de Guarapuava, em virtude da Carta Regia do 1.º de Abril de 1809, debaixo do nome de povoação da Atalaia, sendo missionario o Reverendo Francisco das Chagas Lima, Presbitero secular. —

D. Marcos de Noronha e Brito, 8.º Conde dos Arcos, Governador e Capitão General nomeado para a Bahia, tendo sido o ultimo Vice-Rei do Rio de Janeiro, tomou posse do governo d'aquella Capitanía a 30 de Setembro de 1810, e governou até ao dia 5 de Fevereiro de 1818, em que foi rendido. Foi este Governador o primeiro que creou commissões militares no Brazil; no anno de 1817, quatro execuções se fizeram na Bahia dos Cidadãos mais distinctos de Pernambuco, envolvidos nos acontecimentos d'aquella época. As commissões militares de 1824 em Pernambuco, e no Ceará foram filhas posthumas do Conde dos Arcos. —

Em consequencia da morte do Governador e Capitão General do Pará José Narcizo de Magalhães e Menezes, acontecida a 20 de Dezembro de 1810 entraram no mesmo dia em exercicio do governo interino o Bispo Diocesano D. Manuel de Almeida de Carvalho, o Brigadeiro Ma-

nuel Marques, e o Desembargador Ouvidor da Comarca do Pará Joaquim Clemente da Silva Pombo, na fórma do Alvará de successão de 12 de Dezembro de 1770. Em Fevereiro de 1812 foi substituido o Brigadeiro Manuel Marques pelo de igual patente Francisco Pereira Vidigal. O membro militar do governo interino teve ainda duas substituições. Este governo durou até ao dia 19 de Outubro de 1817, em que deu posse ao novo Capitão General nomeado Conde de Villa Flor, hoje Duque da Terceira. —

Foi n'este mesmo anno de 1810, que o Capitão Tenente José Joaquim da Silva levantou a Carta hydrographica da Costa do Pará até ao Maranhão. —

1811 — Authorisou-se, por Carta Regia de 5 de Janeiro d'este anno, o estabelecimento de uma typographia na Bahia, e facultou-se ao Governador, e ao Arcebispo para poderem escolher os censores entre as pessoas illustradas, começando logo a publicação da gazeta denominada—*Idade d'ouro.* — Tendo Pedro Gomes Ferrão offerecido ao Conde dos Arcos todos os seus livros para começo de uma bibliotheca publica, contando que este offerecimento seria seguido de outros na Capitania da Bahia, conseguiu reunir trez mil volumes, e varios donativos de dinheiro, com o que se procedeu á abertura da dita bibliotheca no dia 13 de Maio d'este mesmo anno na sala do docel do Palacio, em presença do Governador, que presidiu ao acto com toda a solemnidade, e de um immenso concurso da gente mais graduada da Cidade. Hoje consta a dita bibliotheca de perto de outo mil volumes. —

Havendo-se pelos annos de 1808 e 1809 ateado em Buenos-Ayres o fogo da insurreição, começou alli a lavrar a horrorosa guerra civil, que tão longa, e sanguinosa tinha de ser. O Vice-Rei D. Balthazar Hidalgo de Cisneros

havia sido deposto em 25 de Maio de 1810, e substituido por uma Junta de 9 membros, que em fins do mesmo anno mandou fuzilar o General Liniers, vencedor dos Inglezes em Agosto de 1806. O Paraguay e Montevidéo ardiam no mesmo fogo, e a guerra de partidos devorava aquellas Provincias. Não podia o Brazil ser indifferente ao proximo perigo; organisou-se por tanto um exercito de observação na fronteira meridional da Provincia de S. Pedro, dividido em duas columnas: a primeira commandada pelo Marechal de Campo Manuel Marques de Sousa, e a segunda pelo de igual patente Joaquim Xavier Curado.

Commandava em chefe o Capitão General da Provincia D. Diogo de Sousa, depois Conde do Rio Pardo, e e passou revista ás duas Divisões successivamente nos mezes de Fevereiro, e Março de 1811. Restava-lhe prover na defensa da fronteira de Missões: em Abril marchou para alli com uma columna das trez armas o Coronel João de Deus Mena Barreto. Em Maio o Coronel Rondeau com as tropas de Buenos-Ayres cercou Montevidéo; Ellio, que alli mandava por parte da Hespanha, vendo-se sem recursos, pediu auxilio ao General Portuguez. Concentrado o exercito em Bagé, não foi possivel marchar d'alli no rigor do inverno, para atravessar uma distancia de mais de cem leguas com os fracos meios, que possuia; indispensavel foi descer á Lagoa Merim, e seguir em 17 de Julho na direcção do Jaguarão. O General Marques adiantou-se, e occupou o Serro Largo.

Os insurgentes abandonaram tambem o Forte de Santa Thereza, depois de o haverem minado; porém reparadas as pequenas brechas, o General deixou n'elle sufficiente guarnição, e continuou a sua marcha victoriosa por toda a campanha até Maldonado. Aqui alcançou um expresso do Governador Ellio, participando o armisticio arranja-

do com Rondeau, e requisitando vivamente a retirada das tropas Portuguezas; parecia recear mais da nossa fé do que da de seus verdadeiros inimigos, e por isso percipitou essa ephemera convenção. Prevendo o nosso General as consequencias, não annuiu ás instancias d'aquelle a quem vinha soccorrer. Rondeau, que tinha ordens de evitar todo e qualquer encontro com o exercito pacificador, levantou o cerco, e repassou o Prata, em quanto Artigas atravessava o Rio Negro levando por diante os habitantes da Campanha, desde o rio de Santa Luzia até o Guaraim. —

Foram estabelecidas por Decreto de 4 de Abril as gratificações, que deviam perceber as pessoas empregadas no Instituto vaccinico da Côrte do Rio de Janeiro, mandado organizar debaixo da inspecção do Intendente geral da Policia, e do Physico mór do Reino. —

No dia 25 de Abril de 1811, dia de cortejo na Cidade da Bahia, querendo os Officiaes militares preceder a Relação, e a Camara da Capital, decidiu o Conde dos Arcos, que se observasse o antigo estylo, que dava a precedencia aos militares, cuja decisão irritou sobre maneira os Dezembargadores. Dando porém conta d'este procedimento ao Principe Regente, mandou o Aviso de 12 de Outubro do mesmo anno, que, quando a chuva não permittisse haver parada de tropas, e sómente cortejo dos Officiaes, regulasse o Governador um intervallo, a fim de evitar iguaes encontros com aquellas duas corporações. Outra contestação semelhante aconteceu no Rio de Janeiro, sendo Vice-Rei Luiz de Vasconcello e Sousa, sobre a qual providenciou tambem o Aviso do 1.º de Novembro de 1798. —

O Principe Regente, mandou por Carta Regia de 10 de Setembro d'este anno, que se creasse uma Junta em Goyaz para resolver os negócios, que se expediam em re-

corre á Meza do Dezembargo do Paço. Foi esta Junta creada igualmente em todas as Capitaes dos Governos, e Capitanías dos Dominios Ultramarinos de Portugal. —

Luiz Telles da Silva, Marquez de Alegrete, Governador e Capitão General nomeado para S. Paulo, tomou posse no 1.º de Novembro de 1811, e governou até ao dia 26 de Agosto de 1813, em que se retirou para o Rio de Janeiro com licença do Principe Regente. Em sua ausencia ficaram encarregados interinamente do governo d'aquella Capitanía o Bispo Diocesano D. Matheus de Abreu Pereira, o Ouvidor da Comarca de S. Paulo D. Nuno Eugenio de Locio e Seilbis, e o Intendente da Marinha de Santos Miguel de Oliveira Pinto. O Marquez de Alegrete não voltou a S. Paulo, por ser transferido com a mesma patente para o Rio Grande do Sul em 1814. —

N'este presente anno de 1811 sahiram do Rio de Janeiro, por ordem do governo, exploradores da navegação do Guaporé, Mamoré, Madeira, Arinos, Tapajoz, e Xingu, rios que todos entram no Amazonas. —

Segundo o plano que nos propuzemos seguir, quando encetámos a ardua tarefa de escrever o presente *Resumo Historico*, julgâmos dever terminar a nossa missão, observando, que nos fica restando a magua de a não termos podido desempenhar tão condignamente, como ella merecia.

FIM DO RESUMO HISTORICO.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Neste 7.º Volume finalisou o Resumo Historico — SEGUNDA PARTE — falta agora para completar toda a Obra apenas o

APPENDIX

3.ª PARTE. — Diccionario Geographico das Provincias, e Possessões Portuguezas no Ultramar.

Este Diccionario descreverá circumstanciadamente

1.º — As Provincias, Cidades, Villas, Aldeias, Praças, e Presidios, que Portugal actualmente possue, sua população, importancia commercial, ou militar, rendimentos das respectivas Provincias etc.

2.º — Os Reinos que são tributarios de Portugal, sua historia, costumes, religião, numero de seus habitantes, e quaesquer outras curiosidades que fôr possivel obter.

N. B. — O Diccionario é a parte mais curiosa, e interessante da Obra — que ficaria incompleta sem a sua publicação — consta d'um Volume.

Os Editores Ferreira & Comp.ª começam a publicação desta *Terceira Parte* em 26 de Agosto, e affiançam que estará concluida em Outubro deste anno, e logo farão remessa para as Agencias, cumprindo assim o seu Programma impresso no principio do Primeiro Volume.

OS EDITORES.